

**MARTA SANTOS SALES**

## **Aspirações Ocupacionais e Realização do Status**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para obtenção do título de Doutor em Sociologia, sob orientação da professora Dr. Danielle Fernandes Cireno.

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de Sociologia  
Belo Horizonte  
2014

**Meus agradecimentos se dirigem, em primeiro lugar, a Deus por possibilitar a realização desse trabalho; agradeço também à minha mãe, Celeste, por me dar força e incentivo em todos os momentos da realização desse curso e especialmente nos momentos mais difíceis; ao meu pai, Coriolano, pelo incentivo, ensinamentos e por compartilhar as minhas alegrias; sinto-me agraciada pelos irmãos e cunhados(as) que tenho, Virginia, Helvécio, José Daniel, Daniela, Rogério, Fernando, Helen e Mércia, os quais, mais uma vez, estiveram ao meu lado me apoiando e dedicando sua amizade e amor; aos meus sobrinhos por me encherem de carinho; a todos os meus familiares, principalmente ao meu avô Zeca, que não está mais conosco, mas que representa amor e amparo imensuráveis; a todos os amigos que estiveram comigo ao longo dessa etapa da minha vida e um obrigada especial àquelas que estiveram mais próximas nos últimos tempos, compreendendo minhas ausências e representando um aconchego seguro e cheio de amor pra mim: Alexandra, Bárbara, Cintia, Juliana e Mariana; a minha orientadora, Danielle, que representa mais do que uma professora, uma amiga, por ser extremamente humana em suas atitudes e ter me marcado positivamente com seus gestos e forma construtiva de olhar o outro. Meu agradecimento especial só pode ser para o Gustavo, que tem me acompanhado em tudo na minha vida e dividiu todas os momentos da realização desse trabalho e do curso, desde a seleção. Obrigada meu amor por corrigir o texto final e vencer todos os desafios dessa etapa junto comigo.**

## **AGRADECIMENTOS FORMAIS**

À CAPES, pela concessão regular da bolsa de estudos durante o período do curso de doutorado.

À professora Dr. Danielle Fernandes Cireno, minha orientadora, que me transmitiu conhecimentos e, principalmente, por confiar em mim e me incentivar a realizar este objetivo.

À minha equipe de trabalho na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (Amanda Carvalho, Ana Claudia Pimenta, Berenice Barbosa, Darissa Ferreira, Fabrícia Miranda, Glauciana Neves, Leonardo Tolentino, Marcelle Zibral, Patrícia Carvalho, Paulo Roberto da Silva, Samuel Batista e os colegas do PAEFI) e aos meus gestores da Secretaria de Administração Regional Municipal Norte (Carlos Henrique) e do CREAS (Ornelas Oliveira, Kleiton Ferreira e Ademilton Araújo) pelo apoio no estudo e por compreenderem as peculiaridades do momento de elaboração do trabalho.

Aos sujeitos da pesquisa, que me proporcionaram os momentos mais ricos de aprendizado na observação dos fenômenos estudados.

Ao prof. Dr. Flávio Carvalhães por ceder a base de dados utilizada na pesquisa, bem como pelas orientações para sua utilização.

*A pior forma de desigualdade é tentar fazer duas coisas diferentes iguais .*

Aristóteles

*Todos nós temos talentos diferentes, mas todos nós gostaríamos de ter iguais oportunidades para desenvolver os nossos talentos.*

John Fitzgerald Kennedy

*Aprendemos a voar como os pássaros, a nadar como os peixes; mas não aprendemos a simples arte de vivermos junto como irmãos.*

Martin Luther King

## RESUMO

Este trabalho é sobre realização do status ocupacional e busca sua relação com as aspirações ocupacionais apresentadas na adolescência. Para tanto, são consideradas a herança socioeconômica, o gênero e o estado civil como fatores que influenciam esse processo.

A fundamentação teórica da pesquisa parte do interacionismo simbólico da Escola de Chicago (Blumer, 1986; Mead, 1934), representando um estudo que tem uma visão micro dos fenômenos sociais e considera as interações sociais entre os indivíduos como o ponto central da construção da realidade social. O estudo foi composto por uma amostra representativa da população brasileira e por uma amostra intencional de jovens da região metropolitana de Belo Horizonte. Os primeiros dados forneceram informações quantitativas relativas à realização ocupacional dos indivíduos; enquanto a etapa qualitativa consistiu em um estudo longitudinal que verificou o alcance das aspirações ocupacionais da adolescência cinco anos depois, quando os sujeitos estavam com idade entre vinte e vinte dois anos (2009 - 2014), considerando gênero, condição socioeconômica e trabalho na adolescência. Enquanto os dados quantitativos foram obtidos a partir da utilização do banco de dados oriundo da pesquisa “As Dimensões Sociais das Desigualdades 2008”, realizada pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IESP), financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no bojo do projeto Instituto do Milênio (do CNPq). Desse modo, a pesquisa se pautou nos métodos descritivo e explicativo, através de procedimentos quantitativos e qualitativos.

Os resultados problematizam a desigualdade socioeconômica e de gênero nos processos relacionados às aspirações ocupacionais e realização do status, apontando injustiças sociais através da restrição de escolhas efetivas no campo educacional e ocupacional para indivíduos oriundos de estratos socioeconômicos desfavorecidos, bem como a presença de desvantagens femininas na realização ocupacional.

Aspirações ocupacionais, realização do status ocupacional, condição socioeconômica e gênero.

---

Palavras chave

## ABSTRACT

This work is about realization of occupational status and seeks its relation to occupational aspirations presented in adolescence. Therefore, they are considered the socioeconomic heritage, gender and marital status as factors that influence this process.

The theoretical foundation of the research part of the symbolic interaction of the Chicago School (Blumer, 1986; Mead, 1934), representing a study that has a micro view of social phenomena and considers the social interactions between individuals as the central point of the construction of reality social. The study consisted of a representative sample of the population and an intentional sample of young people in the metropolitan region of Belo Horizonte. The first data provided quantitative information on the occupational development of individuals; while the qualitative stage consisted of a longitudinal study found that the scope of the occupational aspirations of adolescence five years later, when subjects were aged between eight twenty p.m. two years (2009 - 2014), considering gender, socioeconomic status and work in adolescence. While quantitative data were obtained from the use of the database derived from the survey "Social Dimensions of Inequality in 2008" conducted by University Research Institute of Rio de Janeiro (IESP), funded by the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) in the wake of the Millennium Institute project (CNPq). Thus, the research was based on descriptive and explanatory methods, through quantitative and qualitative procedures.

The results question the socioeconomic and gender inequality in the processes related to occupational aspirations and achievement of status, pointing social injustices by restricting effective choices in the educational and occupational field for individuals from disadvantaged socioeconomic groups, and the presence of women's disadvantages in occupational achievement.

Occupational aspirations, achievement of occupational status, socioeconomic status and gender.

---

Keywords

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Diagrama 1: Relação aspirações e expectativas.....	126
FIGURA 2 – Diagrama 2: Relação aspirações e expectativas CSD-mulheres.....	126
FIGURA 3 – Diagrama 3: Aspirações e expectativas (2009) e nível educacional e ocupacional (2014).....	126
FIGURA 4 – Árvore de palavras (NVivo) 1: Trabalho e Condição Socioeconômica Média.....	129
FIGURA 5 - Árvore de palavras (NVivo) 2: Trabalho e Condição Socioeconômica Desfavorecida.....	130
FIGURA 6 - Elemento gráfico 1: Status ocupacional do primeiro emprego.....	131
FIGURA 7 - Diagrama 4: Status ocupacional do indivíduo na vida adulta.....	143

## LISTA DE QUADROS

- QUADRO 1 – Grupos da amostra (2009-2013/14).....77
- QUADRO 2 - Tipos de trabalho, rendimentos auferidos e escolaridade: Condição socioeconômica, gênero e a presença ou ausência de trabalho na adolescência.....88
- QUADRO 3 - Aspirações ocupacionais em 2009 e em 2013/14: condição socioeconômica desfavorecida (**CSD**), gênero e a presença/ausência de trabalho na adolescência.....109
- QUADRO 4 – Aspirações ocupacionais em 2009 e em 2013/14: **Condição socioeconômica média (CSM)**:gênero e a presença ou ausência de trabalho na adolescência.....110
- QUADRO 5 - Expectativas dos pais em 2009 e em 2013/14, trabalho, rendimentos e educação em 2013/14: **Condição socioeconômica média (CSD)**, gênero e a presença ou ausência de trabalho na adolescência.....117
- QUADRO 6 - Expectativas dos pais em 2009 e em 2013/14, trabalho, rendimentos e educação em 2013/14: **Condição socioeconômica média (CSM)**, gênero e a presença ou ausência de trabalho na adolescência.....118
- QUADRO 7 – Aspirações educacionais em 2009 e educação em 2013/14: Condição socioeconômica, gênero e a presença ou ausência de trabalho na adolescência.....122
- QUADRO 8 - Aspirações ocupacionais em 2009 e trabalho em 2013/14: Condição socioeconômica, gênero e a presença ou ausência de trabalho na adolescência.....123



## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Estatísticas descritivas.....	94
TABELA 2 - Estatísticas descritivas: 14 a 64 anos de idade.....	95
TABELA 3 – Gênero.....	96
TABELA 4 – Raça/Cor.....	96
TABELA 5 – Gênero e educação.....	97
TABELA 6- Estado civil.....	98
TABELA 7 – Casados e não casados.....	98
TABELA 8 - Educação e estado civil/ Homens e Mulheres.....	100
TABELA 9 - Trabalho e Gênero: todas as idades.....	101
TABELA 10 - Trabalho e gênero: 14 a 64 anos de idade.....	101
TABELA 11 - Estado civil e trabalho: 14 a 64 anos de idade.....	102
TABELA 12 - Categorias ocupacionais e gênero.....	103
TABELA 13 - Status ocupacional e estado civil: homens.....	104
TABELA 14 - Status ocupacional e estado civil: mulheres.....	105
TABELA 15 - Idade que começou trabalhar (faixas) e escolaridade: 25-64 anos de idade.....	107
TABELA 16 - Sumário do Modelo Status Ocupacional do Primeiro Emprego.....	132
TABELA17 - Status ocupacional do primeiro emprego: mulheres.....	133
TABELA18 - Status ocupacional do primeiro emprego: homens.....	134
TABELA 19 - Sumário do Modelo Realização do Status Ocupacional.....	136
TABELA 20 - Realização do Status Ocupacional: homens.....	139
TABELA 21 - Realização do Status Ocupacional: mulheres.....	140

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. ASPIRAÇÕES OCUPACIONAIS E REALIZAÇÃO DO STATUS OUPACIONAL.....</b>	<b>16</b>
2.1. <i>Interacionismo simbólico e Mead.....</i>	16
2.2. <i>Realização do status - Blau e Ducan.....</i>	27
2.3. <i>Desigualdade de gênero e as perspectivas sociológicas.....</i>	32
2.4. <i>Aspirações ocupacionais: condição socioeconômica, gênero, trabalho na adolescência e raça.....</i>	44
2.5. <i>Gênero e realização do status ocupacional.....</i>	57
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>73</b>
3.1. <i>Etapa Qualitativa.....</i>	76
3.2. <i>Etapa Quantitativa.....</i>	82
<b>4. RESULTADOS.....</b>	<b>87</b>
4.1. <i>Descrição dos dados.....</i>	87
4.1.1 <i>Dados qualitativos.....</i>	87
4.1.2. <i>Dados quantitativos.....</i>	91
4.2. <i>Análise dos dados.....</i>	108
4.2.1. <i>Aspirações e expectativas na adolescência (15 a 18 anos de idade) e nível do status educacional e ocupacional cinco anos depois (2013/14).....</i>	108
4.2.2. <i>Status ocupacional do primeiro emprego: triangulação de dados qualitativos e quantitativos.....</i>	127
<b>5. DISCUSSÃO.....</b>	<b>145</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>150</b>
<b>7. APÊNDICES.....</b>	<b>159</b>
7.1. <i>APÊNDICES A: Roteiro de entrevista/2013-14.....</i>	159
7.2. <i>APÊNDICES B: Roteiro de entrevista/2009.....</i>	162
7.3. <i>APÊNDICES C: Questionário “Pesquisa Dimensões Sociais das Desigualdades-2008”: informações do domicílio e seções de 1 a 4.....</i>	165

## 1.INTRODUÇÃO

O objetivo dessa pesquisa foi estudar a relação entre aspirações ocupacionais e a realização do status ocupacional, problematizando a desigualdade socioeconômica e de gênero envolvidas nesse processo. Assim, buscam-se fatores subjetivos e objetivos para explicar o status do primeiro emprego e a realização do status ocupacional propriamente, considerando as variáveis expectativas dos outros significantes, herança socioeconômica e estado civil. Desse modo, traçamos alguns objetivos específicos e, em todos os casos, foram consideradas as variáveis gênero, condição socioeconômica e trabalho na adolescência: analisar a relação entre aspirações ocupacionais e expectativas dos outros significantes; explicar o grau de associação entre aspirações educacionais e ocupacionais na adolescência e o alcance do status educacional e ocupacional cinco anos depois; explorar o efeito da herança socioeconômica na determinação do status ocupacional das mulheres; Investigar o processo de alcance do status socioeconômico de mulheres casadas e solteiras, comparativamente ao status dos homens.

O estudo foi realizado, por um lado, com uma amostra representativa da população brasileira, e por outro lado com uma amostra intencional de jovens da região metropolitana de Belo Horizonte. Os primeiros dados são quantitativos e se referem à realização ocupacional dos indivíduos; enquanto os dados qualitativos compuseram um estudo longitudinal que é uma investigação bastante interessante, uma vez que o encontro com os sujeitos da pesquisa alguns anos (cinco) depois das primeiras entrevistas possibilitou associar as aspirações ocupacionais identificadas na adolescência e o status ocupacional e educacional na segunda etapa da coleta de dados (1ª etapa: 15 a 17 anos de idade; 2ª etapa: 20 a 22 anos de idade). Assim, fizemos uma discussão em torno da relação entre aspirações ocupacionais e status ocupacional, utilizando bases de dados diferentes, porém obtendo informações completares, uma vez que o processo de constituição das aspirações possibilita compreender o nível de status ocupacional que diferentes indivíduos atingem, de acordo com a estratificação socioeconômica e de gênero.

A primeira etapa de coleta dos dados foi realizada em estudo anterior,<sup>1</sup> realizando entrevistas com os sujeitos e os respectivos pais, no ano de 2009, possibilitando o estudo da relação entre expectativas dos pais, que são os principais outros significantes dos indivíduos (Bryant, Zvonkovic, Reynolds, 2006, s/p), e a formação das aspirações ocupacionais dos filhos, uma vez que eles estavam na adolescência, época considerada relevante nesse processo, porque antecede a etapa na qual se iniciam as realizações ocupacionais.

É importante evidenciar que essa pesquisa considera adolescência como uma construção social moderna, que envolve conseqüências políticas, como a proteção da criança e do adolescente (ECA, 1990), e teórica, pois “... as práticas sociais podem chegar a engendrar domínios de saber que não somente fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, mas também fazem surgir formas totalmente novas de sujeitos e de sujeitos de conhecimento” (Foucault, 1996, p. 8).

Nessa pesquisa, os sujeitos entrevistados estavam com idade entre vinte e vinte e dois anos no momento das entrevistas (dez./2013, jan./2014) e estavam dando os primeiros passos em sua trajetória ocupacional. Os dados que foram obtidos a partir das entrevistas possibilitaram realizar uma análise entre as aspirações identificadas anteriormente, bem como as expectativas dos pais e o alcance educacional e ocupacional atual, considerando o gênero, a condição sócio-econômica, além da diferença entre aqueles que estavam trabalhando no período anterior e os que não estavam.

A fundamentação teórica desse trabalho se baseia no interacionismo simbólico (Blumer, 1986; Mead, 1934), considerando as interações sociais entre os indivíduos como o ponto central da construção da realidade social e nas teorias da área de estratificação social (Blau e Duncan, 1967). Conforme Haller e Portes (1973), há uma tendência a considerar pertinentes os estudos empíricos que partem de uma visão micro ou que associem formas sociais macro com os mecanismos das relações sociais face a face, ao nível da interação. Esse tipo de “olhar” busca maior proximidade com a realidade, com os fenômenos do modo como ocorrem isoladamente, o que tem um caráter fortemente qualitativo e empírico (Haller e Portes, 1973, p. 53-54).

---

<sup>1</sup>Dissertação “O Processo de Constituição das Aspirações Ocupacionais na Interface Educação/Trabalho”, concluída em 2010 na UFMG. Orientador: prof. Dr. Jorge Alexandre Barbosa Neves.

A questão das aspirações ocupacionais está diretamente relacionada ao tipo de ocupação que o indivíduo exercerá efetivamente, no futuro, de modo que o objeto de investigação se encontra no campo de atuação profissional, o que é fundamental para a autonomia dos indivíduos, para a construção de identidade, para o reconhecimento social, para o acesso a bens de consumo, entre outras dimensões tanto materiais quanto simbólicas. Por isso, a forma como os diferentes grupos populacionais se inserem no mercado de trabalho retrata uma face importante da desigualdade. Homens e mulheres, bem como indivíduos oriundos de diferentes estratos socioeconômicos apresentam características bem distintas no processo de constituição das aspirações ocupacionais, na influência que recebem dos pais, na entrada no mercado de trabalho, nos postos ocupados, nos rendimentos auferidos e nas áreas de atuação.

Embora a desvantagem feminina esteja presente no decorrer de toda a história de nossa civilização, o tema ainda é extremamente atual, em um momento de avanço das mulheres no mercado de trabalho, mas que ainda apresenta grandes disparidades com relação aos homens. Conforme o relatório do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) de 2008, em três décadas a desigualdade de gênero no mercado de trabalho terá desaparecido, pois as mulheres vêm aumentando sua participação no mercado de trabalho nos últimos anos, como conseqüência do aumento da escolaridade feminina, a queda da fecundidade, novas oportunidades oferecidas pelo mercado e, finalmente, mudanças nos padrões culturais, que alteraram os valores relativos aos papéis de homens e mulheres na sociedade (IPEA, 2008). Esse momento de transição atrai especial interesse, uma vez que o estudo pode permitir a compreensão de detalhes da estrutura anterior, bem como *insights* com relação às possibilidades futuras. No entanto, na atualidade, segundo o relatório de 2012 do IPEA, a desigualdade entre homens e mulheres se evidencia através do maior desemprego para as mulheres, da maior presença dos homens no trabalho formal e através da segregação por setor de atividade, pois as mulheres estão mais concentradas no setor de serviços (serviços de cuidado: educação, saúde, serviços sociais e doméstico) com cerca de 34% da mão de obra, enquanto os homens estão sobre-representados na construção civil (13% dos homens e 1% das mulheres), no setor agrícola, especialmente na região Nordeste e na indústria, sobretudo no Sul e Sudeste (IPEA 2012).

As diferenças entre homens e mulheres, que são os fundamentos para a segregação ocupacional por gênero no mercado de trabalho podem ser compreendidas a partir do modo como, em dada sociedade, se apreende a reprodução da espécie, como se sente ser

homem ou ser mulher, como as pessoas satisfazem suas necessidades econômicas e sexuais e como as normas sociais são transmitidas às novas gerações definindo como serão as instituições sociais para o cumprimento dos papéis e reforçando as hierarquias de gênero. Então, o controle dos homens sob as mulheres é mantido pela exclusão das mulheres do acesso às fontes necessárias para a produção econômica e pela restrição da sexualidade das mulheres. O trabalho doméstico e a responsabilidade com os filhos também contribuem para ausência das mulheres do mercado. Assim, a pouca autonomia econômica é identificada como causa e consequência da subjugação feminina, simultaneamente (Hartmann, 1994, p. 675-676).

Embora seja um fato que as mulheres tenham sua posição de classe definida pela posição do pai ou do marido e essa seja uma discussão teórica recorrente entre aqueles que estudam desigualdade de gênero (Costa Ribeiro, 2005; Aguiar, Fernandes e Neves, 1999; Goldthorpe e Erickson, 1993 - apud Costa Ribeiro, 2005<sup>2</sup>), nessa pesquisa o objetivo foi estudar o status ocupacional das mulheres, independentemente do status ocupacional dos seus maridos ou pais, uma vez que o campo de trabalho de um indivíduo afeta muitas dimensões da vida, como autonomia, realização pessoal, reconhecimento, poder e a identidade.

Os estratos sociais dos quais os indivíduos se originam são determinantes na sua trajetória ocupacional, bem como envolve todos os processos subjetivos ou objetivos anteriores à realização do status na vida adulta. Desse modo, as aspirações ocupacionais se distinguem desde as fases iniciais da vida, evidenciando as injustiças sociais que se expressam, mais tarde, no mercado de trabalho como resultado da crença no esforço pessoal, que é um modo de justificação do sistema de classes. Essa crença no esforço pessoal consiste na atribuição da responsabilidade pelo lugar que ele ocupa dentro do sistema ocupacional a cada sujeito.

Como mecanismos para validação do sistema de classes atuam a crença no esforço pessoal e em contrapartida a crença de a falta de esforço seria um fator explicativo de posições distintas na estrutura de classes e a idéia de que a educação é critério diferenciador de classes, sendo, portanto, um fator necessário para ascender de uma classe à outra. No entanto, a desconstrução desse quadro de desigualdades se apresenta através das evidências de que a posição na estrutura social é um fator

---

<sup>2</sup>GOLTHORPE, J. H.; ERICKSON, R. *The Constant Flux: a study of class mobility in industrial societies*. Oxford: University Press, 1993.

determinante nas opiniões e aspirações dos sujeitos estudados, bem como o acesso à educação é distinto também (Lang, 1984, p. 17-18).

A partir dessa discussão, algumas questões foram levantadas: O nível de aspirações ocupacionais varia de acordo com as expectativas sociais sobre elas, considerando gênero, condição socioeconômica e o trabalho na adolescência? O grau de associação entre as aspirações educacionais e ocupacionais na adolescência e o alcance do status educacional e ocupacional na vida adulta é mediado pelo gênero, condição socioeconômica e trabalho na adolescência? O efeito da herança socioeconômica é menor na determinação do status ocupacional das mulheres do que na determinação do status ocupacional dos homens? O status do estado civil das mulheres media o seu processo de alcance do status socioeconômico?

A pesquisa se pautou nos métodos descritivo e explicativo, através de procedimentos quantitativos e qualitativos. A base de dados qualitativos foi composta por setenta e nove entrevistas, sendo quarenta realizadas em 2009 e trinta e nove realizadas entre dezembro de 2013 e janeiro de 2014. E os dados quantitativos são oriundos da pesquisa “As Dimensões Sociais das Desigualdades 2008”, que foi realizada pelo Instituto Estudos Sociais e Políticos (IESP), financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no bojo do projeto Instituto do Milênio (do CNPq).

Este trabalho está dividido em cinco capítulos a contar dessa introdução, na qual procuramos apresentar um panorama geral do que será apresentado ao longo do texto, como objetivo, alguns conceitos introdutórios ao tema, a delimitação do objeto de estudo, possíveis justificativas para a discussão do tema e uma síntese dos procedimentos e fundamentação adotados. O capítulo I, Aspirações Ocupacionais e Realização do Status Ocupacional Feminino possui cinco subitens, expondo a fundamentação teórica adotada na investigação para discutir as hipóteses testadas. O capítulo II, Metodologia, inicia com uma discussão sobre a utilização de métodos quantitativos e qualitativos conjuntamente e depois descreve as etapas qualitativa e quantitativa, separadamente. Em seguida, o capítulo III, Resultados, apresenta três subitens, com a descrição dos dados qualitativos e quantitativos e mais dois tópicos com as análises dos resultados, sendo o primeiro uma discussão com base em parte dos resultados qualitativos e o segundo se baseia em resultados qualitativos e quantitativos. Por fim, o capítulo IV, Discussão, faz uma síntese dos principais achados dos resultados da pesquisa.

## 2. ASPIRAÇÕES OCUPACIONAIS E REALIZAÇÃO DO STATUS OCUPACIONAL FEMININO

### 2.1. *Intercionismo simbólico e Mead*

No final do século XIX e início do século XX, na interface da Sociologia/ Psicologia, George Mead e Charles Cooley criaram as teorias que representaram a base para o surgimento do interacionismo Simbólico. (Featherman e Haller, 2007, p. 120).

Mead encontrou o sociólogo Charles Cooley em Michigan, o qual estava escrevendo sua tese em economia e introduziu o primeiro nos escritos de Adam Smith, fonte da idéia central das teorias de Mead sobre o “Assumir o papel do outro”. Cooley utilizou tais idéias em seus estudos sobre o mercado, no qual compradores e vendedores assumem os papéis uns dos outros e sua habilidade em fazer isso reforça significativamente a eficiência dos mercados (Farr, 1996, p.85-87).

As obras mais importantes de Mead resultam do esforço do filósofo Charles Morris, que assiste a suas palestras e realiza anotações sistemáticas com esse fim, documenta suas teorias, publicando suas obras póstumas, embora ele tenha publicado muitos artigos em periódicos (Mead, 1934).

Após a morte de Mead em 1931, é Blumer quem dá continuidade aos cursos proferidos por ele e por aproximação de idéias herda o seu legado. Porém, segundo Farr (1996), é correto considerar o interacionismo simbólico como uma corrente iniciada em Chicago por Blumer, que se baseia em sua interpretação de Mead, pois são muitas as diferenças entre os dois. Mead propôs uma filosofia completa da ação e Blumer estava mais interessado na interpretação da ação do que na ação em si mesma; Mead era um darwinista convicto e Blumer não; o primeiro era filósofo e abordou muitos dos problemas da filosofia da época, enquanto Blumer era sociólogo de formação. O grande interesse de Blumer estava na metodologia das ciências sociais e no comportamento coletivo. Ele selecionou da obra de Mead, principalmente, o que se referia à forma pela qual a cultura e as normas são internalizadas pelas pessoas, isto é, como o autocontrole é um auto-reflexo do controle social (Farr, 1996, p. 157-161).

Cooley deu grandes contribuições às teorias de Mead. Ele também é considerado o autor que introduziu a idéia de “*self* refletido” ao observar que quando interagimos



com outras pessoas, elas gesticulam e reagem a nós. Isso permite que o indivíduo imagine como as pessoas o percebem e avaliam e, a partir de tais avaliações, desenvolve-se uma auto-imagem ou um sentido de *self*. As implicações disso serão uma auto-imagem positiva ou negativa, o que ocasionará em bons ou maus desempenhos em vários âmbitos da vida (Brym, 2006, p. 110-111).

Colley distinguiu hereditariedade e social, explicitando a importância do social na constituição dos indivíduos, embora tenha considerado o evolucionismo uma teoria plausível. Para Cooley, a sociedade e os indivíduos não existem separadamente, sendo um todo formado pelos indivíduos interdependentes (Cooley, 1922).

Conforme Colley, o ponto de vista do evolucionismo nos encoraja a acreditar que a vida é um processo criativo, que é realmente construída para ser algo novo e com valor, enquanto o humano faz parte dessa energia criativa. Todos os indivíduos têm sua unicidade, de modo que podem discernir e executar, embora sua vida siga de sua hereditariedade e de seu passado social, seu ser como um todo é novo, nunca alguém teve o mesmo poder e oportunidades que uma pessoa tem e ela é livre para usá-las como quiser (Cooley, 1922, p.49-50).

Colley deu ênfase na importância do auto-sentimento, mas ele acredita que a imaginação é a força propulsora das pessoas ao longo da vida. O autor exemplifica esse processo dizendo que muitas pessoas de mente equilibrada e atividade agradável mal sabem o que os outros pensam delas, mas se elas notarem que os rostos dos homens mostram frieza ou desprezo, em vez de bondade e deferência, elas vão perceber a partir do choque, o medo, a sensação de ser rejeitado e indefeso, que estará vivendo a partir da mente dos outros, sem sabê-lo. Assim, os sentimentos acerca de quem somos dependem, em grande medida, de como nós nos vemos avaliados pelos outros. Assim, como vemos nosso corpo refletido em um espelho, do mesmo modo vemos nosso 'eu' social refletido nas gesticulações e reações que os outros nos dirigem (Cooley, 1922, p.207-210).

É verdade, no entanto, que a tentativa de descrever o self social e analisar os processos mentais faz com que as pessoas pareçam mais reflexivas e "auto-conscientes" do que geralmente são. Assim, enquanto alguns leitores serão capazes de descobrir em si uma contemplação bem definida e deliberada do eu refletido, outros, talvez, encontrarão apenas um impulso simpático, tão simples que quase não pode ser objeto de um pensamento distinto. Muitas pessoas cujo comportamento mostra que a sua idéia de si é em grande parte apanhado das pessoas que estão a sua volta, são ainda bastante

inocentes de qualquer poder intencional, entendem como uma questão de impulso subconsciente ou mera sugestão (Cooley, 1922, p.207-210).

Para Mead, a contribuição de Colley ao pensamento social parte do seu estudo sobre o que as pessoas imaginam umas das outras, considerando que a observação e interpretação disso pode ser o principal objetivo da Sociologia. Ele explica que Colley apontou a comunicação e a dependência dos outros como a fonte imediata do *self*, pois é na imaginação que ambos, o *self* e o outro, têm origem. O outro existe na imaginação do indivíduo e atua sobre ele através da sua imaginação. No entanto, o *self* está longe de ser um pressuposto cartesiano da consciência, pois está em seu princípio a idéia de apropriação do instinto e poder com relação ao que é sentido como auto-refletido, como define suas análises (Mead, 1930, s.p.).

Mead é o precursor da Psicologia Social para a Sociologia. Para ele, a Psicologia Social deve ser uma contrapartida à psicologia fisiológica, cada uma deve estudar uma fase da consciência, porque o fisiologista toma como objeto de estudo os processos da consciência que são pré-condições do Eu, pois é verdade que sem esse aparato não há consciência. Mas, as ciências sociais explicam a origem da sociedade humana regida por leis sociais, que são determinadas essencialmente por condições objetivas da consciência social, enquanto as ciências biológicas são orientadas para as condições da consciência do mundo biológico (Mead, 1909, p. 407-408).

Nessa perspectiva, o desenvolvimento do *self* inicia na infância, quando as crianças aprendem o mundo desenvolvendo brincadeiras sobre tudo a sua volta, a vida adulta, doenças, casamento, morte, até avançar para a fase dos jogos. Nas fases iniciais, a criança é moldada de acordo com as sensações de conforto e desconforto que experimenta em decorrência do prazer ou da dor, moldando seus comportamentos. É a partir disso, que derivam o desenvolvimento da disciplina, por exemplo. Nesse momento, o meio da criança funciona como real ou concreto (Mead, 1898, p. 1-4). O autor afirma que nessa fase, as emoções estão mais relacionadas às funções orgânicas do que à reflexão mais elaborada que se desenvolve mais tarde, explicando que a dor e o prazer, relacionados às funções orgânicas, tendem a se repetirem como atos instintivos, de modo ritmado (Mead, 1895, p.163-164).

O desenvolvimento sensório motor e cognitivo possibilitam o desenvolvimento da linguagem e conexões na relação com a família, que representa seu meio ambiente até então, mas ficam lacunas a serem desenvolvidas no contexto da escola como a socialização, que é função dessa instituição na nossa cultura. É através da educação que

o todo pode ser apresentado, a partir do pensamento do professor, todo seu conteúdo só despertará na criança quando ela estiver sozinha e tiver passado da infância para a vida adulta. Assim, afirma-se a necessidade do isolamento da criança não apenas para desenvolver o jogo espontâneo, mas também para ordenar em sua consciência os acontecimentos que se deram com a família e na escola (Mead, 1898, p. 5-7).

Desse modo, para Mead a educação é para o indivíduo o meio organizador da vida em casa e na escola, localizando na consciência da criança essas atividades como algo do real e natural e um espaço mais amplo dos jogos espontâneos, onde surge um novo poder, uma vez que não há a mãe para delimitar seu amor ou sua inteligência, de modo que ele pode possuir a si mesmo (Mead, 1898, p. 11).

Considerando que o *self* não pode aparecer na consciência como um Eu, pois é sempre um objeto, um Me, o que sugere uma resposta para uma pergunta: O que faz o *self* ser um objeto? A primeira resposta pode ser que um objeto subentende um sujeito, em outras palavras que é inconcebível sem um Eu. O Eu é sempre uma pressuposição e não uma experiência consciente, pois embora exista um Eu que observa, ele não pode cessar a experiência do Me, do objeto. Mead estava interessado na natureza do self que pode ser revelada através da introspecção e da análise real do sujeito. Essas análises revelam, através dos processos de memória e das atitudes que a própria pessoa teve, criando a situação do Eu que analisa o Me, o objeto, uma vez que tal análise se dá com relação ao que já passou. Assim, a consciência do ato só é possível como algum pensamento do que foi experienciado, pois nós só podemos ser conscientes de nossos atos depois que eles já iniciaram, dependendo dos processos sensoriais (imagens das conversas, sensorio motor que acompanha a expressão, sensações orgânicas como respostas) (Mead, 1913, p. 374).

Por outro lado, o material que se torna o Me que o Eu endereça e observa, é a experiência que é induzida pela ação do Eu, de modo que se o "eu" fala, o "me" ouve. Se o "eu" ataca, o "me" se sente atacado. Assim, a consciência do Me é do mesmo caráter do que surge a partir da ação do outro sobre ele. Isto é, o indivíduo somente atua consigo mesmo tomando como referência como ele age frente aos outros, tornando-se um sujeito para si mesmo em vez de um objeto, e é porque ele é afetado por sua própria conduta social da mesma forma em que é afetado pela conduta dos outros, que ele se torna um objeto (Me) de sua própria conduta social (Mead, 1913, p. 375).

Desse modo, somente é possível conhecer esse processo no qual a consciência é mais ou menos fragmentada através da introspecção, fazendo uma *wareness* (tomada de

consciência) que identifica o que vem de fora e o que vem de dentro, uma vez que a natureza do *self* é ser sujeito e ser objeto. Assim o *self* se constitui e se reconstrói a partir das experiências do mundo social que são refletidas continuamente, gerando um novo *self* que responde como um novo objeto (Mead, 1913, p. 376-379).

Portanto, o comportamento humano deve ser visto como auto-refletido, a partir das interações sociais dos indivíduos, dando ênfase para a construção social, pois os seres humanos se diferenciam de todas as outras espécies por ser dotado de uma constituição biológica que lhe permite o desenvolvimento da linguagem tal como o homem apresenta que, por sua vez, possibilita a formação da mente. Embora Mead (1934) fosse um darwinista convicto, destacando os processos biológicos ao apontar, por exemplo, a importância do sistema nervoso como aparelho capaz de se desenvolver e se transformar progressivamente no curso dos acontecimentos, suas concepções consideram que tal desenvolvimento só foi e é possível através da interação social, das relações sociais, tendo como mecanismo a linguagem. Assim, o indivíduo nasce com o aparato para se desenvolver, mas constitui o *self* nas relações sociais, de modo que a mente não é biológica e não se constitui de modo individualista (Mead, 1934, p.117-121).

O autor não segue um método de observação centrado na técnica, sendo mais intuitivo e, portanto, distanciando-se dos métodos experimentais do behaviorismo. Enquanto o behaviorismo compreendia que o indivíduo emite uma resposta aos estímulos, Mead (1934) entendia que o homem atua com uma inteligência auto-refletida, de modo que a resposta ao estímulo não é imediata, sendo por isso refletida, pois o estímulo chega ao indivíduo que o une a outros estímulos e com idéias para então dá uma resposta. Assim, a resposta é formada a partir de vários símbolos, sendo resultado de seleções e combinações (1934, p.122-124).

Essa simbolização ocorre com uma dimensão temporal mais clara do que para os animais, por exemplo. Os animais até podem guardar alimento para o futuro, porque percebem que é necessário à medida que possam ter vivido escassez de alimento em dado momento, mas não são capazes de realizar previsões de que o alimento faltará em um momento, mas não em outro, de acordo com mudanças climáticas que não eram esperadas, por exemplo. Esse tipo de argumento faz Mead (1934) compreender que a explicação da resposta imediata ao estímulo proposta pela corrente behaviorista não cabe ao homem, que é capaz de refletir para dá a resposta.

Através das interações sociais, algumas pessoas exercem o papel de outro significativo na vida do indivíduo. Geralmente, as pessoas que exercem esse papel no início da vida da criança são os pais ou familiares mais próximos. São eles as pessoas que exercem maiores influências sobre as atitudes dos indivíduos. Após a infância, cumpre esse papel aquelas pessoas que têm uma ligação com o indivíduo. A partir disso, o que o outro significativo transmite pensar a respeito do indivíduo, através da fala, de gestos, forma de olhar e atitudes durante a interação diária, é absorvido por ele para formar sua auto-imagem. No entanto, o indivíduo não é vítima indefesa desse “olhar” do outro significativo, pois de alguma maneira, após a infância, ele elege quem vai cumprir esse papel; e no decorrer de todo o processo, há uma auto-reflexão, na qual as mensagens vindas dos outros são simbolizadas e relacionadas a outros conteúdos interiorizados anteriormente (Mead, 1934, p.144-147).

Dessa forma, o indivíduo, através da linguagem na interação social, capta as mensagens do outro e as simboliza, acabando assim por assumir as atitudes e papel do outro (ou que o outro tem por ele). Mead (1934) explica:

(...) Linguagem em seu sentido significativo é o gesto oral que tende a despertar no indivíduo a atitude que desperta nos outros. E, a partir disso, se dá a aproximação do self pelo gesto, que media as atividades sociais, que dão origem ao processo de tomada do papel do outro (...) (Tradução própria) (1934, p. 160-161).

Para Featherman e Haller (2007), o ponto central da abordagem psicossociológica, iniciada por Mead e Cooley, está nas comparações entre o eu e os outros, que definem as expectativas pelos comportamentos revelados através dessas comparações e assim a estrutura societal milenar vem desenvolver uma consciência auto-reflexiva em cada indivíduo, esquematizando suas características. A estrutura milenar começa a ser incorporada no curso da vida a partir da família e subsequentemente vai se incorporando vários outros significantes entre grupos de amigos e em contextos da escola, trabalho e da comunidade em geral. Assim, a personalidade é “[...] esquematizada no decorrer do curso de vida através dos sucessivos contextos institucionais se diferenciando por classe tanto quanto por outros elementos da construção social [...]” (raça, gênero) uma vez que esse processo é contínuo no

decorrer da vida de um indivíduo, em suas interações sociais (Tradução própria) (Featherman e Halper, 2007, p. 120).

Honneth reelabora a teoria do reconhecimento intersubjetivo de Hegel, aproximando-se do entendimento de Mead sobre a constituição do *self*. A teoria de Honneth abrange a formação de identidades individuais e de grupos simultaneamente, enquanto Mead focou na formação social dos indivíduos na relação com os outros significantes e com as normas sociais.

Para Salvadori (2003), Honneth trata da inserção dos indivíduos e grupos na sociedade através da luta por reconhecimento intersubjetivo, que se inicia pela experiência do desrespeito das formas de reconhecimento: amor, direito e solidariedade. “A auto-realização do indivíduo somente é alcançada quando há, na experiência de amor, a possibilidade de autoconfiança, na experiência de direito, o auto-respeito e, na experiência de solidariedade, a auto-estima.” (Salvadori, 2003, p 189).

O amor é a forma mais elementar de reconhecimento, que se realiza quando a criança percebe a independência da mãe e passa da fase de simbiose para uma fase de autonomia; o direito se realiza quando há respeito dos direitos sociais, propiciando a integração social; e a solidariedade se manifesta pela aceitação das qualidades individuais pela comunidade e amigos, gerando a auto-estima necessária para as realizações sociais (Salvadori, 2003, 190-191).

A teoria de Honneth explica que a luta por reconhecimento surge do desrespeito, que gera conflitos que, por sua vez, a partir da luta leva a uma mudança no plano social, de modo que esse processo se dá tanto na constituição das identidades quanto dos grupos sociais. Assim, as mudanças sociais partem de conflitos crítico-normativos obedecendo à evolução moral da sociedade (Salvadori, 2003, 192).

Honneth (2009, 119-122) parte da tese de Hegel que toma a formação do eu como pressuposto do reconhecimento recíproco em sua teoria da eticidade, mas Hegel desenvolve uma reflexão puramente metafísica e a teoria social não pode se dar por satisfeita com um fundamento meramente especulativo, de modo que Honneth reconstrói sua tese à luz de uma Psicologia Social empiricamente sustentada. Então, Honneth possibilita o controle das categorias de reconhecimento conceitualizadas por Hegel (amor, direito e solidariedade). O modelo hegeliano dá fechamento para as três formas de reconhecimento em uma luta moral: na constituição da identidade e a cada conquista de comunitarização, os sujeitos entram num conflito intersubjetivo, resultando no reconhecimento de sua autonomia. Esse processo representa um desenvolvimento

bem-sucedido do Eu, enquanto o desenvolvimento mal sucedido se dá pela experiência do desrespeito, levando os sujeitos a uma luta por reconhecimento.

Conforme Honneth, Hegel deixou sua teoria do reconhecimento intersubjetivo e da luta social absolutamente idealizada a tal ponto que apenas a virada histórico-materialista de seus sucessores pôde lhe dá um lugar no cenário da teoria social, embora a teoria que constitui uma ponte entre a idéia original de Hegel e essa situação intelectual encontra-se na Psicologia Social de Mead, visto que seus escritos permitem traduzir a teoria hegeliana da intersubjetividade em uma linguagem teórica pós-metafísica, preparando o caminho para a tentativa de experimentação empírica (Honneth, 2009, p. 122-123).

Mead (1901, p. 87-95) faz uma crítica ao pensamento hegeliano, identificando que a filosofia de Hegel traz um método de pensamento em vez de um método de pesquisa, de modo que ele parte do pensamento abstrato para investigar questões relacionadas à consciência, como, por exemplo, ao tratar do problema da liberdade que está relacionado à consciência e não a um conflito entre entidades. E essa é a função do pensamento filosófico.

Honneth apresenta a teoria da constituição do *self* de Mead, demonstrando como o indivíduo só se conscientiza de si mesmo quando ocupa a posição de objeto (relacionado ao reconhecimento do outro sobre ele), pois o *self* que entra em seu campo de visão quando ele reage a si mesmo é sempre o parceiro da interação, percebido da perspectiva de seu defrontante. Mead define essa imagem que o outro tem do indivíduo como algo passado de Me; e o Eu como fonte não regulamentada de todas as ações atuais (Honneth, 2009, p. 130-133).

A conceituação apresentada acima faz parte da base teórica explicativa da relação entre aspirações ocupacionais dos indivíduos e expectativas ocupacionais dos pais sobre aqueles, possibilitando a observação empírica da relação entre tais expectativas e o que jovens aspiram e concretizam em suas vidas. Desse modo, o achado de Honneth de que a teoria de Mead é aplicável empiricamente se exemplifica no desenvolvimento dessa pesquisa.

Honneth (2009, p. 136) destaca também o modo como a teoria de Mead evoluiu do reconhecimento subjetivo recíproco entre indivíduos para a aquisição das normas sociais na formação do “outro generalizado” para o indivíduo, levando sua teoria a uma implicação moral de que o processo de formação da identidade está relacionado a ser socialmente aceito pela coletividade. Assim, as explicações de Mead se aproximam bem

mais do que foi visado pela teoria da eticidade de Hegel, pois a imagem própria que o indivíduo aprende a conceber-se da perspectiva do outro generalizado é entendida como a compreensão de uma pessoa de direito.

Vale ressaltar que essa pesquisa problematiza esse processo de constituição do eu, das aspirações ocupacionais no que toca à desigualdade socioeconômica e de gênero, identificando a não realização dos direitos para os indivíduos através da restrição de suas possibilidades de escolhas efetivas nos campos educacional e ocupacional devido aos impedimentos socioeconômicos e daqueles oriundos das relações de gênero.

Após os estudos de Mead, foi Blumer quem herdou o seu legado, como foi dito anteriormente. Blumer (1929b, 1938b, 1949) faz referência aos estudos de Mead em diversos artigos sobre Psicologia Social e método da pesquisa social, indicando os estudos de Mead como base para as investigações sociológicas da personalidade e seus atributos (atitudes, ação social, interação, motivação e interesses).

Inicialmente Blumer se voltou para o estudo das sociedades de massas, mesmo tema de interesse da Psicologia do início do século XX, no período entre guerras, quando todas as atenções do meio acadêmico e do mercado estavam voltadas para as ações coletivas. Assim, Blumer partiu dos estudos sobre o comportamento coletivo e atitudes sociais para fundar a Psicologia Social da Sociologia na década de 30, através da qual deu origem ao interacionismo simbólico.

Blumer (1933, p. 193-200), através do estudo sobre cinema, demonstra como esse fenômeno social influencia o comportamento dos indivíduos. Os achados do autor indicam que o cinema influencia menos as pessoas que tiveram acesso a altas instituições de ensino e influencia mais as crianças, que imitam maneiras, padrões de beleza e sonhos através da imaginação, fixando imagens, esquemas de vida e concepções estereotipadas e implantando atitudes. Já os adolescentes só se interessam para o que apresenta possibilidade de realização dos seus desejos (namoro, beleza e um tipo de vida). Então, os filmes organizam suas necessidades e apresentam uma conduta para sua satisfação. Da mesma forma, os jovens no início da vida adulta, são mais propensos a serem influenciados pelo cinema do que as pessoas mais tarde, geralmente, pois ele atua mais onde não há conteúdos formados. Assim, o cinema é um fenômeno social que inicia condutas ao atuar nas emoções dos indivíduos, não apenas porque é um divertimento e uma forma de sair da realidade, mas porque cria realidades, esquemas de vida, tornando-se a verdadeira instituição educacional, porque introduz um tipo de vida



imediate, prática e momentos de significação, imprimindo emoções, valores e códigos de vida particularmente para os jovens, gerando inclusive conflito com outras instituições como família, escola e igreja. O autor diferencia duas formas de cinema, o filme comercial, que confunde julgamentos, cria preconceitos e atua fortemente nas condutas e outra forma, que atua mais no sentido de questionar e desorganizar, sem apresentar uma forma final pronta, sendo esses os menos comerciais.

Blumer (1935, p. 517-518) teoriza a formação das atitudes sociais, indicando duas fases da interação social: uma simbólica, na qual há apenas uma tendência da ação em um caminho ou como uma preparação incipiente para um esquema de conduta, partindo de uma atuação principalmente física/muscular, porém implicando na significação dos objetos que surgem nesse caminho; e outra fase: na qual o aspecto afetivo assegura as atitudes no movimento, considerando a comunicação no processo de interação no qual ocorre a significação de modo mais complexo e não simbólico, uma vez que as respostas são espontâneas e reflexas ou sem consciência de que a atenção está voltada para os gestos do outro.

O autor solidificou a Psicologia Social iniciada por Mead como uma disciplina das Ciências Sociais, partindo da sua diferenciação com relação à Psicologia Social da psicologia americana do início do século XX, que se baseava no positivismo e é behaviorista, uma vez que considera o comportamento individual uma resposta ao meio, corrente a qual o autor faz menção<sup>3</sup>. Ele afirmou que inicialmente o problema da Psicologia Social era a mente do grupo, depois os estudos das massas como a moda, a máfia, o contágio social, o pânico e as revoluções; para apenas mais tarde focar no desenvolvimento social do indivíduo, uma vez que todo indivíduo cresce no interior de um grupo que o forma, influenciando suas associações, sua conduta, suas características, sua personalidade e sua organização mental, que é formada a partir das associações que são seguidas. A questão central é como o indivíduo se desenvolve socialmente como resultado da sua participação na vida em grupo e a natureza desse problema levanta questões da Psicologia e da Sociologia, abrindo espaço para o campo da Psicologia Social, originando uma disciplina eclética porque segue com partes de diferentes teorias em conjunto (Blumer, 1937, p. 144-147).

Assim, Blumer (1986) fundou o interacionismo simbólico e apresenta três premissas como base para o seu pensamento: a ação humana frente às coisas se baseia

---

<sup>3</sup>ALLPORT, H. (1924). *Social Psychology*. Boston: Houghton Mifflin Company.

no significado que é dado a essas coisas; tal significado deriva do encontro com as outras pessoas, da interação; e, nessas interações, os significados dos outros são recebidos pelo indivíduo que os interpreta e modifica, através de uma “comunicação” consigo mesmo (1986, p. 2-5).

Para Blumer, parte das atividades e comportamentos das pessoas ocorrem em resposta a um outro ou em relação a um outro, de modo que a interação social estabelece um contato e uma troca entre atores e não entre os fatores colocados por eles ou da realidade. Desse modo, os outros representam um fator positivo na formação da conduta do indivíduo, influenciando significativamente no que a pessoa faz. Esse retorno dos outros para o que a pessoa faz é transmitido de modo simbólico, através da comunicação dos gestos e o uso dos símbolos significantes. O autor diz “[...] a pessoa que responde aos gestos do outro, reorganiza-os e elabora sua resposta com base no que os gestos significam para ele [...]” (Tradução própria, 1986, p. 9).

Blumer explica o mecanismo de troca de papéis desenvolvido por Mead na busca de compreender o processo de simbolização e significação que se dá a partir dos gestos que as pessoas expressam. Ele afirma que a troca mútua de papéis é condição necessária para a comunicação e interação social, de modo que, na interação, as pessoas assumem os papéis uns dos outros para compreenderem o que eles pensam uns sobre os outros. Quem responde a uma situação busca captar o que o outro pensa sobre ele ao se colocar em seu lugar. Isso quer dizer que alguém que age com autoritarismo, por exemplo, vai transmitir para quem é vítima do autoritarismo a idéia de que ele é o submisso. Assim, ao assumir o papel do outro, o indivíduo descobre o papel que o outro o está dando. No entanto, vale ressaltar, que esse processo é orientado subjetivamente, em uma comunicação consigo mesmo, de modo que o próprio ator interpreta e significa a situação. O autor ilustra isso dizendo que “[...] o posicionamento em cada momento da vida constitui o Self como objeto para si mesmo [...]” (Tradução própria) (Blumer, 1986, p. 10-14).

Outro autor importante na corrente interacionista é Erving Goffman (1975), que demonstra como o ator coleta informações da realidade para definir sua ação, buscando saber qual a melhor maneira de agir para promover a reação esperada. Assim, a atividade de atores e observadores é dotada de significados, que são transmitidos por quem “atua” de modo consciente e inconsciente, de modo que ao ter uma definição de sua situação pessoal, o indivíduo cria um conceito de si. A partir disso, pode-se pensar que tais significados dos outros, assim como Blumer (1986) demonstrou, são respostas

para os comportamentos do ator. Goffman dá ênfase ao mecanismo de elaboração do papel experimentado pelo indivíduo, que o faz na busca de determinadas respostas, internalizando as fachadas sociais - como o papel de gênero, papel de classe, etc., por exemplo - que já existem na estrutura social e são desempenhadas pelos atores sociais (Goffman, 1975, p. 1-18).

A partir da discussão do interacionismo simbólico, associa-se nessa pesquisa a questão da transmissão intergeracional do status socioeconômico ao processo de constituição de aspirações e expectativas. Assim, considera-se que aqueles que refletem o *self* da criança, os outros significantes, transmitem expectativas e aspirações relacionadas à escolarização e modelos ocupacionais próprios, além de condições econômicas e materiais propriamente, de modo que os dois aspectos, subjetivo e material, complementam-se. Assim, as questões abordadas nessa pesquisa consideram os dois aspectos, por um lado, a transmissão subjetiva através das aspirações e expectativas e, por outro, a transmissão econômica através dos bens e rendimentos da família.

## ***2.2 Realização do status - Blau e Ducan***

O Interacionismo Simbólico contribuiu trazendo dois grupos de variáveis para explicar a formação das aspirações ocupacionais e a realização do status ocupacional: características da família, tais como nível educacional dos pais e renda familiar, que se referem aos estudos iniciados por Blau e Ducan (1967); e a participação dos outros significantes na relação com a criança e adolescente, como pais, representando os estudos de Wisconsin (Sewell, Haller, e Ohlendorf, 1970).

Para Haller e Portes (1973, p. 51-52), o status é a posição ocupada pelos indivíduos ou famílias dentro da estratificação social. São dimensões básicas do status a riqueza, como renda e propriedade, o poder, como influência política e o prestígio, prestígio ocupacional ou a estima generalizada em uma comunidade; e, por último, uma dimensão definida como básica, a educação. Dois pontos centrais são importantes nessa perspectiva: a dimensão em que a origem de um indivíduo determina seu destino; e a dimensão em que a posição inicial do indivíduo no sistema de estratificação ocupacional (primeiro emprego) define suas ocupações mais tarde (posição social). A comparação

entre diferentes taxas de mobilidade ascendente e descendente, que resultam dos pontos colocados acima, contribui para a compreensão das causas sociais da paralisação e mudanças das desigualdades.

Contudo, no momento que Haller e Portes (1973) escreveram esse artigo, existia uma escassez de explicações causais do nível de mobilidade individual. Além disso, as pesquisas se limitaram a realizar descrições, faltando explicações e estudos dos determinantes possíveis do movimento de status observado. Outro ponto a ser considerado na pesquisa é o contexto, pois sociedades diferentes apresentam mecanismos diferentes para realização do status. Além disso, nota-se que a realização do status dentro de uma sociedade específica tende a ocorrer como uma rede de vários resultados com grupos de eventos bastante diferentes (Haller e Portes, 1973, p. 53-54).

O modelo de Blau e Ducan está centrado na transmissão do status, estudando determinantes objetivos, enquanto o modelo de Wisconsin foca na dinâmica psicológica, mediando as influências interpessoais na realização do status do indivíduo. Os dois modelos utilizam diagramas de caminhos para realizar suas análises causais (Haller e Portes, 1973, p. 53-57).

O estudo de Blau e Ducan (1967) se baseou nos dados coletados em corte transversal de uma única amostra da população de homens americanos adultos como parte do censo *Occupational Change in a Generation I* realizado pelo *Bureau of Census*, em março de 1962. O modelo básico contém as seguintes variáveis: realização educacional do pai, status ocupacional do pai, realização educacional do respondente, status do primeiro emprego do respondente e como variável dependente status da ocupação do respondente em 1962, quando adulto. Em termos de efeito bruto existe uma ordem clara de influência no primeiro emprego. Educação é a variável mais fortemente correlacionada com o primeiro emprego, seguida pela ocupação do pai e depois pela educação do pai. Já o status ocupacional em 1962, aparentemente, é mais fortemente influenciado pela educação do que pelo primeiro emprego. No entanto, Blau e Ducan advertem que a presença de resíduos, erros de mensuração e relações espúrias só podem ser solucionadas a partir de análises de regressão múltiplas, nas quais se pode medir o efeito direto e o indireto entre as variáveis. Ainda deve-se partir da idéia de que há correlação, associação e uma seqüência temporal de eventos em vez de referir-se a idéia de causalidade (Blau e Ducan, 1973, p. 487-491).

Considerando os coeficientes do modelo de Blau e Ducan, primeiro emprego, educação do respondente e do pai mais ocupação do pai explicam conjuntamente 43%

da realização ocupacional do respondente, enquanto educação do respondente e do pai e ocupação do pai explicam 33% do status do primeiro emprego do respondente, já educação e ocupação do pai explicam 26% da educação do indivíduo. Educação (beta 0,394) e primeiro emprego (beta 0,281) têm um efeito direto maior sobre a ocupação do respondente do que educação (beta -0,14) e ocupação do pai (beta 0,120), porém ocupação (beta 0,279) e educação do pai (beta 0,310) têm um efeito grande sobre a educação do filho e há um efeito diferente também sobre o primeiro emprego desse, o que leva a concluir que o maior efeito da ocupação do pai na ocupação do filho é indireto, através do investimento que fazem na educação do filho e através da influência no seu primeiro emprego que é direta, enquanto a própria educação do pai é menos importante do que sua ocupação, o que quer dizer que fatores relacionados à sua ocupação influenciam mais os filhos do que seu nível educacional. Assim, todas as variáveis apresentam maior efeito indiretamente, exceto a ocupação do pai na primeira ocupação do filho (Blau e Ducan, 1967, p. 493).

Haller e Portes (1973) observam que uma questão subjetiva que fica em aberto no trabalho de Blau e Ducan (1967) é como as ocupações dos pais afetam atitudes e cognições da prole? Conforme os autores, essa é uma questão que pode enriquecer o modelo (Haller e Portes, 1973, p. 57) e representa uma questão central nos estudos de mobilidade intergeracional.

Featherman e Haller (2007, p. 120 -123) afirmam que Blau e Ducan adotam uma perspectiva individualista-voluntarista, tendo como foco os fatores na história do indivíduo que explicam seu nível de realização socioeconômica (educação, renda, ocupação e etc), de modo que possa descrever as carreiras das pessoas, mas considera também fatores como inteligência, realização motivacional e influência dos amigos, além do background familiar. Esse estudo de Blau e Ducan representou o retorno da pesquisa sociológica aos estudos da psicossociologia, por volta de 1950, quando introduziram a expressão *Life Course Sociology* para explicar o processo de estratificação.

O modelo do processo de realização do status ocupacional e educacional desenvolvido em Wisconsin é complexo, contemplando status socioeconômico e habilidade mental para explicar a realização educacional e ocupacional, o que significa que insere variáveis da Psicologia Social, incluindo performance acadêmica, influência do outro significativo e aspirações ocupacionais e educacionais. A primeira coleta de dados ocorreu em 1957 e a amostra foi composta por jovens de origem rural que

estavam no ensino médio. Esse modelo explicou 47% da variância da realização educacional e 33% da variância da realização ocupacional inicial. Em 1964/65, 89% da amostra foi entrevistada pela segunda vez para verificar a realização ocupacional e educacional, acrescentando à amostra indivíduos com origem de diferentes comunidades (urbanas e rurais) e com diferentes níveis socioeconômicos. A metodologia adotada para realizar essa pesquisa longitudinal foi regressão linear (Sewell, Haller e Ohlendorf, 1970, p 1014-1016).

Com relação aos coeficientes encontrados no modelo revisado por Sewell, Haller e Ohlendorf (1970), os coeficientes da performance acadêmica foram maiores ( $P$  maior igual a 0,20) em todas cinco amostras do que no modelo anterior, como por exemplo o efeito da performance acadêmica no nível de aspiração ocupacional. Assim, performance acadêmica tem sempre um papel central na realização do status mais tarde, de modo que há um padrão direto não só para a influência dos outros significantes, mas também para as variáveis intervenientes. Os autores interpretam dizendo que isso acontece porque não é somente o grau de escolaridade dos jovens que impressiona outras pessoas, que então respondem influenciando suas aspirações e realizações, mas também porque o jovem normalmente tem uma percepção adequada dos requisitos necessários para a realização do status e até certo ponto isso independe do nível de sua habilidade para competir, avaliando suas notas com relação às dos outros. A implicação disso é que maior nível de desempenho acadêmico tem efeito direto nas expectativas dos outros significantes, no nível educacional, nas aspirações ocupacionais; e o nível de realização do status educacional tem efeito indireto nas aspirações educacionais e ocupacionais, bem como nas realizações (Sewell, Haller e Ohlendorf, 1970, 1023-1024).

A maior diferença com relação à primeira pesquisa de Wisconsin está relacionada aos coeficientes que envolvem a influência do outro significativo, que se apresentam reduzidos.  $P$  é maior igual a 0,10 com base na amostra total. O efeito da influência do outro significativo no desempenho acadêmico é menor que estimaram ser, bem como é menor o efeito direto da influência dos outros significantes no nível de aspiração ocupacional e realização educacional. Provavelmente, essas mudanças resultam do papel ampliado da performance acadêmica no modelo. A implicação geral é que a influência do outro significativo talvez seja levemente menos importante do que estava previsto anteriormente. Outro resultado interessante é o novo padrão de habilidade mental para a influência do outro significativo, que tem sido adicionado

porque é inesperadamente muito grande para ignorar. Nas amostras urbanas (mas não nas duas rurais), habilidade mental exerce uma influência no outro significante que independe do grau de escolaridade do jovem. Isso significa que os outros significantes dos jovens de áreas urbanas têm oportunidades de acessar seu potencial acadêmico a parte de sua performance na escola. A análise de Sewell, Haller e Ohlendorf (1970) confirma a irrelevância do padrão suposto de influência exclusiva do status socioeconômico na performance acadêmica. Os resultados não dão suporte aos argumentos de que professores atribuem notas de acordo com o status socioeconômico em qualquer uma das categorias de tamanho das comunidades (Sewell, Haller e Ohlendorf, 1970, p. 1024).

A principal conclusão da pesquisa de Sewell, Haller e Ohlendorf (1970) é que o modelo Sewell- Haller-Portes do processo de realização do status ocupacional e educacional se confirmou para homens jovens com residências urbanas e rurais. No entanto surge uma crítica ao papel da influência do outro significante no processo de realização do status, pois confirma-se que a performance acadêmica tem efeito nas aspirações e realização que não são mediados pelos outros significantes, o que significa que o indivíduo não é totalmente dependente do outro significante para orientar suas decisões sobre sua carreira e seu status. É a partir desse achado, que a primeira hipótese da pesquisa que iniciaremos partirá, procurando estudar como se dá a relação entre as aspirações ocupacionais do indivíduo dependem das expectativas dos outros significantes ou se há uma independência, embora receba influência do outro significativo (Sewell, Haller e Ohlendorf, 1970, p. 1025).

Os autores mencionam o fato da pesquisa não considerar a mulher, considerando que talvez isso se dê devido a uma maior complexidade da cultura ocupacional dessas, uma vez que estão mais suscetíveis aos contingentes do casamento como criar os filhos e ao ciclo de vida da família, bem como ao fim do casamento e a discriminação ocupacional. No entanto, para eles o processo de realização educacional das mulheres é totalmente similar ao dos homens, embora a origem social possa ter um maior efeito sobre as mulheres. Isso pode sugerir que um modelo para a realização educacional das mulheres pode não diferir muito do modelo dos homens, mas que pode ser necessário incluir componentes da estrutura familiar e do marido para calcular a realização do status ocupacional da mulher (Sewell, Haller e Ohlendorf, 1970, p. 1025).

Embora atualmente a operacionalização dos estudos na área de mobilidade tenha passado por diversas transformações metodológicas como o desenvolvimento de

modelos bem mais complexos (Souza, Ribeiro e Carvalhaes, 2010; Ribeiro, 2011) do que as regressões lineares aplicadas inicialmente, esses modelos inspiraram os estudos de mobilidade social posteriores que os reaplicaram em diversos contextos sociais. Da mesma forma, nessa pesquisa pesquisamos o efeito da herança socioeconômica na determinação do status ocupacional, considerando o gênero dos indivíduos.

### ***2.3. Desigualdade de gênero e as perspectivas sociológicas***

Os estudos sobre desigualdade de gênero e mercado de trabalho focam nas questões da segregação ocupacional, nas diferenças de salários e na divisão do trabalho doméstico. Esse último como questão relacionada à reprodução da desigualdade de gênero. Nesse subitem, apresentam-se análises de diferentes perspectivas sociológicas e da economia com relação à desigualdade de gênero: a teoria neoclássica da economia e o neoinstitucionalismo; o funcionalismo, o marxismo e o interacionismo. Essa exposição aponta a corrente interacionista como a mais apropriada para o modo como se pretende interpretar os dados relativos às aspirações ocupacionais e realização do status ocupacional femininos, considerando a compreensão da ação social do indivíduo, uma vez que essa é ativa na construção da realidade, porém as demais abordagens são discutidas a fim de explicitar as diferenças entre essas.

Nas sessões anteriores, foram apresentados os principais conceitos e fatos históricos da origem do interacionismo simbólico (subitem I.1), bem como modelos empíricos da estratificação social (subitem I.2). No entanto, como ficou evidente, a questão do gênero não estava em voga no início do século XX (teorias de Mead) e os estudos de estratificação na década de sessenta (Blau e Ducan) também não se voltaram para a questão do gênero com a justificativa de que as mulheres não participavam de forma efetiva do mercado de trabalho, de modo que os modelos de mobilidade consideravam apenas a posição ocupacional e escolaridade do pai. No entanto, estudos recentes do interacionismo simbólico apresentam diversas explicações e reflexões sobre a desigualdade de gênero.

Dezin (1993) apresenta a visão da corrente ao discutir o interacionismo simbólico pós-estruturalista a partir de três problemas: ideologia e economia política da



produção do gênero; a criação do discurso do sujeito de gênero pelas ciências sociais; e o mundo vivido pelo gênero.

Dezin inicia dizendo que, na sociedade, a classe de sexo a qual um indivíduo pertence costuma determinar seu gênero desde o nascimento, embora esses dois aspectos se distingam, uma vez que o gênero é aprendido socialmente. Esse aprendizado pode ser definido como a formação de uma identidade sexual que é construída na relação com o outro através de códigos emocionais específicos de cada gênero que são aprendidos enquanto a linguagem é adquirida. Esses códigos se referem às identidades sexuais que circulam nas várias áreas da cultura popular da vida cotidiana. O código masculino em nossa sociedade traduz emocionalidade (expressões mais fortes), enquanto o código feminino expressa vulnerabilidade e formas cuidadosas de emocionalidade. Cada código define uma forma de saúde, beleza e atração erótica para uma cultura. Duas especificações do gênero, sexual e emocional, existem lado a lado em nossa cultura, com mulheres dirigindo-se a trabalhos que exigem um perfil emocional de pessoas que lidam com o cuidado e homens voltados para trabalhos mais especializados (Dezin, 1993, p. 199-200).

A identidade de gênero é uma produção interacional que se constitui nos locais mais recorrentes da interação social (casa, trabalho), que dão significado às experiências cotidianas. Indivíduos concretos são constituídos como sujeitos de gênero que têm emoções, crenças e relações sociais com os outros. Nisso está a ideologia como crenças e entendimentos sobre as maneiras de lidar, nas relações sociais, com amor, intimidade, sexualidade, valores de trabalho e de família, dinheiro, prestígio, status e o que significa viver bem. A ideologia não é representada pelo sistema de relações reais que governam a vida dos indivíduos, sendo um processo imaginário que trabalha no nível simbólico e da linguagem (conversas do dia-a-dia), mas atua também no nível material (economia) e nas interações práticas (ciências sociais, música popular e cinema) (Dezin, 1993, p. 200).

Segundo a autora, as atividades descritas acima constituem os sujeitos de gênero concretos em uma ordem estratificada de gênero. Isso pode ser entendido como uma conexão de relações dialéticas onde as experiências práticas materiais do mundo produzem identidades de gênero, contextualizadas em um momento histórico. Os significados do que é família, sexualidade, gênero, conflitos profissionais são construídos culturalmente e historicamente. Os EUA do século XX é uma construção

histórica, econômica e social sob o mito da cultura patriarcal, que se articula na cultura popular americana há dois séculos (Dezin, 1993, p. 201).

Há uma grande produção teórica da teoria feminista sobre gênero e sexualidade que convida o Interacionismo Simbólico para a discussão no que se refere aos estudos sobre a construção do discurso de gênero. Esse convite ao Interacionismo ocorre como resultado dos trabalhos de teóricos como Althusser, Barthes, Foucault e teóricos feministas que têm apoiado seus trabalhos na teoria da sexualidade de Freud como Cought, contextualizando-a no interior da cultura patriarcal.<sup>4</sup> A função básica do Interacionismo Simbólico tem sido refletir sobre a relação do indivíduo com o outro significativo, com base nas interpretações da Psicologia Social (fenomenologia, etnometodologia e curso de vida sociológico), oferecendo uma teoria do eu, da interação e da socialização em torno da questão de como o homem é formado na interação com o outro. O trabalho dessa corrente é guiado, geralmente, por quatro questões básicas: a ação humana frente às coisas se baseia no significado que as coisas têm para ele; esses significados surgem da interação; sendo captados e depois interpretados; e a realidade social é construída pela auto-reflexão dos indivíduos (Dezin, 1993, p. 202-203).

O Interacionismo Simbólico no seu surgimento, com as teorias de Mead, ficou focado na teoria do *self*, tendo apenas escassas reflexões sobre o gênero e, mais tarde, a teoria de Blumer também não se ocupou da questão; enquanto a literatura clássica da tradição interacionista produzida por volta de 60 e 70 por autores como Stone e Goffman trataram o gênero sob uma perspectiva psicanalítica ou como ficou apelidada sob uma leitura estrutural da ordem de estratificação sexual na sociedade americana. Por volta de 70 e 80, cresce o número de interacionistas que se ocupam da socialização do gênero e a aquisição da identidade de gênero. Esses estudos argumentam de modo consistente sob a perspectiva de que a sociedade está em interação e que o significado dos termos gênero, sexualidade, masculino e feminino podem ser encontrados nos processos de construção dos significados das experiências das pessoas desde a origem da sociedade. São alguns desses autores, chamados pós-estruturalistas, Foucault, Dezin, Joffe, Cahill, Power, Risman, Andersen, entre outros<sup>5</sup> (Dezin, 1993, p. 202-203).

---

<sup>4</sup>Althusser, L. (1971). *Lenin and Philosophy*. New York: Monthly Review Press.

Barthes, R. (1972). *Mythologies*. New York: Hill and Wang.

Clough, P. (1987). "Feminist Theory and Social Psychology." In: Dezin, N. *Studies Symbolic Interaction*. Greenwich, CT: JAI Press, pp. 3-22.

Foucault, M. (1970). *The Order of Things*. New York: Vintage.

<sup>5</sup>Dezin, N. (1987) *Studies Symbolic Interaction*. Greenwich, CT: JAI Press, pp. 3-22.

Foucault, M. (1970). *The Order of Things*. New York: Vintage.

O pós-estruturalismo é uma posição teórica que questiona como o sujeito humano é construído através da linguagem e da ideologia. Dois termos chave, discurso e desconstrução, organizam essa perspectiva. O discurso é impresso, visual ou oral e é construído por autores que criam os textos com base no que eles interpretam e em suas interações. O significado dos textos é sempre indeterminado, aberto e interacional. A desconstrução consiste em uma análise crítica do discurso, sendo um processo que explora como o discurso é construído e como os significados são atribuídos pelo autor. Pós-estruturalistas argumentam que os sistemas de discurso (artigos das Ciências Sociais, Direito, religião, arte e Literatura) reproduzem continuamente as micro relações de poder situadas na sociedade capitalista tardia, de modo que são criadas versões particulares do sujeito humano (homem, mulher, criança), a família, o Estado, a ciência e o controle social através da ideologia burguesa e patriarcal (Dezin, 1993, p. 204-205).

A maior crítica ao interacionismo parte do feminismo psicanalítico que tem tentado criar argumentos contrários ao interacionismo com base em teóricos como Lacan, Derrida e Barthes e, mais recentemente, com posições pós-modernas de Lyotard e Baudrillard<sup>6</sup>. Ambas correntes, interacionista e feminismo, focam na construção de significados culturais. Trabalhos recentes sobre cultura têm envolvido essas duas perspectivas através da consideração das condições econômicas e culturais na reprodução da estratificação de gênero em sociedades como a americana. Os estudos culturais tentam desvendar os significados ideológicos que são codificados naqueles significados que circulam no cotidiano. Há três problemas interrelacionados que são objetos de investigação nesse campo: a produção dos significados culturais; a análise textual desses significados; e o estudo das experiências culturais vividas. Cada um desses problemas constitui um campo de questionamento. Quando aplicados ao estudo de gênero, a produção dos significados culturais envolve ideologia e economia política; e o sistema de estratificação de gênero. O feminismo psicanalítico se dedica a análise textual dos significados, questionando como o discurso cria um sujeito de gênero.

---

Joffe, C. (1977). *The Friendly Intruders*. Berkeley: University of California Press.

Cahill, Spenscer (1980). "Directions for an Interactionist Study of Gender Development". *Symbolic Interaction*. Pp. 38-123.

Power, M. (1985). "The Ritualization of Emotional Conduct in Early Childhood." In: Dezin, N. *Studies in Symbolic Interaction*. Greenwich, CT: JAI Press, p. 213-27.

Risman, B. (1982). "College Women and Sororities: The Social Construction and Reaffirmation of Gender Roles." *Urban Life*. 11: 231-52

Andersen, M. (1981). "Corporate Wives: Longing for Liberation or Satisfied with the Status Quo?" *Urban Life*. 10: 311-27.

<sup>6</sup>Lyotard, J. (1979). *The Postmodern Condition*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Baudrillard, J. (1987). *America*. London: Verso.

Enquanto a interpretação interacionista se ocupa de questões no nível da experiência vivida, examinando como as experiências dos indivíduos em interação estão conectadas com as representações culturais dessas experiências (Dezin, 1993, p. 206).

A autora ilustra as duas formas de abordar a questão do gênero indicadas acima. Ela se volta para a economia política de gênero e examina como o discurso social que circula na cultura popular contribui para a construção do sujeito de gênero. Considerando publicações do *The New York Times*<sup>7</sup> do final de 1988, ela analisa o texto e a imagem vinculada ao texto que diz sobre a nova mulher tradicional, como um estilo que estaria na moda e por isso seria novo, embora buscasse resgatar valores tradicionais como se dedicar aos filhos e à família, promovendo refeições em família, filmes e jogos nos finais de semana e férias em conjunto. De modo interessante, a matéria inicia dizendo que a mulher tem uma missão na vida e que essa missão pode representar seu plano de marketing pessoal. Essa missão é criar mais qualidade de vida significativa para si mesma e para sua família (Dezin, 1993, p. 207).

Desse modo, responsabiliza a mulher pelo bem estar da sua família, dos outros, o lugar do cuidado. Ao lado dessa matéria, como diz Dezin (1993) havia uma figura de uma mulher e dois filhos muito bem vestidos, a mulher de forma tradicional, os filhos prontos para irem ao colégio e a casa muito bonita ao fundo. Na descrição realizada pela própria matéria foi citado o perfume que tal mulher estaria usando e suas jóias se destacavam no pescoço. Nesse anúncio evidencia-se o mecanismo capitalista, que para vender um produto para a mulher cria um tipo de mulher e um tipo de consumo. Assim, a nova mulher é criada como um sujeito concreto que tem necessidades e desejos que podem ser satisfeitos pela revista e por aqueles que indicaram o sujeito feminino como um novo sujeito, a nova mulher tradicional (Dezin, 1993, p. 208).

Já para demonstrar como as Ciências Sociais explicam a construção das representações de gênero, sexo e feminino, Dezin (1993) utiliza um estudo de caso de Garfinkel (1967)<sup>8</sup>, a estranha história de Agnes. Agnes estava na recepção de um hospital aguardando para ser atendida. Ela era uma garota atraente de 19 anos e solteira, mas apresentava um tipo raro de desordem, possuía um pênis e testículos. Ela era uma paciente completamente feminina em suas características sexuais secundárias com um

---

<sup>7</sup>New York Times. 1988. November 17, p. 46.

<sup>8</sup>Garfinkel, H. (1967). "Passing and the Managed Achievement of Sex Status in an Intersexed Person". In: Garfinkel, H. *Studies in Ethnomethodology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, pp. 116-85.

pênis e testículos normais para um rapaz de 19 anos. Ela estava lá requerendo que sua genitália fosse cirurgicamente transformada, transformando o pênis e os testículos em uma vagina. Depois de uma longa investigação da história médica da paciente, a operação foi realizada. A paciente relatou que se entendeu como mulher desde os dois anos de idade, embora estivesse anatomicamente como um homem e fosse tratada como garoto. Após oito anos da realização da cirurgia, ela retornou à clínica e disse que, na verdade, ela sempre teve um corpo masculino, mas que toma estrógeno, desde os doze anos de idade (Dezin, 1993, p. 209).

Garfinkel teve, aproximadamente, trinta e cinco horas de conversa com Agnes na época da cirurgia, em 1958. Seu estudo de como ela se passou na sociedade por mulher tendo um corpo masculino se baseou nessas conversas. O autor considerou a aparência o ponto central da construção de Agnes como mulher. Ele descreve sua aparência dizendo que estava tão magra como outras mulheres, que tinha uma face lisa, sem pêlos, tratada com cosméticos femininos e maquiagem. Além disso, suas atitudes não são exibicionistas ou vulgares, nem aparentam um comportamento homossexual, o que provocaria uma reação negativa na sociedade e diminuiria o valor feminino. Pelo contrário, ela apresentava um comportamento típico de uma adolescente de sua classe social e idade. Desse modo, ela cria o espaço do gênero feminino para si, demonstrando que o gênero resulta de um aprendizado e vivência social (Dezin, 1993, p. 210-211).

A partir da corrente interacionista, pode-se refletir a respeito dos significados que fundamentam as relações familiares e as expectativas ocupacionais entre pais e filhos, bem como a transmissão do status socioeconômico da família de modo diferenciado com relação aos filhos homens e às mulheres, apontando os indivíduos da interação como elementos ativos nesse processo (Dezin, 1993), divergindo das teorias abaixo (Jonson, 1993; Polachek e Siebert, 1994; Bielby e Baron, 1994), que remetem à conceitualização em termos de “vínculo social” por meio de seus conteúdos conceituais (solidariedade orgânica, complementaridade, conciliação, parceria e divisão de papéis), imprimindo aos fenômenos sociais como aspirações e status ocupacional como realidades moldadas tradicionalmente, de modo que os papéis domésticos e familiares são exercidos por mulheres para que os homens possam se ocupar do mercado de trabalho em benefício de ambos e da família. No entanto essa perspectiva se torna amplamente questionada uma vez que subentende um contexto das práticas sociais desiguais e injustas já que destinam às mulheres a função de conciliar vida familiar e

vida profissional, em detrimento de uma realização profissional mais bem sucedida, que proporcione mais autonomia, divisão de poder e igualdade (Hirata, 2002, p.279-280).

A funcionalista Johnson (1993) explica que nos anos 60 e 70 o funcionalismo foi atacado como usualmente associado ao modelo funcionalista de Parsons. As feministas acusaram essas teorias de tentarem justificar a dominância masculina pela descrição de um papel instrumental para homens na estrutura ocupacional e para as mulheres de um papel expressivo nos trabalhos domésticos como uma divisão do trabalho que era funcional para uma família solidária, o que implicava com o núcleo familiar ideal dos anos 50 (Johnson, 1993, p. 115).

Conforme a autora, atualmente o neofuncionalismo de Jeffrey Alexander<sup>9</sup> faz uma releitura das teorias parsonianas de modo mais contextualizado. O neofuncionalismo demonstra como o aspecto multidimensional do modelo de Parsons segue competitivo com relação às outras teorias sociológicas. Para Parsons a questão central da Sociologia é o problema da ordem. Essa expressão tem sido frequentemente interpretada como desvio ou anormalidade e foca no problema sobre o controle da população para manter o equilíbrio da sociedade. Parsons estava questionando como indivíduos podem interagir cooperativamente com todos ou como pode existir uma integração do todo. Insatisfeito com a simplicidade teórica das teorias do contrato social, bem como com a visão marxista de ordem social como algo criado pela classe dominante, Parsons responde que a ordem social pode ser compreendida a partir da visão de que os indivíduos fazem parte de um esquema de valores e normas que são internalizados por um sistema motivacional dos indivíduos (Johnson, 1993, p. 116).

Os argumentos de Parsons são de que esse esquema de valores é algo que todos têm em comum e que os papéis no grupo são controlados pelos outros. Seu esquema para o problema da ordem inclui quatro níveis de análise, biológico, psicológico, social e cultural, os quais estão interrelacionados, fornecendo uma resposta concernente com o relacionamento do indivíduo em largas coletividades. Para Parsons, o início dessa internalização se dá no interior dos grupos primários, mais notadamente no interior da família. Ele diz que a criança internaliza os valores sozinha no interior da família, a partir do lugar que ocupa dentro dessa. Enquanto tende a tomar a família como ponto de referência, ele entende que idade, sexo e parentesco são socialmente construídos e não significam o mesmo em culturas diferentes. No que se refere ao papel do gênero nesse

---

<sup>9</sup> Alexander, J. (1985) "Introduction". In: Alexander, J. *Neofunctionalism*. Beverly hills, CA: sage, pp. 7-18.

sistema, Parsons identifica que há um ponto de conflito entre a família nuclear e o sistema ocupacional, criando uma tensão no papel feminino. Essa tensão resulta de uma depreciação do papel da mulher com relação ao seu marido no sistema ocupacional, criando assim um pseudo papel de dona de casa (Johnson, 1993, p. 117-118).

O funcionalismo apresenta uma abertura para idéia de mudança, compreendendo que os sistemas se fazem e refazem de um modo funcional. Devem-se observar quais fatores geram a mudança para realizar a análise. Parsons observou, por exemplo, que essa família descrita como “solidária”, anteriormente, resulta da sociedade industrial, que foi o que gerou sua institucionalização. A partir disso, pergunta-se para quem ou para que o sistema está sendo funcional. Assim, para Johnson, o esquema abstrato da abordagem funcionalista de Parsons não é totalmente oposto ao pensamento do feminismo e pode ter um uso mais crítico e emancipatório (Johnson, 1993, p. 119-129).

Diferente do funcionalismo, a teoria marxista parte do conceito de relação social na análise da desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho, observando o antagonismo entre aqueles, de modo que a dimensão opressão/dominação está fortemente contida (Hirata, 2002, p.80). Embora o marxismo seja muito criticado por seus conceitos terem pouca capacidade de explicar e analisar as relações de gênero no interior de outras instituições que não a família, ele é pioneiro na análise da vida feminina no núcleo familiar (Anacleto, 2006), onde a presença da exploração se apresenta através do trabalho doméstico, trabalho não remunerado e que por isso mais dificilmente analisável pela teoria do conflito.

Shelton e Agger (1993) apresentam a relação entre o marxismo e o feminismo e suas diferentes perspectivas, considerando-os teorias de opressão, sendo engajadas politicamente. No entanto, as propostas se diferem em seus propósitos. O marxismo ortodoxo não considera os afazeres domésticos como trabalho por não produzirem mais valia, mas conserva algo que é essencial ao marxismo, a análise da exploração no capitalismo, definida como apropriação da mais valia produzida pelos trabalhadores, incluindo pessoas (principalmente mulheres) que se engajam em um trabalho doméstico sem salário. Essa exploração é possível onde os indivíduos produtores não controlam os meios da produção. Assim, trabalhadores são explorados pela extensão que eles produzem a mais valia para aqueles que os pagam. Desse modo, cada dia de trabalho é composto pela parte de trabalho pago e pela parte não paga. Nas análises dos autores, entende-se que a definição “dia de trabalho” inclui o trabalho doméstico não pago.

Nesse sentido, o trabalho doméstico não pago da mulher reproduz o sistema produtivo capitalista (Shelton e Agger, 1993, p. 25).

Embora o marxismo ortodoxo permita a análise acima por considerar o capitalismo um sistema de exploração e a mais valia do trabalho não pago o mecanismo fundamental desse processo, não pode estar diretamente associado ao feminismo, uma vez que as duas propostas não têm um “inimigo comum”. Os autores explicam o que entendem pela expressão “inimigos” utilizada: “... muitas feministas argumentam que o homem marxista pode ser tão machista quanto o homem que não é marxista...”. Dessa forma, há uma diferença entre machismo e machismos homens reconhecera semelhança teórica e política entre o marxismo e o feminismo (Shelton e Agger, 1993, p. 26).

Os autores consideram que as mulheres esquerdistas seguem uma perspectiva política e intelectual simpática a ambos, marxismo e feminismo, de modo que é uma maneira do feminismo se apropriar da teoria marxista, formando uma visão crítica ao capitalismo e a exploração das mulheres nesse sistema, que são oprimidas no mercado de trabalho e no interior da família. O feminismo esquerdista acrescenta a isso a idéia de que as mulheres da classe operária são duplamente desfavorecidas pelo sistema de produção capitalista, bem como as mulheres negras também o são. Os autores notam que é evidente que a corrente feminista dominante hoje nos Estados Unidos é a que é chamada por Jaggar (1983)<sup>10</sup> de feminismo liberal. Essa corrente é representada pela *National Organization of Women (NOW)*, que é formada por feministas que reivindicam a redução da dominação masculina através de uma discussão racional entre homens e mulheres, buscando remover as barreiras que impedem a entrada das mulheres no mercado de trabalho e a igualdade de tratamento no que se refere ao pagamento pelo trabalho. Os autores se consideram parte daqueles que consideram o feminismo liberal como pró-capitalista, buscando favorecer apenas as mulheres de classe média e alta que buscam mobilidade e melhores oportunidades de carreiras e não consideram as condições difíceis enfrentadas pelas mulheres negras, pelas mulheres da classe operária, pelos homens da classe operária e homens e mulheres de países em desenvolvimento (Shelton e Agger, 1993, p. 27).

O feminismo esquerdista se distingue também do que é chamado de feminismo radical, que essencialmente se opõe a diferenças de classe ou ao capitalismo como

---

<sup>10</sup>Jaggar, A. (1983). *Feminist Politics and Human Nature*. Totowa, NJ: Allenheld and Roman.



explicação da desigualdade de gênero, focando no poder masculino e na cultura de dominação masculina como uma forma de oprimir as mulheres. O feminismo radical ataca o patriarcado ou a família patriarcal como um sistema de dominação em si, que é formado por duas classes, a dos homens e a das mulheres, fundamentalmente opostas em seus interesses comuns. Diferente do feminismo esquerdista, o feminismo radical não considera o relacionamento entre família e trabalho como particularmente importante. Elas argumentam que a subordinação das mulheres no lar é uma função do patriarcado e não resultado do capitalismo (Shelton e Agger, 1993, p. 28).

Assim, o feminismo radical reconceitualiza a atividade doméstica das mulheres como produtiva em seu próprio direito, sugerindo uma valorização do trabalho doméstico, que costuma ser ignorado por não ser pago, mas que contribui para a economia doméstica. Para o feminismo de esquerda, ao buscar a valorização do trabalho doméstico a visão radical valoriza e reproduz o esquema político de produção vigente. Enquanto o feminismo liberal ignora a valorização do trabalho doméstico, o radical incentiva movimentos em busca de pagamento pelo trabalho doméstico, o que pode ser compartilhado com a visão esquerdista, que quer entender a opressão das mulheres nos mesmos termos que entendemos a opressão dos homens, isto é, em termos do valor que as mulheres produzem no agregado (Shelton e Agger, 1993, p. 28).

Shelton e Agger dizem que o feminismo de esquerda rejeita o liberal, porque o primeiro endossa as diferenças de classe, enquanto o segundo ignora o capitalismo, pois o feminismo liberal separa capitalismo e dominação masculina como se não fizessem parte do mesmo contexto. Embora o feminismo de esquerda seja uma corrente engajada politicamente, o que a aproxima do marxismo, hoje, nos Estados Unidos, representa mais uma análise do que um plano de ação, conforme os autores (Shelton e Agger, 1993, p. 28-29).

Segundo Paula England (1992), a teoria neoclássica da economia, que tem Gary Becker como principal precursor, tem como ponto central a visão do indivíduo racional que maximiza os ganhos através de suas escolhas. O indivíduo busca utilidade, satisfação, bens de consumo e rendimentos, que resultem de suas preferências, de gostos que se constituem por fatores biológicos e pela origem familiar.

Para a teoria neoclássica, o investimento (educação e treinamento) que é feito no capital humano é considerado determinante para o desempenho futuro do indivíduo no mercado de trabalho. A partir disso, a segregação de mulheres em algumas ocupações não pode ser explicada apenas pela questão da experiência, que sugere que a ausência

das mulheres no mercado fez os homens terem mais experiência em determinados postos de trabalho. A segregação pode ser explicada pela forma como se dão os planos iniciais de carreira e como são realizados os investimentos e escolhas de trabalho. Os baixos salários das mulheres não lhes permitem investir em formação, mantendo um ciclo de trabalhos com salários mais baixos. Assim, as diferenças de salários e a segregação ocupacional resultam do fato de homens e mulheres terem gostos ou preferências diferenciadas (England, 1992, p. 46-52).

Polachek e Siebert (1994) descrevem as explicações da teoria neoclássica para as diferenças de gênero como teoria das diferenças dos gostos e diz que suas explicações se voltam para a formação dos indivíduos. Para essa teoria, os pais identificam necessidades biológicas e culturais nos filhos, segundo uma diferenciação de gênero. Assim, desde a infância, as crianças são direcionadas para atividades e valores diferenciados. Resulta disso que homens e mulheres, quando adultos, apresentam diferentes gostos, o que afeta suas escolhas profissionais, de modo que encontramos mais mulheres interessadas por carreiras altruístas, enquanto as carreiras de negócios, nas quais se lida com dinheiro, parecem menos atraentes. Gostos “[...] afetam a motivação e o tipo de educação que um indivíduo escolhe, e esses fatores afetarão, então, os rendimentos[...]” (tradução própria). Outro ponto é a participação intermitente no mercado. As mulheres escolhem profissões que possibilite flexibilidade ou, independente disso, tornar-se-ão ausentes em períodos de gestação e quando os filhos são bem pequenos (Polachek e Siebert, 1994, p. 584).

O neoinstitucionalismo, que segue a mesma linha da teoria da economia neoclássica, aborda o mercado de trabalho no lugar do indivíduo, apresentando uma visão macro. O neoinstitucionalismo aborda os custos das transações de mercado, dos contratos e dos empregados para as empresas, visando explicar a busca por menores custos. Empregadores buscam o máximo de informações quanto ao contrato e contratados para reduzir os custos das transações. O neoinstitucionalismo explica as desvantagens femininas, partindo da idéia de que os mecanismos de mercado, através dos empregadores, exercem discriminação estatística, que gera segregação ocupacional e, portanto, salários diferenciados (England, 1992, p.76-78).

Bielby e Baron (1994), dizem que a discriminação estatística parte da possibilidade de haver maiores custos de rotatividade quando mulheres estão ocupando alguns cargos, o que faz com que empregadores optem por destinar cargos com baixo custo de *turnover* para mulheres, enquanto homens são destinados para aqueles cargos que

demandem treinamento com o custo mais alto. Cargos com *turnover* mais alto terão, portanto, maiores rendimentos, também. Esse processo de discriminação gera mais segregação, pois salários com baixos rendimentos impedem que as mulheres invistam em mais qualificações que sejam valorizadas pelas firmas (Bielby e Baron, 1994, p. 607-617).

As teorias apresentadas acima (Polachek e Siebert, 1994; Bielby e Baron, 1994) partem de uma visão estruturalista e biológica para explicar as escolhas ocupacionais diferenciadas por gênero, atribuindo ora ao funcionamento do mercado, ora a condições biológicas a distribuição ocupacional e as desvantagens femininas. Já a corrente interacionista (Dezin, 1993) afirma que a realidade se constitui a partir das experiências dos indivíduos em interação, que estão conectadas às representações culturais dessas experiências e não a fatores biológicos ou a condições materiais externas. Além disso, o fato de existirem ocupações às quais os homens se adaptam melhor, como caminhoneiro, e outras mais ocupadas por mulheres, tais como recepcionista e área de saúde, deveria gerar um valor aos gêneros nas ocupações, porém as ocupações com segregação feminina são desvalorizadas e quando um homem entra na área representa um diferencial. Nesse sentido, as desvantagens das mulheres com relação aos homens quanto à realização do status ocupacional foram construídas e são mantidas através dos significados que lhes são atribuídos socialmente.

Em detrimento das diferenças entre as diversas abordagens explicitadas anteriormente, é comum a todas pensar o gênero para compreender a maneira pela qual o poder e o domínio masculino se estabelecem como uma organização sexual hierárquica da sociedade nos espaços públicos (mercado de trabalho) e privados (família) (Costa, 2008; Scott, 1990).

Desse modo, o poder está arraigado nas relações sociais, culturais, econômicas, políticas e sexuais, não sendo algo que se adquire, arrebate, compartilhe ou guarde; o poder se exerce em meio a relações desiguais e móveis, mantendo-se imanentes a tais relações e não exteriores; é o efeito imediato das desigualdades e desequilíbrios que se produzem nas relações (econômicas, familiares, sexuais) e, reciprocamente, são as condições internas destas diferenciações (Foucault, 1999, p.89).

Assim, “[...] quando falamos das relações de gênero, estamos falando de poder[...]”, pois as relações existentes entre masculino e feminino são relações desiguais, assimétricas, nas quais a mulher está subjugada ao homem (Costa, 2008).

#### **2.4. Aspirações ocupacionais: condição socioeconômica, gênero, trabalho na adolescência e raça**

As pesquisas apresentadas nessa sessão, assim como a pesquisa que realizamos, possibilitam a experimentação empírica das teorias de Mead (1934), que tratam essencialmente da constituição social do *self*, definindo como elementos do social os “outros significantes” e “outro generalizado”, que geralmente são representados pelos pais e pelas normas sociais, respectivamente.

O estudo da associação entre aspirações ocupacionais dos indivíduos e expectativas dos pais (outros significantes) com a realização do status educacional e ocupacional operacionaliza a teoria do *self* de Mead e submerge no campo sociológico ao dar ênfase às questões de mobilidade social (origem social, herança socioeconômica) e gênero.

Assim, parte-se das relações micro entre pais e filhos para explicitar os mecanismos de desigualdade e estratificação da sociedade, que são explicitados através das expectativas sociais e culturais (outro generalizado) do contexto no qual as interações estão inseridas, bem como pela materialização das injustiças no contexto mais amplo.

Bryant, Zvonkovic e Reynolds (2006) demonstram que é principalmente na infância, quando a criança recebe mais influência dos pais do que na fase posterior, que transmitem informações sobre trabalho, de acordo com a realidade sócio-econômica da qual fazem parte, com base em um estudo teórico. A classe social e o nível de *stress* resultante do trabalho dos pais determinam o tempo que podem disponibilizar para a educação dos filhos e qualidade dos momentos de convívio. Os pais são os principais responsáveis pelo processo de desenvolvimento vocacional dos filhos, ao descobrirem suas habilidades, selecionarem ocupações e promoverem um plano para a realização das aspirações, mais do que a escola e amigos. “Pais realçam habilidades que os filhos apresentam, além de terem suas aspirações com relação aos filhos aumentadas, interagindo assim, pais e filhos em sincronia [...]”. (Tradução própria) (Bryant, Zvonkovic, Reynolds, 2006, s.p.).

Os autores explicam que pais que têm menor status sócio econômico e mães separadas têm menos flexibilidade de horários e mais *stress*, dedicando-se aos filhos e comunicando-se com eles menos, o que é fundamental para a formação desses. Os fatores que mais influenciam o papel dos pais são o trabalho, tipo de papel,

comportamento e status, o que garante a segurança dos filhos com relação ao nível de auto-realização e eficiência própria e o envolvimento dos filhos com os trabalhos dos pais. Diferenças étnico-culturais também influenciam, pois crianças que sofrem preconceito, por exemplo, podem tornar-se inseguras (Bryant, Zvonkovic, Reynolds, 2006).

Existem poucos estudos nacionais que abordam o tema aspirações ocupacionais, sendo a maioria da área de educação e rural. Um deles é o de Lang (1984), que em pesquisa com a população brasileira nota que a crença no esforço pessoal é um modo de justificação do sistema de classes. Essa crença no esforço pessoal consiste na atribuição da responsabilidade pelo lugar que ele ocupa dentro do sistema ocupacional a cada sujeito. Muñoz,<sup>11</sup> (apud Lang, 1984, p. 15-16), explica que o sistema de classes se auto-legitima pela mera facilidade de sua existência objetiva dentro da sociedade. “Esse fenômeno seria explicado pela teoria da ideologia como inversão da realidade, manifestando-se aqui uma inversão de ordem temporal na captação do processo histórico”, considerando determinadas características de uma sociedade como se estivessem sempre presentes nas fases históricas passadas e por isso nas futuras também, de modo que nega as mudanças no presente.

As raízes dos estudos de classes estão orientadas para o problema da desigualdade e de sua transmissão. Tanto Marx como Weber elaboram teorias de classe para explicar teoricamente como as ocupações podem estar localizadas dentro de uma estrutura de posições de classe e, através dessa estrutura, observa-se a estratificação social. A noção de classe está presente em toda a teoria de Marx como um antagonismo de interesses intrínsecos às relações de classes no modelo capitalista. Marx identificava duas classes polarizadas, capitalista e proletária ou proprietária e não proprietária dos meios de produção (Engels e Marx, 1999). Enquanto Weber define que uma situação de classes se caracteriza pela probabilidade típica de obter bens, alcançar posições na vida e encontrar satisfação própria, de modo que membros de uma classe têm chances de vida semelhantes. O mercado distribui as chances de vida segundo recursos diferenciados (propriedade, mas também credenciais – treinamento e qualificações), que no mercado obtêm recompensas também diferenciadas. A idéia de Weber é de que a posição de classe dos que não possuem propriedade é definida de acordo com o tipo de serviço que eles podem oferecer no mercado, destacando a crescente necessidade criada

---

<sup>11</sup> Muñoz, R., 1973, p. 21.

pelo processo de burocratização do capitalismo por qualificação e credenciamento (Weber, 1994, p. 199).

Como mecanismos para validação do sistema de classes atuam a crença no esforço pessoal e em contrapartida a crença de que a preguiça e a falta de esforço seriam fatores explicativos de posições distintas na estrutura de classes e a idéia de que a educação é critério diferenciador de classes, sendo, portanto, um fator necessário para ascender de uma classe à outra. Desse modo, a educação está localizada no começo de uma longa cadeia de fatores, cada um dos quais conduz à conquista do seguinte: através da instrução se consegue um determinado tipo de ocupação, que por sua vez permite a obtenção de uma melhor renda, rendimento este que é condição necessária para a aquisição ou utilização de bens e produtos que configurarão um melhor estilo de vida (Lang, 1984, p. 17-18).

Estes mecanismos de legitimação do sistema de classes fazem com que os sistemas de classes tendam a perdurar graças à adesão que lhes prestam seus membros, inclusive aqueles que estão em condições desfavoráveis e, ao contrário, deveriam buscar uma redefinição do sistema. Assim, justifica-se uma sociedade de desigualdades, a qual apresenta seus membros como “acidentes”, sendo produto de condições pessoais e não estruturais, de modo que o sucesso é visto como possível a todos que se qualificam para sua obtenção, graças a atributos pessoais e ao meio oferecido a todos pelo sistema, ou seja, a educação formal (Lang, 1984, p. 18-23).

A amostra do estudo de Lang foi composta com estudantes de São Paulo que cursavam a 8ª série do ensino médio, evidenciando que a posição na estrutura social é um fator determinante nas opiniões e aspirações dos sujeitos estudados. Para operacionalizar essa variável, a autora utilizou-se do nível sócio-econômico (NSE) e da posição do pai no sistema de relações sociais de produção. Os resultados demonstraram que os profissionais liberais (94%) e os empregados com poder de direção (60%) estavam, principalmente, no nível sócio econômico mais alto (NSE alto); enquanto os empregadores se encontram principalmente nos níveis médio e alto; e há 57,1% empregados sem poder de direção e 56,9% autônomos não liberais pertencentes ao estrato mais baixo. As opiniões e aspirações dos estudantes demonstraram haver uma correlação exata entre posição na estrutura e nível de aspirações. As aspirações dos filhos de empregados com poder de direção e de filhos de profissionais liberais se assemelharam se aproximando do NSE alto, enquanto as aspirações de filhos de empregadores sem poder de direção e de autônomos não liberais se aproximaram, por

outro lado. As aspirações dos filhos de empregadores variaram entre os níveis e não apresentou uma especificidade nos tipos de aspirações, ora se assemelhando a um grupo, ora a outro; o que a autora atribui ao porte do empreendimento do empregador (1984, p. 113-115).

A pesquisa de Ashby e Schoon (2010) se assemelha ao estudo que realizamos, pois os autores fizeram um estudo longitudinal, com dados coletados inicialmente em 1970 e por último em 2004. Os indivíduos nasceram em outubro de 1970 e foram utilizados os dados das entrevistas de 1986, quando os indivíduos tinham 16 anos de idade e, depois, em 2004, quando estavam com 34 anos, analisando a relação entre aspirações ocupacionais e realização do status e rendimentos na fase adulta da vida, observando as diferenças de gênero. Os dados são parcialmente representativos (muitos indivíduos desistiram ao longo do tempo) da população britânica e indicaram uma forte associação entre aqueles jovens que declararam ambicionar status ocupacional elevado e altos rendimentos na vida adulta. Além disso, as mulheres possuíam rendimentos inferiores aos homens, mesmo possuindo status educacional e ocupacional alto. Isso pode estar associado ao fato de que, embora quase todos os entrevistados estivessem trabalhando aos 34 anos de idade, 90% dos homens possuíam trabalhos de tempo integral, enquanto apenas 58% das mulheres estavam na mesma condição.

Aspirações educacionais dos pais e coorte de renda da família têm um papel importante nas aspirações de carreira, ambição e desempenho educacional dos adolescentes. Adolescentes oriundos de famílias com alto nível de renda demonstraram mais aspirações por trabalhos profissionais, interesses educacionais e melhor desempenho educacional. Os dados demonstraram uma diferença maior entre as aspirações de garotas oriundas de famílias com menos renda e com mais do que entre os garotos, que não apresentaram muitas diferenças em função do nível de renda da família. Entre meninos e meninas, ficou evidente que eles dão maior importância em ser desafiado, o que pode explicar porque eles apresentam objetivos mais altos, expressados em um alto nível de ambições, independente da origem socioeconômica. De modo geral, o nível de aspirações dos pais com relação aos resultados educacionais das filhas foi mais alto, quando os adolescentes tinham 16 anos de idade, porém, mesmo nesse caso, a elevação do desempenho educacional dos filhos homens refletiu em modificações mais intensas nas aspirações dos pais com relação a eles do que se as garotas apresentassem uma elevação do desempenho educacional (Ashby e Schoon, 2010, s/pag.).

A relação entre aspirações de carreira dos adolescentes e valor atribuído à variável ambição era um pouco mais forte para as mulheres do que para os homens, o que pode ser explicado pelo fato de as mulheres aprenderem desde cedo que, para serem bem sucedidas, não é suficiente apenas "sonharem alto", elas precisam se tornar boas profissionais quando chegarem lá (Ashby e Schoon, 2010, s/pag.). Esse achado corrobora com os dados coletados em 2009 (primeira coorte do estudo longitudinal). Naquela pesquisa, as meninas demonstraram, através dos gestos, expressões, entusiasmo e humor, ser menos empolgadas do que os meninos, o que foi interpretado como um nível de aspirações um pouco mais baixo (Sales, 2010), mas, a partir da pesquisa de Ashby e Schoon (2010), pode representar que elas têm os "pés no chão" mais do que os meninos.

Dessa forma, a hipótese da pesquisa britânica de que a realização do status social do adulto é influenciada pelo contexto familiar, aspirações de carreira na adolescência e educação aos 16 anos se confirmou para homens e mulheres. Enquanto isso, os ganhos de adultos foram influenciados pela renda familiar, valor atribuído à ambição do adolescente e desempenho escolar aos 16 anos, demonstrando o que é sabido pelo senso comum no que se refere à continuidade dos estudos e a ambição de ter cargos de gerência para atingir rendimentos mais altos (Ashby e Schoon, 2010, s/pag.).

A pesquisa de Beal e Crockett (2010, p. 259) também é longitudinal, seguindo a tradição dos estudos sobre aspirações e expectativas desde a pesquisa de Wisconsin. Os autores compararam as expectativas educacionais dos pais e aspirações educacionais de jovens com a realização educacional mais tarde (oito anos depois da primeira entrevista), através de regressões lineares múltiplas a partir de uma base com 317 casos de uma escola de uma região rural bem próxima a área urbana do estado do Nebraska nos EUA.

Os resultados dessa pesquisa demonstraram forte associação entre as aspirações e expectativas dos adolescentes e a realização educacional oito anos depois, atestando a importância das cognições orientadas para o futuro. Além disso, as atividades extracurriculares mediaram o impacto das expectativas educacionais e profissionais na realização educacional mais tarde, o que sugere que as expectativas operem em parte por motivar comportamentos relevantes (extracurriculares). Os autores interpretam os dados com base na literatura da área que pertence a pesquisa (psicologia cognitiva), considerando que as atividades extracurriculares estão relacionadas às cognições voltadas para o futuro (Beal e Crockett, 2010, p. 262), porém com base nas questões



investigadas na nossa pesquisa, pode-se associar as atividades extracurriculares como fator para atingir nível educacional mais elevado na vida adulta à herança socioeconômica e classe que o indivíduo pertence, uma vez que atividades como leitura, certas excursões, pesquisa, cursos de línguas, etc., demandam a participação dos pais e investimento econômico.

Outros dados relevantes são os de que outros comportamentos dos adolescentes, como trabalhar ou ser voluntário não servem como mediadores da realização educacional mais tarde, pois os adolescentes vêm as atividades de trabalho (empregos de tempo parcial) como uma forma de ganhar renda extra ao invés de caminhos para futuras ocupações (Beal e Crockett, 2010, p. 262), o que também está sendo problematizado nessa pesquisa, uma vez que um dos critérios para selecionar a amostra em 2009 foi a presença/ ausência de trabalho na adolescência, de modo que verificaremos como o trabalho influencia a realização educacional e ocupacional mais tarde. Halaby (2003) estuda a formação dos valores relacionados ao trabalho, investigando como o impacto da origem social, do gênero, outro significativo e habilidades cognitivas estrutura as preferências de emprego entre trabalhos para um perfil empreendedor e para um perfil burocrático. Assim, o autor realiza um estudo longitudinal, com os dados utilizados na pesquisa realizada em Wisconsin em 1957 e com novos dados, de 1992, observando na primeira coorte antes da entrada para a vida adulta e depois os valores de trabalho já formados. O autor toma a preferência ocupacional (empreendedora ou burocrática) como variável dependente em um modelo de regressão logística, no qual as variáveis independentes são gênero, escolaridade e ocupação dos pais, estrutura familiar (pais separados ou não, entre outras estruturas), influência do outro significativo, realização acadêmica e aspirações (Halaby, 2003, p. 260-263).

É importante esclarecer que o principal critério diferenciador dos perfis empreendedor e burocrático é o nível de aversão ao risco. O perfil empreendedor apresenta menos aversão ao risco e possibilidade de maiores rendimentos com o trabalho, enquanto o perfil burocrático busca segurança, estabilidade e boas condições na velhice. Os tipos de trabalho se diferenciam também no que se refere à rotina, que está mais presente nos trabalhos burocráticos (Halaby, 2003, p. 252-253).

Conforme o autor, questões importantes da vida adulta, como pagamento, autonomia e segurança são enraizadas com as dimensões familiares, educacionais e de gênero. As experiências dentro e fora do mercado de trabalho na vida adulta

influenciam bem menos do que família, escola, habilidades cognitivas e gênero, que formam as preferências do indivíduo, portanto suas aspirações. As condições sócio-econômicas da família, como renda, status e educação, além da realização pessoal dos pais e habilidades cognitivas necessárias ao seu trabalho, são os fatores que encorajam e incentivam a participação e desempenho dos filhos na escola e nível de aspirações (Halaby, 2003, p. 257).

Os resultados da pesquisa apontam como variáveis mais fortes significativamente as habilidades cognitivas e o gênero (ser homem), mas, no mesmo sentido que essas, mais anos de estudo, pais com níveis educacionais, status ocupacional e rendimentos mais altos, além do nível de influência dos outros significantes e aspirações mais altos favorecem para o desenvolvimento de um perfil empreendedor mais do que de valores burocráticos. O quadro convencional aloca altos pagamentos e estima entre valores como segurança e benefícios, que são valorizados por pessoas com menos escolaridade e de origens sociais menos favorecidas. Mas a evidência acumulada aqui aponta provisoriamente em uma direção diferente: uma preferência para o pagamento e estima fica ao lado da preferência por características intrínsecas como autonomia e variedade de atividades estando enraizadas em vantagens desfrutadas por motivo como origem social, capacidade cognitiva e gênero (Halaby, 2003, p. 275-276).

Esse estudo corrobora com a hipótese que está sendo levantada aqui de que o grau de associação entre as aspirações ocupacionais na adolescência e a realização do status ocupacional mais tarde varia ao considerar gênero, pois Halaby (2003) encontra resultados de que os homens apresentam um perfil empreendedor (menos aversão ao risco, ímpeto para alcançar posições mais altas) mais marcado; a partir do que se pode supor que o grau de associação entre o que um adolescente homem disse ser sua aspiração (por volta dos 17 anos de idade) e sua realização (por volta dos 22 anos) será mais alta do que para as mulheres, de modo que eles terão conseguido alcançar mais seus objetivos.

Assim como o estudo de Halaby (2003), o estudo abaixo evidencia diferenças entre homens e mulheres no que se refere aos valores de trabalho, embora Kaufman (2005) demonstre o crescimento das aspirações femininas com relação ao trabalho. O autor investiga através de uma pesquisa quantitativa as diferenças de gênero nas atitudes e expectativas futuras para jovens universitários americanos. A maioria dos homens e mulheres espera casar-se, ter filhos e trabalhar; e todos pensam que a mulher deve trabalhar. O que distingue homens e mulheres com relação às aspirações ocupacionais

refere-se à prioridade entre trabalho e família, ao número de horas trabalhadas, renda e participação nas despesas familiares.

A maior parte das mulheres trabalha e a maior parte do trabalho em casa é para elas, mas os homens costumam trabalhar mais horas fora de casa. No entanto, a responsabilidade de prover a família parece ser maior para os homens, pois eles apresentam maiores preocupações com relação às suas ocupações futuras. Kaufman encontra que estudantes universitários se interessam em constituir famílias, embora demorem mais para fazê-lo; 60% esperam casar-se e 51% querem ter filhos; as pessoas costumam casar-se por volta dos 26 anos de idade e têm filhos por volta dos 29 anos (2005, p. 58- 64).

As mulheres não esperam que possam dividir parte do trabalho de casa e do cuidado com as crianças, além disso, absorvem a idéia de que as mulheres devem priorizar a família, conseqüentemente tomam diferentes decisões quanto às suas carreiras do que os homens. Por isso, mulheres universitárias percebem que suas carreiras podem ser interrompidas pelas obrigações familiares. Foram encontradas mais mulheres liberais quanto a possíveis mudanças nas atitudes femininas; os homens são mais resistentes às idéias de que as mulheres trabalhem todo tempo; eles são mais propensos a acharem que suas esposas devam ficar em casa ao menos até que seus filhos estejam maiores (2005, p. 58-64).

Quanto à renda, entre as mulheres consideradas liberais, 22% poderiam sentir-se bem com seus esposos tendo renda mais alta; entre as tradicionais, 44% se sentiriam confortáveis com essa situação; enquanto entre os homens, poucos se sentiriam confortáveis com a situação inversa, que seria: terem esposas com salários mais altos. Mulheres mais liberais apresentam expectativas de carreiras mais elevadas e esperam trabalhar todo o tempo, enquanto as mais tradicionais pensam em combinar trabalho e família. Enquanto as mulheres mais liberais pretendem gastar mais horas com trabalho, os homens mais liberais pensam gastar mais tempo com a família. Os homens planejavam, em média, gastar 6,7 horas por semana de trabalho em casa, enquanto as mulheres pensavam gastar 9.9 horas; No trabalho fora de casa, os homens pensavam gastar 48,5 horas por semana e as mulheres 43 horas. Entre as mulheres, 13% esperam que seu esposo esteja em casa e entre os homens 47% esperavam que suas esposas estivessem em casa. Os dados indicam que o número de homens que quer suas esposas em casa é maior do que o número de mulheres que quer estar em casa. Por outro lado, o

número de homens que gostaria de estar em casa é maior do que o número de mulheres que gostaria que isso acontecesse (2005, p. 58-64).

O artigo *Urban Teenagers: Work and Dropout*, de Entwisle, Alexander e Olson (2005), apresenta dados de que adolescentes com 15 anos, que trabalham desenvolvendo atividades próprias às suas idades, apresentam um terço a menos de evasão escolar do que os da mesma idade, que tinham trabalhos com atividades próprias de adultos. Porém, a partir dos 16 anos, a evasão se torna igual para qualquer tipo de trabalho que realizem. Apesar da evasão estar correlacionada ao trabalho, entre estudantes pobres, aqueles que trabalham evadem menos. No entanto, a propensão à evasão aumenta com o passar dos anos (Entwisle, Alexander, Olson, 2005).

Esse estudo dá uma das contribuições mais importante para essa pesquisa ao verificar que adultos que trabalharam na adolescência estavam em melhores condições no mercado do que os demais. Os autores explicam que dentre os adolescentes pobres, aqueles que trabalham se tornam mais motivados para continuarem estudando e dedicando-se sem se envolverem com a criminalidade (Entwisle, Alexander, Olson, 2005).

Entwisle, Alexander e Olson (2005), a partir dos resultados encontrados, argumentaram que adultos que trabalharam na adolescência permaneceram mais tempo na escola e encontrava-se em melhores condições no mercado de trabalho. Os autores interpretam os dados, dizendo que aqueles que trabalhavam tiveram mais motivação para continuar na escola por estarem recebendo alguma remuneração (diante da condição de pobreza que vivia).

Podemos pensar também que uma possível explicação para o fato de adultos pobres que trabalharam quando adolescentes se encontrarem em uma melhor posição no mercado de trabalho, comparando com aqueles que não trabalharam, encontra-se no fato dessa população (com baixa renda) ocupar cargos no mercado de trabalho secundário, que valoriza mais a experiência do que credenciais. Para a Teoria da Segmentação do Mercado de Trabalho, a estrutura ocupacional funciona como um todo segmentado que possui preferências na seleção dos indivíduos ao ocuparem os postos de trabalho, de modo que, de acordo com as características do indivíduo, ele poderá ocupar determinado posto de trabalho. E uma dessas características é a classe do indivíduo que está correlacionada ao seu status ocupacional e, portanto, às suas possibilidades de emprego (Biagioni, 2006, p. 2-7).

Tomando a Teoria da Segmentação do Mercado de Trabalho e o fato de adolescentes que trabalham em programas sociais serem pertencentes a famílias em condição socioeconômica desfavorecida (pré-requisito para participação), eles ocupam os postos de trabalho no mercado secundário. Assim, contará mais para eles a experiência do que credenciais, de forma que além da motivação e do alento que encontram com o trabalho, poderão ser beneficiados também com a experiência no mercado.

Brito (2009) afirma que um dos principais aspectos explicativos da entrada da criança e do adolescente no mercado de trabalho é a história de trabalho dos pais, o que somado às orientações dos pais aos filhos explica essa inserção nas atividades de trabalho mesmo quando apresentam condições sócio-econômicas semelhantes (Brito, 2009, p. 61).

A correlação que fazem entre trabalho na adolescência e melhor inserção no mercado pode ser questionada ao se pensar que na relação entre maior dedicação aos estudos e realização ocupacional mais tarde. A partir disso, pode-se pensar na idéia contrária de que o trabalho seja um elemento que dificulte uma melhor trajetória ocupacional.

Besen (2006) apresenta resultado de pesquisa realizada com adolescentes que trabalham depois da aula. Os tipos de trabalhos que mais desenvolvem nessa fase são atendentes de lanchonete, *fast foods* e *Office boy*. O autor considera que, geralmente, são trabalhos monótonos, que não desenvolvem habilidades e atrofiam a criatividade. Além disso, as condições trabalhistas são inferiores para o adolescente, na maioria dos casos.

É importante demarcar a discussão a respeito do trabalho na adolescência no âmbito institucional/legal, procurando identificar as diretrizes das leis relacionadas e questionar a relação das normativas e os interesses relacionados.

A questão do trabalho infantil e do adolescente há muito tempo é tema de debate no campo dos direitos sociais. Porém, apenas em 1990 com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, que o Brasil se aproximou de uma possível garantia dos direitos fundamentais e no estabelecimento de deveres da família e do Estado para com a criança e o adolescente. O ECA foi amplamente aceito pela sociedade e cumpre seu papel de legislar o que é direito da criança e do adolescente, embora muitas ilegalidades continuem ocorrendo. No que tange ao trabalho da criança e

do adolescente, o ECA<sup>12</sup> proíbe o trabalho infantil, reforçando a Consolidação das Leis do trabalho, estabelecendo a idade mínima de 14 anos para ingresso na vida laboral como adolescente aprendiz (Brasil, 1990).

Desde o ECA, muito se discutiu no âmbito político a respeito da relação entre trabalho e adolescência. Grande parte das leis trabalhistas discutidas e aprovadas se volta para a questão do adolescente e do jovem<sup>13</sup>. Dentre as legislações criadas para regulamentar o trabalho do adolescente, destaca-se aqui a Lei nº 10.097 de 2000, que estabelece como condição para o trabalho do adolescente aprendiz o ensino profissionalizante na faixa etária entre 14 e 24 anos incompletos, além do critério de estar estudando. No período da realização da primeira etapa da coleta de dados, em 2009, parte da amostra trabalhava como jovem aprendiz e outra parte trabalhava em outro contexto, de classe média. De todo modo, o trabalho pareceu ser um fator positivo na vida dos sujeitos, pois esses estavam mais engajados com seus projetos e apresentavam tais projetos mais bem elaborados e o nível de aspirações ocupacionais era mais alto. No entanto, conforme Sales (2010), esse quadro não nos impede de indagar qual o interesse dos empregadores ao contratar esses jovens, se é por mão de obra barata. E questionar também o posicionamento do Governo ao autorizar essa negociação entre empresas visando lucro e jovens de baixa renda, que necessitam atender às próprias necessidades básicas e de sua família, encontrando como única alternativa o trabalho.

Cheng e Starks (2002) acrescentam idéias desenvolvidas a partir de pesquisas mais recentes da Psicologia Social sobre aspirações e raça. O processo pode adicionar como outros significantes ou atores importantes nessa formação, aqueles indivíduos que fazem parte da rede social da criança e do adolescente, influenciando suas formações. A partir disso, as maiores novidades das pesquisas nessa área têm apontado para o fato de que enquanto um ator é percebido como outro significativo para uma criança pode não ser por outras, de modo que, dependendo do contexto, os outros significantes podem ser outros membros da família ou da comunidade e não os pais (Cheng e Starks, 2002, p.307-308).

Segundo Cheng e Starks, dois grupos de variáveis têm sido utilizados para explicar a formação das expectativas educacionais dos jovens: características da família,

---

<sup>12</sup> Lei nº 8.069, Capítulo V, art. 60 ao art. 69.

<sup>13</sup> Em 2003, a Lei nº 10.748 cria o Programa nacional do Primeiro Emprego para jovens (PNPE). A Lei nº 11.129 institui o programa Projovem em 2005; e a Lei 11.180 cria o Programa de Educação Tutorial (PET) no mesmo ano. Recentemente, em 2007, a Lei nº 11.542 institui o Dia Nacional de Combate ao Trabalho Infantil.

tais como nível educacional dos pais e renda familiar; e outros significantes na relação com a criança e adolescente, como pais, professores e amigos. Considerando a primeira variável, define-se o padrão de socialização da criança estratificado em função do status sócio-econômico da família, o que está relacionado à segunda variável também, pois grupos sócio-econômicos diferentes apresentam diferentes padrões de relação com o outro significante (Cheng e Starks, 2002, p. 307).

Os autores apresentam evidências empíricas encontradas através de dados da base *National educational Longitudinal Study* (NELS), que é uma amostra representativa de toda a população dos EUA. Eles utilizam o *survey* de 1990 porque consideram as questões apropriadas para a investigação relacionada à realização acadêmica dos estudantes, à formação de aspirações e expectativas e a percepção de estudantes com relação àqueles que fazem parte da sua convivência. A variável elegida para controlar os resultados foi a de descendência ou características físicas como cor e traços que caracterizam os indivíduos, selecionando aqueles com descendência ou origem asiática, hispânica, africana e de brancos (Cheng e Starks, 2002, p. 310-311).

Através da análise dos dados do NELS, eles examinam as diferenças raciais dos outros significantes, o nível de aspirações e expectativas e os efeitos dos outros significantes nas expectativas dos estudantes. Estudantes minoritários, em face da discriminação, são mais influenciados por aqueles outros significantes da família que lhes demonstram maiores expectativas. Além disso, não é simplesmente por serem os pais que os estudantes estabelecem uma relação em que esse outro vai exercer a função de outro significante, pois depende de que o estudante sinta confiabilidade por parte da pessoa com relação às informações que transmite ao estudante e no que se refere ao seu nível educacional (Cheng e Starks, 2002, p. 321-322).

Independentemente do nível de aspirações que alguns pais têm pelos filhos, mães de descendentes de hispânicos e asiáticos e pais de descendentes de africanos têm menos influencia nas expectativas de seus filhos do que pais de estudantes brancos. O alto efeito das expectativas de outras pessoas da família e da comunidade sobre os estudantes com descendência africana e hispânica evidencia seu grau de importância. Essa influencia se dá inclusive no que tange a suprir recursos materiais e possibilita a construção de uma rede que promova algumas alternativas para indivíduos que se encontram em condição de desvantagem sócio-econômica. Cheng e Starks (2002) apresentam evidências de que aqueles com descendência asiática e indivíduos brancos

tendem a perceber maiores aspirações por parte de seus professores e amigos do que aqueles com descendência hispânica e africana (Cheng e Starks, 2002, p. 322).

Assim, os autores concluem que o nível de expectativa dos pais e demais outros significantes nem sempre se traduzem nas aspirações dos jovens, não havendo uma correlação exata, pois diferentes fatores da relação com os outros significantes aliados às características sociais (etnia, condição sócio-econômica, etc.) influenciam a constituição das aspirações dos jovens (Cheng e Starks, 2002, p. 322).

Com base nesses resultados, a hipótese de influência dos pais como outros significantes pode ser discutida, dando subsídio para possíveis interpretações caso essa hipótese não seja confirmada, pensando que aqueles pais que transmitem confiança (auto-realização, status ocupacional) para os filhos costumam exercer o papel de outro significante mais frequentemente; e que, portanto, os pais com condição socioeconômica mais alta são mais elegidos como outro significante.

Outro estudo nacional que aborda aspirações ocupacionais e raça é o de Jesus (2006). Jesus investigou o processo social de construção das expectativas e aspirações educacionais e ocupacionais de jovens estudantes negros e brancos de Belo Horizonte, comparando as aspirações desses. O autor ressalta que a análise de tal processo deve considerar uma multidimensionalidade de fatores, como características sócio-econômicas e sócio-psicológicas (Jesus, 2006, p. 1).

Através de métodos quantitativos, evidenciou-se que de um modo geral as aspirações ocupacionais dos estudantes são bastante otimistas, pois boa parte deseja ocupar, aos trinta anos de idade, ocupações de alto prestígio social e com alta exigência de escolaridade. Ainda assim, os estudantes brancos apresentam aspirações ocupacionais mais otimistas do que os estudantes negros. O autor compreende que essa descrença do negro como capaz de ocupar cargos com status mais alto resulta da herança ocupacional e escravocrata do negro. Jesus (2006) observa também que, de modo geral, as aspirações foram demasiadamente otimistas frente à realidade ocupacional da sociedade brasileira, o que ele atribui à falsa crença na fluidez social e na idéia de igualdade formal legitimada por sua presença na constituição brasileira (2006, p.113-115).

Porém, as tabelas apresentadas demonstraram que a escolaridade dos pais, bem como o status sócio-econômico dos estudantes negros, decresceu proporcionalmente ao crescimento da presença dos brancos em escalas mais altas. No modelo de regressão linear sugerido (variáveis independentes: situação sócio-econômica da família, situação



escolar, sexo do respondente, percepção do professor a respeito do desempenho escolar e raça), a variável raça representa 0,6 pontos de explicação da variância das aspirações ocupacionais, enquanto o modelo explicava 5,6% da variação das aspirações ocupacionais e a presença de mais negros nas classes mais baixas evidencia forte desigualdade racial (2006, p.105-111).

A dissertação de mestrado de Sales (2010), conforme foi explicitado na introdução, também explorou a mesma base de dados utilizada por Jesus (2006), encontrando resultados quantitativos semelhantes, aspirações ocupacionais altas mesmo entre aqueles que eram oriundos de estratos socioeconômicos mais baixos. No entanto, os resultados qualitativos possibilitaram identificar o nível de aspirações mais profundamente, uma vez que outros fatores além da ocupação almejada (ocupações, profissões e cargos) estão associados ao nível de aspirações, como entusiasmo e motivação, identificados nos gestos, tom de voz, expressão facial, nível de informações que possuem a respeito do cargo desejado e metas em execução para atingir o projeto, por exemplo, o que só é possível captar na investigação qualitativa.

Assim, o quadro de desigualdades sociais ainda se expressa nos sonhos e aspirações dos jovens, que embora possam afirmar que desejam tornar-se médicos, engenheiros ou advogados, quase sempre se contradizem quando a “conversa” se aprofunda, indicando a dúvida ou a percepção das barreiras sociais imensas que se interpõem aos seus projetos; isso não pode deixar de inquietar nem os pesquisadores mais imbuídos na neutralidade metodológica, pois a desigualdade de oportunidades é evidente mesmo quando o sujeito se destaca no trabalho, nos estudos e na família, mesmo quando a sua presença é extremamente marcante e demonstra grande entusiasmo ao falar das suas aspirações.

## ***2.5. Gênero e realização do status ocupacional***

As relações de trabalho sempre foram assimétricas quando se considera o gênero dos indivíduos, de modo que a divisão sexual do trabalho é marcada por uma hierarquia na qual as mulheres estão submetidas à dominação masculina. No entanto, a categoria trabalho/produção se relaciona diretamente com a categoria família/reprodução, pois as questões que envolvem a origem da divisão assimétrica do trabalho são as mesmas que

envolvem a hierarquia nas relações no interior da família e, geralmente, essas se interpenetram. Nessa discussão, será difícil definir o que é causa e o que é consequência de tal assimetria, mas, a partir de algumas leituras, é possível descrever o processo de divisão sexual do trabalho, considerando os argumentos da Biologia e as explicações que contrapõem tais ideias, além da possibilidade de apresentar o processo de precarização e marginalização das ocupações femininas, ao longo da história.

Mies (1988, p. 67-68) adverte a idéia de que não é possível estudar a origem da divisão sexual do trabalho porque não há informações sobre esse momento histórico, afirmando que essa proposição é uma estratégia machista para manter a desigualdade, pois, para ela, é importante estudar a desigualdade para superá-la.

Frequentemente, o conceito de natureza tem sido utilizado para explicar a divisão sexual assimétrica do trabalho com base nas diferenças biológicas entre homens e mulheres. Considera-se que é natural das mulheres o cuidado com os filhos, o que envolve a dedicação às atividades domésticas, porém essa idéia pode ser um tanto controversa, uma vez que no contexto capitalista tais atividades não podem ser definidas como trabalho, pois não são atividades remuneradas.

Assim, o conceito de trabalho no contexto capitalista é reservado ao trabalho masculino, que produz mais valia. (...) Os instrumentos do trabalho ou os meios físicos da produção implicitamente se referem a esse conceito, sendo os instrumentos do trabalho as mãos e a cabeça, mas nunca o útero e os seios da mulher, de modo que não somente mulheres e homens são definidos diferentemente em sua interação com a natureza, mas o corpo humano é dividido em partes verdadeiramente humanas (mãos e cabeça) e naturais ou partes puramente animais (genitália, útero, etc.)... (Tradução própria, Mies, 1988, p. 69).

Observa-se que a visão da divisão sexual do trabalho apresentada na citação acima é permeada pela perspectiva do contexto capitalista, que se interessa somente por aquelas partes do corpo humano que são utilizadas diretamente como instrumentos de trabalho ou como extensão das máquinas na produção de mais valia. As diferenças naturais entre homens e mulheres em suas relações com a natureza são tomadas para explicar a divisão sexual do trabalho como algo natural, porém tornam a hierarquia e a dominação masculina invisíveis diante das mudanças ocorridas posteriormente ao estado de natureza no qual as relações surgiram primordialmente.

Então a autora questiona como a divisão do trabalho se tornou uma relação de dominação e exploração e por que esse relacionamento é assimétrico e hierárquico, apontando como resposta o surgimento do conceito materialista de natureza, família e mulher. Esse conceito considera apenas as relações concretas entre homens e mulheres e entre eles e a natureza, desconsiderando a dimensão psicológica relacionada à história dessas relações. A mulher produz a criança e o seu alimento, no entanto há uma consciência no processo que o torna trabalho, sendo resultado de uma construção social, que pode ser definida como divisão social do trabalho. Assim, a reflexão sobre a experiência corporal e os métodos de controle da reprodução, bem como os abortos indicam os aspectos humanos e sociais da divisão sexual do trabalho (Mies, 1988, p. 70-74).

Mies (1988, p. 78-79) remonta a primeira divisão social do trabalho entre homens e mulheres, afirmando que a produtividade feminina é pré-condição para toda a produtividade humana, não somente no sentido de que são sempre elas que produzem os novos homens e mulheres com a participação externa do homem, mas porque na primeira forma de divisão social do trabalho as mulheres eram coletoras e os homens predominantemente caçadores, de modo que a produtividade feminina consistia em fornecer a subsistência diária, garantindo a sobrevivência de todo o clã ou bando.

A tecnologia utilizada na produção feminina desenvolveu-se, evoluindo para os trabalhos da agricultura, enquanto a tecnologia utilizada pelos caçadores permanece a mesma da idade da pedra naquelas sociedades que ainda vivem utilizando um modo de produção rudimentar, como há alguns países na África. O modo de se apropriar das substâncias da natureza, nesse caso, pode ser caracterizado como um trabalho de cooperação entre coletores e um de dominação entre caçadores, que utilizavam armas no seu trabalho. A tecnologia utilizada pelos caçadores implica somente em possibilidade de estabelecer relações de dominação e exploração entre homens e natureza, entre o homem e a mulher e entre os próprios homens, pois a produção dos homens não era suficiente para assegurar a sobrevivência, dependendo da mulher. Porém, a mulher era caracterizada por certa fragilidade física, necessitando da proteção masculina (Mies, 1988, p. 82-83).

A partir da caça derivou-se outra forma de produção, domesticar os animais, desenvolvida pelos pastores, que eram nômades, de modo que a subsistência do clã permanecia sob a responsabilidade das mulheres, embora a economia pastoril fosse patriarcal, tendo o pai como dominador nas relações, principalmente entre homens e

mulheres. Por outro lado, os dados não sugerem haver dominação na agricultura, nem relações de exploração entre homens e mulheres. Porém, a junção entre economia pastoril e agricultura forma a economia doméstica, estruturada política e economicamente sob o poder das armas, que foram utilizadas como símbolo do poder dos homens sob as mulheres e crianças, bem como sob outros homens (Mies, 1988, p. 83-84).

Desse modo, em uma relação dialética que transforma e mantém, o modo de produção está mudando ao longo da história, mas mantém o controle masculino e a divisão sexual do trabalho, indicando o papel central das armas no controle dos homens sob as mulheres na divisão sexual do trabalho. Inicialmente, o modo de produção estava baseado no paradigma coletor/caçador, em seguida na acumulação do capital, no qual foram desenvolvidas as mais sofisticadas formas de produzir, tendo o homem com o papel central de poder na produção industrial, mas vale mencionar que no coração desse paradigma está a questão de não produzir e sim de se apropriar e consumir o que outros têm produzido (Mies, 1988, p.86-92).

Há algumas hipóteses para explicar a participação da força de trabalho feminina no processo de desenvolvimento do capitalismo industrial, como a da marginalização da força de trabalho feminina na industrialização capitalista e a da força de trabalho feminina como parte do exército industrial de reserva, um grupo mobilizável ou desmobilizável segundo as necessidades da industrialização capitalista (Lobo, 2011, p. 151)

A marginalização da força de trabalho feminina coincide com a idéia de marginalização social das mulheres, de modo que se questiona a relação entre desqualificação do trabalho – desqualificação da força de trabalho – feminização, de modo que não se sabe se o trabalho se torna desvalorizado porque é desenvolvido por mulheres ou se aqueles menos valorizados são os que sobram para as mulheres. Assim, pode-se apontar a feminização de setores e tarefas como parte de uma estratégia de barateamento dos custos da força de trabalho adotada pelo capitalismo industrial. No entanto, a idéia de que a divisão sexual do trabalho é uma expressão de qualidades naturais de homens e mulheres, que sustenta tal estratégia mercantil é relativizada por algumas evidências históricas. Durante as duas grandes guerras mundiais, por exemplo, nos Estados Unidos e na Europa, as tarefas masculinas na indústria foram preenchidas pelas mulheres quase que integralmente, por necessidades estratégicas. “[...] terminada a guerra, a volta ao status anterior foi realizada obedecendo a razões sociais e não

propriamente técnicas.” (Lobo, 2011, p. 152-154). Desse modo, o que se considera qualidades naturais são representações de qualidades naturais, desconsiderando-se o treinamento informal.

A partir da discussão em torno da divisão sexual do trabalho, pode-se pensar a questão da herança socioeconômica apresentada na pesquisa que ora está sendo realizada, observando que o processo de precarização dos trabalhos desenvolvidos por mulheres delimita o repertório de ocupações e, portanto, o status ocupacional que possuem. Desse modo, mesmo com alta escolaridade, suas ocupações e rendimentos serão definidos mais pelo processo de divisão sexual do trabalho do que pela condição socioeconômica dos seus pais. Enquanto os homens herdaram o status socioeconômico dos pais diretamente, uma vez que a divisão sexual do trabalho induz as famílias a se preocuparem mais com os filhos homens no que se refere a conseguir trabalhos que produzam renda para esses e com as mulheres no que se refere à aquisição de habilidade doméstica, bem como os homens são preparados para sustentar uma família diferente das mulheres, que são preparadas para não dependerem economicamente dos esposos, quando não são preparadas para se casarem.

Assim, pode-se explicar a diferenciação da herança socioeconômica entre homens e mulheres com base na origem da divisão sexual do trabalho, que está fundada na questão da reprodução, pois, por muito tempo, as famílias se mantiveram voltadas para o encaminhamento dos filhos homens para o trabalho e das mulheres para o cuidado com os filhos e afazeres domésticos. Conseqüentemente, os homens herdaram o status socioeconômico da família, enquanto as mulheres adquirem o status socioeconômico dos seus esposos, pois a estrutura social patriarcalista produz famílias marcadas pelo status socioeconômico dos homens e, continuamente, reproduz tal status através dos homens daquela família.

A partir da conjuntura indicada acima, as investigações sociológicas sobre status socioeconômico e gênero deparam-se com um problema metodológico: considerar a participação feminina no mercado de trabalho e os seus rendimentos - separadamente da família - para definir seu status ocupacional ou tomar a posição socioeconômica da família como um todo. Nessa pesquisa, uma das questões abordadas trata da realização do status ocupacional dos indivíduos, de modo que a posição metodológica já está dada, uma vez que a atenção não está voltada para a classe que o indivíduo pertence e sim o seu status ocupacional. No entanto, faz-se necessário expor a perspectiva que analisa o

status socioeconômico das mulheres a partir do agregado familiar em contraposição àqueles estudos que tomam a participação dos indivíduos isoladamente.

Para Costa Ribeiro (2007), a crescente entrada das mulheres no mercado de trabalho pago nas sociedades industriais, a partir da década de sessenta, impôs sérios limites aos estudos de estratificação e as análises de classe. Para realizar suas análises, o autor toma a família como unidade básica de estratificação, partindo da perspectiva convencional (p.210-212), que, como explica Crompton, representa a análise por emprego agregado, seguidas por Goldthorp e Wright, que são

[...] esquemas de estratificação baseados no emprego assalariado e que chamam relacionais, ou seja, não as categorias classificatórias do senso comum como as que contam dos registros oficiais, mas antes esquemas que espelham a realidade efetiva das relações sócio-econômicas (Crompton, 1997, p. 25-27).

Essa descrição parte das evidências de segregação por gênero no emprego, da concentração de homens e mulheres em determinadas ocupações, que torna impossível um esquema de classe que colocasse homens e mulheres em pé de igualdade. Assim, desconsideram-se as diferenças entre homens e mulheres e toma o agregado como unidade de análise e por isso a renda do homem como a principal.

O autor explica que essas idéias ficam muito mais claras nos estudos de desigualdade de renda e pobreza do que nos estudos de desigualdade de classe, pois no “[...] estudo da distribuição de renda em uma determinada sociedade, deve-se considerar a renda familiar per capita, não a renda individual, porque só assim é possível derivar a distribuição do padrão de consumo e bem-estar[...] ” (Ribeiro, 2007, p. 210-212). Não seria possível somar uma posição de, por exemplo, advogado de um homem com a de secretária da esposa, considera-se a do esposo, que é geralmente mais alta e, de fato, a família mantém um único padrão de consumo, chances de vida e bem-estar, enquanto naquelas famílias que a esposa tem status ocupacional mais alto, esse deve ser utilizado para definir a posição de classe da unidade. Outra posição é de que cada indivíduo deve ter uma posição de classe direta, derivada do seu trabalho e outra que advém da posição de classe dominante no domicílio.

O autor confirma a hipótese de que o estudo da estrutura de classe considerando a posição ocupacional masculina apenas é bastante realista uma vez que pelo menos dois terços das mulheres não têm sua posição de classe definida diretamente por sua ocupação. Apesar do aumento que houve da participação feminina no mercado de

trabalho como consequência da ampliação do setor de serviços que ocorreu ao longo da segunda metade do século XX, sua inserção, além de reduzida, geralmente, destina-se a ocupações inferiores às dos maridos, de modo que é a ocupação desses que define sua posição de classe (2007, p. 14-17).

Embora seja um fato que as mulheres usufruem de uma qualidade de vida mais elevada devido ao status ocupacional dos maridos, como está descrito acima, nessa pesquisa, será objeto de investigação a participação feminina no mercado de trabalho, uma vez que esse fenômeno pode gerar não apenas qualidade de vida para as mulheres, mas autonomia, além de realização, poder e prestígio pessoal.

No entanto, em trabalhos mais recentes (2010, 2011, 2012), o autor analisou a mobilidade social por meio de modelos log-lineares (estes modelos estimam o padrão e a força da associação estatística entre origem e destino de classe), no período de quatro décadas no Brasil, separadamente para homens e mulheres, sem fazer uma comparação direta entre eles, o que demonstra uma posição metodológica com relação ao gênero diferente dos estudos citados acima. Os resultados apresentam uma maior fluidez social, bem como menor desigualdade de acesso à educação nos últimos anos, pois a taxa de associação entre origem e destino diminuiu 19% para os homens e 25% para as mulheres entre 1973 e 2008, enquanto entre 1996 e 2008 houve uma redução relevante da desigualdade de oportunidades no sistema educacional (Ribeiro, 2012, s. p.).

Para analisar a relação entre mobilidade de classes e gênero, Costa Ribeiro (2005, p. 180-181) combinou posição na divisão do trabalho e títulos ocupacionais para agrupar os indivíduos em três grupos de classe, além de um grupo de pessoas fora do mercado de trabalho<sup>14</sup>. Os procedimentos adotados para tratar desse tema foram estatísticas descritivas ou percentuais para descrever as distribuições e modelos log-lineares para desvendar os padrões de associação entre classes de origem e destino.

Alguns objetivos dessas análises dos padrões de mobilidade intergeracional entre pais ou mães e seus filhos ou filhas foram delinear diferenças de gênero nas posições de classe e verificar o efeito relativo das origens de classe e da diferença de gênero na determinação das chances de mobilidade social. Para tanto, o interesse esteve voltado para a posição de classe direta de homens e mulheres casados. A descrição da

---

<sup>14</sup> 1- Profissionais, administradores e pequenos empregadores (médias educacional e de renda altas);  
2 - Trabalhadores não manuais de rotina (pessoal de escritório e do comércio);  
3 -Trabalhadores manuais (estivadores, operários da indústria, trabalhadores rurais, etc);  
4 – Esse grupo não constitui uma classe social (pessoas que estão fora do mercado de trabalho: desempregados e donas de casa).

posição de classe de homens e mulheres em casais em que ambos estão no mercado de trabalho, fica claro que a classe de trabalho manual contém mais homens (67% dos homens e 59% das mulheres) e a classe de rotina não manual contém mais mulheres (27% das mulheres e 20% dos homens). Considerando esses casais, 14% de homens e de mulheres estavam na classe dos profissionais. Quando se considerou os casais em que apenas um estava no mercado de trabalho, todas as classes tiveram uma porcentagem maior de homens. Esses dados demonstraram que certas ocupações são tipicamente desempenhadas por mulheres, enquanto outras são destinadas a homens como caminhoneiro ou estivadores que em geral são homens enquanto manicure e telefonista são ocupações desempenhadas na maioria das vezes por mulheres (Costa Ribeiro, 2005, p. 181-183).

As taxas absolutas de mobilidade social para homens e mulheres casados em relação a seus pais e mães indicam que 20% dos homens tiveram mobilidade ascendente em relação a seus pais e 10% em relação a suas mães, ao passo que 16% das mulheres tiveram mobilidade ascendente em relação a seus pais e 8% em relação a suas mães. Embora os dados indiquem que os homens têm mais chances de mobilidade ascendente, essa interpretação muda quando se observam os dados para os casais em que ambos os cônjuges estão no mercado de trabalho: 22% dos homens casados com mulheres que estão no mercado de trabalho tiveram mobilidade ascendente em relação a seus pais e 29% em relação a suas mães. Entre as mulheres que estão no mercado de trabalho, 38% tiveram mobilidade ascendente em relação a seus pais e 32% em relação a suas mães (Costa Ribeiro, 2005, p. 184-185).

Para verificar se os padrões de mobilidade de homens e mulheres com origem na mesma classe são distintos é preciso lançar mão de modelos estatísticos mais complexos. O autor apresenta os resultados do ajuste de três modelos log-lineares em quatro tabelas de mobilidade<sup>15</sup>. O primeiro modelo é o de mobilidade perfeita (que testa a hipótese de que as classes de origem não são relevantes para explicar as chances de mobilidade das pessoas); o segundo é o de associação constante (o impacto da origem de classe nas chances de mobilidade é o mesmo para homens e mulheres com a mesma origem de classe); e o terceiro modelo testa a hipótese de que homens e mulheres com a

---

<sup>15</sup>1- Tabela cruzando três classes de pais com três classes de destino para homens e mulheres de casais em que ambos trabalham; 2- Tabela cruzando três classes de mães com três classes de destino para homens e mulheres de casais em que ambos trabalham; 3- Tabela cruzando três classes de pais com três classes de destino para homens e mulheres de todos os casais; 4- Tabela cruzando três classes de mães com três classes de destino para homens e mulheres de todos os casais.



mesma origem de classe têm chances diferentes de mobilidade social. O ajuste desses três modelos às quatro tabelas de mobilidade descritas demonstra que o segundo é o que melhor se ajusta a todas as tabelas, de modo que se pode afirmar que homens e mulheres com a mesma origem de classe têm as mesmas chances de mobilidade, sendo o gênero indiferente (Costa Ribeiro, 2005, p. 185-186).

As frequências esperadas, derivadas de cada um desses modelos, permitem comparar as chances relativas de mobilidade social de homens e mulheres levando-se em conta sua classe de origem, medida ora pela classe do pai, ora pela da mãe. Os homens e mulheres cujas mães estão na classe dos profissionais e pequenos proprietários têm 12 vezes mais chances de permanecer nesta classe e não descer para a classe dos trabalhadores manuais do que os homens e mulheres cujas mães estão na classe dos trabalhadores manuais. Essa situação não muda muito quando se considera a classe dos pais, em vez da das mães. Essas chances relativas confirmam que há muita desigualdade de oportunidades de mobilidade social entre pessoas com origens de classe distintas, mas não há desigualdade entre homens e mulheres na distribuição dessas oportunidades. Assim, concluiu-se que as chances relativas de mobilidade social são determinantes antes pela classe de origem do que pelo gênero das pessoas (Costa Ribeiro, 2005, p. 186-187).

A principal contribuição desse trabalho para esse estudo é a evidência de que o efeito da herança socioeconômica é menor na determinação do status ocupacional das mulheres do que na determinação do status ocupacional dos homens. A hipótese de associação constante, testada pelo autor citado acima, apontou que não há diferença de chances de mobilidade social entre homens e mulheres com a mesma classe de origem, o que diverge da idéia de que a herança é menor para as mulheres. No entanto, a amostra do autor foi composta por indivíduos casados, de modo que em uma amostra também nacional que considere todos os indivíduos adultos, podem-se encontrar resultados diferentes. Já Aguiar, Fernandes e Neves (2007) apresentam dados da população da região metropolitana de Belo Horizonte que testam a hipótese descrita acima e diferente do que indica a hipótese da associação constante, evidencia-se que o efeito da herança sócio-econômica é menor na determinação do status ocupacional das mulheres. Mas Aguiar, Fernandes e Neves (2007) consideraram uma amostra da região metropolitana de Belo Horizonte. Assim, pode-se testar a hipótese com os dois critérios para o recorte da amostra, de modo que seja possível discutir melhor a questão. Outro ponto divergente entre esses dois estudos que é apontado por Aguiar, Fernandes e

Neves está na composição das classes, pois o estudo de Costa Ribeiro (2005) agrupou donas de casa com desempregados, de modo que formaram um quarto grupo, ficando excluídos de certa forma. Enquanto esses autores analisaram a condição de dona de casa separadamente, considerando que a dona de casa pode provir de vários estratos sociais de modo que não será bom atribuir-lhe um único status socioeconômico.

Os autores analisam as diferentes formas de inserção das mulheres no mercado de trabalho, comparando com os padrões de mobilidade masculina. O modelo para análise de regressão múltipla empregou as seguintes variáveis: status socioeconômico do pai, status socioeconômico da mãe, variável indicadora da situação de dona de casa, sexo e variável independente: índice socioeconômico dos entrevistados. Os resultados apresentados sobre a determinação do status socioeconômico evidenciam que a cada ano a mais de educação atingido pelos sujeitos, há um aumento líquido de 1,47 pontos na escala de status socioeconômico. Já a cada ponto de elevação no status socioeconômico do pai, há um aumento de apenas 0,2 pontos no alcance socioeconômico dos filhos e filhas. Enquanto ser do sexo masculino acrescenta quase 4 pontos em seu alcance socioeconômico (Aguiar, Fernandes e Neves, 2007, p. 165- 171).

Os autores afirmam que a educação apresenta um efeito um pouco maior na determinação do status socioeconômico das mulheres, ao mesmo tempo em que as mulheres dependem menos do status ocupacional de seus pais, o que quer dizer que as mulheres dependem menos de sua origem socioeconômica no status ocupacional que alcançam do que os homens e a educação tem um peso maior nesse alcance (Aguiar, Fernandes e Neves, 2007, p. 178).

Os autores interpretam os dados dizendo que possivelmente os pais se preocupam mais em assegurar a posição social dos filhos, garantindo suas futuras funções enquanto provedores; enquanto as carreiras femininas dependem bem mais do investimento que elas próprias realizam em educação. No entanto, o status socioeconômico e nível educacional dos pais aparecem como determinante do alcance educacional feminino, pois garantem a educação feminina (Aguiar, Fernandes e Neves, 2007, p. 171 - 179).

É interessante notar que a herança educacional da mãe é um pouco mais importante na determinação do alcance educacional do filho do que da filha, enquanto a herança educacional do pai é mais importante no alcance educacional da filha (Aguiar, Fernandes e Neves, 2007, p. 177-178). De todo modo, evidencia-se que a fluidez social

ainda está longe de alcançar seu ideal, uma vez que a herança socioeconômica está associada aos destinos dos indivíduos.

Celi Scalon (1999, p. 141) se aproxima do trabalho supracitado, encontrando alguns resultados semelhantes. A autora realiza um trabalho no qual procura estabelecer um modelo de mobilidade para o Brasil, a partir dos dados da PNAD de 1988, que expresse a estrutura social, segundo seu grau de fluidez e rigidez nos diversos estratos, considerando gênero. Ela utiliza o modelo topológico para realizar análises que mapearam as distâncias entre estratos que revelam as barreiras na estrutura social através de técnicas log-lineares.

Inicialmente, os modelos foram aplicados considerando a população masculina com idade entre 20 e 64 anos para testar a hipótese de mobilidade perfeita, que supõe que a origem dos indivíduos em uma população não está associada ao seu destino. Essa hipótese foi rejeitada, uma vez que a população brasileira se caracteriza por um grau de fechamento social, principalmente no que se refere à mobilidade de longa distância e a imobilidade daqueles que pertencem ao setor rural, além da clara divisão entre os setores manuais e não manuais. As taxas relativas mostraram os resultados mais interessantes, evidenciando a desigualdade da mobilidade social no Brasil, que apresenta uma maior imobilidade das classes superiores para sofrerem mobilidade descendente do que as demais classes, da mesma forma que a mobilidade ascendente é mais difícil para os estratos mais desfavorecidos, o que demonstra haver uma elite extremamente fechada na população brasileira (Celi Scalon, 1999, p. 148).

Em seguida, o mesmo modelo foi aplicado para os dados relativos à força de trabalho feminina, testando se o modelo de fluidez definido ajusta também para as mulheres. O modelo se ajustou rejeitando a hipótese de que os padrões de mobilidade das mulheres exigem a construção de um modelo específico. No entanto, há diferenças relativas entre homens e mulheres tanto na alocação em posições da estrutura social quanto no padrão de mobilidade total. Por exemplo, a presença das mulheres no setor não manual de rotina se destaca seja nas melhores chances de as mulheres com origem nesse setor alcançarem posições na administração e gerência e na pequena burguesia, seja nas chances mais favoráveis daquelas que têm origens em setores mais baixos (conta própria e manual qualificado) de ultrapassarem para o não manual. Em oposição, filhas de administradores e proprietários urbanos apresentam maior fluidez para estratos de destino nos setores manual não-qualificado e pequena burguesia. Nota-se também o

maior fechamento para a entrada das mulheres no já restrito setor de trabalhadores rurais (Celi Scalon, 1999, p. 152-154).

Com relação à hipótese de herança socioeconômica que está sendo discutida nessa pesquisa, a autora aponta que ora a reprodução do estrato do pai pelas filhas se dá em menor escala, como no caso dos pais que estavam na indústria moderna e no setor de serviços, ora a herança é maior, como das posições no manual não-qualificado. Embora o padrão de mobilidade feminina reproduza aquele já observado nas razões de chances calculadas para os homens, as desigualdades de oportunidades parecem ser menores para a força de trabalho feminina no que se refere às chances relativas de mobilidade. Isso não impede afirmar que a mobilidade, em taxas absolutas, expressa uma condição desfavorável para as mulheres e ainda deve-se chamar atenção para o fato de que as mulheres ocupam posições menos privilegiadas do que os homens (Celi Scalon, 1999, 154-157).

Então, pode-se dizer que as mulheres fluem mais do que os homens, mas não apenas de modo ascendente e que essa fluidez pode significar que as mulheres têm menos estabilidade, o que pode favorecê-la como pode ser desvantajoso. Essa menor herança do status paterno pode ser explicada pela menor preocupação dos pais com relação à carreira das filhas, como indicaram Aguiar, Fernandes e Neves (2007) e Costa Ribeiro (2005), mas pode ser explicada também pelo fato das mulheres adquirirem outra expectativa ocupacional ao se casarem. A partir disso, será importante testar se a hipótese de mobilidade feminina é maior entre as mulheres casadas do que entre as solteiras, observando também se essa mobilidade, caso aconteça, é ascendente ou descendente, o que não foi estudado pelos autores acima, uma vez que Costa Ribeiro (2005) embora aponte que há mais mobilidade social ascendente entre as mulheres casadas com relação aos maridos, ele não considera as mulheres solteiras; enquanto Aguiar, Fernandes e Neves (2007) não consideram o status civil dos indivíduos assim como Celi Scalon (1999). Costa Ribeiro (2007; 2005) abordou o tema da mobilidade via casamento em mais de um trabalho, porém, como foi dito acima, considerando apenas as mulheres casadas, comparando o efeito dessa mobilidade com as demais, via educação e a herança do status socioeconômico dos pais.

Já Saraiva (1993), como Aguiar, Fernandes e Neves (2007), estuda a participação feminina no mercado de trabalho, considerando, portanto, sua posição de classe direta e elege o status de casada como uma variável de análise, como fizemos

nessa pesquisa. Então, foi possível avaliar as mudanças que ocorreram ao longo do tempo, uma vez que os dados considerados pelo autor são da PNAD de 1973.

Saraiva (1993) selecionou o status de casada, nível educacional, idade e residência rural ou urbana para estudar a variável depende participação da mulher na força de trabalho através de modelos de regressão logística que considerou quatro níveis de desenvolvimento industrial para o Brasil, desde área somente agrícola até a região centro-sul como o centro industrial paulista no ano 73. O autor procurou observar se a hipótese de declínio da participação feminina no mercado no início da industrialização, que é amplamente aceita pela literatura, confirma-se para o Brasil; ou se a hipótese contrária de aumento da participação com o aumento de oportunidades para as mulheres nesse período se confirmava. No entanto, no caso do Brasil, deu-se algo curioso, as taxas de participação se mantiveram, o que foi atribuído à redução do trabalho da mulher na agricultura que e o aumento nas regiões mais desenvolvidas. Com relação ao status de casada, o autor observou que as mulheres solteiras participavam bem mais do mercado de trabalho, o que pretendemos observar na atualidade. Outro dado relacionado a isso é a redução da taxa de casadas a cada nível de desenvolvimento mais elevado. Já com relação ao nível educacional, as mesmas taxas se mantiveram para cada nível, crescendo proporcionalmente, mas aquelas com maior nível educacional se mantiveram sendo as que mais participam da força de trabalho. Com o aumento do desenvolvimento, reduz-se a idade das mulheres que estavam no mercado de trabalho, uma vez que apenas em áreas rurais as mulheres mais velhas trabalhavam. Assim, esse estudo contradiz a literatura da área, encontrando resultados diferenciados para o Brasil, o que, para o autor, está relacionado ao padrão cultural e a organização patriarcal das famílias brasileiras que não havia mudado no período inicial do desenvolvimento econômico e industrial. Isso se evidencia ao se observar que a participação das mulheres na força de trabalho se dava entre as solteiras, pressupondo que as casadas faziam parte de uma estrutura que impedia a atividade laboral (Saraiva, 1993, p. 33-40).

Esse estudo explorou o status do estado civil do indivíduo, buscando explicar a influencia dessa variável com relação à desigualdade da participação feminina no mercado de trabalho. Estudos anteriores sobre a desigualdade entre mulheres e homens explicaram que o trabalho doméstico e os cuidados com a família e outros familiares indicam a continuidade de modelos familiares tradicionais, que sobrecarregam as trabalhadoras, sobretudo as que são mães de filhos pequenos, reproduzindo tal desigualdade. Desse modo, enquanto as mulheres se dedicam a esses afazeres, os

homens têm tempo para aumentar suas credenciais e, muitas vezes, por estarem ocupados com cursos, *etc.*, não têm tempo para as atividades domésticas. Esses estudos demonstram através das representações, valores e atitudes sobre gênero, trabalho e família as diferentes percepções e valores morais entre homens e mulheres, bem como as diferentes formas de usos do tempo, que indicam que o tempo gasto com atividades domésticas é bem maior para as mulheres (Aguiar, 2010; Bruchini, 2007; Scalon e Araújo, 2005). O contexto familiar das mulheres remete à sua realidade ocupacional, uma vez que os tipos de contratos que as mulheres estabelecem indicam desvantagens com relação aos homens, baseando-se em horários parciais e sem assegurar todos os direitos trabalhistas, rendimentos inferiores mesmo quando possuem as mesmas credenciais que homens que ocupam o mesmo cargo e segregação ocupacional se repetem em diversos contextos sociais e econômicos como nos EUA, Holanda, Alemanha e Reino Unido, *etc.* (England, 1997; Fagan, Reilly e Rubery, 2003; Walby, 2003).

Assim, as explicações da desigualdade de gênero no mercado de trabalho são estruturais, estando no interior da família os mecanismos de transmissão da discriminação das mulheres no que se refere às ocupações, pois o serviço doméstico e o cuidado com os filhos da forma como é destinado às mulheres lhes impedem de ter uma melhor inserção e permanência no mercado de trabalho. A autora percebe que um fator que poderia mudar esse quadro é o fato de aquelas mulheres que trabalham terem mais poder de negociação com os maridos, de modo que o trabalho doméstico e o cuidado dos filhos pudessem ser mais bem divididos, por exemplo. Assim, uma vez que os homens se mostrassem resistentes, as mulheres separariam. Porém, o que se observa é que, mesmo inseridas no mercado, seu poder de negociação ainda é mais baixo diante dos salários mais altos dos homens, além disso, quando se separam, pelo mesmo motivo, há um aumento da pobreza das mulheres relativamente aos homens, pois há mais mulheres vivendo em agregados pobres do que homens, entre casais, mulheres e homens que são responsáveis pelo agregado, há mais mulheres responsáveis pelos agregados pobres do que homens ou casais (England, 1997, p. 45-56).

Esse quadro está sendo ameaçado desde que o casamento deixou de representar a única alternativa possível para sair de casa e crescer, bem como para ter uma vida íntegra e autônoma, embora essa fosse limitada pela dependência econômica. A questão econômica tem grande importância, como ressaltam os estudos neoclássicos ao explicarem o casamento pela perspectiva do mercado, considerando as idéias

utilitaristas e racionais de maximização de ganhos na busca de um parceiro no mercado do casamento (Becker e Tomes, 1994). Mas, a questão econômica é apenas um dos mecanismos de controle, uma vez que o amor romântico é um elemento característico das mulheres e é pensado como o sentido para o casamento e para sua submissão. Dados apresentados demonstram que apenas nas últimas duas décadas, as mulheres novas não têm o casamento como o foco de suas vidas devido sua maior participação na economia, bem como a mudança nas representações sobre o amor que passa de romântico para um relacionamento puro, no qual os companheiros avaliam a relação como satisfatória (Giddens, 1998, 63-70). Além dessas mudanças nos padrões culturais nos valores relativos ao amor, conforme Bruchini:

[...] o papel social da mulher alterou a identidade feminina, cada vez mais voltada para o trabalho remunerado e a expansão da escolaridade e o ingresso nas universidades viabilizaram o acesso delas a novas oportunidades de trabalho. Todos esses fatores explicam não apenas o crescimento da atividade feminina, mas também as suas transformações no perfil da força de trabalho. As trabalhadoras, que, até o final dos anos 70, em sua maioria, eram jovens, solteiras e sem filhos, passaram a ser mais velhas, casadas e mães. (Bruchini, 2007, p. 540-541).

Os dados apresentados por alguns autores citados acima (Bruchini, 2007; Saraiva, 1993) indicam que no passado a maior participação feminina no mercado de trabalho era das mulheres solteiras, sendo importante a discussão em torno do perfil do status das ocupações de casadas e solteiras na atualidade, bem como a influência do estado civil (casada, não casada) em sua participação no mercado de trabalho.

Estudo finalizado por Freitas (2013) investigou a desigualdade de renda entre homens e mulheres, considerando entre outras variáveis o estado marital dos indivíduos de uma amostra representativa da população brasileira. A amostra da pesquisa citada também resulta da PDSB de 2008 que estamos utilizando, porém o autor selecionou todos os indivíduos que residiam nos domicílios, enquanto selecionamos chefes e cônjuges, que possuam as informações concernentes com o objeto de estudo da nossa pesquisa, realização do status ocupacional. Conforme Freitas (2013):

Há um prêmio ou uma recompensa ligada ao casamento para os homens. Estes passam a ganhar mais com o passar dos anos, assim como na condição de casados, e mesmo após o divórcio. Com as mulheres parece que a situação é inversa. Elas são mais bem remuneradas na condição de solteiras e viúvas. A razão do rendimento entre homens e mulheres controlado pelo estado conjugal do

indivíduo, mostrou que as maiores diferenças são entre os casados e as casadas e os desquitados e desquitadas, com vantagem para os homens, principalmente nos percentis mais elevados (2013, p. 49-50).

Concluimos essa sessão reunindo a questão da herança socioeconômica e do status marital, comparamos mulheres e homens, e observamos que as desvantagens femininas estão arraigadas aos processos históricos de divisão sexual do trabalho e da diferenciação dos papéis de gênero imbricados aos mecanismos de dominação masculina, que se dão através das crenças, valores, representações afetivas, identitárias e sociais, que, por fim, apenas se materializam e expressam nas dinâmicas do mercado de trabalho, econômica e doméstica.



### 3. METODOLOGIA

A pesquisa utilizou procedimentos quantitativos e qualitativos para testar hipóteses de estratificação social que contemplam variáveis objetivas (etapa quantitativa) e subjetivas (etapa qualitativa), buscando a complementaridade entre as hipóteses. Embora as etapas quantitativa e qualitativa contemplem hipóteses diferentes, os dados estarão relacionados, possibilitando uma melhor interpretação.

Os métodos adotados foram o estudo explicativo e descritivo que auxiliaram nas análises. Buscou-se a compreensão profunda do processo de realização das aspirações ocupacionais e realização do status. Conforme Babbie (2004), a pesquisa explicativa busca responder o porquê, encontrando explicações causais, enquanto a parte descritiva se destina a responder questões do tipo: onde, quando e como, descrevendo o que se observa nos fenômenos estudados (Babbie, 2004, p. 89). Ressalta-se também que a pesquisa empírica não dispensa uma revisão bibliográfica, que foi a base para o estudo e interpretação dos dados.

Segundo o autor, todo cuidado deve ser tomado no tipo de pesquisa que visa responder o porquê dos fenômenos apresentados, encontrando causas para esses, pois uma correlação entre variáveis deve levar em consideração, além da ordem temporal, a possibilidade de uma relação espúria, quando duas variáveis se apresentam seguidas uma da outra, porém sendo causadas as duas por uma outra anterior (temporalmente), em vez de estarem se correlacionando (Babbie, 2004, p. 90-91).

Vale esclarecer que buscamos aqui causalidades e explicações para os fenômenos apresentados e consideramos que apenas um método é limitado para encontrar respostas. Segundo Laville e Dionne (1999), as pesquisas quantitativas são as que podem avaliar os efeitos sobre as variáveis dependentes, que partem das independentes, através de esquemas de experimentação, correlacionando tais variáveis com o máximo de precisão (Laville e Dionne, 1999, p. 160).

Bardin diferencia o método quantitativo do qualitativo dizendo:

A abordagem quantitativa e a qualitativa não têm o mesmo campo de ação. A primeira obtém dados descritivos através de um método estatístico. Graças a um desconto sistemático, esta análise é mais objetiva, mais fiel e mais exata, visto que a observação é mais controlada. [...] A segunda corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses. Esse tipo de análise deve ser

então utilizada nas fases de lançamento das hipóteses, já que permite sugerir possíveis relações entre um índice e uma ou diversas variáveis. (Bardin, 1999).

Partindo de Haguette (1987), esteve dentro dos objetivos da análise qualitativa captar as atitudes, pressupostos, conceitos e crenças, que formam as aspirações da amostra com relação ao mercado de trabalho, pois os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser, possibilitando a compreensão profunda.

Muitas críticas são direcionadas a estudos qualitativos ao se dizer que resultam em conclusões dificilmente generalizáveis. Para Laville e Dionne (1999), realmente as conclusões desse tipo de investigação valem, de início, para o grupo ou casos considerados, e nada assegura, a priori, que possam se aplicar a outros. Mas, não há nada que o contradiz, pois se um pesquisador se dedica a um pequeno grupo ou a alguns casos, como será aqui, [...] é muitas vezes porque ele tem razões para considerá-lo como típico de um conjunto mais amplo do qual se torna o representante, que [...] pode, por exemplo, ajudar a melhor compreender uma situação ou um fenômeno. (Laville e Dionne, 1999, p. 156).

Assim, os elementos imprevistos, os detalhes, melhor conhecidos, podem levar a um reexame de aspectos da teoria que sustenta a investigação: um caso desviante, por exemplo, ou mesmo o conhecimento profundo de alguns processos. Assim, essa pesquisa buscou lidar com aspectos subjetivos da realização ocupacional, como aspirações e influência dos outros significantes, o que exigiu um estudo mais detalhado.

Há críticas que afirmam que os procedimentos quantitativos e qualitativos são divergentes em suas raízes epistemológicas, sendo improvável a associação dos dois. Duarte (2009) apresenta essas raízes e demonstra como esses métodos interagem a partir de várias perspectivas. Aqueles que opinam de modo contrário a tal associação dirão que cada método se origina de um dos dois paradigmas dominantes da Sociologia: o positivismo e o construtivismo; e que o positivismo lida apenas com fatos observáveis, considerando uma única realidade através de métodos que separam pesquisador e objeto de investigação e que parte de um pensamento dedutivo. A partir desse paradigma, a generalização, a formulação de leis gerais, a identificação de causas reais e as questões e hipóteses derivam dos modelos teóricos e são submetidas ao teste dos resultados empíricos, podendo os fenômenos serem medidos e quantificados. Fazendo uma oposição entre paradigmas, para o construtivismo a realidade é múltipla e construída, o

sujeito e o objeto de investigação são inseparáveis como parte da produção do saber; a generalização de tempo e contexto é impossível, assim como não é possível distinguir causas de efeitos, predominando a lógica indutiva do particular para o geral e mais do que testar teorias, busca-se descobrir novas teorias, enquanto as hipóteses vão sendo reformuladas e elaboradas ao longo do processo de investigação (Duarte, 2009, p. 3-8).

Face a estes paradigmas contrastantes e na medida em que epistemologia e metodologia se encontram intimamente relacionadas:

(...) os ‘puristas’ transpõem estas oposições para o campo das metodologias de investigação, considerando que existe uma incompatibilidade entre metodologias quantitativas (de pendor epistemológico positivista) e metodologias qualitativas (de pendor epistemológico construtivista) pelo que os investigadores que tentam combinar estes métodos estão condenados ao fracasso (Duarte, 2009, p. 6).

Por outro lado, aqueles que defendem a união das duas metodologias encontram uma série de convergências entre elas: ambas tratam de fenômenos reais, têm de atribuir sentido aos dados, a observação é afetada por conhecimentos, hipóteses não podem ser testadas em completo isolamento porque estão sempre envolvidas em um conjunto de crenças; o reconhecimento de que existem evidências probabilísticas e não provas concludentes e os investigadores estão integrados em comunidades e são afetados por atitudes e valores. A partir desses argumentos, surgiram noções como “triangulação” para estabilizar essa associação que vem acontecendo há muito tempo na pesquisa empírica. Essa expressão tem origem em outras ciências, como a navegação e a topografia e designa um método para fixar uma posição, referindo-se a um ponto C através da observação de dois pontos, A e B. Nas ciências sociais e humanas, o termo “triangulação” é utilizado de uma forma menos literal e pode se referir a uma triangulação dos dados, do investigador, teórica ou metodológica, como a que interessa nessa discussão, que significa utilizar vários métodos para estudar um determinado problema de investigação (Duarte, 2009, p 8-12).

Inicialmente, a utilização da triangulação objetivava obter uma maior validade dos resultados, caso os resultados através dos dois métodos fossem compatíveis. No entanto, muitas possibilidades surgiram, como a de complementaridade, que é uma forma de integrar diferentes perspectivas no fenômeno em estudo; surgiu também como forma de paradoxos e contradições que enriquecem e refutam teorias; como forma de

desenvolvimento no sentido de utilizar sequencialmente os métodos para que o recurso ao método inicial informe a utilização do segundo método; e uma combinação apelidada como híbrida, o que se dá quando na análise de conteúdo de uma pesquisa qualitativa, faz-se uma quantificação dos dados.

Nessa pesquisa, buscou-se realizar uma combinação que se inicia com o método quantitativo para depois buscar um aprofundamento através de um método qualitativo, quando os resultados quantitativos podem ganhar novos sentidos a partir de observações qualitativas de outros pontos abordados nas questões levantadas (Duarte, 2009, p. 14-17).

Portanto, os métodos qualitativo e quantitativo se complementam, de modo que a exatidão, bem como a veracidade dos dados com relação à uma população só é possível a partir do método quantitativo; e a compreensão profunda dos detalhes e a interpretação dos dados tem um caráter qualitativo. Desse modo, o método quantitativo sempre está associado a uma interpretação qualitativa e o método qualitativo só pode dizer dos detalhes, necessitando do quantitativo para ganhar sentido quando se quer falar de um fenômeno de maneira generalizada.

### ***3.1. Etapa Qualitativa***

Os dados qualitativos se referem às variáveis subjetivas da psicologia social que foram abordadas inicialmente no estudo clássico sobre mobilidade social realizado na Universidade de Wisconsin (Sewell, Haller e Ohlendorf, 1970). São as variáveis influência do outro significativo e aspirações ocupacionais principalmente. Parte dos dados foi coletada em 2009 e a outra parte em dezembro de 2013 e janeiro de 2014. A primeira coleta buscou dados relativos às aspirações ocupacionais, outros significantes, expectativas dos pais e desempenho escolar, entre outras. A amostra teve 20 adolescentes, com idade entre 15 e 18 anos, que estavam cursando o ensino médio, mais os respectivos pais, que foram selecionados intencionalmente, buscando compor dois grupos de condições socioeconômica (condição socioeconômica desfavorecida- CSD- e condição socioeconômica média -CSM), que podem ser identificados também como vulnerabilidade social e classe média. No interior de cada um dos grupos, metade dos

adolescentes trabalhava e a outra metade não. E metade foi composta por homens e a outra metade por mulheres, como está indicado no quadro abaixo.

**Quadro 1. Grupos da amostra (2009-2013/14)**

	<b>Trabalhavam</b>	<b>Não trabalhavam</b>
<b>CSD</b>	3 mulheres 2 homens	2 mulheres 3 homens
<b>CM</b>	2 mulheres 3 Homens	3 mulheres 2 homens

\* CSD: Condição socioeconômica desfavorecida

CM: Condição socioeconômica média

Para compor os grupos acima com a garantia de que os perfis necessários seriam encontrados, algumas estratégias de investigação foram sendo adotadas no transcurso da formação da amostra. As cinco instituições nas quais os sujeitos foram encontrados foram escolhidas na seguinte seqüência temporal: de antemão, contava-se com o contato de uma fundação e uma associação (Programa Educação & Trabalho da Fundação CDL e Associação Profissionalizante do Menor - ASSPROM) que encaminham e acompanham adolescentes, em condição de vulnerabilidade social, que trabalham como aprendizes<sup>16</sup> e estavam estudando. Para que outro grupo na mesma condição socioeconômica fosse preenchido com sujeitos que não trabalhassem, buscou-se uma escola estadual diurna (vulnerabilidade social) na qual os alunos não trabalham (Colégio estadual Silviano Brandão). Vale ressaltar que essa escola está localizada no entorno de uma das comunidades mais carentes de Belo Horizonte, denominada Pedreira Prado Lopes, localizada no bairro Lagoinha. Nessa escola, com auxílio da secretaria e

<sup>16</sup>Lei do aprendiz: O contrato de aprendizagem, conforme conceituado no art. 428 da CLT, é o contrato de trabalho especial, ajustado por escrito e por prazo determinado, em que o empregador se compromete a assegurar ao maior de 14 anos e menor de 18 anos, inscrito em programa de aprendizagem, formação técnico-profissional metódica, compatível com seu desenvolvimento físico, moral e psicológico, e o aprendiz a executar, com zelo e diligência, as tarefas necessárias a essa formação. Disponível na íntegra em <http://portal.mte.gov.br/legislacao/instrucao-normativa-n-26-de-20-12-2001-1.htm>

coordenação do colégio, teve-se a preocupação de procurar aqueles jovens que recebiam complemento de renda do governo federal ou estadual (Bolsa Escola/ Bolsa Família), considerando que passaram por uma seleção que os identificou como indivíduos em condição de vulnerabilidade social (critério de renda). Além disso, parte da coleta foi realizada nas residências das famílias (entrevistas dos pais), de modo que foi possível observar que todas as famílias desse grupo viviam em zonas de risco, exceto uma que vivia nas proximidades, em um apartamento bem pequeno e alugado. As ocupações dos pais formam um perfil diferente daqueles pais do estrato de classe média. Outro ponto semelhante a todo esse grupo (que não esteve presente no grupo em CSM) foi a ausência de automóvel no domicílio em todas essas famílias em CSD. Para compor o grupo em CSM, inicialmente, buscou-se uma escola técnica federal (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais- CEFET-MG/classe média) na qual é muito comum que os alunos trabalhem por ser uma escola técnica na qual o horário não é integral. Quando a pesquisadora estava na escola em contato com a coordenação, buscou informação a respeito da condição econômica dos alunos daquela escola. As informações eram de que nessa escola não havia alunos em vulnerabilidade social, que morassem em área de risco, por exemplo. Outro ponto importante foi observar que para entrarem na escola todos passam por uma seleção com certo grau de exigência, de modo que é necessário fazer um curso preparatório na maior parte dos casos e ter um bom histórico escolar. Esses dados deram segurança de que os alunos dessa escola pertenciam a CSM, no mínimo.

Na segunda etapa da coleta de dados (2013/14), observamos que os dois grupos de classe média apresentaram mesmo número de jovens estudando na área de engenharia, de modo que se evidencia a garantia de homogeneidade de perfil socioeconômico nos dois grupos. Por último, procurou-se uma escola particular (CSM) onde há adolescentes que geralmente não trabalham (Colégio Berlar São Pascoal). No entanto, como as entrevistas do CEFET já tinham sido realizadas e já tinha sido observado que o grupo composto pertencia a uma CSM, notou-se que era importante que fosse uma escola particular com uma mensalidade não muito alta, de modo que todos que pagam não são da CSD, mas também não fossem de classe alta. A mensalidade na época girava em torno de R\$400,00 (quatrocentos reais). Foram escolhidos alunos que recebiam 50% de bolsa.

Portanto, o mais importante nessa seleção foi equiparar a condição sócio-econômica dos indivíduos que fazem parte das instituições, ficando, por um lado, os programas de trabalho e a escola estadual (condição socioeconômica desfavorecida); e, por outro, a escola particular e a escola técnica (condição socioeconômica média).

Os procedimentos adotados para coleta de dados realizada em 2009 e em 2013-14 consistiram em entrevistas (Anexos I e II) em profundidade com os jovens e os respectivos pais separadamente, de modo que os jovens eram entrevistados antes, geralmente na escola ou instituição de acompanhamento da atividade laboral; e os pais nas residências. Essa separação foi fundamental para que os pais tivessem liberdade para relatar sobre suas expectativas em relação os filhos abertamente. Adotar entrevistas em profundidade como instrumento de coleta de dados foi muito importante porque, além de coletar informações diretas a respeito das aspirações ocupacionais e educacionais dos sujeitos, permitiu identificar outros pontos relacionados ao nível de aspirações, como conhecimento sobre o trabalho desejado, os requisitos e metas para alcançar, o engajamento no projeto de vida, nível de entusiasmo e autoconfiança, entre outros fatores abordados pela literatura (Bryant, Zvoncolvic e Reynolds, 2006).

As entrevistas qualitativas exigem mais interpretação, síntese e integração para categorização dos dados, já que são realizadas de maneira mais aberta, de modo que os entrevistados podem variar muito em suas respostas (Weiss, 1994, pág. 9-11).

A pesquisa anterior<sup>17</sup> levou a resultados relevantes, de modo que, desde sua realização já havia a intenção de entrevistar novamente os sujeitos, sendo solicitado o máximo de contatos possível e os entrevistados avisados de que seriam contatados novamente. No momento que entrei em contato com eles, em dezembro de 2013, foi surpreendente conseguir contatá-los depois de tanto tempo. Alguns conseguiam se lembrar perfeitamente da experiência anterior e demonstraram interesse em colaborar e participar da pesquisa; outros não se recordavam e, apenas aos poucos, foram se lembrando. Houve ainda quem teve bastante falta de interesse e pouco tempo disponível. Muitos possuíam os mesmos números de telefone, outros mudaram de telefone e até de endereço. Quando os números de telefone tinham mudado, dirigi-me aos endereços e, em alguns casos, encontrei os sujeitos da pesquisa em casa. Para isso, fui a casa deles sempre nos finais de semana e à noite para ter mais chances de

---

<sup>17</sup> Dissertação de mestrado intitulada “O Processo de Constituição das aspirações Ocupacionais na Interface Educação/Trabalho”, realizada na UFMG (2010).

encontrá-los. Nos casos em que os endereços tinham mudado, realizei uma busca nos serviços regionais da prefeitura (Centro de Saúde e Centro de Referência da Assistência Social) e através de colegas dos sujeitos, que pertenciam ao mesmo grupo da amostra. Ao encontrá-los, convidei-os a participarem da pesquisa juntamente com seus pais. No caso daqueles que residem no interior da comunidade Pedreira Prado Lopes, solicitei que se dirigissem à Escola Estadual Silviano Brandão (onde os selecionei em 2009) para a realização da entrevista. A autorização para realizar as entrevistas no interior da escola foi cedida pelo diretor. Ofereci uma recompensa simbólica em dinheiro para o deslocamento até a escola, embora o valor de R\$50,00 (cinquenta reais) não tenha sido informado antes para garantir a voluntariedade no processo. Esse valor foi estipulado considerando o valor dos salários dos entrevistados à época, que girava em torno de um salário mínimo. Embora alguns tenham recusado receber a recompensa, ao final da entrevista foi entregue um envelope com o dinheiro. A pesquisadora optou por não entrar na comunidade para evitar maiores transtornos, uma vez que a mesma estava passando por sérios conflitos territoriais. Em outras comunidades, foi possível entrar e realizar as entrevistas.

Embora essa etapa de realização e transcrição das entrevistas tenha sido bastante desgastante e trabalhosa devido ao grande número de entrevistados, ao deslocamento para diversos pontos da região metropolitana de Belo Horizonte e aos horários de realização (à noite e finais de semana), a efetivação de um estudo longitudinal foi motivante e o retorno dos dados ricos em detalhes recompensou todo esforço. O estudo longitudinal possibilitou a comparação entre dois pontos da vida do sujeito, bem como adentrar mais profundamente no universo vivenciado por eles, o que gerou uma observação privilegiada do objeto estudado (aspirações e realização do status ocupacional).

Em síntese, os dados foram extraídos de quase 80 entrevistas, sendo 40 realizadas entre julho e setembro de 2009 e as demais entre dezembro de 2013 e janeiro de 2014, representando um estudo longitudinal. Foram selecionados 20 sujeitos para a coleta de dados da pesquisa e os respectivos pais, totalizando 40 entrevistas em 2009. A partir de dezembro de 2013, os mesmos sujeitos foram contatados para uma nova entrevista, porém dentre esses, uma jovem não compareceu ao local combinado para entrevista, algumas vezes. Nesse caso, a entrevista foi realizada apenas com a sua mãe, que se encontrava no local no momento combinado e a ausência da filha foi justificada pela grande instabilidade da jovem, conforme a mãe relatou. Além disso, os pais de duas



jovens não foram entrevistados, porque elas não estavam mais residindo com eles, de modo que optei por realizar apenas a entrevista com as jovens. Uma jovem recusou-se a dar entrevista pessoalmente, devido à falta de tempo disponível e sugeriu que o roteiro fosse enviado por email. Então, a pesquisadora negociou para que a entrevista fosse realizada por telefone para que o contato fosse maior do que por email. Assim, totalizaram-se 40 entrevistas em 2009 e 37 em dez./13 e jan./14, somando 77 entrevistas. Com relação às entrevistas dos pais, de modo geral foram as mães que deram a entrevistas (14 entrevistas dos outros significantes foram realizadas apenas com a mãe e 4 com o casal).

Assim, procurou-se compreender a relação entre a influência do outro significante na performance acadêmica e se aquela é fundamental para formar a aspiração ocupacional e educacional e as realizações subseqüentes; o grau de associação entre as aspirações ocupacionais na adolescência e a realização do status ocupacional mais tarde, considerando gênero, condição socioeconômica e trabalho na adolescência; e como os significados que fundamentam as escolhas ocupacionais das mulheres se constituem nas interações, de modo que indivíduo e meio sejam ativos nesse processo. Pode-se sintetizar as questões propostas nas seguintes hipóteses:

▪ Hipótese 1:

O nível de aspirações ocupacionais varia de acordo com as expectativas sociais sobre elas, de modo estratificado por gênero, condição socioeconômica e o trabalho na adolescência (Mead, 1934; Bryant, Zvonkovic, Reynolds, 2006, s/p).

▪ Hipótese 2:

O grau de associação entre as aspirações educacionais e ocupacionais na adolescência e o alcance do status educacional e ocupacional cinco anos depois é mediado pelo gênero, condição socioeconômica e trabalho na adolescência (Ashby e Schoon, 2010; Beal andCrockett, 2010; Halaby, 2003; Kaufman, 2005; Cheng e Starks, 2002; Goffman, 1975).

A análise dos dados foi facilitada pelo auxílio de *software NVivo 10* de análise qualitativa, além da elaboração de quadros que tornam os resultados mais claros. A codificação dos dados no software e a produção de relatórios com as variáveis a serem analisadas foram relacionadas com cada hipótese levantada. Além disso, foram extraídas algumas árvores de palavras como recurso para análise dos dados.

### ***3.2. Etapa Quantitativa***

Os dados relativos à realização do status ocupacional das mulheres brasileiras comparativamente aos homens e os fatores de mobilidade social (anos de estudo da mãe, status ocupacional do pai, educação, primeiro emprego, etc.) que influenciam tal realização foram obtidos a partir da pesquisa “As Dimensões Sociais das Desigualdades 2008”, realizada pelo IESP e financiada pelo CNPq através do projeto Instituto do Milênio (do CNPq) e coordenada pelo Dr. Nelson do Vale Silva. A coleta de dados dessa pesquisa foi organizada pelo IBOPE no ano de 2008. O universo da pesquisa foi formado por domicílios particulares permanentes em setores comuns ou não especiais (inclusive favelas) de todas as regiões do Brasil, sendo elas urbanas ou rurais. As unidades de análise são os chefes de família e respectivos cônjuges, ou apenas o chefe (homem ou mulher), quando não houver o cônjuge. Porém, as informações coletadas em cada unidade de análise se referem a cada indivíduo do domicílio, separadamente.

Assim, essa é uma amostra representativa da população brasileira, urbana e rural, com exceção da área rural da região Norte, que inclui 3,3% da população do Brasil, sendo composta por 8.048 domicílios entrevistados em 2008. Para essa pesquisa foram selecionados todos os chefes do domicílio e os cônjuges, uma vez que esses indivíduos responderam questões relativas à mobilidade social e correspondem àqueles que, geralmente, já atingiram certo grau de autonomia que permitem uma análise do alcance educacional e ocupacional. A seleção da amostra reuniu 12.326 indivíduos. Para a maior parte das análises descritivas e exploratórias foram selecionados apenas os indivíduos entre 14 e 64 anos de idade, somando 10.040 casos, uma vez que o estudo está voltado para fenômenos relacionados ao mercado de trabalho e, a partir dos dados, observou-se que a maior parte das pessoas está trabalhando aos catorze anos de idade. Assim, esse critério considera a população economicamente ativa.

Conforme descreveu Ribeiro (2011), a composição da amostra da pesquisa “Dimensões Sociais da Desigualdade” seguiu um procedimento probabilístico em três etapas: na primeira foram selecionados os municípios, na segunda os setores censitários dentro dos municípios e na terceira os domicílios dentro dos setores. Informações básicas sobre escolaridade e emprego foram coletadas para todos os indivíduos com 10 anos ou mais. Um grande conjunto de questões, incluindo características dos pais e

condições em que os respondentes cresceram, foi perguntado para chefe e cônjuge em cada domicílio<sup>18</sup> (Ribeiro, 2011, p 50).

Inicialmente, foi realizada uma descrição dos dados mais objetivos, descrevendo as variáveis adotadas, apontando frequência, média, desvio padrão e tabelas cruzadas. Em seguida, alguns modelos de regressão linear múltipla foram estimados.

Alguns ajustes foram realizados nas seguintes variáveis, que podem ser mais bem observadas a partir do roteiro em anexo (Anexo III):

- Status ocupacional do indivíduo; Status ocupacional do primeiro emprego do indivíduo; e Status ocupacional do pai:

Essas variáveis são contínuas, variando entre 16 e 90. As questões 321, 305-307, 208-213 da seção 3 do questionário utilizado na pesquisa “Dimensões Sociais da Desigualdade” (PDSD) (Anexo II) foram utilizadas para a composição dessas variáveis, respectivamente. O *International Socioeconomic Index – ISEI* (Ganzeboom e Treiman, 1996), foi utilizado para ordenar as ocupações usando uma única escala hierárquica baseada na média de educação e renda de cada ocupação. O ISEI foi utilizado tanto para mensurar a variável dependente, quanto para medir o status ocupacional dos pais, que são variáveis independentes nos modelos estimados.

Para as análises descritivas, foi utilizado um esquema para o status ocupacional dos indivíduos e de seus pais, que foi uma versão adaptada por Costa Ribeiro do esquema chamado EGP, desenvolvido por Goldthorpe<sup>19</sup> (apud Costa Ribeiro, 2010, p. 80). Costa Ribeiro (2010) reduziu as onze categorias do esquema em oito, mantendo as principais distinções originais e acrescentando uma distinção especificamente importante no contexto brasileiro, inspirada nos grupos de status de Silva<sup>20</sup>. Os trabalhadores manuais qualificados da indústria moderna foram separados dos demais trabalhadores manuais qualificados, em função da posição específica do primeiro grupo nas condições de industrialização da sociedade brasileira (Profissionais e

<sup>18</sup>Detalhes sobre os procedimentos amostrais da PSDS ver a página do Centro para o Estudo da Riqueza e da Estratificação Social (CERES):<http://Ceres.iesp.uerj.br/>.

<sup>19</sup> GOLDTHORPE, H. (2000). *On Sociology: numbers, narratives and the integration of research and theory*. Oxford: Oxford University Press.

<sup>20</sup> SILVA, N. (2003). “O Esquema Analítico e a Classificação Ocupacional”. In: HASEMBALG, C; SILVA, N. (orgs.). *Origens e Destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro: Topbooks.

administradores/ trabalhadores não manuais de rotina e prestadores de serviço/ Proprietários com empregados/ Proprietários sem empregados/ Supervisores do trabalho manual/ Trabalhadores manuais qualificados da indústria/ Trabalhadores manuais não qualificados/ Trabalhadores rurais e proprietários rurais).

- Anos de estudo da mãe; anos de estudo do indivíduo:

Essas variáveis são contínuas, variando de 0 a 16. Foram utilizadas as questões 219 da seção 2 e a 125 da seção 1 do questionário da PDSO para a composição delas, respectivamente. Nas análises de regressão, elas foram utilizadas da forma como se encontram, ou seja, contínuas. Para as análises descritivas, essas variáveis foram categorizadas, definindo como categorias nenhuma escolaridade (0), fez até parte do primário (1 a 3 anos de estudo), primário completo (4 a 7 anos), ensino fundamental completo (8 a 10 anos), ensino médio completo (11 a 14 anos), ensino superior completo (15 anos ou mais).

- Idade que começou trabalhar:

Essa variável é contínua, variando de 3 a 99 anos de idade e foi utilizada dessa forma nas análises de regressão, mas para as análises descritivas ela foi categorizada em faixas: 8-12/ 13-17/ 18-22/ 23-27/ 28-32/33-37. Para sua composição foi utilizada a questão 302 da seção 3 do questionário da PDSO.

- Sexo:

Essa variável é categórica, 0 representando homem e 1 representando mulher. Para sua composição foi utilizada a questão 101 do questionário da PDSO.

- Estado civil:

Essa variável é categórica e originalmente estava dividida da seguinte forma: Casados, vivendo em união estável, separados, viúvos e solteiros. E representa a questão 115 do questionário. Para as análises descritivas e de regressão ela foi ajustada

em duas categorias, casados ou em união estável e solteiros, viúvos e separados (não casados).

- Trabalha:

Essa variável é categórica, 0 representando não e 1 representando sim. Para sua composição foi utilizada a questão 316 do questionário da PDSO.

- Raça/cor:

Essa variável é categórica, subdividida em cinco raças/cores: preto, pardo, indígena, branco e amarelo. Para sua composição foi utilizada a questão 109 do questionário da PDSO. Embora os modelos de regressão apresentados não contemplem essa variável, quando testada nos modelos dessa pesquisa, foram criadas *dummies* das três raça/cores com maior representatividade na amostra, pretos, pardos e brancos.

- Idade:

Essa variável é contínua, variando de 14 a 98. No questionário da PDSO, representa a questão 103.

As seguintes hipóteses foram testadas através dos modelos de regressão linear múltiplas:

- Hipótese 3:

O efeito da herança socioeconômica é menor na determinação do status ocupacional das mulheres do que na determinação do status ocupacional dos homens (Aguiar, Fernandes e Neves, 2007).

- Hipótese 4:

O status civil das mulheres media o seu processo de alcance do status socioeconômico (Saraiva, 1993).

**Modelo 1 (Tabelas 17 e 18): Status Ocupacional do Primeiro Emprego**

$$Y1 = B + X1 + X2 + X3 + E$$

Y1 = Status ocupacional

B = Constante

X1 = Anos de estudo da mãe

X2 = Status ocupacional (Isei) do pai

X3 = Idade que começou trabalhar

Esse modelo foi estimado separadamente para mulheres e homens, uma vez que os dois grupos apresentam características específicas e desse modo é possível comparar tais distinções para a maior compreensão da desigualdade de gênero.

**Modelo 2 (Tabelas 20 e 21): Realização do Status Ocupacional**

$$Y1 = B + X1 + X2 + X3 + X4 + X5 + X6 + E$$

Y1 = Status ocupacional

B = Constante

X1 = Anos de estudo da mãe

X2 = Status ocupacional (Isei) do pai

X3 = Status ocupacional do primeiro emprego (Isei) do indivíduo

X4 = Estado civil

X5 = Gênero

X6 = Educação

E = Erro

Esse modelo também foi estimado separadamente para mulheres e homens, uma vez que os dois grupos apresentam características específicas. Os modelos acima indicam o efeito da herança socioeconômica na determinação do status ocupacional das mulheres comparativamente aos homens, bem como o efeito do estado civil. O principal instrumento utilizado para realização das análises quantitativas foi o *software* SPSS.

## 4. RESULTADOS

### 4.1 Descrição dos dados

#### 4.1.1 Dados qualitativos

Nessa sessão serão apresentados dados objetivos relacionados às variáveis da etapa qualitativa. Os dados se referem a entrevistas realizadas em 2009 e em 2013/14 com os mesmos sujeitos, compondo um estudo longitudinal. Em 2009, os sujeitos da amostra tinham idade entre 15 e 17 anos e, em 2013/14, estavam com idade entre 20 e 22 anos de idade. Todos continuavam residindo na região metropolitana de Belo Horizonte em 2013/14. Apenas dois sujeitos não residem mais com os pais (uma jovem mudou-se de Ribeirão das Neves para a capital, onde vive com as irmãs para se deslocar com maior facilidade para o trabalho e estudos; e outra está vivendo em união com o companheiro).

Em 2009, foram selecionados apenas adolescentes que estudavam na série regular, de modo que na idade entre 15 e 17 anos, eles cursavam entre a primeira e terceira série do ensino médio. Dentre esses, 15 concluíram o ensino médio, sendo apenas 5 desses do estrato em condição socioeconômica desfavorecida (CSD), de modo que todos que não concluíram pertenciam ao estrato CSD e não estavam estudando na segunda coleta de dados (2013/14). A disparidade entre os estratos fica ainda mais evidente quando se observa que todos do estrato CSM não só concluíram o ensino médio, como também ingressaram no ensino superior.

Em 2009, um dos critérios de amostragem foi estar trabalhando. Em 2013/14, praticamente todos os sujeitos estavam trabalhando, exceto quatro: dois do estrato CSM, que fizeram a opção de se dedicarem apenas à faculdade no momento; e dois do estrato CSD, sendo que um estava trocando de emprego e uma jovem estava desempregada. O quadro 1 apresenta os tipos de trabalhos, os rendimentos e a escolaridade dos sujeitos da amostra, considerando a condição socioeconômica, o gênero e a presença ou ausência de trabalho na adolescência, evidenciando o nível do status ocupacional dos sujeitos entrevistados. Aqueles que pertencem à classe média possuem ocupações com status mais elevado e melhores rendimentos, embora o rendimento mais alto seja o de uma jovem que pertence ao estrato CSD e trabalhava na adolescência.

**Quadro 2. Tipos de trabalho, rendimentos auferidos e escolaridade: Condição socioeconômica, gênero e a presença ou ausência de trabalho na adolescência**

CSE	Gênero	Trab. Adoles.	Trabalho	Rendimento R\$	Escolaridade
CSD	F	Sim	Operadora de caixa; Autônoma (cabeleireira)	900,00 2.500,00	Ensino Médio Incompleto Ensino Médio Completo
		Não	Pregoeira de licitações; Manicuri	800,00 2.000,00	Ensino Médio Incompleto (2) Ensino Superior Incompleto
	M	Sim	Telemarketing; balconista em uma livraria; compactação de asfalto;	700,00 (3)	Ensino Médio Incompleto (2) Ensino superior Incompleto
		Não	Corretor; estagiário de ensino médio em laboratório	780,00 700,00	Ensino Médio Completo (2)
CSM	F	Sim	Auxiliar técnico de engenharia mecânica; Técnica de engenharia mecânica	900,00 1.280,00	Ensino Superior Incompleto (3)
		Não	Estagiária de administração em um banco; Técnica em Relações Públicas;	1.000,00 1.500,00	Ensino Superior Incompleto (2)
	M	Sim	Auxiliar técnico de engenharia mecânica; Autônomo/empresa da família	2.100,00 2.500,00	Ensino Superior Incompleto (2)
		Não	Aux. técnico de eletrônica; estagiário (superior) de engenharia civil	1.200,00 1.400,00	Ensino Superior Incompleto (3)

\*Coluna trabalho e rendimento – considera somente os que estavam trabalhando (e o que estava trocando de trabalho)- 17 indivíduos; a coluna escolaridade considera todos os jovens entrevistados – 3 indivíduos.

\*\*CSE:condição socioeconômica/ D – desfavorecida, M – média; Gênero/ F-feminino, M- masculino; trabalhava na adolescência – Sim ou Não



Nessa pesquisa, a variável raça/cor não foi contemplada de forma direta, sendo mencionada em alguns momentos devido à grande importância teórica do tema, como nessa descrição, por exemplo. A raça/cor dos indivíduos não foi um critério de amostragem, de modo que a sua distribuição demonstra certa coerência com relação à distribuição do atributo na população brasileira<sup>21</sup>, embora a amostra dessa etapa seja qualitativa (não representativa). Dentre os 20 jovens entrevistados, em 2009, onze se auto declararam brancos e nove negros, enquanto em 2013/14, doze se auto declararam brancos e oito negros. No estrato CSD, foram 2 pretos, quatro pardos e quatro brancos e duas pessoas mudaram a auto percepção de sua cor; enquanto no estrato CSM, foram sete brancos e três pardos em 2009 e oito brancos e dois pardos em 2013/14 e três pessoas mudaram a auto percepção de sua cor.

Com relação ao nível educacional dos pais<sup>22</sup>, não houve mudanças de nível, pois eles não estudaram nesse intervalo entre a primeira e segunda etapa da coleta de dados, totalizando dez mães com ensino fundamental incompleto (EFI), uma com EFC, duas com EMI, duas com EMC e duas com ensino superior. Com relação à informação de escolaridade dos pais, identificaram-se dois com EFI, um com EFC, um com EMI e três com EMC.

Os dados relativos às ocupações das mães dos indivíduos entrevistados confirmam que a forma como se deu a composição da amostra em estratos socioeconômicos foi coerente, uma vez que o status ocupacional dessas se diferencia bastante (CSD: auxiliar administrativa e vendedora, costureira e autônoma, auxiliar de limpeza (4), empregada doméstica (2) e dona de casa; CSM: dona de casa (7), sendo que três dessas fazem bicos como olhar a sobrinha, fazer decoração para eventos e passar roupas, professora/funcionária pública (2) e costureira. Os rendimentos auferidos variaram entre R\$700,00 e R\$1.400,00 para as mães do estrato CSD; e entre R\$700,00 (setecentos reais) e R\$4.000,00 (quatro mil reais) para as mães do estrato CSM. Com relação à ocupação e rendimento dos pais, a coleta de 2013/14 não obteve informações suficientes, uma vez que apenas quatro dos pais foram entrevistados, no entanto alguns dados relativos às mães indicam a posição do pai no interior da estrutura familiar, como

---

<sup>21</sup> (Branco: 44,9%, Pretos e pardos 52%) Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Instituto do Milênio- CNPq. “Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade”, 2008.

<sup>22</sup> A escolaridade dos pais dos sujeitos de classe média variou entre ensino fundamental incompleto e ensino superior completo, enquanto a escolaridade dos demais variou entre analfabeto e ensino médio completo.

a evidência de que, no estrato CSD, os pais do jovem não são casados (apenas dois) ao contrário do estrato CSM, no qual todos estavam juntos, exceto três mães que ficaram viúvas. Essas estruturas familiares caracterizam um quadro no qual quase todas as mães do estrato CSM são donas de casa, subentendendo que a renda da família é proveniente dos homens, embora as mães tenham apresentando escolaridade mais alta do que os maridos. E apenas no estrato CSD há empregadas domésticas e auxiliares de limpeza, que é uma das ocupações com status ocupacional mais baixo.

Como foi explicado anteriormente, a amostra foi estratificada em condição sócio econômica média (CSM) e condição socioeconômica desfavorecida (CSD) considerando principalmente o perfil das instituições nas quais os sujeitos da pesquisa foram selecionados e características do tipo de vínculo desses com as instituições como valor da mensalidade paga com o desconto (no caso da escola particular), bem como dados fornecidos pela secretaria como fazer parte do programa social de distribuição de renda (Bolsa família). Porém, os dados obtidos posteriormente foram fundamentais para afirmar a coerência da seleção dos sujeitos para compor a amostra. Esses dados se referem ao tipo de moradia, a presença/ausência de automóveis e a presença/ausência do serviço de empregada doméstica ou faxineira no domicílio de residência do jovem e a renda da família.

A moradia daqueles que são oriundos do estrato CSD se caracterizou principalmente como área de risco - invasão e apartamentos cedidos pela prefeitura (PBH) (seis famílias) para moradores de invasões devido às situações que exigiram que saíssem do local que residiam; outras três famílias residem próximo à área de risco: uma jovem reside juntamente com o companheiro na casa dos sogros, uma família em um barracão no fundo de uma casa de parentes e a terceira em uma casa própria; e apenas uma família reside em uma casa própria dos avós do jovem em um bairro que pode ser definido como do estrato de CSM.

Já a condição de moradia daqueles que são oriundos do estrato CSM caracterizou-se quase 100% como casa própria em regiões fora do entorno de áreas de risco, apenas uma jovem está residindo em uma casa bastante confortável em um bairro que pode ser identificado como sendo de CSM. Vale ressaltar que essa jovem não está residindo com os pais porque preferiu morar na capital onde tem maior facilidade de locomoção para o trabalho e faculdade, que têm sua casa própria.

A presença ou ausência de automóveis, bem como a quantidade desses nas famílias foi outra característica que se destacou pela disparidade que apresenta entre

CSD e CSM. Dentre as 20 famílias, cinco não possuem automóveis, sendo que quatro dessas que não possuem pertencem ao estrato CSD. As outras seis famílias desse estrato possuem um carro, sendo que em duas dessas famílias o carro está na posse de alguém que poderia ser definido como alguém da família estendida do jovem (em uma o carro é do sogro da jovem e na outra dos avós do jovem). Juntamente com essas, cinco famílias do estrato CSM também possuem um carro e as outras cinco famílias desse estrato possuem dois ou três automóveis, de modo que todas as famílias do estrato CSM possuem carro. Dentre os seis jovens que possuem carro, apenas uma é oriunda do estrato CSD, sendo ela própria a compradora do carro juntamente com outros dois jovens que também compraram sozinhos (duas mulheres e um homem, portanto), a outra metade (dois homens e uma mulher) ganhou da família.

A presença ou ausência dos serviços de faxineira e empregada doméstica foi outro fator pensado como de diferenciação entre os estratos, uma vez que dentre as 20 famílias, quatro do estrato CSM utilizam os serviços desses trabalhadores e nenhuma do estrato CSD.

A renda mensal das famílias variou entre R\$1.300,00 (mil e trezentos reais) e R\$6.000,00 (seis mil reais) para a CSD e entre R\$2.000,00 (dois mil e quinhentos reais) e R\$21.000,00 (vinte e um mil reais) para a CSM, sendo que nove famílias do estrato desfavorecido ganharam no máximo R\$3.500,00 (três mil e quinhentos reais), enquanto sete famílias do estrato médio ganharam acima de R\$4.000,00 (quatro mil reais) por mês<sup>23</sup>.

#### **4.2. Dados quantitativos**

Os dados descritos nesse tópico são oriundos da “Pesquisa Dimensões Sociais das Desigualdades” (PDSD), que tem uma amostra representativa da população brasileira, urbana e rural, com exceção da área rural da região Norte, que inclui 3,3% da população do Brasil, sendo composta por 8.048 domicílios entrevistados em 2008. Para essa pesquisa foram selecionados todos os chefes do domicílio e os cônjuges, uma vez que esses indivíduos responderam questões relativas à mobilidade social e

---

<sup>23</sup>(CSD: R\$ 1.300,00, R\$ 2.000,00, R\$ 2.300,00, R\$ 3.000,00 (4), R\$ 3.500,00 (2), R\$ 6.000,00 /CSM: R\$ 2.500,00 (2), R\$ 2.700,00 R\$ 4.000,00, R\$ 4.300,00, R\$ 6.000,00, R\$: 6.500,00, R\$ 9.000,00, R\$ 11.400,00, R\$ 20.000,00).

correspondem àqueles que, geralmente, já atingiram certo grau de autonomia que permite uma análise do alcance educacional e ocupacional. A seleção da amostra reuniu 12.326 indivíduos. Para a maior parte das análises foram selecionados apenas os indivíduos entre 14 e 64 anos de idade, somando 10.040 casos. Esse recorte toma como base a idade em que os indivíduos estão no mercado de trabalho com maior frequência (população economicamente ativa), uma vez que os modelos estimam o status ocupacional (do primeiro emprego ou da vida adulta).

Assim, nessa sessão serão apresentadas estatísticas descritivas (medidas de tendência central e tabelas cruzadas) das variáveis utilizadas, considerando a amostra total e a subamostra (indivíduos com idade entre 14 e 64 anos). A realização do status ocupacional dos indivíduos é influenciada por uma série de características: educacionais, herança socioeconômica, atributos como gênero e raça, experiências de trabalho anteriores e contexto regional no qual viveu, entre outras.

Para analisar o status ocupacional utilizamos o *International Socioeconomic Index – ISEI* (Ganzeboom e Treiman, 1996), que ordena as ocupações usando uma única escala hierárquica baseada na média de educação e renda de cada ocupação, variando entre 16 e 90. O *ISEI* foi utilizado tanto para mensurar a variável dependente, quanto para medir o status ocupacional dos pais, que são variáveis independentes nos modelos estimados.

Para as análises descritivas, foi utilizado um esquema de estratos ocupacionais elaborado por Costa Ribeiro (2010, p. 80). O esquema EGP, desenvolvido por Goldthorpe<sup>24</sup> (apud Costa Ribeiro, 2010), foi reduzido de onze para oito categorias, mantendo as principais distinções originais e acrescentando uma distinção especificamente importante no contexto brasileiro, inspirada nos grupos de status de Silva<sup>25</sup>. Os trabalhadores manuais qualificados da indústria moderna foram separados dos demais trabalhadores manuais qualificados, em função da posição específica do primeiro grupo nas condições de industrialização da sociedade brasileira.

---

<sup>24</sup> GOLDTHORPE, H. (2000). *On Sociology: numbers, narratives and the integration of research and theory*. Oxford: Oxford University Press.

<sup>25</sup> SILVA, N. (2003). “O Esquema Analítico e a Classificação Ocupacional”. In: HASEMBALG, C; SILVA, N. (orgs.). *Origens e Destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro: Topbooks.

Na Tabelas a seguir (1 e 2) são apresentadas as frequências, medidas de tendência central (apenas para as variáveis contínuas) e o valor mínimo e máximo das variáveis que compõem as análises descritivas e os modelos estimados.

**Tabela 1- Estatísticas descritivas**

	N	Min	Max	Média	Desvio Padrão
sexo (homem=0, mulher=1)	12.326	0	1		
Idade (anos completos)	12.324	14	98	48,342	16,1433
Estado civil (Não casado=0, casado=1)	12.326	1	2		
Educação	11.994	0	16	6,65	4,38
Trabalha (Não=0, Sim=1)	12.326	0	1		
Idade que começou a trabalhar	10.230	3	60	15,77	6,60
Status ocupacional da primeira ocupação	8.822	19	88	30,48	12,07
Status ocupacional	6.275	19	88	35,37	14,70
Dummy/preto	12.325	0	1		
Dummy/pardo	12.325	0	1		
Dummy/branco	12.325	0	1		
Educação da mãe	10475	0	16	3,02	3,65
Educação do pai	8.755	0	16	3,27	3,82
Status ocupacional mãe	5701	19	90	27,81	11,582
Status ocupacional pai	12.326	18	90	30,84	11,890

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

**Tabela 2- Estatísticas descritivas: 14 a 64 anos de idade**

	N	Min	Max	Média	Desvio Padrão
sexo (homem=0, mulher=1)	10.040	0	1		
Idade (anos completos)	10.040	14	64	42,803	12,0705
Estado civil (Não casado=0, casado=1)	10.040	0	1		
Educação	9.814	0	16	7,25	4,22
Trabalha (Não=0, Sim=1)	10.040	0	1		
Idade que começou a trabalhar	8.372	3	55	15,84	6,09
Status ocupacional da primeira ocupação	7.160	19	88	30,85	12,24
Status ocupacional	5.974	19	88	35,40	14,73
Dummy/preto	10.039	0	1		
Dummy/pardo	10.039	0	1		
Dummy/branco	10.039	0	1		
Educação da mãe	8.590	0	16	3,31	3,75
Educação do pai	7.137	0	16	3,49	3,86
Status ocupacional mãe	4.799	19	90	28,25	12,14
Status ocupacional pai	10.040	18	90	30,73	11,84

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

Nas Tabelas 3 e 4 são apresentados os percentuais de algumas variáveis (atributos dos indivíduos), considerando a amostra analisada para todas as idades.

**Tabela 3- Gênero**

	Frequência	Percentual
Homem	5140	41,7
Mulher	7186	58,3
Total	12326	100,0

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

**Tabela 4- Raça/cor**

	Frequência	Percentual
Branca	5531	44,9
Preta	1404	11,4
Parda	5004	40,6
Amarela	153	1,2
Indígena	232	1,9
Total	12324	100,0
Missing	2	,0
Total	12326	100,0

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

As descrições a seguir se referem a informações relativas aos indivíduos que têm entre 14 e 64 anos de idade. Observando a Tabela 5, nota-se que em quase todos os níveis educacionais o percentual é o mesmo para homens e mulheres, exceto nos níveis mais baixos, pois considerando as colunas (gênero) há 1,8% a mais de mulheres sem nenhuma escolaridade do que homens e 1,3% a menos de mulheres que concluíram o



ensino fundamental. Embora a diferença entre homens e mulheres seja mínima, a pequena diferença indica certa desvantagem para as mulheres.

**Tabela 5- Gênero e educação**

	Homem	Mulher	Total
Nenhuma escolaridade	742 (39,5%) (18,1%)	1138 (60,5%) (19,9%)	1880 (100%)
Fez até parte do primário	587 (43%) (14,3%)	777 (57%) (13,6%)	1364 (100%)
Primário completo	665 (41,2%) (16,%3)	949 (58,8%) (16,6%)	1614 (100%)
Ens. fund. completo	504 (44,4%) (12,3%)	632 (55,6%) (11%)	1136 (100%)
Ensino médio completo	1188 (41,5%) (29%)	1674 (58,5%) (29,3%)	2862 (100%)
Ensino superior completo	406 (42,4%) (9,9%)	552 (57,6%) (9,6%)	958 (100%)
Total	4092 (100%)	5722 (100%)	9814 (100%)

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

**Tabela 6- Estado civil**

	Frequência	Percentual
Solteiro (a)	1088	10,8
Está casado (a)	5039	50,2
Está vivendo em união	2368	23,6
Está separado (a)	951	9,5
É viúvo (a)	594	5,9
Total	10040	100,0

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

**Tabela 7- Casados e não casados**

	Frequência	Percentual
Não casado	2.633	26,2
Casado (a)	7.407	73,8
Total	10.040	100

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008).  
Tabulação própria.

As Tabelas 6 e 7 apresentam o percentual do estado civil dos indivíduos, demonstrando que o estado civil com maior número de pessoas é casado (50,2%); seguidos de vivendo em união estável (23,6%) e solteiro (10,8%). Interessa para essa pesquisa descrever a relação entre escolaridade e estado civil para mulheres e homens separadamente (Tabela 8) para investigar o efeito do estado civil na escolaridade e status ocupacional de homens e mulheres, observando qual das duas categorias de gênero se beneficia mais com o status do estado civil ou se o status marital influencia negativamente alguma das categorias. Porém, a Tabela 8 indica não haver correlação entre estado civil e escolaridade, uma vez que o percentual em cada nível de escolaridade não difere muito entre homens casados e não casados ou entre mulheres casadas e não casadas e nem entre homens e mulheres. Apenas no nível mais alto (ensino superior completo) o percentual de homens solteiros que completaram o ensino superior é o dobro dos homens casados (17,7% frente a 8,5%) e, entre os homens casados, há 5,8% a mais de homens casados que não possuem nenhuma escolaridade. Esses dados podem indicar certa desvantagem para os homens casados, o que será testado nas análises de regressão. Porém, quando se faz a leitura da tabela 8 a partir das linhas, dentre aqueles com nível de escolaridade superior completo, 59,8% das mulheres com ensino superior estão casadas ou vivendo em união estável, enquanto dentre os homens com ensino superior, 72,7% estão casados ou vivendo em união, indicando uma vantagem para os homens casados.

**Tabela 8- Educação e estado civil/ Homens e Mulheres**

		Não casado	Casado ou em união estável	Total
Homem	Nenhuma escolaridade	83 (13,2%)	659 (19%)	729 (18,1%)
	Fez parte do primário	77 (12,3%)	510 (14,7%)	587 (14,3%)
	Primário completo	91 (14,5%)	574 (16,6%)	665 (16,3%)
	Ensino fund. completo	70 (11,2%)	434 (12,5%)	504 (12,3%)
	Ensino médio completo	195 (31,1%)	993 (28,7%)	1188 (29%)
	Ensino superior completo	111 (17,7%)	295 (8,5%)	406 (9,9%)
Total		627 (100,0%)	3465 (100,0%)	4092 (100,0%)
Mulher	Nenhuma escolaridade	395 (20,3%)	743 (19,7%)	1138 (19,9%)
	Fez parte do primário	273 (14,1%)	504 (13,3%)	777 (13,6%)
	Primário completo	307 (15,8%)	642 (17%)	949 (16,6%)
	Ensino fund. completo	217 11,2%	415 11%	632 11%
	Ensino médio completo	528 27,2%	1146 30,3%	1674 29,3%
	Ens. superior completo	222 (11,4%)	330 (8,7%)	552 9,6%
Total		1942 (100,0%)	3780 (100,0%)	5722 (100,0%)

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

\*Porcentagem das colunas entre parênteses.

As Tabelas 9 e 10 apresentam o percentual de mulheres chefes do domicílio e cônjuges que trabalham e que não trabalham comparativamente aos homens. Os dados apontam um percentual bastante inferior entre as mulheres, corroborando que ainda são os homens que mais trabalham no país.

**Tabela 9- Trabalho e Gênero: todas as idades**

	Não trabalha	Trabalha	
Homem	1643 (32%)	3497 (68%)	5140 (100%)
Mulher	4349 (60,5%)	2837 (39,5%)	7186/100%
Total	5992	6334	12326

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

\*Porcentagem das linhas entre parênteses.

**Tabela 10- Trabalho e gênero: 14 a 64 anos de idade**

	Não trabalha	Trabalha	
Homem	884 (21,1%)	3314 (78,9%)	4198 (100%)
Mulher	3125 (53,5%)	2717 (46,5%)	5842 (100%)
Total	4009 (39,9%)	6031 (60,1%)	10040 (100%0)

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

\*Porcentagem das linhas entre parênteses.

\*\*Correlação de Pearson significativa (99% confiabilidade): -0,327.

**Tabela 11- Estado civil e trabalho: 14 a 64 anos de idade**

			Não trabalha	Trabalha	Total
Homem	Estado civil agrupado	Não casado	152 (23,5%)	494 (76,5%)	646 (100%)
		Casado	732 (20,6%)	2820 (79,4%)	3552 (100%)
		Total	884 (21,1%)	3314 (78,9%)	4198 (100%)
Mulher	Estado civil agrupado	Não casada	917 (46,1%)	1070 (53,9%)	1987 (100%)
		Casada	2208 (57,3%)	1647 (42,7%)	3855 (100%)
		Total	3125 (53,5%)	2717 (46,5%)	5842 (100%)

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

\*Porcentagem das linhas entre parênteses.

\*\*Correlação de Pearson é significativa (99% de confiabilidade): -0,106 para mulheres e 0,026 para os homens.

A Tabela 11 aponta a relação entre casamento e a participação dos indivíduos no mercado de trabalho, comparando homens e mulheres, destacando-se por demonstrar a menor participação das mulheres casadas (57,3%) no mercado com relação às mulheres não casadas (46,1%) e com relação aos homens. As mulheres que não estão casadas trabalham em maior número. A diferença entre os percentuais masculinos e femininos é gritante, apontando até 37 pontos a mais para participação masculina (mulheres casadas= 42,7%, homens casados= 79,4), considerando o mesmo estado civil para ambos.

A Tabela 12 mostra a frequência de homens e mulheres nas categorias ocupacionais, demonstrando padrões bastante distintos, pois todas as categorias apresentam um maior número de homens, exceto a classe dos prestadores de serviços e trabalhadores não manuais de rotina, além da classe dos proprietários sem empregados,

no qual o número de mulheres é levemente maior. Esses dados corroboram com resultados apresentados por Scalon (1999), que identificam a grande participação das mulheres nesses estratos. Porém, a distribuição proporcional entre aquelas mulheres que trabalham nas categorias ocupacionais não difere muito dos homens, indicando que, atualmente, no Brasil, as mulheres que trabalham conseguem uma distribuição mais igualitária.

**Tabela 12- Categorias ocupacionais e gênero**

	Homem	Mulher	Total
Profissionais e administradores	631 (19%)	507 (18,7%)	1138 (18,9%)
Prest. de serviço e trab. não manuais de rotina	364 (11%)	630 (23,2%)	994 (16,5%)
Proprietários com empregados	281 (8,5%)	218 (8,%)	499 (8,3%)
Proprietários sem empregados	468 (14,1%)	501 (18,4%)	969 (16,1%)
Supervisores do trabalho manual	87 (2,6%)	16 (6%)	103 (1,7%)
Trabalhadores manuais qualificados da indústria	243 (7,3%)	97 (3,6%)	340 (5,6%)
Trabalhadores manuais não qualificados	869 (26,2%)	573 (21,1%)	1442 (23,9%)
Trabalhadores rurais e proprietários rurais	370 (11,2%)	174 (6,4%)	544 (9%)
Total	3313 (100%)	2716 (100%)	6029 (100%)

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

\*Porcentagem das colunas entre parênteses.

\*\*Correlação de Pearson é significativa (99% de confiabilidade):-0,133.

**Tabela 13 - Status ocupacional e estado civil: homens**

Categorias de status ocupacional	Não casados	Casados	Total
Profissionais e administradores	121 (24,5%)	510 (18,1%)	631 (19%)
Prest. serviço e trab. não manuais de rotina	76 (15,4%)	288 (10,2%)	364 (11%)
Proprietários com empregados	54 (10,9%)	227 (8,1%)	281 (8,5%)
Proprietários sem empregados	75 (16,1%)	393 (14,1%)	468 (14,1%)
Supervisores do trabalho manual	7 (1,4%)	80 (2,8%)	87 (2,6%)
Trab manuais qualificados da indústria	30 (6,1%)	213 (7,6%)	243 (7,3%)
Trabalhadores manuais não qualificados	107 (21,7%)	762 (27%)	869 (26,2%)
Trabalhadores rurais e proprietários rurais	24 (4,9%)	346 (12,3%)	370 (11,2%)
Total	494 (100%)	2819 (100%)	3313 (100%)

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

\*Porcentagem das colunas entre parênteses.

\*\*Correlação de Pearson é significativa (99% de confiabilidade): 0,116



**Tabela 14 - Status ocupacional e estado civil: mulheres**

Categorias de status ocupacional	Não casados	Casados	Total
Profissionais e administradores	188 (17,6%)	319 (19,4%)	507 (18,7%)
Prest. serviço e trab. não manuais de rotina	226 (21,1%)	404 (24,5%)	630 (23,2%)
Proprietários com empregados	100 (9,4%)	118 (7,2%)	218 (8,0%)
Proprietários sem empregados	228 (21,3%)	273 (16,6%)	501 (18,4%)
Supervisores do trabalho manual	6 (6%)	10 (6%)	16 (6%)
Trab manuais qualificados da indústria	46 (4,3%)	51 (3,1%)	97 (3,6%)
Trabalhadores manuais não qualificados	237 (22,2%)	336 (20,4%)	573 (21,1%)
Trabalhadores rurais e proprietários rurais	38 (3,6%)	136 (8,3%)	174 (6,4%)
Total	1069 (100%)	1647 (100%)	2716 (100%)

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

\*Porcentagem das colunas entre parênteses.

\*\*Correlação de Pearson é significativa (99% de confiabilidade): 0,002

A partir da Tabela 13, a maior parte dos homens que não estavam casados se concentram nos quatro níveis ocupacionais mais altos (66,9%), enquanto apenas 50,5% dos homens casados se encontram nos mesmos níveis. Para as mulheres (Tabela 14), o padrão é diferente, pois há mais mulheres casadas nas quatro categorias ocupacionais com status mais alto, somando 69,4% das mulheres casadas nesses níveis, indicando uma associação entre estado civil e ter ocupações com alto nível de status para as mulheres e, portanto, uma maior vantagem em estar casada ou desvantagem em não estar casada. Esses dados podem ser relacionados ao padrão de mobilidade identificado por Ribeiro (2005), uma vez que ele observou uma maior vantagem para as mulheres casadas que se encontravam no mercado de trabalho, comparativamente aos homens nas mesmas condições.

Na Tabela 15, a partir da linha nenhuma escolaridade, observa-se uma evolução descendente da frequência de indivíduos com relação à idade na qual começou a trabalhar, de modo que quanto mais novo se começa a trabalhar maior é a chance de estar nesse nível.

Outro achado que se evidencia a partir da Tabela 15: as mulheres começam a trabalhar mais tarde comparativamente aos homens; e, entre as mulheres, começar a trabalhar mais tarde parece ser uma vantagem, uma vez que há mais mulheres com nível superior que começaram a trabalhar mais tarde do que homens, uma vez que o maior número de mulheres com ensino superior está entre aquelas que começaram a trabalhar entre 18 e 22 anos de idade, enquanto o maior número de homens com ensino superior está entre aqueles que começaram a trabalhar entre 13 e 17 anos de idade.

**Tabela 15 - Idade que começou trabalhar (faixas) e escolaridade: 25-64 anos de idade**

		Entre 8 e 12	Entre 13 e 17	Entre 18 e 22	Entre 23 e 27	Entre 28 e 32	Entre 33 e 37	Total
Homem	Nenhuma escolaridade	278 (26,9%)	138 (9,2%)	86 (9,4%)	21 (17,2%)	7 (25,9%)	6 (54,5%)	536 (14,9%)
	Fez parte do primário	203 (19,7%)	184 (12,3%)	104 (11,4)	17 (13,9%)	8 (29,6%)	1 (9,1%)	517 (14,3%)
	Primário completo	177 (17,1%)	257 (17,2%)	134 (14,6%)	18 (14,8%)	5 (18,5%)	0 (0%)	591 (16,4%)
	Ensino fundamental completo	125 (12,1%)	215 (14,4%)	109 (11,9%)	9 (7,4%)	1 (3,7%)	0 (0%)	459 (12,7%)
	Ensino médio completo	202 (19,6%)	527 (35,2%)	356 (38,9%)	23 (18,9%)	4 (14,8%)	2 (18,2%)	1114 (30,9%)
	Ensino superior completo	48 (4,6%)	176 (11,8%)	127 (13,9%)	34 (27,9%)	2 (7,4%)	2 (18,2%)	389 (10,8%)
	Total	1033 (100%)	1497 (100%)	916 (100%)	122 (100%)	27 (100%)	11 (100%)	3606 (100%)
Mulher	Nenhuma escolaridade	315 (33,5%)	151 (9,7%)	81 (7,7%)	29 (9,6%)	43 (25,7%)	13 (18,6%)	632 (15,5%)
	Fez parte do primário	182 (19,3%)	198 (12,7%)	82 (7,8%)	23 (7,6%)	26 (15,6%)	14 (20%)	525 (12,8%)
	Primário completo	169 (18%)	283 (18,2%)	129 (12,3%)	48 (15,9%)	19 (11,4%)	19 (27,1%)	667 (16,3%)
	Ensino fundamental completo	86 (9,1%)	207 (13,3%)	112 (10,7%)	26 (8,6%)	17 (10,2%)	3 (4,3%)	451 (11%)
	Ensino médio completo	163 (17,3%)	533 (34,2%)	438 (41,8%)	122 (40,5%)	48 (28,7%)	18 (25,7%)	1322 (32,4%)
	Ensino superior completo	26 (2,8%)	186 (11,9%)	207 (19,7%)	53 (17,6%)	14 (8,4%)	3 (4,3%)	489 (12%)
	Total	941 (100%)	1558 (100%)	1049 (100%)	301 (100%)	167 (100%)	70 (100%)	4086 (100%)

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

\*Porcentagem das colunas entre parênteses.

\*\*Correlação de Pearson é significativa (99% de confiabilidade): 0,194 para os homens e 0,198 para as mulheres.

### **4.3. Análise dos Dados**

Os resultados dessa pesquisa foram divididos em duas partes: uma que apresenta a relação entre aspirações e expectativas na adolescência e a realização do status ocupacional cinco anos depois, consistindo em um estudo longitudinal e qualitativo; e outra que apresenta a discussão em torno do status do primeiro emprego, comparando dados qualitativos e quantitativos e a relação desses com o status ocupacional na vida. Em todos os casos, considerou-se as variáveis gênero, condição socioeconômica e prática de trabalho na adolescência. Apenas na segunda parte a variável estado civil também é contemplada nas análises.

#### ***4.2.1 Aspirações e expectativas na adolescência e nível do status educacional e ocupacional cinco anos depois***

Nesse capítulo, comparamos as aspirações ocupacionais que os sujeitos apresentaram em 2009 com aquelas apresentadas em 2013/14, buscando associá-las às expectativas dos outros significantes. Verificou-se a correlação entre aspirações e expectativas e o nível de status educacional e ocupacional que os sujeitos atingiram em 2013/14, considerando, em todas as análises, as variáveis condição socioeconômica, gênero e prática de trabalho na adolescência.

**Quadro 3. Aspirações ocupacionais em 2009 e em 2013/14: condição socioeconômica desfavorecida (CSD), gênero e a presença/ausência de trabalho na adolescência**

CSE	Trab. adol	Gênero	Aspirações ocupacionais para os 30 anos de idade/ em 2009	Aspirações ocupacionais e de rendimento para os 30 anos de idade/em 2013/24
CSD	Sim	F	<p>Imagino que vou estar ganhando uns dois a três salários, como médica obstetra/ Ser enfermeira e ganhar bem</p>	<p>Estudando na faculdade. Pretendo estar trabalhando em outro lugar, no lugar onde minha mãe trabalha como secretaria/ 1.200 a 1.300;</p> <p>Acho que hoje eu já estou muito bem. Eu mexo com cabelo, eu gosto só da área de química e todo ano tem coisa nova, então tem que está estudando. Tem horas que eu penso em fazer outra coisa. Eu fico nesse negócio, porque é a profissão que eu gosto. Eu me vejo mexendo com mais coisas, porque meu namorado é marceneiro sabe? Eu já me vejo com Desining de ambientes/ uns quatro mil.</p>
		M	<p>Quero ser engenheiro ou outras profissões. Posso trabalhar na empresa de alguém/ Vou ter uma academia, ganhando uns seis mil/ Não sei. Eu posso conseguir ser um vendedor de loja. Posso tentar ser um policial, vigilante ou mecânico</p>	<p>Na área de Engenharia Mecânica. Tem um colega meu que me falou que tem que gostar muito, porque é muito difícil. Nem que eu esteja nessa mesma empresa ainda, eu quero um cargo que eu esteja bem. Eu posso está fazendo alguma capacitação/No mínimo entre 1.500, e 2.000;</p> <p>Em um cargo de nível superior até o mais alto que eu puder está. Agora no que eu vou trabalhar mesmo eu não sei, mas pelo menos um livro eu quero já ter escrito/ no mínimo uns dois mil, no máximo uns dez;</p> <p>Eu tenho vontade de conhecer um outro emprego (está trabalhando com compactação de asfalto), mas eu prefiro estabilizar nesse primeiro.</p>
	Não	F	<p>Ter meu próprio negócio, uma papelaria ou um salão de beleza/ Eu me imagino bem de vida, mas eu não sei com o que, ganhando uns três mil/ Na área da medicina, ganhar uns dois mil está bom. Se eu formar eu quero trabalhar em um hospital.</p>	<p>Tenho que voltar a estudar. Espero que esteja bem financeiramente com um negócio próprio, um salão de beleza/ no mínimo uns oito mil reais;</p> <p>Formar em Direito. Ser concursada, poder advogar. Gosto da área criminal/ Cinco mil reais.</p>
		M	<p>Trabalho? não sei, um emprego para manter os estudos. Posso está ganhando um salário. Gostaria de ganhar muito, uns três salários está bom/ um serviço bom, acho que eu vou ganhar uns 500 reais, mas quem sabe posso trabalhar igualzinho o meu pai e ganhar até mais. Ou então mecânico. Daí, eu posso ter minha oficina ou ajudante de mecânico.</p>	<p>Um bom serviço e algo que eu goste de fazer. Eu gosto de computador e matemática. Tem um concurso que eu estou esperando, da guarda municipal, porque é um serviço garantido/ Até uns 1.700;</p> <p>Policial, advogado, empresário, eu não sei. Vou ver o que eu vou estudar pra dar certo nisso, se é o Direito, porque sai concurso de polícia. Nisso eu estou pensando ainda./ Uns 3.500, já estava ótimo.</p>

**Quadro 4. Aspirações ocupacionais em 2009 e em 2013/14: Condição socioeconômica média (CSM): gênero e a presença ou ausência de trabalho na adolescência**

CSE	Trab. adol	Gênero	Aspirações ocupacionais para os 30 anos de idade/ em 2009	Aspirações ocupacionais e de rendimento para os 30 anos de idade/em 2013/24
CSM	Sim	F	Trabalhando em uma empresa. Quero ganhar 5.000/  Engenheira da Petrobrás, na manutenção, ganhando uns três mil/  Uma engenheira bem sucedida, com uma empresa que ganhe bem. Eu quero ganhar pelo menos uns sete mil.	Eu faço Desing, mas sei que não vai ser o suficiente para me destacar no mercado. Estou pensando na graduação ou mestrado em Engenharia de Produção. Pretendo está concursada/ Entre 8.000 e 10.000;  Está fazendo faculdade de eng. mecânica ou está formada. Se eu tiver nessa empresa, pretendo virar espetora de solda e trabalhar viajando./ Entre 4 e 7 mil reais;  Formada em eng. Mecânica, depois posso pensar em estudar mais ou dependendo do meu emprego, parar. / uns sete mil.
		M	Bem de vida com minha empresa... Ganhando acima de dez mil/  Rico! Penso em ser realizado, está feliz...	Caso eu não esteja na Valourec, em outra empresa do ramo de engenharia./ Entre 8.000 a 10.000;  Está formado como engenheiro, fazer uma pós-graduação e quem sabe lecionar. Concurso público me atrai, tem na Petrobrás, Vale, Oldbrecht./ No mínimo 10.000
	Não	F	Ganhando uns 2 ou 3 mil, se for em administração, uma empresa grande como a Oi, se for Direito, com meu escritório/  Ter um consultório de Psicologia e fazendo projetos sociais, ganhando uns três mil.	Formada em Adm com pós, mas se pudesse largava tudo e ia cantar. Pensei em fazer concurso público, mas vejo tanta gente que fica 3, 4 anos estudando, porque é muito difícil. Penso em abrir uma empresa também. Passa pela minha cabeça consultoria também/ no mínimo 5.000;  Quero estudar Psicologia como um hobby, gosto também de Estética. O ideal é que eu continue estudando, tipo inglês e especializações de Relações Públicas. Meu sonho mesmo era montar uma consultoria interna./Por volta de uns 15 a 18 mil.
		M	Trabalhando em uma boa empresa com um bom salário/  Trabalhando em uma boa empresa, como a FIAT e ganhando uns R\$ 4.000,/  Vou ter uma renda alta e ter meu próprio negócio na área de Medicina veterinária.	Está formado, fazer uma especialização. Pretendo ter meu escritório de arquitetura/ Uns 5.000;  Pretendo formar em eng. elétrica com 25 e com os 30 já ter uma vida estabilizada. Não sei te responder em qual lugar quero trabalhar/ 9.000, 10.000 mais ou menos;  Pretendo montar uma empresa de engenharia, de reforma, de construção, calculista, de execução, em outra cidade, no interior/ Entre 15.000 e 20.000

A partir dos Quadros 3 e 4, comparamos as aspirações ocupacionais relatadas pelos sujeitos em julho de 2009 e em dezembro de 2013, evidenciando um padrão extremamente diferenciado entre aqueles que pertencem ao estrato condição socioeconômica desfavorecida (CSD) e aqueles com condição socioeconômica média (CSM). O estrato CSD demonstrou grandes alterações nas aspirações anteriores e atuais, decrescendo em nível de status e rendimento, o que reflete a realidade de instabilidade socioeconômica, pois, ao contrário, aqueles pertencentes ao estrato CSM apresentaram poucas mudanças, de forma crescente no que se refere ao nível de status e rendimento. De modo geral, as aspirações já se apresentavam estratificadas na coorte de 2009, ficando aparente na coorte atual a instabilidade do grupo desfavorecido economicamente.

Considerando o estrato CSD, os sujeitos que trabalhavam na adolescência (2009) apresentaram maiores desvantagens, uma vez que alguns (meninas) mantiveram as expectativas de rendimentos, mas reduziram o status da ocupação (de médica para secretaria – 3 salários- e de enfermeira chefe para cabeleireira – R\$3.000), enquanto outros (meninos) mantiveram o nível de status (empresário) e reduziram o rendimento (de 6 mil reais para 2 mil) ou reduziu o status da ocupação que aspira (engenheiro para supervisor de telemarketing) ou ainda continuava sem aspirações definidas. Para os que não trabalhavam e pertenciam ao mesmo estrato socioeconômico, o nível de aspirações ocupacionais e de rendimento se manteve.

Por outro lado, ao considerar o estrato CSM, os níveis de status ocupacional (empresário (a), engenheiro (a) mecânico(a), engenheiro elétrico, empresa de relações públicas) se mantiveram altos ou aumentaram ainda mais; e com relação ao rendimento esperado para a ocupação correspondente, somente aumentaram, sendo o mais baixo 3 mil reais em 2009, a média atual (2013/14) esteve em torno de 9 mil reais e as expectativas mais altas chegaram a 20 mil reais.

Esse quadro de desigualdade das aspirações retrata as desigualdades socioeconômicas que separam os estratos sociais, bem como as injustiças inerentes a tal realidade, uma vez que aqueles oriundos de estratos menos favorecidos aspiram, gradativamente (da adolescência para a vida adulta), ocupações e rendimentos menos valorizados. Embora possamos interpretar esses dados dizendo que os sujeitos esperam o que podem conquistar diante da realidade material em que se encontram, podemos pensar também que não aspiram mais porque não conhecem ou, a partir de uma

perspectiva mais ampla, pode-se dizer que a estrutura social reproduz a desigualdade social até nos aspectos mais subjetivos, como as aspirações ocupacionais. E essas são determinantes para a realização ocupacional efetiva, pois não apenas se produzem em um contexto social, como também constituem a motivação e engajamento necessários para o desenvolvimento dos projetos dos indivíduos.

Embora a literatura sobre aspirações, desde as pesquisas de Wiscosin (Seweell, Haller e Orlendorf, 1970), apresente que a baixa condição sócio-econômica favorece a baixas aspirações e expectativas, Khattab (2003) encontra um caso de exceção em Israel, onde palestinos apresentam alto nível de aspirações educacionais a despeito das dificuldades que vivem. Dentre os palestinos e judeus de Israel, os primeiros apresentam uma condição sócio-econômica bem inferior a dos judeus e a proporção de palestinos no ensino superior é maior do que a de judeus. O autor explica que a segregação educacional dos palestinos possibilita que eles se valorizem entre si e não permite que sejam expostos a comparações com relação aos demais, de modo que suas fraquezas fiquem expostas. Assim, acabam desenvolvendo alto nível de aspirações.

Kao e Tienda<sup>26</sup>, citados por Khattab (2003), demonstram que o mesmo ocorre com estudantes negros americanos, que se mantêm segregados no ensino. Pode-se dizer que a forma como os estudantes minoritários percebem sua realidade social e econômica e suas chances no sistema educacional e no mercado de trabalho são cruciais para determinar se eles desenvolverão altas ou baixas aspirações (Khattab, 2003, p. 283-295).

A partir disso, estudantes minoritários não se esforçam para atingir um objetivo particular por não acreditarem que os resultados seguem como consequência direta do sucesso de suas performances nas tarefas escolares (Lapan, Hinkelman, Adams e Turner, 1999, p. 108), de modo que a percepção que os estudantes têm de suas chances futuras influenciam seus comportamentos e suas crenças, fazendo que acreditem em possibilidades reais no mercado de trabalho e se dediquem a terem um melhor desempenho escolar.

De acordo com essa literatura, associamos o movimento das aspirações ocupacionais entre 2009 e 2013 com as motivações para o estudo e trabalho apresentada em 2013, evidenciando o baixo envolvimento dos jovens oriundos do estrato

---

<sup>26</sup> Kao & Tienda, 1998, p. 380.



socioeconômico desfavorecido com o estudo, bem como a finalidade do trabalho é financeira, geralmente.

Como foi demonstrado anteriormente, apenas 50% dos jovens oriundos do estrato CSD concluíram o ensino médio, ao passo que 100% dos que pertenciam ao estrato CSM concluíram esse nível. Além disso, todos desse estrato estão estudando atualmente, enquanto apenas dois do estrato CSD estão estudando. Esse dado é alarmante, considerando que quatro anos e meio atrás todos estavam na série regular e quase todos pretendiam continuar estudando. Ao serem questionados com relação à motivação que encontram para estudar, alguns dos jovens com CSD que estão estudando ou se interessam em voltar a estudar relataram como motivações principais: “ganhar mais”, “conhecimento”, “independência” e “crescimento profissional”. Enquanto os com CSM relataram: conhecimento para fazerem o que gosta, porque é a área que o pai também gosta e apenas em dois de dez casos, para “ganhar mais”.

As falas dos jovens indicam o nível de envolvimento com o estudo pela extensão de suas falas, pelos motivos relacionados (conhecimento, financeiro) e pelo interesse. Nos trechos a seguir, podemos observar a presença da preocupação em cuidar de terceiros (pais e filhos) e dar-lhes uma vida melhor como motivação para as escolhas dos jovens. Isso se observa apenas nesse estrato:

Jovens com CSD: (Trabalhava na adolescência/ mulher): “Interesse de ganhar mais e porque eu gosto da área, aprendi a gostar, porque é uma forma de está mais perto do kaique (filho), posso levar e buscar o Kaique na escola. Eu escolhi essa área por isso.” Não trabalhava na adolescência/ homem): “Ser alguém na vida (risadas). Ficar dependendo dos outros não dá por muito tempo. Dar uma vida melhor aos meus pais também, sempre é bom.” (Não trabalhava na adolescência/ Mulher): “Infelizmente nada, um futuro melhor financeiro, estabilidade [...]”

No entanto, um jovem desse estrato se destaca como um caso desviante ao apresentar diversas respostas extremamente diferentes do seu estrato e inclusive raras no estrato superior. (CSD/ Trabalhava na adolescência/ Homem): “[...] porque proporciona um futuro melhor, mais aprendizado, para ser uma pessoa mais culta. Escolhi Letras porque é o que eu gosto de fazer, gosto muito de literatura [...]”. Como ele tinha que conseguir um trabalho como vendedor no shopping, ele tentou em uma livraria, pois assim consegue comprar os livros com desconto e fica no ambiente que gosta. Anteriormente, teve outros trabalhos. Considera-se esse jovem como um caso desviante

pelo alto nível de aspirações, pelo envolvimento com a leitura e com sua área de interesse e pelas motivações apresentadas para o estudo e trabalho, embora sua condição socioeconômica imponha grandes desafios à sua trajetória, uma vez que iniciou dois cursos superiores e teve que interromper o primeiro (engenharia química) porque não gostou e o segundo (Letras), porque, conforme ele relatou, “Eu estava fazendo cursinho pré-vestibular pra tentar passar na UFMG, porque eu parei de fazer a faculdade, porque era uma faculdade particular e estava ficando muito caro [...]”. O jovem reside com sua mãe e irmão na casa de sua avó e a sua mãe ganha um salário mínimo como auxiliar administrativa e vendedora em uma loja, enquanto seu pai é motorista. Os pais não puderam ajudá-lo a pagar a sua faculdade, de modo que ele precisou interromper o curso superior que iniciou, o que o impede de ter um trabalho na área que gosta, como um estágio, por exemplo, como é o caso de todos os jovens do estrato CSM da amostra.

Por outro lado, os jovens pertencentes ao estrato CSM demonstraram maior interesse no conhecimento em vez do dinheiro apenas e de retorno imediato, indicando um quadro de estabilidade e possibilidade para o desenvolvimento de uma trajetória profissional promissora:

Jovens com CSM: (Trabalhava na adolescência/ Homem): ... é aprender, porque quando estou estudando eu sei que aprendo mais aquilo e desenvolvo melhor e se eu for conversar com alguém eu vou saber falar sobre aquilo, principalmente na área que estou trabalhando...

(Trabalhava na adolescência/ Homem): O crescimento profissional né. Curso superior é muito importante para sua vida, conhecimento nunca é demais. Eu pretendo fazer mestrado, doutorado, seguir nessa linha assim. Escolhi esse curso porque eu já estudei engenharia de edificações no técnico e o grau de dificuldade me motiva, me intriga sabe? Acho que isso me motiva. A questão da matemática, que eu gosto muito, a remuneração.

(Trabalhava na adolescência/ Mulher): A vontade de ter um futuro bom, uma carreira boa e também atuar numa área que eu goste, não ficar nessas profissões que a gente não estuda tanto, mas não é tão legal quanto a que eu quero fazer.

(Trabalhava na adolescência/ Mulher): Eu sempre quero mais, quero crescer, quero ter conhecimento, que a minha área é uma coisa muito vasta, então quanto mais a gente sabe mais tem que aprender...

(Trabalhava na adolescência/ Mulher): Acho que é a busca por um salário melhor, uma vida financeira melhor.

(Não trabalhava na adolescência/ Homem): Eu sempre gostei de mexer com criação, essas coisas. Aí, me surgiu a idéia de fazer esse curso, pra unir o útil ao agradável.

(Não trabalhava na adolescência/ Homem): Eu escolhi por mim e por meu pai, que tem colegas que trabalham nessa área e disseram que o

curso é bom e que essa área só tende a crescer. Além disso, as matérias que eu mais gosto são exatas.

(Não trabalhava na adolescência/ Homem): Olha, primeiramente, questão de gosto, porque eu gosto muito de trabalhar nessa área e eu vejo que eu me desenvolvo melhor, minha desenvoltura para lidar com pessoas no canteiro de obra, porque é preciso saber lidar com pessoas diferentes em todas as situações. Essa é a minha maior motivação. E em toda a vida, me espelhando em meu pai eu acabei gostando, porque ele sempre gostou.

(Não trabalhava na adolescência/ Mulher): Sempre falei com a minha mãe: “Vou estudar bastante para ganhar bastante dinheiro e te dar tudo que você quiser”, porque a vida inteira você me deu tudo e será o momento de eu retribuir. E agora que estou trabalhando no Banco Alfa, vi a importância de estudar Administração. Escolhi esse curso porque eu gosto de ser requisitada ou então de tomar providências...

(Não trabalhava na adolescência/ Mulher): Eu acho que escolhi o curso certo e quando a gente faz o que a gente gosta, não tem nada que para a gente. Na época que você me entrevistou eu sempre fui apaixonada por Psicologia e nas Relações Públicas eu descobri uma forma inteligente de usar a Psicologia que é pro lado organizacional/ social, com um motivo maior, que é o relacionamento.

Da mesma forma, as motivações para o trabalho demonstraram a desigualdade entre os estratos na condição socioeconômica desfavorecida e média, apontando como motivações para o trabalho a necessidade de dinheiro para cobrir as necessidades pessoais no caso dos jovens do estrato CSD e, no caso dos demais, a motivação para o trabalho é fazer o que gosta e praticar o que estuda; e o retorno financeiro cobre em alguns casos o estudo, mas, na maior parte dos casos daqueles oriundos do estrato CSM, os pais ainda contribuem com parte das despesas dos filhos.

Portanto, observa-se, a partir dessa amostra, que o nível de aspirações ocupacionais está associado ao grau de engajamento com os estudos e projetos de trabalho, o que demonstra haver uma percepção estratificada dos jovens com relação às perspectivas futuras, o que se baseia na realidade de estratificação ocupacional (Khattab, 2003; Lapan, Hinkelman, Adams e Turner, 1999, p. 108).

Acrescenta-se à discussão o conceito de outro significante e a sua participação no processo de constituição das aspirações ocupacionais, pois o que o outro significante transmite pensar a respeito do indivíduo, através da fala, de gestos, forma de olhar e atitudes durante a interação diária; é absorvido por ele para formar sua auto-imagem (Mead, 1934, p.144). Desse modo, analisamos as expectativas dos outros significantes com relação aos sujeitos estudados, considerando-as parte ativa do processo, ao descobrirem as habilidades dos sujeitos, selecionarem ocupações e promoverem um

plano para a realização das aspirações. “Pais realçam habilidades que os filhos apresentam, além de terem suas expectativas com relação aos filhos aumentadas, interagindo assim, pais e filhos em sincronia [...]” (tradução própria) (Bryant, Zvonkovic, Reynolds, 2006, s/p).

Através das interações sociais, algumas pessoas exercem o papel de outro significativo na vida do indivíduo. Geralmente, as pessoas que exercem esse papel no início da vida da criança são os pais ou familiares mais próximos. São eles as pessoas que exercem maiores influências sobre as atitudes dos indivíduos. Após a infância, cumpre esse papel aquelas pessoas que têm uma ligação afetiva com o indivíduo (Mead, 1934, p.145).

Para os sujeitos da amostra, as pessoas consideradas como as que exercem maior influência sob eles foram, em quase todos os casos, os pais ou algum dos pais somados a mais uma ou duas pessoas, representadas por irmãos, namorado, avó e, em um caso, tia e madrinha. Apenas uma jovem não mencionou os pais entre as pessoas que exercem maior influência em suas vidas, indicando a avó e o companheiro. Não se observou diferenças significativas nas pessoas indicadas como outro significativo, considerando condição socioeconômica ou gênero.

Os pais ou pessoas que influenciam os sujeitos fazem parte do processo de formação de suas aspirações ao estabelecerem com os filhos, na interação social, uma comunicação intersubjetiva através da linguagem, de modo que os sujeitos captam as mensagens do outro e as simboliza, acabando assim por assumir as atitudes e papel do outro (Mead, 1934, p. 160-161).

No entanto, o indivíduo não é vítima indefesa do “olhar” e mensagens verbais ou gestuais do outro significativo, pois, após a infância, ele elege inconscientemente os outros significantes e há uma auto-reflexão, na qual as mensagens vindas dos outros são simbolizadas e relacionadas a outros conteúdos interiorizados anteriormente, dando um caráter ativo ao processo (Mead, 1934, p.144-147).

**Quadro 5. Expectativas dos pais em 2009 e em 2013/14, trabalho, rendimentos e educação em 2013/14: (CSD), gênero e a presença ou ausência de trabalho na adolescência**

CSE	Trab. Adol	Gen	Expectativas em 2009 e 2013/14	Trabalho e rendimento	Escol.
CSD	Sim	F	<b>2009:</b> Eu acho que ela vai conseguir trabalhar com enfermagem como ela diz que quer. <b>2013/14:</b> Acho que vai está muito bem na mesma área, com salão de beleza./ <b>2009:</b> Quero que ela tenha o segundo grau para ela poder escolher. Eu acho que essas pessoas que dão aula de computação é um bom emprego. <b>2013/14:</b> Eu acho que ela não gosta de estudar, não esforça. Era pra ter formado no segundo grau, por preguiça não terminou. Se ela continuar desse jeito, ela vai continuar sendo caixa.	Operadora de caixa (900,); Autônoma /cabeleireira (2.500,)	Médio Incom. Médio Comp.
		M	<b>2009:</b> Eu escolheria um engenheiro porque desde pequeno ele faz uns desenhos e diz isso. Ele terá uma empresa ou será sócio. <b>2013/14:</b> Engenheiro civil que ele falava./ <b>2009:</b> Queria que fosse um empreendedor; o Alex ele é muito dinâmico, ele corre atrás do que quer. Se ele não for até onde eu almejo, ele vai chegar bem perto. <b>2013/14:</b> acredito que ele vai ser muito bem sucedido naquilo que ele estiver fazendo pelo potencial dele, ele é muito criativo, tem força de vontade, Ele começou Letras, mas parou. Por mais que ele fale disso, eu não consigo ver ele nessa área, ele tem condições de ser muito mais./ <b>2009:</b> Ele vai trabalhar em departamento de pessoal, no setor administrativo porque “duro” ele não gosta de pegar; gostaria que ele fosse policial. <b>2013/14:</b> Penso que ele deve está melhor. Ele pode está trabalhando em outra coisa diferente de compactação de asfalto.	Telemarketing;b alconista em uma livraria; compactação de asfalto; (700,)	Médio Incom. (2) Superior Incom
	Não	F	<b>2009:</b> Ela é muito inteligente. Eu gostaria que ela fizesse faculdade. Eu acho que ela vai trabalhar no serviço público, secretária./ <b>2009:</b> Ela diz que vai ser advogada. Eu acho que tem a possibilidade de ela ser o que ela quer. <b>2013/14:</b> se ela não tomar consciência de que o que ela está fazendo está errado, ela vai está igual muita gente que eu vejo por aí, na rua, sem casa, sem teto, usuário de drogas, porque sinceramente ela vai pela cabeça dos outros. Ele teve oportunidade de trabalhar aqui pela Claro, mas ela não quis./ <b>2009:</b> Espero que ela esteja formada com um bom emprego para pagar uma faculdade. Acho que vai ser secretária ou auxiliar de enfermagem ou médica como ela diz. <b>2013/14:</b> Vai se formar em Direito.	Pregoeira de licitações (800,); Manicuri (2.000,0)	Médio Incom. (2) Superior Incom
		M	<b>2009:</b> Gostaria que ele fosse advogado. Depois, um juiz./ <b>2013/14:</b> Ele tem que fazer um esforço pra fazer uma faculdade, porque só com o terceiro ano não tem como arrumar um serviço bom não./ <b>2009:</b> Eu gostaria que ele tivesse um trabalho como meu marido tem (motorista). Eu acho que ele deve ser empresário de alguma coisa. <b>2013/14:</b> Ele pode ser policial.	Corretor (780,0); estagiário de ensino médio em laboratório (700,0)	Médio Comp. (2)

**Quadro 6. Expectativas dos pais em 2009 e em 2013/14, trabalho, rendimentos e educação em 2013/14: Condição socioeconômica média (CSM), gênero e a presença ou ausência de trabalho na adolescência**

CSE	Trab. Adol	Gen	Expectativas em 2009 e 2013/14	Trabalho e rendimento	Escol.
CSM	Sim	F	<p><b>2009:</b> Eu desejo que ela seja independente; <b>2013/14:</b> Eu acho que arquitetura e edificações (...) ela vai fazer mais coisas para aperfeiçoar, vai fazer um pós./</p> <p><b>2009:</b> Pelo que ela fala e pelo que eu vejo que ela está fazendo, vai ser esse negócio de mecânica. Ela vai está bem empregada. A natureza dela é de querer mais, e correr atrás. <b>2013/14:</b> Formada na área de engenharia com um bom emprego, em uma empresa grande. /</p> <p><b>2009:</b> Acho que ela vai ser engenheira como ela escolheu.</p>	Não está trabalhando; Auxiliar técnico de engenharia mecânica (900.); Técnica de eng. mecânica (1.280,)	Superior Incomp. (3)
		M	<p><b>2009:</b> Fazer engenharia industrial; <b>2013/14:</b> Uma pessoa bem sucedida, porque ele trabalha muito, é esforçado, estudioso. Vai ser um Engenheiro mecânico/</p> <p><b>2009:</b> Formado no que ele quer, trabalhando com nossa empresa e muito bem; <b>2013/14:</b> Ele vai está formado em engenharia, mas eu creio que depois ele vai parar de estudar. Eu creio que ele vai ter uma empresa</p>	Aux. Técnico de eng. Mecânica (2.100.); Autônomo (empresa da família-2.500,)	Superior Incomp. (2)
	Não	F	<p><b>2009:</b> Eu falo com ela de jornalismo porque ela se expressa muito bem, ela é comunicativa. Eu acredito que ela pode se dá bem nisso. <b>2013/14:</b> acho que vai ser excelente, ela vai montar uma empresa e pode tentar um concurso público também. Acredito que ela vai terminar a faculdade, pós e vai tentar muita coisa pela frente./</p> <p><b>2009:</b> eu escolheria o Direito que ela tanto se identificava, mas ela é muito decidida, ela pode fazer psicologia mesmo. <b>2013/14:</b> Eu acho que ela vai ficar na área de Relações Públicas mesmo, porém num cargo de chefia, porque é o perfil dela, na mesma empresa ou em uma multinacional, talvez um concurso público ou ter a própria empresa.</p>	Estagiária de administração em um banco (1.000,0); Técnica em Relações Públicas (1.500,);	Superior Incomp. (2)
		M	<p><b>2009:</b> Eu acho que ele deveria ser arquiteto, porque ele gosta e desenha bem, mas eu acho que vai ser na área de computação; <b>2013/14:</b> Eu acho que ele vai longe com o curso dele (arquitetura), porque ele sempre gostou de ficar desenhando prédios. Eu acho que ele vai está trabalhando por conta própria/</p> <p><b>2009:</b> Nosso pensamento é ele se formar no SENAI; <b>2013/14:</b> Com 25 anos, ele vai está formado na área que ele está, engenharia elétrica. Eu acho que ele vai continuar na FIAT e quando se formar vai fazer uma prova e vai ser um chefe, vai ser grande lá dentro./</p> <p><b>2009:</b> Eu só quero que ele seja bem sucedido em qualquer profissão. <b>2013/14:</b> Ele já vai está com a firma dele.</p>	Não está trabalhando; Aux. técnico de eletrônica (1.200,); estagiário (superior) de engenharia civil (1.400,)	Superior Incomp. (3)

As expectativas ocupacionais dos pais com relação aos seus filhos indicaram o mesmo padrão das aspirações ocupacionais dos sujeitos, pois apenas no estrato CSD houve alterações significativas nas expectativas entre o ano de 2009 e 2013. Alguns outros significantes desse estrato reduziram o nível de expectativas com relação aos filhos e nesses casos, os filhos haviam apresentado um desempenho inferior ao esperado, não concluindo o ensino médio e/ou apresentando comportamentos totalmente desaprovados pela família, como usar drogas e não estudar ou trabalhar. Em um caso a mãe mudou suas expectativas, de acordo com as mudanças nas aspirações da filha (de enfermeira chefe para cabeleireira) e, nesse caso, embora o nível de status ocupacional das aspirações tenha reduzido também, o rendimento se manteve.

Considerando ainda o estrato CSD, as expectativas dos outros significantes foram mais elevadas com relação aos homens, pois apenas com relação a algumas mulheres eles apresentaram expectativas negativas quando as filhas não haviam concluído o ensino médio, enquanto o mesmo ocorreu com alguns homens que não concluíram esse nível educacional quando os outros significantes relataram uma redução no nível de expectativas; não demonstraram descrença no potencial do filho através da linguagem; ou ainda o filho parou de estudar, mas os outros significantes mantiveram o mesmo nível de expectativas. A partir das expectativas apresentadas em 2009, há apenas uma leve diferença entre homens e mulheres, que se apresentava como destacamos a seguir:

Jovens com CSD: (Trabalhava na adolescência/ mulher):2009: Quero que ela tenha o segundo grau para ela poder escolher. Eu acho que essas pessoas que dão aula de computação é um bom emprego. 2013/14: Eu acho que ela não gosta de estudar, não esforça. Era pra ter formado no segundo grau, por preguiça não terminou. Se ela continuar desse jeito, ela vai continuar sendo caixa.

(Não trabalhava na adolescência/ mulher):2009: Ela diz que vai ser advogada. Eu acho que tem a possibilidade de ela ser o que ela quer. 2013/14: se ela não tomar consciência de que o que ela está fazendo está errado, ela vai está igual muita gente que eu vejo por aí, na rua, sem casa, sem teto, usuário de drogas, porque sinceramente ela vai pela cabeça dos outros. Ele teve oportunidade de trabalhar aqui pela Claro, mas ela não quis./

(Trabalhava na adolescência/ homem):2009: Eu escolheria um engenheiro porque desde pequeno ele faz uns desenhos e diz isso. Ele terá uma empresa ou será sócio. 2013/14: Engenheiro civil que ele falava.

A partir dos trechos acima, inseridos no quadro 5, observa-se entre os dois primeiros (referem-se à filha mulher) e o terceiro (refere-se a um filho homem) uma

diferença de tratamento ao se referir às filhas e ao filho, sendo que todos os três pararam de estudar, de modo que as mães das mulheres utilizaram palavras pejorativas e têm uma expectativa negativa com relação às filhas, enquanto a mãe do homem, embora ele tenha parado de estudar também, manteve a mesma expectativa ocupacional com relação ao filho. A mãe de outro jovem que parou de estudar e, além disso, teve problemas com a justiça (ficou preso devido envolvimento no tráfico de drogas) não apresentou uma fala desrespeitosa ou descrente com relação ao filho: “A gente pensa sempre estar melhor. Ele pode estar trabalhando em outra coisa diferente. Eu não sei, claro que ele vai ter uma cabeça mais madura e ele vai ver o que é melhor pra ele.” Os pais se comportam diferentemente com homens e mulheres, refletindo a desigualdade social entre os sexos. Isso se deu porque notam o maior prejuízo que as filhas terão ao não se dedicarem aos estudos ou porque destinam menos valor às mulheres. De todo modo, o preconceito de gênero se evidencia nessas relações.

Ao observar as expectativas que os sujeitos percebem e compará-las com as expectativas que foram realmente declaradas pelos pais é possível compreender a relação entre aspirações e expectativas, pois, conforme Cooley (1922, p. 207-210), os sentimentos acerca de quem somos dependem, em grande medida, de como nós nos vemos avaliados pelos outros. Assim, como vemos nosso corpo refletido em um espelho, do mesmo modo vemos nosso ‘eu’ social refletido nas gesticulações e reações que os outros nos dirigem.

De modo geral, as percepções dos jovens entrevistados com relação às expectativas dos outros significantes indicaram bastante semelhança ao que os pais relataram ter como expectativas sob eles. Considerando a condição socioeconômica, no estrato médio, todos notam expectativas positivas por parte dos outros significantes, enquanto no estrato com condições desfavorecidas dois sujeitos, um homem e uma mulher, percebem expectativas negativas por parte de um dos pais. Considerando o gênero, evidenciou-se certa desigualdade no interior do estrato CSM, dois jovens apresentaram aspirações mais altas do que as expectativas que os outros significantes relaram, embora eles percebam as expectativas reais desses, enquanto duas jovens percebem as expectativas dos pais abaixo do que eles relataram, demonstrando haver algo no processo de comunicação entre pais e filhos que é interpretado pelas jovens como algo que não é tão positivo, apontando que o outro existe na imaginação do indivíduo e atua sobre ele através da sua imaginação (Mead, 1930). Essa afirmação se fundamenta ao considerar as diferenças reais de gênero que foram expressas no nível de



aspirações e realizações evidenciado. A comunicação é a fonte imediata do *self*, pois é na imaginação que ambos, o *self* e o outro, têm origem.

Para Blumer (1986, p. 10-14), na interação, as pessoas assumem os papéis uns dos outros para compreenderem o que eles pensam uns sobre os outros. Quem responde a uma situação busca captar o que o outro pensa sobre ele ao se colocar em seu lugar. Vale ressaltar que esse processo é orientado subjetivamente, em uma comunicação consigo mesmo, de modo que o próprio ator social interpreta e significa a situação.

Assim, as aspirações se constituem na relação com as expectativas, mediadas por vários fatores, como a desigualdade socioeconômica e a de gênero, aspectos da realidade social estudada que impõem sérios limites aos sonhos dos jovens, uma vez que o contexto que o indivíduo cresce o forma, influenciando suas associações, sua conduta, suas características, sua personalidade e sua organização mental, que é formada a partir das associações que são seguidas (Blumer, 1937, p. 144-147).

A partir disso, analisamos as ocupações e educação dos sujeitos estudados, relacionando-os às aspirações e expectativas desses (que relataram cinco anos antes), considerando as variáveis “prática de trabalho na adolescência”, “gênero” e “estrato social” ao qual pertence.

A partir do quadro 7, nota-se que as aspirações educacionais se mostraram estratificadas, uma vez que os sujeitos do estrato CSD relataram aspirar estudar até a faculdade (80%), enquanto os do estrato CSM pretendiam fazer faculdade (100%) e alguns disseram que querem fazer pós-graduação depois (40%). Desse modo, as aspirações educacionais dos sujeitos do estrato CSD foram mais baixas do que as daqueles do estrato CSM, demonstrando uma relação com o nível educacional atingido cinco anos depois, quando os sujeitos da pesquisa se dividem mais fortemente entre aqueles que concluíram o ensino médio e iniciaram um curso superior (100% do estrato CSM; e 20% do estrato CSD, sendo que os dois sujeitos pertencentes a esse estrato que iniciaram o ensino superior interromperam o curso por falta de condições financeiras e estão fazendo cursinho pré-vestibular para continuarem estudando), aqueles que concluíram o ensino médio (50% do estrato CSD) e aqueles que não concluíram (50% do estrato CSD).

**Quadro 7. Aspirações educacionais em 2009 e educação em 2013/14: Condição socioeconômica, gênero e a presença ou ausência de trabalho na adolescência**

CSE	Trab. Adoles	Gênero	Aspirações educacionais para os 30 anos de idade/ em 2009	Educação em 2013/14
CSD	Sim	F	Fazer faculdade, quero ser obstetra/ Quero estudar até a graduação de enfermagem.	Ensino Médio Incompleto Ensino Médio Completo
		M	Faculdade, só que eu não sei de que. Quero ser um engenheiro, um professor/ Entrar na Universidade federal de uma vez. Pretendo ser administrador/ Pretendo estudar até o terceiro ano.	Ensino Médio Incompleto (2) Ensino superior Incompleto
	Não	F	Faculdade de Direito, mas eu fico pensando assim arte, história, eu não sei/ Fazer Direito/ Formar em medicina (...) na UFMG.	Ensino Médio Incompleto (2) Ensino Superior Incompleto
		M	Terminar os estudos, o ensino médio. Talvez, fazer faculdade também/ Faculdade para mecânico ou para engenheiro mesmo.	Ensino Médio Completo (2)
CSM	Sim	F	Pretendo fazer arquitetura e urbanismo e Desing/ Fazer graduação em engenharia (2)	Ensino Superior Incompleto (3)
		M	Fazer engenharia, depois mestrado, doutorado/ Pretendo fazer graduação e pós-graduação.	Ensino Superior Incompleto (2)
	Não	F	Fazer faculdade, de preferência duas, administração e direito, pós-graduação/ Eu pretendo fazer até mestrado e psicologia. Eu tenho vontade de fazer letras também.	Ensino Superior Incompleto (2)
		M	Fazer faculdade (2) / Fazer veterinária.	Ensino Superior Incompleto (3)

**Quadro 8. Aspirações ocupacionais em 2009 e trabalho em 2013/14: Condição socioeconômica, gênero e a presença ou ausência de trabalho na adolescência**

CSE	Trab. Adoles	Gênero	Aspirações ocupacionais para os 30 anos de idade/ em 2009	Trabalho em 2013/14
CSD	Sim	F	Imagino que vou está ganhando uns dois a três salários, como médica obstetra/Ser enfermeira e ganhar bem	Operadora de caixa (900,); Autônoma /cabeleireira (2.500,)
		M	Quero ser um engenheiro da vida ou outras profissões. Posso trabalhar na empresa de alguém/ Vou ter uma academia, ganhando uns seis mil/ não sei. Eu posso conseguir ser um vendedor de loja. Posso tentar ser um policial, vigilante ou mecânico	Telemarketing; balconista em uma livraria; compactação de asfalto (700,)
	Não	F	Ter meu próprio negócio, uma papelaria ou um salão de beleza/ Eu me imagino bem de vida, mas eu não sei com o que, ganhando uns três mil/ Na área da medicina, ganhar uns dois mil está bom. Se eu formar eu quero trabalhar em um hospital.	Pregoeira de licitações (800,); Manicuri (2.000,0)
		M	Trabalho? não sei, um emprego para manter os estudos. Posso está ganhando um salário. Gostaria de ganhar muito, uns três salários está bom/ um serviço bom, acho que eu vou ganhar uns 500 reais,mas quem sabe posso trabalhar igualzinho o meu pai e ganhar até mais. Ou então mecânico. Daí, eu posso ter minha oficina ou ajudante de mecânico.	Corretor (780,0); estagiário de ensino médio em laboratório (700,0)
CSM	Sim	F	Trabalhando em uma empresa. Quero ganhar 5.000/ na engenharia da Petrobrás,mexendo com manutenção, ganhando uns três mil/ uma engenheira bem sucedida, com uma empresa que ganhe bem. Eu quero ganhar pelo menos uns sete mil.	Auxiliar técnico de engenharia mecânica (900,); Técnica de engenharia mecânica (1.280,)
		M	Bem de vida com minha empresa... Ganhando acima de dez mil/ Rico! Penso em ser realizado, está feliz...	Auxiliar técnico de engenharia mecânica (2.100,); Autônomo/empresa da família (2.500,)
	Não	F	Ganhando uns 2 ou 3 mil, se for em administração, uma empresa grande como a Oi, se for Direito, com meu escritório/ Ter um consultório de Psicologia e fazendo projetos sociais, ganhando uns três mil.	Estagiária de administração em um banco (1.000,0); Técnica em Relações Públicas (1.500,);
		M	Trabalhando em uma boa empresa com um bom salário/ trabalhando em uma boa empresa, como a FIAT e ganhando uns R\$ 4.000,/ vou ter uma renda alta e ter meu próprio negócio na área de Medicina veterinária.	Aux. técnico de eletrônica (1.200,); estagiário (superior) de engenharia civil (1.400,)

Esses dados poderiam ser explicados, considerando a descrença dos sujeitos do estrato CSD nas realizações futuras, uma vez que convivem com pessoas que não atingiram realizações educacionais e ocupacionais mais altas (Khattab, 2003), porém os dados de 2009 (quadro 7) demonstram que eles aspiravam e, portanto, acreditavam, de modo que tal mudança decorre da realidade material desses jovens ao influenciar sua trajetória educacional. O contexto social atua na realização dos sujeitos através da menor dedicação dos pais à educação dos filhos, por exemplo. Conforme Bryant, Zvonkovic, Reynolds (2006), a classe social e o nível de stress resultante do trabalho dos pais determinam o tempo que podem disponibilizar para a educação dos filhos e qualidade dos momentos de convívio, uma vez que os pais são os principais responsáveis pelo processo de desenvolvimento vocacional dos filhos, mais do que a escola e amigos.

Com relação à associação entre aspirações ocupacionais em 2009 e o nível do status ocupacional em 2013/14, a desigualdade também aumenta como ocorreu entre aspirações educacionais e nível educacional. As aspirações ocupacionais em 2009 eram sutilmente estratificadas, pois os cargos desejados não diferiam muito entre as classes ou entre meninos e meninas, porém o nível de entusiasmo, conhecimento sobre a área desejada (por exemplo, o rendimento esperado) e engajamento em um projeto pessoal indicavam diferenças. Já o nível ocupacional atingido em 2013/14 desvelou a forte desigualdade entre os estratos, uma vez que os cargos ocupados e rendimentos auferidos diferem muito entre os jovens dos dois estratos, enquanto as diferenças entre homens e mulheres não ficou evidente a partir dos dados de 2013/14.

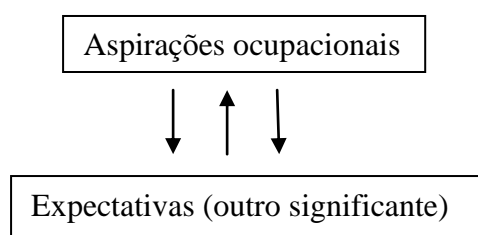
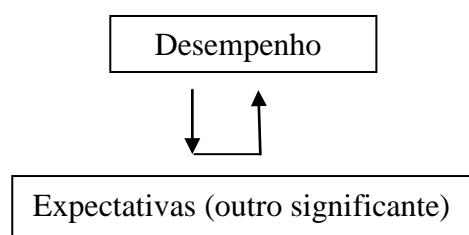
Com relação ao gênero, o que demonstrou um nível mais baixo de aspirações em 2009 (menos entusiasmo e auto-confiança) ou um perfil mais “pé no chão” pode ser interpretado agora como uma característica feminina (menos “empolgação”), que não apresentou efeito negativo em sua trajetória ocupacional, cinco anos depois. Essas evidências corroboraram com Ashby e Schoon (2010) que afirmam que as mulheres aprendem desde cedo que, se quiserem ser bem sucedidas, não é suficiente apenas “sonhar alto”, elas precisam se dedicar para isso.

Assim, a desigualdade socioeconômica propicia a não realização dos direitos para os indivíduos, que é um desrespeito a uma das formas de reconhecimento intersubjetivo para Honneth (2009), pois o direito de escolhas efetivas nos planos educacional e ocupacional não se concretiza devido os impedimentos socioeconômicos.

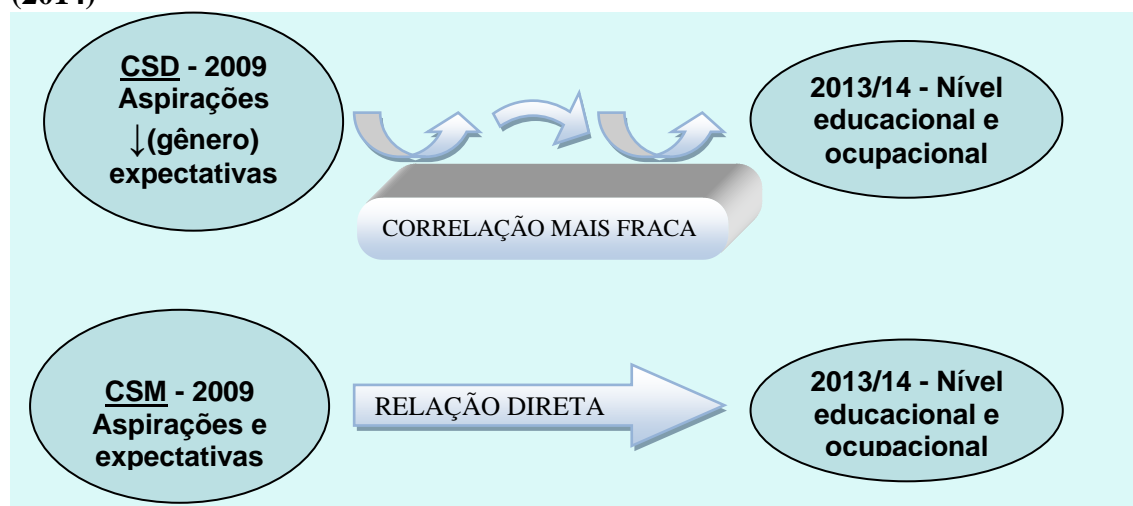
Os mecanismos da desigualdade social atuam através dos pais ao apresentarem um olhar estratificado com relação aos filhos, de modo que transmitem os valores sociais no processo de reconhecimento subjetivo recíproco entre indivíduos. Assim, a aquisição das normas sociais na formação do “outro generalizado” (Mead, 1934), marca a formação da identidade e está relacionada a ser socialmente aceito pela coletividade. E quando o direito não se realiza, há desrespeito dos direitos sociais, dificultando a integração social, pois, na constituição da identidade, a cada conquista de comunitarização, os sujeitos entram num conflito intersubjetivo, resultando no reconhecimento de sua autonomia, o que representaria um desenvolvimento bem-sucedido do Eu, enquanto o desenvolvimento mal sucedido se dá pela experiência do desrespeito, levando os sujeitos a uma luta por reconhecimento (Honneth, 2009, 119-122).

A partir disso, podemos observar que os sujeitos pertencentes ao estrato CSD estão passando pelas fases do seu desenvolvimento perdendo autonomia, uma vez que suas possibilidades de escolhas reduzem enquanto apreendem mais sobre o mundo, quando deveria ocorrer o inverso, o que é um desrespeito aos seus direitos e, portanto, a desigualdade socioeconômica provoca o desenvolvimento educacional e ocupacional mal sucedido de indivíduos por não terem acesso aos seus direitos sociais.

As aspirações e expectativas apresentam uma associação direta no caso do estrato CSM e no caso dos homens do estrato CSD, mas a partir das mulheres do estrato CSD, ficou evidente que os pais alteram suas expectativas de acordo com o desempenho dos filhos mais do que o inverso, pois apenas no caso das mulheres oriundas desse estrato houve modificação de expectativas dos outros significantes quando as filhas apresentaram um desempenho bem inferior ao esperado. Isso evidencia que as mulheres sofrem uma cobrança mais rigorosa, bem como são mais punidas pelos seus erros. Mas também indica que a ordem causal entre aspirações e expectativas é representada mais por uma alteração das expectativas de acordo com o desempenho escolar e aspirações do filho. Isso corrobora com Seweell, Haller e Orlendorf (1970), que notaram haver influência do outro significativo (OS), mas adiciona que a performance acadêmica atua sobre os outros significantes e tem efeito na aspiração e realização que não são mediados por eles (OS), o que significa que o indivíduo não é totalmente dependente do OS para orientar suas decisões sobre sua carreira e seu status (Seweell, Haller e Orlendorf, 1970, p. 10250).

**Diagrama 1: Relação aspirações e expectativas****Diagrama 2: Relação aspirações e Expectativas CSD-mulheres**

A associação entre aspirações e expectativas e o nível educacional e ocupacional dos sujeitos é fortemente correlacionada, o que se evidencia mais claramente ao considerar a condição socioeconômica dos indivíduos, pois embora as aspirações relatadas em 2009 fossem estratificadas, em 2013/14 aqueles oriundos do estrato condição socioeconômica desfavorecida (CSD) alcançaram bem menos as aspirações anteriores, reduzindo o nível ocupacional e educacional ao contrário do estrato condição socioeconômica média (CSM). Por outro lado, o gênero e a prática de trabalho na adolescência não apresentaram grande efeito nesse modelo, uma vez que meninas e meninos do mesmo estrato apresentaram o mesmo padrão de alcance de suas aspirações. Além disso, o trabalho, ao contrário do que observou-se a partir dos dados de 2009, não demonstrou apresentar um efeito diferente no alcance educacional ou ocupacional em 2013/14, o que pode estar relacionado ao fato de muitos adolescentes que não trabalhavam em 2009 terem começado a trabalhar logo em seguida; ou ao fato de o aprendizado do trabalho, que representava um diferencial em 2009, uma vez que elevava as aspirações, ter sido adquirido pelos demais (que não trabalhavam em 2009) logo em seguida.

**Diagrama 3: Aspirações e expectativas (2009) e nível educacional e ocupacional (2014)**

Assim, pode-se afirmar que o grau de associação entre as aspirações ocupacionais na adolescência e o alcance do status ocupacional mais tarde é mediado pela condição socioeconômica em primeiro lugar e que o gênero apresenta certa influência nesse processo (Ashby e Schoon, 2010; Beal and Crockett, 2010; Halaby, 2003; Kaufman, 2005; Cheng e Starks, 2002).

#### ***4.2.2 Status ocupacional do primeiro emprego: triangulação de dados qualitativos e quantitativos***

Nesse capítulo, apresentamos uma discussão em torno do status ocupacional do primeiro emprego dos indivíduos, considerando a idade que começou a trabalhar, a condição socioeconômica do indivíduo, que foi medida pelas variáveis anos de estudos da mãe e status ocupacional do pai, diferenciando homens e mulheres. Assim, testamos a hipótese: o gênero, anos de educação da mãe, status ocupacional do pai e a idade que começou a trabalhar são variáveis determinantes do status ocupacional do primeiro emprego, considerando dados qualitativos e quantitativos (Halaby, 2003; Bryant, Zvonkovic, Reynolds, 2006, s/p). Em seguida, comparamos os resultados desse modelo (status ocupacional do primeiro emprego – qualitativo e quantitativo) com o modelo do status ocupacional (quantitativo), testando a hipótese de que o efeito da herança socioeconômica é menor na determinação do status ocupacional das mulheres do que na determinação do status ocupacional dos homens (Aguiar, Fernandes e Neves, 2007; Costa Ribeiro, 2005). E, para fechar a discussão, analisamos a variável estado civil para verificar se ela contribui para o menor status ocupacional das mulheres (Saraiva, 1993; Freitas, 2013).

O trabalho na infância e adolescência, há tempos, é tema de discussão em meio a políticas públicas de trabalho e educação. As questões se voltam para a preocupação com o aspecto prejudicial do trabalho como exploração e motivo de afastamento da escola; procurando prevenir a exploração do trabalho infantil e incentivar o estudo (ECA, 1990; Brasil, 2000; Entwisle, Alexander, Olson, 2005).

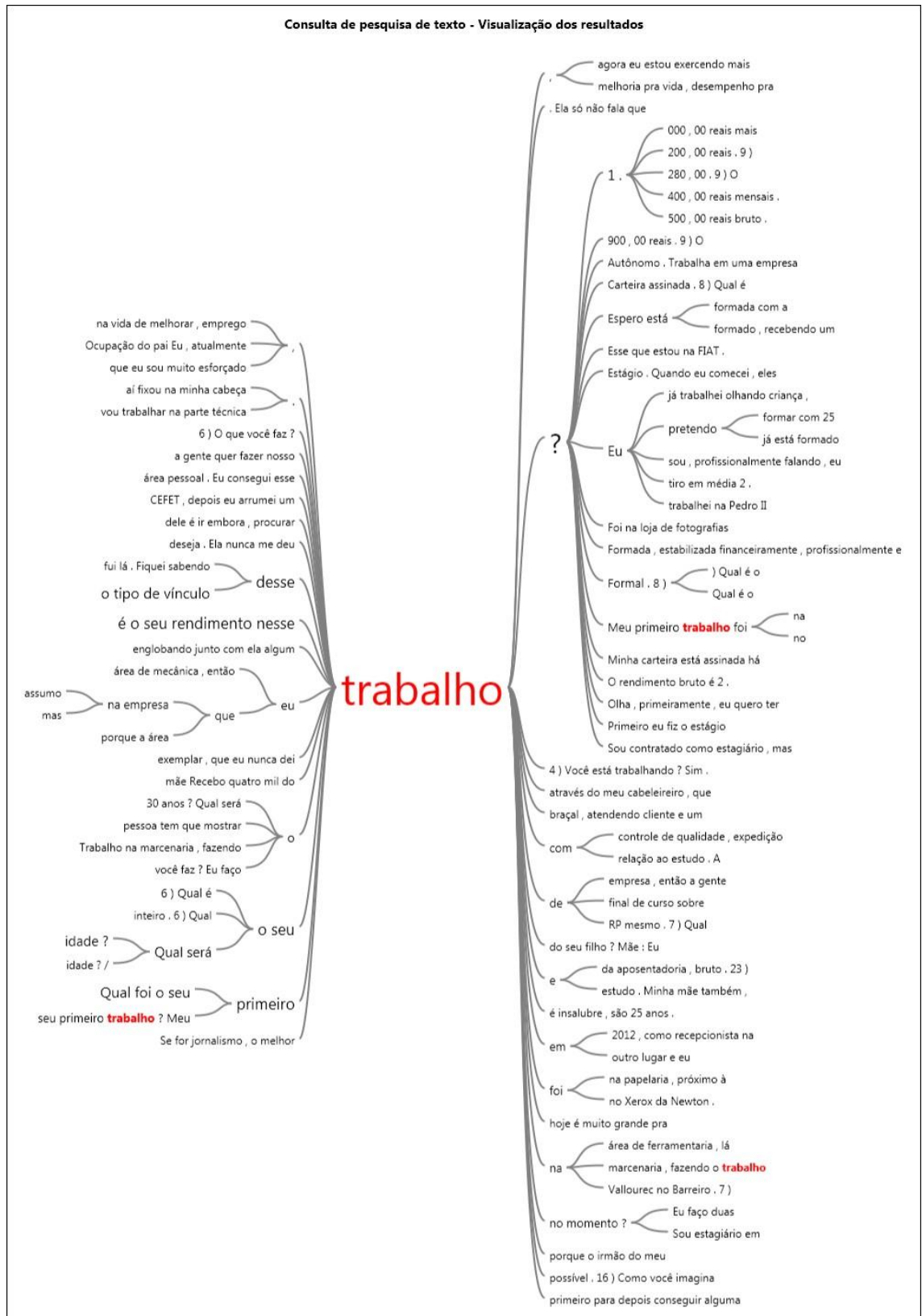
Então, questionamos a relação entre o trabalho na adolescência e condição socioeconômica, embora observemos que os principais aspectos explicativos da entrada da criança e do adolescente no mercado de trabalho é a história de trabalho dos pais

independente de condições socioeconômica conforme afirma Brito (2009, p. 61). No entanto, os tipos de trabalhos e, portanto, os benefícios e prejuízos desse variam de acordo com o estrato social ao qual o indivíduo está inserido, como demonstramos a partir da descrição abaixo.

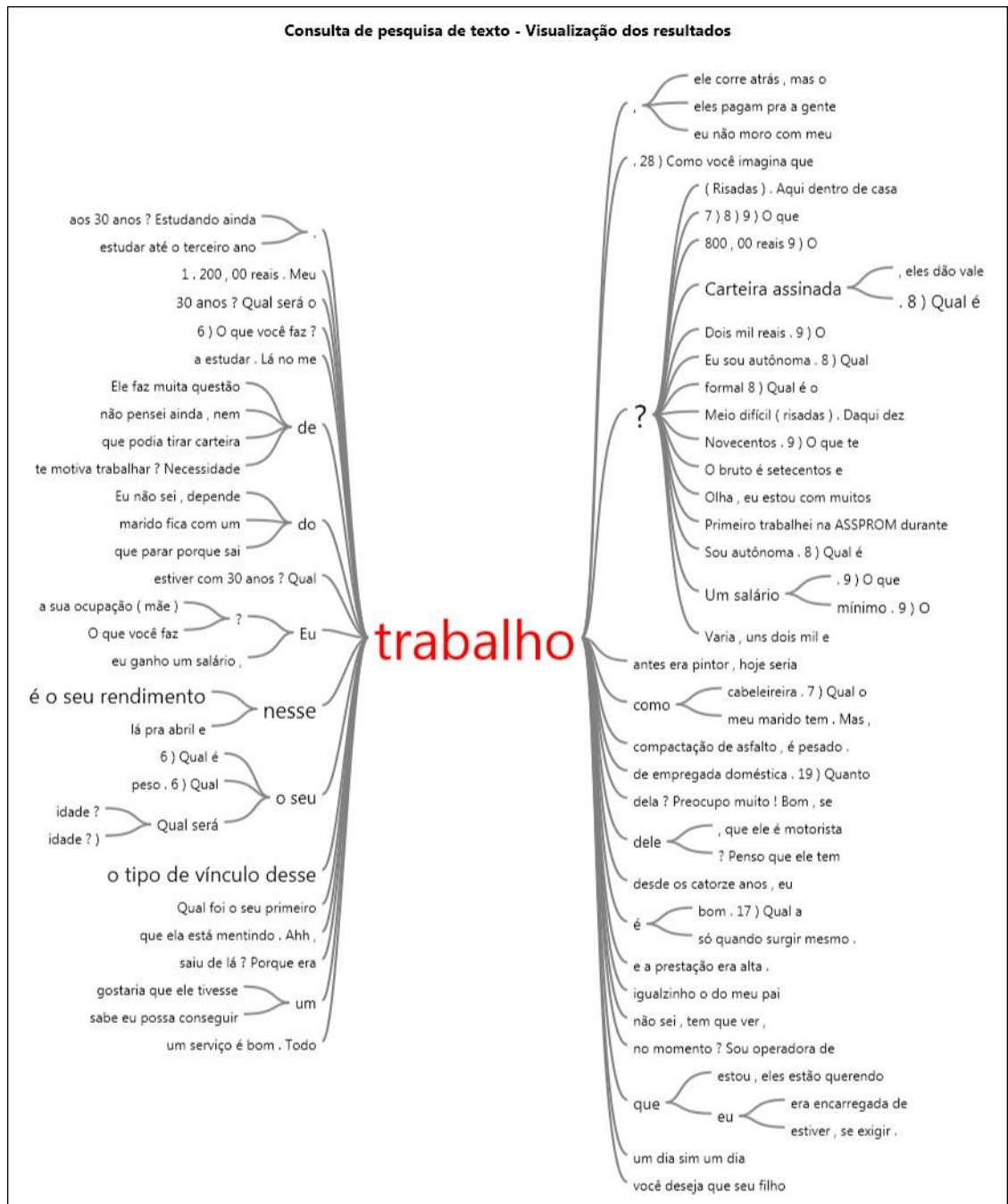
Os dados apresentados abaixo se referem às falas dos sujeitos entrevistados que estavam relacionadas à palavra trabalho, de modo que podem se referir às aspirações, ao trabalho propriamente desenvolvido ou a respostas de outras questões do roteiro da entrevista nas quais eles se referiram à essa palavra. Evidencia-se um maior nível de status ocupacional dos trabalhos que aparecem na árvore do estrato condição socioeconômica média, indicando que as vivências relacionadas ao trabalho são mais vantajosas para aqueles oriundos de estratos mais favorecidos, corroborando com os dados apresentados por Besen (2006). O autor considera que, geralmente, esses adolescentes possuem trabalhos monótonos, que não desenvolvem habilidades e atrofia a criatividade. Além disso, as condições trabalhistas são inferiores para o adolescente, na maioria dos casos.



## Árvore de palavras (NVivo) 1: Trabalho e Condição Socioeconômica Média



## Árvore de palavras (NVivo) 2: Trabalho e Condição Socioeconômica Desfavorecida



### Elemento gráfico 1: Status ocupacional do primeiro emprego

Alto (Profissionais)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Condição sócio econômica média/ não trabalhavam na adolescência: <b>2</b></li> </ul>
Médio (Manual qualificado)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• CSM/ trabalhava na adolescência: <b>2</b></li> <li>• CSD/ não trabalhava na adolescência: <b>1</b></li> </ul>
Baixo (Manual não qualificado)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• CSM/ trabalhava na adolescência: <b>3</b></li> <li>• CSM/não trabalhava na adolescência: <b>3</b></li> <li>• CSD/ trabalhava na adolescência: <b>5</b></li> <li>• CSD/ não trabalhava na adolescência: <b>4</b></li> </ul>

Consideramos os níveis de status ocupacional do esquema EGP para classificar os trabalhos indicados como o primeiro emprego pelos sujeitos da amostra qualitativa para que pudéssemos compará-los aos dados quantitativos. Na etapa qualitativa, apareceram apenas profissionais, manual qualificado e manual não qualificado. Então, observamos as mesmas variáveis do modelo de regressão status ocupacional do primeiro emprego: escolaridade da mãe, status ocupacional do pai e idade que começou a trabalhar, considerando o gênero dos indivíduos.

De modo geral, o status do primeiro emprego foi mais elevado para aqueles sujeitos que pertenciam ao estrato condição socioeconômica média, enquanto quase todos do estrato CSD tiveram o status do primeiro emprego como manual não qualificado.

Para analisar a variável escolaridade da mãe, identificamos a escolaridade das mães daqueles que tiveram o status do primeiro emprego mais alto (fundamental completo e ensino médio completo) e verificamos que não há correlação entre alto nível de escolaridade da mãe e alto nível de status do primeiro emprego. Ao observar o inverso - o status do primeiro emprego dos sujeitos aos quais a mãe possuía ensino superior completo – verifica-se que os dois sujeitos que tinham mães com ensino superior completo não foram os que tiveram o status do primeiro emprego mais alto, o que demonstra que a escolaridade da mãe não está diretamente relacionada ao status do primeiro emprego do indivíduo. Esses resultados não corroboram com os dados quantitativos, pois a variável anos de estudo da mãe foi significativa para explicar o

nível do status ocupacional do primeiro em emprego no modelo estudado, conforme demonstra-se nas tabelas 14 e 15.

Vários modelos foram testados para o status ocupacional do primeiro emprego e algumas variáveis foram descartadas (raça/cor, região do país e idade) por não se mostrarem significantes para explicar a variável dependente, o que representa que as interações entre essas com o status do primeiro emprego não são relevantes, de modo que essas variáveis separadamente não influenciam no nível de status do primeiro emprego. As Tabelas 15 e 16 exibem os resultados para o modelo proposto, indicando que anos de estudo da mãe, o status ocupacional do pai (Isei), a idade que começou a trabalhar são variáveis decisivas para explicar o modelo. O modelo explica 20% (R<sup>2</sup> ajustado) do status ocupacional do primeiro emprego para as mulheres e 19% (R<sup>2</sup> ajustado) para os homens.

**Tabela 16. Sumário do Modelo Status Ocupacional do Primeiro Emprego**

	N	R <sup>2</sup> ajustado
Mulheres	3.337	0,20
Homens	2.783	0,19

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

**Tabela 17. Status ocupacional do primeiro emprego: mulheres**

	<b>Coefficientes</b>	<b>Erro padrão</b>	<b>Significância</b>
Constante	15,828	,738	,000
Anos de estudo da mãe	1,024	,061	,000
Isei do pai	,187	,018	,000
Idade que começou a trabalhar	,360	,032	,000

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

**Tabela 18. Status ocupacional do primeiro emprego: homens**

	<b>Coefficientes</b>	<b>Erro padrão</b>	<b>Significância</b>
Constante	15,826	,771	,000
Anos de estudo da mãe	,621	,056	,000
Isei do pai	,181	,018	,000
Idade que começou a trabalhar	,532	,043	,000

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

Com relação à variável status ocupacional do pai do sujeito, a presença de informação em todos os casos do estrato CSM e a ausência da informação para cinco sujeitos do estrato CSD indica a menor relação entre o status ocupacional do pai e aqueles em condições socioeconômicas desfavorecidas, uma vez que o contexto familiar no qual o sujeito está inserido difere do modelo convencional, no qual o pai e a mãe estão presentes.

Os pais dos dois jovens que tiveram o status do primeiro emprego como profissionais possuíam status ocupacional proprietário com empregados e manual qualificado respectivamente; os pais dos sujeitos que tiveram trabalhos com status ocupacional manual qualificado possuíam status ocupacional como proprietário com empregados, manual sem qualificação e sem informação respectivamente; enquanto os

pais daqueles que possuíam trabalhos com status ocupacional sem qualificação possuíam o status de proprietário com empregados (1), manual qualificado (3), proprietário rural (1) e manual sem qualificação (6) e sem informação (4). A distribuição do status ocupacional dos pais demonstra que há uma relação entre o status ocupacional do pai e o status ocupacional do primeiro emprego do sujeito, pois os pais daqueles que tiveram o status do primeiro emprego mais alto também possuíam status alto, embora dentre os sujeitos que possuíam status do primeiro emprego baixo houvesse alguns pais com status ocupacional mais alto.

A partir do modelo quantitativo (Tabelas 15 e 16), cada ponto na escala de status ocupacional do pai a mais representa um aumento de 0,187 no status ocupacional do primeiro emprego das mulheres e 0,181 no dos homens.

Com base nos resultados das variáveis anos de estudo da mãe e status ocupacional do pai (herança socioeconômica), que foram utilizadas para explorar a relação entre condição socioeconômica do sujeito e status ocupacional do primeiro emprego, nota-se que o nível de status é mais elevado para aqueles oriundos do estrato mais favorecido, uma vez que a herança socioeconômica apresenta efeito no status ocupacional de destino do indivíduo. Vale ressaltar que a herança socioeconômica influencia mais as mulheres do que os homens.

Considerando os dados qualitativos, a variável idade que começou a trabalhar apresenta efeito direto no status ocupacional do primeiro emprego, de modo que os sujeitos que entraram mais tarde no mercado de trabalho foram os que obtiveram o status do primeiro emprego (ISEI) mais alto. Considerando o modelo quantitativo (Tabela 15 e 16), a variável idade que começou a trabalhar foi significativa, representando um impacto de 0,532 no status do primeiro emprego no caso dos homens e de 0,360 no caso das mulheres, indicando que começar a trabalhar mais tarde apresenta mais efeito para os homens, embora as mulheres costumem começar a trabalhar mais tarde, como ficou evidente na descrição dos dados (Tabela 13).

Os resultados qualitativos contribuem para a interpretação dos dados quantitativos, demonstrando que aqueles adolescentes que começam a estudar mais tarde obtêm maior status do primeiro emprego, tendo trabalhos qualificados ou, quando iniciam um curso superior, estão na escala (EGP) dos profissionais. No entanto, vale ressaltar que são poucos os sujeitos da amostra qualitativa que começaram a trabalhar mais velhos.

Pode-se interpretar esses dados com base na caracterização de perfis empreendedor e burocrático por gênero de Halaby (2003). O autor encontra mais homens que apresentam um perfil empreendedor, menos aversão ao risco, ímpeto para alcançar posições mais altas e mulheres com um perfil burocrático, busca de segurança, estabilidade e boas condições na velhice. Os tipos de trabalho se diferenciam também no que se refere à rotina, que está mais presente nos trabalhos burocráticos. O principal critério diferenciador dos perfis empreendedor e burocrático é o nível de aversão ao risco (Halaby, 2003, p. 252-253). Esse pode ser um motivo para encontrarmos mais homens que começam a trabalhar mais cedo, independente do risco de evasão que essa ação oferece, além de ser motivada pela pressão social que os homens sofrem para ganharem dinheiro e posições mais altas.

**Tabela 19. Sumário do Modelo Realização do Status Ocupacional**

	N	R <sup>2</sup> ajustado
Mulheres	1.894	0,40
Homens	2.248	0,31

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

O segundo modelo, de Realização do Status, mostrou-se bastante relevante para explicar o status ocupacional do indivíduo com um R<sup>2</sup> ajustado de 31% para os homens e 40% para as mulheres, considerando que o R<sup>2</sup> ajustado representa quanto o modelo explica independentemente da quantidade de variáveis incluídas no modelo. Da mesma forma que os modelos testados para status ocupacional do primeiro emprego, algumas variáveis não foram significantes para explicar a realização do status, como raça/cor, região do país, idade, anos de estudo da mãe, idade que começou trabalhar e estado civil. No entanto, anos de estudo da mãe e estado civil foram mantidas no modelo devido a importância teórica dessas para a discussão aqui apresentada.



Para testar a hipótese de que o efeito da herança socioeconômica é menor na determinação do status ocupacional das mulheres do que na determinação do status ocupacional dos homens (Aguiar, Fernandes e Neves, 2007), consideramos as variáveis anos de estudo da mãe e Isei do pai para estimar o efeito da herança socioeconômica no índice de status ocupacional do indivíduo. A variável anos de estudo do pai foi descartada, porque não apresentou um efeito nas análises descritivas realizadas previamente. O Isei da mãe também foi descartado, pois apresenta bem menos casos válidos e é mais baixo do que o dos pais geralmente. Além disso, ao selecionar uma variável de escolaridade e uma de status ocupacional, evita-se a colinearidade, uma vez que geralmente o status ocupacional e escolaridade dos pares de pais do mesmo indivíduo costumam seguir um padrão com relação aos níveis alcançados.

A variável anos de estudo da mãe não foi significativa no modelo de realização do status ocupacional, embora tenha sido no modelo de status do primeiro emprego, mas o Isei do pai foi significativo, representando o mesmo impacto no status ocupacional do indivíduo, de modo que cada ponto a mais no índice (Isei) do status ocupacional do pai do indivíduo, o seu status ocupacional se eleva 0,126 para homens e 0,110 para mulheres. A partir desses resultados, pode-se refutar a hipótese de que o efeito da herança socioeconômica é menor na determinação do status ocupacional das mulheres do que na determinação do status ocupacional dos homens.

Assim, a hipótese de menor herança socioeconômica para as mulheres não foi confirmada para a população brasileira, como foi evidenciado a partir de pesquisa realizada por Aguiar, Fernandes e Neves (2007) ao considerarem uma amostra da região metropolitana de Belo Horizonte.

Por outro lado, esses achados corroboram com resultados de pesquisas de mobilidade (Costa Ribeiro, 2005, p.184-187; Scalón, 1999, p. 154-157), que apontam que o gênero das pessoas não é determinante para a mobilidade ascendente, quando as chances relativas são consideradas, de modo que a mobilidade social é determinada antes pela classe de origem do que pelo gênero das pessoas. Porém não podemos deixar de considerar que as mulheres ainda ocupam posições menos privilegiadas do que os homens no mercado de trabalho.

Assim, a partir dos resultados da pesquisa e de resultados de pesquisas anteriores (Ribeiro, 2005; Scalón, 1999; Bruchini, 2007), podemos considerar que há mudanças nos padrões culturais com relação ao papel social da mulher na sociedade, o que alterou a sua escolarização e participação no mercado de trabalho, mas também está ocorrendo

uma mudança estrutural, que altera as relações intrafamiliares e a herança socioeconômica intergeracional, de modo que não há tanta diferenciação na educação formal e profissional de homens e mulheres por parte dos pais na população brasileira, embora o nível de status ocupacional inferior das mulheres aponte que ainda há desvantagens nesse sentido.

**Tabela 20. Realização do Status Ocupacional: homens**

	<b>Coefficientes</b>	<b>Erro padrão</b>	<b>Significância</b>
Constante	14,900	1,138	,000
Educação da mãe	,105	,079	,185
Isei do pai	,126	,024	,000
Isei da Primeira Ocupação	,250	,025	,000
Educação	1,310	,077	,000
Estado civil (não casado=0; cassado=1)	-,792	,703	,260

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

**Tabela 21. Realização do Status Ocupacional: mulheres**

	<b>Coefficientes</b>	<b>Erro padrão</b>	<b>Significância</b>
Constante	8,900	,959	,000
Educação da mãe	,145	,088	,098
Isei do pai	,110	,024	,000
Isei da Primeira Ocupação	,328	,025	,000
Educação	1,378	,077	,000
Estado civil (não casado=0; cassado=1)	,647	,571	,257

Fonte: Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade (IESP, 2008). Tabulação própria.

Para testar a hipótese de que o estado civil das mulheres media o seu processo de alcance do status socioeconômico (Saraiva, 1993; Ribeiro, 2005), observamos o efeito de não está casado (solteiro, divorciado e viúvo) e de estar casado ou vivendo em união estável no modelo no qual o status ocupacional dos indivíduos é a variável dependente, considerando mulheres e homens separadamente. Verificou-se que, embora a variável estado civil não tenha sido significativa em nenhum dos casos, para os homens o coeficiente foi negativo ( $B = -0,792$ ), ao contrário das mulheres ( $0,647$ ), de modo que ser casado ou está em união ( $dummie=1$ ; e não casados= $0$ ) representa um impacto negativo no índice ocupacional para os homens. Esses dados são contrários ao que afirma Freitas (2013, p. 49-50) com relação à renda de homens e mulheres<sup>27</sup>: “Há um prêmio ou uma recompensa ligada ao casamento para os homens.” Para o autor, os homens passam a ganhar mais com o passar dos anos, assim como na condição de casados, e mesmo após o divórcio. Com as mulheres parece que a situação é inversa. Elas são mais bem remuneradas na condição de solteiras e viúvas.

Desse modo, o modelo não contribuiu para a compreensão da relação entre as variáveis estado civil e status ocupacional, não sendo possível afirmar que o casamento apresenta efeito positivo ou negativo no status socioeconômico das mulheres, comparativamente aos homens. No entanto, as análises descritivas (Tabelas 9- 12) indicam haver uma relação entre essas variáveis, pois há um percentual maior de mulheres solteiras no mercado de trabalho, enquanto há mais homens casados no mercado de trabalho. Esses dados corroboram com os resultados encontrados por Saraiva (1993) a partir de dados da PNAD de 1973, indicando não ter havido uma grande mudança com relação à participação feminina no mercado de trabalho.

A maior parte dos homens que não estavam casados se concentram nos quatro níveis ocupacionais mais altos com 66,9%, enquanto apenas 50,5% dos homens casados se encontram nos mesmos níveis, demonstrando que o status ocupacional dos homens solteiros é mais alto do que o dos casados. Há menos homens casados em cada uma das quatro categorias ocupacionais com status mais alto. Para as mulheres, o padrão é diferente, pois há mais mulheres casadas nas duas categorias ocupacionais com status mais alto, somando 43,9% das mulheres casadas nesses dois níveis frente a 38,7% que não são casadas, indicando uma associação entre estado civil e ter ocupações com alto

---

<sup>27</sup> A mesma base utilizada por Freitas na pesquisa citada acima foi utilizada nessa pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade de 2008. Porém, o recorte das duas pesquisas são diferentes, uma vez que Freitas considerou todos os indivíduos do domicílio, enquanto utilizamos chefes e cônjuges apenas.

nível de status para as mulheres e, portanto, uma maior vantagem em estar casada ou desvantagem em não está casada, o que pode ser relacionado ao padrão de mobilidade identificado por Ribeiro (2005), uma vez que ele observou uma maior vantagem para as mulheres casadas que se encontravam no mercado de trabalho, comparativamente aos homens nas mesmas condições.

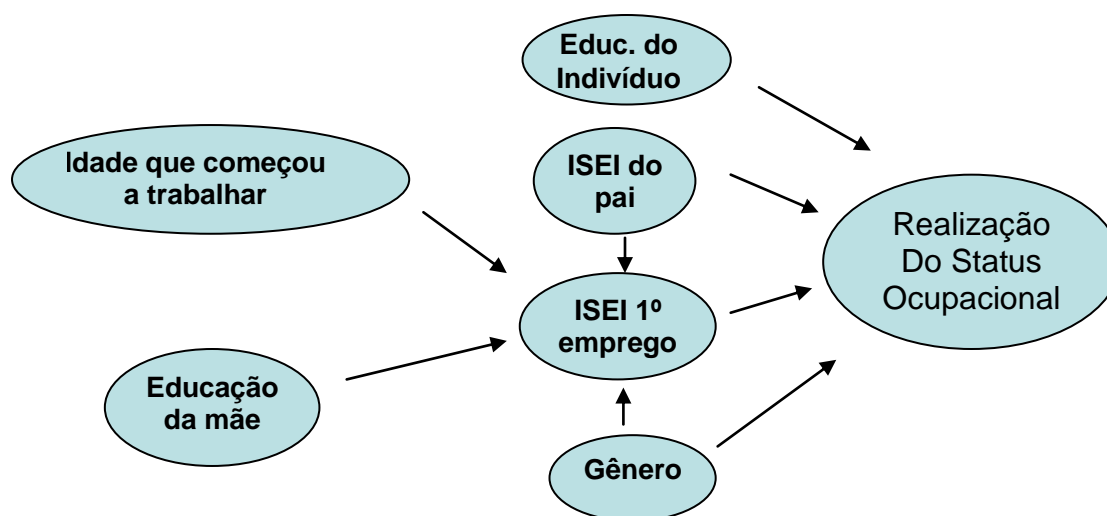
Esses resultados indicam a existência de um fenômeno curioso, a maior presença de mulheres solteiras no mercado de trabalho ao mesmo tempo que as casadas que trabalham atingem níveis mais altos de status ocupacional; enquanto se dá o inverso com os homens. Esses dados corroboram com a literatura, uma vez que Saraiva (1993) apontou a maior participação das mulheres solteiras no mercado e Ribeiro (2005) o status ocupacional mais alto para as mulheres casadas. Então, ao unir os dois resultados às análises qualitativas de Sales (2014), podemos interpretar os dados afirmando que as mulheres solteiras participam mais do mercado de trabalho porque percebem a necessidade de fazê-lo, uma vez que não há um “provedor” em casa, enquanto as mulheres casadas só trabalham se o seu ofício tem um certo valor (status, financeiro) para elas, porque há um “provedor” na família. Muitas das mulheres casadas que pertenciam à classe média baixa (etapa de 2009) relataram que não trabalhavam porque, com a escolaridade que possuíam (baixa), conseguiriam ganhar apenas um salário mínimo no mercado de trabalho, que seria o que teriam que pagar para uma empregada doméstica para cuidar da casa e dos filhos, de modo que elas optaram por serem do lar para dar maior atenção aos filhos (Sales, 2010).

A variável idade que começou a trabalhar não foi significativa quando testada no modelo Realização do Status Ocupacional (Tabelas 20 e 21), ao contrário do modelo do primeiro emprego (Tabelas 17 e 18), o que indicou que seu efeito é indireto. O maior efeito foi o da variável anos de educação do indivíduo (Tabelas 20 e 21: 1,378 para as mulheres e 1,310 para os homens). Os dados referentes às variáveis anos de educação do indivíduo, status socioeconômico do pai e gênero (Tabelas 20 e 21) seguiram um padrão semelhante aos resultados de Aguiar, Fernandes e Neves (2007), pois, para os autores, a educação do indivíduo representou maior impacto do que o status ocupacional do pai e ser do sexo masculino representou o maior efeito no alcance socioeconômico (Aguiar, Fernandes e Neves, 2007, p. 165- 171).

Os dados também corroboram com os resultados dos modelos clássicos de Blau e Duncan (1967), pois a variável status ocupacional do primeiro emprego foi significativa juntamente com anos de educação do indivíduo, representando um impacto de 0,250

para os homens e 0,328 para as mulheres. O maior efeito do status do primeiro emprego para as mulheres pode está associado ao padrão de entrada das mulheres no mercado de trabalho, que entram mais tarde e por isso com um nível de status mais alto, como ficou evidente a partir dos dados qualitativos. Então, sintetizamos esses resultados (Tabelas 17, 18, 20 e 21) da seguinte forma:

**Diagrama 4: Status ocupacional do indivíduo na vida adulta**



O maior efeito é da variável educação do indivíduo, representando o maior impacto (1,378 para mulheres e 1,310 para homens) na variável dependente (status ocupacional do indivíduo), sendo esse efeito direto. Educação do indivíduo é seguida pelo efeito da escolaridade da mãe no status do primeiro emprego do filho (1,224 para mulheres e 0,621 para as mulheres), sendo portanto um efeito indireto. Depois segue o status ocupacional do primeiro emprego (0,250 para os homens e 0,328 para as mulheres); em seguida, a idade que começou a trabalhar com efeito indireto, de modo que a cada ano a mais de idade que o indivíduo começa a trabalhar, eleva-se 0,532 do índice ocupacional do primeiro emprego dos homens e 0,360 das mulheres. Com relação à variável status ocupacional do pai, o seu maior efeito no status ocupacional é indireto (0,187 para mulheres e 0,181 para homens), embora também atue diretamente na realização do status ocupacional (0,110 para as mulheres e 0,126 para os homens).

Pode-se observar a desigualdade de gênero a partir das constantes das análises de regressão (Tabelas 20 e 21), pois para os homens o coeficiente apresentou valor 14,900 e para mulheres 8,900 (Modelo Realização do Status Ocupacional), representando um status ocupacional inferior, caso todas as variáveis dependentes fossem constantes. Por outro lado, as constantes do Modelo do Status Ocupacional do Primeiro Emprego (Tabelas 17 e 18) foram praticamente iguais, 15,828 para as mulheres e 15,826 para os homens, evidenciando o que foi dito acima que o fato das mulheres entrarem no mercado de trabalho mais tarde faz com que iniciem a trajetória ocupacional com status do primeiro emprego elevado.



## 5. DISCUSSÃO

Nessa pesquisa, exploramos a relação entre aspirações ocupacionais e a realização do status ocupacional das mulheres, considerando diversas variáveis (condição socioeconômica, gênero, presença de trabalho na adolescência, expectativas dos outros significantes, percepção das expectativas pelos sujeitos, realização educacional, status do primeiro emprego, idade que começou a trabalhar, herança socioeconômica, estado civil, etc.), bem como mecanismos que se processam nessa relação desde os sonhos profissionais declarados na adolescência pelos sujeitos da pesquisa, passando por suas realizações cinco anos mais tarde, até análises exploratórias do status ocupacional a partir de uma amostra representativa da população brasileira. Foi possível estudar o processo de realização das aspirações cinco anos mais tarde, compondo um estudo longitudinal: a relação com os outros significantes (Mead, 1932), a auto percepção subsequente dessa relação (Cooley, 1922; Blumer, 1929) e as motivações para o trabalho e estudo, que são extremamente importantes para a realização futura, demonstrando a crença em perspectivas reais de atingirem seus objetivos (Kattab, 2003). Em seguida, explorou-se mecanismos sociais que podem atuar na realização ocupacional como gênero, status ocupacional do primeiro emprego, escolaridade, estado civil e herança socioeconômica, caracterizando um estudo de estratificação social.

Comparamos as aspirações ocupacionais que os sujeitos apresentaram em 2009 e aquelas apresentadas em 2013/14, identificando que aqueles oriundos do estrato condição socioeconômica desfavorecida mudam suas aspirações da adolescência para a vida adulta, de forma decrescente no que se refere ao nível de status das ocupações almeçadas e rendimentos que esperam receber. Desse modo, os sujeitos esperam o que podem conquistar diante da realidade material em que se encontram e que conhecem ou ainda pode-se dizer que a estrutura social reproduz a desigualdade social até nos aspectos mais subjetivos, como representam as aspirações ocupacionais. E essas são determinantes para a realização ocupacional efetiva, pois não apenas se produzem em um contexto social, como também constituem a motivação e engajamento necessários para o desenvolvimento dos projetos dos indivíduos.

Então, checamos as motivações dos sujeitos (amostra qualitativa) para o estudo e trabalho, evidenciando como motivações para o trabalho a necessidade de dinheiro para cobrir as necessidades pessoais no caso dos jovens do estrato CSD e, no caso dos

demais, a motivação para o trabalho é fazer o que gosta e praticar o que estuda. A partir disso, observa-se que o nível de aspirações ocupacionais está associado ao grau de engajamento com os estudos e projetos de trabalho, o que demonstra haver uma percepção estratificada dos jovens com relação às perspectivas futuras, que se baseia na realidade de estratificação ocupacional (Khattab, 2003; Lapan, Hinkelman, Adams e Turner, 1999, p. 108).

Aspirações ocupacionais e motivações para o estudo e trabalho foram associadas às expectativas dos outros significantes (OS), observando a semelhança entre essas e a percepção que os sujeitos apresentaram sobre as expectativas dos OS, ficando evidente uma sincronia entre essas, que se alteraram ao longo do estudo longitudinal de forma concatenada, exceto no caso das mulheres, pois os pais se comportam diferentemente com homens e mulheres, refletindo a desigualdade social entre os sexos. Isso se deu porque os OS notam o maior prejuízo que as filhas terão ao não se dedicarem aos estudos, uma vez que dependem mais da educação do que os homens (Aguilar, Fernandes e Neves, 2007) ou porque destinam menos valor às mulheres. De todo modo, o preconceito de gênero se evidencia, nessas relações.

Para finalizar a discussão sobre aspirações e expectativas, verificou-se a correlação entre aspirações e expectativas em 2009 e os níveis do status educacional e ocupacional que os sujeitos atingiram em 2013/14. As aspirações educacionais e ocupacionais (2009) dos sujeitos do estrato CSD foram mais baixas do que as daqueles do estrato CSM. Mas, os resultados mais impressionantes aparecem a partir da comparação entre os dados de 2009 e 2014, pois os sujeitos da pesquisa se dividem mais fortemente entre aqueles que concluíram o ensino médio e iniciaram um curso superior (100% do estrato CSM concluiu o ensino médio e, dentre esses, grande parte iniciou o ensino superior) e entre aqueles que não conseguiram concluir o ensino médio (50% do estrato CSD não concluiu o ensino médio e os dois que iniciaram o ensino superior tiveram que interromper por falta de condições econômicas). As aspirações ocupacionais em 2009 eram sutilmente estratificadas, pois os cargos desejados não diferiam muito entre as classes ou entre meninos e meninas, porém o nível de entusiasmo, conhecimento sobre a área desejada (por exemplo, o rendimento esperado) e engajamento em um projeto pessoal indicavam diferenças. Já o nível ocupacional atingido em 2013/14 desvelou a forte desigualdade entre os estratos, uma vez que os cargos ocupados e rendimentos auferidos diferem muito entre os jovens dos dois

estratos. Por outro lado, não se evidenciaram diferenças entre homens e mulheres, a partir dos dados de 2013/14.

A desigualdade socioeconômica propicia a não realização dos direitos para os indivíduos, que é um desrespeito a uma das formas de reconhecimento intersubjetivo para Honneth (2009), pois o direito de escolhas efetivas nos planos educacional e ocupacional não se concretiza devido os impedimentos socioeconômicos.

Os mecanismos da desigualdade social atuam através dos pais ao despenderem um olhar estratificado com relação aos filhos, transmitindo assim os valores sociais no processo de reconhecimento subjetivo recíproco entre indivíduos para a aquisição das normas sociais na formação do “outro generalizado” para o indivíduo (Mead, 1934), de modo que o processo de formação da identidade está relacionado a ser socialmente aceito pela coletividade. Porém, quando o direito não se realiza, há desrespeito dos direitos sociais, dificultando a integração social, pois, na constituição da identidade, a cada conquista de comunitarização, os sujeitos entram num conflito intersubjetivo, resultando no reconhecimento de sua autonomia. Esse processo representa um desenvolvimento bem-sucedido do Eu, enquanto o desenvolvimento mal sucedido se dá pela experiência do desrespeito, levando os sujeitos a uma luta por reconhecimento (Honneth, 2009, 119-122).

Assim, podemos observar que os sujeitos pertencentes ao estrato CSD estão passando pelas fases do seu desenvolvimento perdendo autonomia, uma vez que suas possibilidades de escolhas reduzem enquanto apreendem mais sobre o mundo, quando deveria ocorrer o inverso, o que é um desrespeito aos seus direitos e, portanto, a desigualdade socioeconômica provoca o desenvolvimento educacional e ocupacional mal sucedido de indivíduos por não terem acesso aos seus direitos sociais.

Com relação ao gênero, o que demonstrou um nível mais baixo de aspirações em 2009 (menos entusiasmo e auto-confiança) ou um perfil mais “pés no chão” pode ser interpretado agora como uma característica feminina (menos “empolgação”), pois tal perfil não comprometeu as realizações em sua trajetória ocupacional, cinco anos depois. Essas evidências corroboraram com Ashby e Schoon (2010), que afirmam que as mulheres aprendem desde cedo que, se quiserem ser bem sucedidas, não é suficiente apenas “sonhar alto”, elas precisam se dedicar para isso.

Após a discussão em torno das aspirações ocupacionais no tópico um da análise dos dados, seguiu a apresentação das análises sobre o status ocupacional do primeiro

emprego com base na investigação qualitativa e quantitativa e sobre a realização ocupacional mais tarde, utilizando dados quantitativos apenas.

O estudo do status ocupacional do primeiro emprego dos indivíduos confirmou a hipótese de que gênero, anos de educação da mãe, status ocupacional do pai, idade que começou a trabalhar e começou a trabalhar após concluir os estudos são variáveis determinantes do status ocupacional do primeiro emprego, considerando dados qualitativos e quantitativos (Halaby, 2003; Bryant, Zvonkovic, Reynolds, 2006, s/p).

Os resultados indicaram que os homens possuem o status ocupacional do primeiro emprego mais alto, da mesma forma que a origem social (escolaridade da mãe e status ocupacional do pai) é um fator que define o status ocupacional do primeiro emprego do indivíduo. A variável idade que começou a trabalhar indicou que começar a trabalhar mais tarde proporciona elevação no nível de status ocupacional e nisso a maior vantagem é das mulheres, que costumam começar a trabalhar mais velhas. Desse modo, os resultados corroboram com a direção das políticas públicas que se norteiam pelo ECA (Brasil, 1990), uma vez que demonstram pertinência ao buscarem prevenir a exploração do trabalho infantil e incentivar o estudo.

Ao comparar os modelos, identificamos que a herança socioeconômica explica o status ocupacional mais tarde, apenas indiretamente, através do status do primeiro emprego, pois não teve significância no segundo modelo de regressão (status ocupacional). Desse modo, a hipótese de que a herança socioeconômica atua mais fortemente no alcance do status ocupacional das mulheres não se confirmou, apontando para uma redução da desigualdade de gênero nesse aspecto, que está relacionado ao padrão de influência dos pais na trajetória ocupacional dos filhos (Aguiar, Fernandes e Neves, 2007).

Da mesma forma, a hipótese de que o estado civil media o alcance do status ocupacional das mulheres não se confirmou (Saraiva, 1993; Freitas, 2013), embora os dados descritivos indiquem haver uma proporção maior de mulheres casadas que ocupam cargos com status ocupacional mais alto, ao contrário dos homens, para os quais serem solteiros pareceu representar uma vantagem. Esses dados descritivos não foram confirmados pelas análises exploratórias, tão pouco pela análise de conteúdo, uma vez que as teorias indicam uma relação inversa, de modo que as mulheres casadas encontram maiores dificuldades em ascenderem para cargos mais altos devido às atividades domésticas e cuidado com os filhos, que recaem sob as mulheres no interior da estrutura patriarcalista (Aguiar, 2010; Bruchini, 2007; Saraiva, 1993).

Porém, a ausência de significância nas variáveis que compuseram a herança socioeconômica e estado civil ao lado do efeito diferenciado do status ocupacional do primeiro emprego, escolaridade e gênero para homens e mulheres (tabelas 28 e 27 respectivamente) indicam que o atributo sexo influencia a realização do status ocupacional de forma desvantajosa para as mulheres. No entanto, esse quadro está sendo ameaçado pelas mudanças no papel social da mulher, cada vez mais voltada para o trabalho remunerado e a expansão da escolaridade, e pelas mudanças estruturais no interior da família, demonstradas a partir da ausência de influência direta dos pais através da herança socioeconômica e do casamento na realização do status ocupacional feminino.

Ao finalizar esse estudo, dois caminhos se abrem para novas investigações, a possibilidade de realizar uma terceira etapa de coleta de dados com os sujeitos da pesquisa, aprofundando ainda mais com relação ao nível de estratificação social da população estudada, pois os dados de jan./2014 comparados aos dados de jul./2009 indicaram uma forte relação entre aspirações, status ocupacional e condição socioeconômica, enquanto a desigualdade de gênero parece sofrer flexibilizações no sentido de não representar uma variável que define o destino ocupacional dos indivíduos por si só. Enquanto a origem socioeconômica é determinante nesse processo. Desse modo, as entrevistas iniciadas quando os sujeitos estavam com 16 anos de idade e com 21 anos poderão ser completadas em uma etapa na qual tenha entre 30 e 35 anos de idade, possibilitando identificar o nível de status ocupacional que atingiu, bem como os processos relacionados a essa trajetória.

De outra forma, aspirações ocupacionais e realização do status ocupacional feminino estão extremamente relacionados desigualdade socioeconômica, sendo uma exemplificação da condição de injustiças sociais de nossa sociedade, retratando mecanismos perversos de desigualdade de oportunidades. Assim, o campo para o estudo das desigualdades sociais se abrem em duas direções, como a demanda social de distribuição para redução da desigualdade social, mas também relacionado a questões mais subjetivas como a transformação da consciência dos indivíduos na relação com a transformação social e no reconhecimento social.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, N; FERNANDES, D. NEVES, J. A Mobilidade Social Feminina. In: AGUIAR, N. (Org.). *Desigualdades Sociais, Redes de Sociabilidade e Participação Política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

AGUIAR, N. Metodologia para o levantamento do uso do tempo na vida cotidiano no Brasil. *Revista Econômica*, Rio de Janeiro, v 12, n 1, junho 2010, p. 64-82.

ASHHBY, J. Schoon, I. The role of aspirations, ambition and gender in predicting adult social status and earnings. *Journal of Vocational Behavior*. V. 77:3, 2010, p. 350 – 360.

BABBIE, E. Research Design. In: BABBIE, E. *The Practice of Social Research*, 10º ed. Belmont, CA: Wadsworth/Thompson Learning, 2004.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 1979.

BEAL, S. CROCKETT, L. Adolescents' Occupational and Educational Aspirations and Expectations: Links to High School Activities and Adult Educational Attainment. *Developmental Psychology*. V.46:1, 2010, p. 258–265.

BECKER, G; TOMES, N. Human Capital and the Rise and Fall of Families. Chicago: The university of Chicago, 1994. p. 257-298. Disponível em <http://www.nber.org/chapters/c11237>. Acesso em abril de 2014.

BESSEN, Y. Exploitation or Fun? The Lived Experience of Teenage Employment in Suburban America. *Journal of Contemporary Ethnography*. Sage Publications. Vol. 35. Nuber 3. June 2006. pp 319-340. Disponível em <http://jce.sagepub.com>. Acesso em 20 de agosto de 2007.

BIELBY, W; BARON, J. Men and Women at Work: Sex segregation and Statistical Sex Segregation. In: GRUSKY, D. *Social Stratification: Class, race and Gender in Sociological Perspective*. Bolder: Westview Press, 1994.

BIAGIONI, D. *Determinação da Mobilidade por Classes Sociais: Teoria do Capital Humano e a Teoria da Segmentação do Mercado de trabalho*. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu – MG Brasil, 2006. Disponível em: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABPE2006\\_652.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABPE2006_652.pdf). Acesso em dezembro de 2008.

BLAU, P; DUCAN, D. "The Process of Stratification". In: Blau, P; Ducan, D. *The American Occupational Structure*. New York: Wiley, 1967, p. 486-497.

BLUMER, H. (1929a). "Review of *The Symbolic Process and Its Integration in Children: A Study in Social Psychology* by John F. Markey." *American Journal of Sociology* 34: 927-928.

\_\_\_\_\_ (1929b) "Review of *The Scientific Habit of Thought* by Frederick Barry." *American Journal of Sociology* 34, 935 p.

\_\_\_\_\_ (1933) "Conclusion." Chapter 11 in *Movies and Conduct*. New York: Macmillan & Company, p. 192 - 200.

\_\_\_\_\_ (1935) "Moulding of Mass Behavior Through the Motion Picture." *Publications of the American Sociological Society*, 29 p. 115-127.

\_\_\_\_\_ (1937) "Social Psychology." Chapter 4 in Emerson Peter Schmidt (ed) *Man and Society: A Substantive Introduction to the Social Science*. New York: Prentice-Hall, Inc. p. 144-198.

\_\_\_\_\_ (1938a) "Review of *Introduction to Social Research* by Emory S. Bogardus." *American Journal of Sociology* 43 (1938): 676.

\_\_\_\_\_ (1938b). "Review of *The Psychology of Wants, Interests and Attitudes* by Edward L. Thorndike." *American Journal of Sociology* 44 , 311 p.

\_\_\_\_\_ (1949). "Review of *Personality: In Nature, Society and Culture* by Clyde Kluckhohn and Henry Murray. *American Sociological Review* 14, p. 563-565.

\_\_\_\_\_ (1952). "Review of *Man, Mutable and Immutable* by Kurt Riezler. *American Journal of Sociology* 57, p. 598-600.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm) Acesso em fevereiro de 2009.

BRASIL. Ministério do trabalho e do emprego. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/legislacao/instrucao-normativa-n-26-de-20-12-2001-1.htm> Acesso em 29 de outubro de 2012.

BRESSIANI, N. Economia, Cultura e Normatividade: O debate de Nancy Fraser e Axel Honneth sobre redistribuição e reconhecimento. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

BRITO, M. “Discutindo o Trabalho de crianças e Adolescentes no Brasil – curso da vida, sentidos da ação econômica e transmissão intergeracional”. In: NEVES, J;

FERNANDES, D; HELAL, D. (Org.). Educação, Trabalho e Desigualdade Social. Belo Horizonte:Argvment, 2009, p.15-65.

BRUCHINI, M. Trabalho e Gênero no Brasil nos Últimos Dez Anos. Cadernos de Pesquisa. V. 37, n. 132, set/dez, 2007, p. 537-572.

BRYANT, B; ZVONKOVIC, A; REYNOLDS, P. Parenting in relation to child and adolescent vocational development. *Journal of Vocational Behavior*. Nº 69, mar. 2006. pp. 149-175.

BRYM, R. Sociologia: Sua Bússola para um Novo Mundo. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

CHENG, S; STARKS, B. Racial Difference in the Effects of Significant Others on Student’s Educational Expectations. *Sociology of Education*, Vol. 75, n. 4, 2002.

COLANER, C; GILES, S. Thhe Baby Blanket or the Briefcase: The Impact of Evangelizal Gender Role Ideologies on Carrer and Mothering aspirations of FemaleEvangelicalCollege. *Springer Science + Business Media*. LLC. Nº 58, October 2007.

COOLEY, C. *Human Nature and the Social Order (Revised edition)*. New York: Charles Scribner's Sons, 1922.

COSTA, A. Gênero, poder e empoderamento das mulheres. 2008. Disponível em: [http://www.agende.org.br/docs/File/dados\\_pesquisas/feminismo/Empoderamento%20-%20Ana%20Alice.pdf](http://www.agende.org.br/docs/File/dados_pesquisas/feminismo/Empoderamento%20-%20Ana%20Alice.pdf) Acesso em 02 de março de 2014.

CROMPTON, R. Diferença sexual e análise das classes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 49. Lisboa, nov., 1997.



DEZIN, N. Sexuality and Gender: An Interactionist/Poststructural. In: ENGLAND, P. *Theory on Gender: Feminismo n Theory*. New York: Aldine de Gruyter, 1993, p. 199-222.

DUARTE, T. A Possibilidade de Investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). *Centro de Investigação e Estudos de Sociologia*. Working Paper. Nº 60, 2009. PP. 1-24.

ENGELS, F; MARX, K. *Manifesto do Partido Comunista*. Petrópolis: Vozes, 1999.  
ENGLAND, P. *Comparable Worth: theories and evidence*. New York: Aldine de Gruyter, 1992.

\_\_\_\_\_ Dependência Sexual, Dinheiro e Dependência Econômica nos Estados Unidos da América. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 49. Lisboa, nov., 1997.

\_\_\_\_\_ *Theory on Gender: Feminismo n Theory*. New York: Aldine de Gruyter, 1993.

ENTWISLE, D; ALEXANDER, K; OLSON, L. Urban Teenagers: Work and Dropout. *Youth & Societ*. Sage Publications. Nº 37, september de 2005. pp 3-32.

EVANS, M; SARAIVA, H. Women`s Labour Force Participation and Socioeconomic Development: influences of local context and individual characteristics in Brazil. *The British Journal of Sociology*. Vol. 44, march 1993, p. 25-47.

FAGAN, C; REILLY, J; RUBERY, J. O Tempo Parcial na Holanda, na Alemanha e no Reino Unido: um novo contrato social entre os sexos? . In: Maruani, M; Hirata, H (Org.). *As Fronteiras da Desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo: Senac são Paulo, 2003, p. 299-313.

FARR, R. *As Raízes da Psicologia Social Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1996.

FEATHERMAN, D; HALLER, A. The Social Psychological Legacy of Otis Dudley Ducan. *Science Direct*. Elsevier. May 2007.

FERREIRA, C. Análise Econômica dos Institutos do Casamento e do Divórcio. *Revista da Associação Mineira do Direito e Economia*. Disponível em <https://escholarship.org/uc/item/4rv798cf> Acesso em 02 de abril de 2014.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU Ed., 1996.

FREITAS, A. Debates Sobre o Retorno Financeiro do Capital Humano: o aumento da escolaridade das mulheres foi capaz de reduzir o hiato salarial de gênero? Brasil/2008. Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Sociologia. UFMG. Belo Horizonte, 2013.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GAZEBOOM, H; TREIMAN, D. Internationally Comparable Measures of Occupational Status for the 1988 International Standard Classification of Occupations. *Social Science Research*, V. 25, 1996, P. 201-239.

GOFFMAN, E. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GIDDENS, A. Amor, Compromisso e o Relacionamento Puro. In: Giddens, A. *Transformação da Intimidade: sexualidade, amor & Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

HAGUETI, T. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.

HALABY, C. Where Job Values Come From: Family and Schooling background, Cognitive ability, and Gender. *American sociological Review*. Vol. 68. April, 2003. p. 251-278.

HALLER, A; PORTES, A. Status Attainment Processes. *Sociology of Education*. Vol. 46. Winter, 1973, p. 51-91.

HARTMANN, H. The Unhappy Marriage of Marxism and Feminism: Towards a More Progressive View. In: GRUSK, D. *Social Stratification: Class race and Gender in Sociological Perspective*. Bolder: Westview Press, 1994.

HIRATA, H. Divisão Sexual do Trabalho: o estado das artes. In: HIRATA, H. *Nova Divisão Sexual do Trabalho: um olhar voltado para a empresa e para a sociedade*. São Paulo: Bontempo, 2002, p. 273-289.

HONNETH, A. “Atualização Sistemática: a estrutura das relações sociais de reconhecimento”. In: HONNETH, A. *Luta por Reconhecimento*. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 117-154.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça. 3ª edição. Brasília, 2008. Disponível em: [http://http://www.ipea.gov.br/sites/ooo/2/pdf/livreto\\_retrato\\_3edicao.pdf](http://http://www.ipea.gov.br/sites/ooo/2/pdf/livreto_retrato_3edicao.pdf). Acesso em agosto de 2012.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça. 4ª edição. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/retrato-das-desigualdades-de-genero-e-raca-4-ed.pdf>. Acesso em agosto de 2012.

IESP. Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade 2008. Financiamento CNPq.

JESUS, E. O Que Ser aos Trinta? Aspirações Ocupacionais de Jovens, negros e brancos na cidade de Belo Horizonte. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

JOHNSON, M. Functionalism and Feminism: Is Estrangement Necessary? In: ENGLAND, P. *Theory on Gender: Feminismo n Theory*. New York: Aldine de Gruyter, 1993, p. 115-130.

KAUFMAN, G. Gender Role Attitudes and College Students' Work and Family Expectations. *Gender Inssues*. Spring, 2005.

LANG, Alice. Aspirações à Educação, à ocupação e ao Êxito Social. São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1984.

LAPAN, R; HINKELMAN, J; ADAMS, A; TURNER, S. Understanding Rural Adoelscents Interests, Values, and Efficacy Expectations. *Journal of Career Development*. Human Sciences Press. Vol. 26, winter, 1999.

LAVINE, C; DIONE, J. *A Construção do Saber: manual de metodologí da pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. Parte 2: do problema à hipótese, 1999, pp 83-127.

LOBO, E. O Gênero no Trabalho: perspectivas teóricas e metodológicas. In: LOBO, E. *A Classe Operária tem Dois Sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abrano, 2011, p. 123-208.

MEAD, G. A Theory of Emotions from the Physiological Standpoint. *Psychological Review* 2, 1895, p. 162-164.

\_\_\_\_\_ The Child and His Environment, *Transactions of the Illinois Society for Child-Study* 3, 1898, P. 1-11.

\_\_\_\_\_ A New Criticism of Hegelianism: It is Valid? *American Journal of Theology* 5, 1901, p. 87-96.

\_\_\_\_\_ Social Psychology as Counterpart to Physiological Psychology, *Psychological Bulletin* 6, 1909, p. 401- 408.

\_\_\_\_\_ The Social Self, *Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Methods* 10, 1913, p. 374- 380.

\_\_\_\_\_ The Nature of the Past. In: John Coss (ed.), *Essays in Honor of John Dewey*. New York: Henry Holt & Co, 1929, p. 235-242.

\_\_\_\_\_ "Cooley's Contribution to American Social Thought." *American Journal of Sociology*, Vol. XXXV, 1930, P. 693-706.

\_\_\_\_\_ *The Philosophy of the Present*. LaSalle, Illinois: Open Court, 1932, p. XXXVI-XL.

\_\_\_\_\_ *Mind, Self, and Society: from the standpoint of a social behaviorist*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1934.

MIES, M; THOMSEN, V; WERLHOF, C. "Colonization of Women and Nature". In: MIES, M; THOMSEN, V; WERLHOF, C. *Women: The Last Colony*. Londres: Zed Books, 1988, p. 67-95.

POLACHEK, S; SIEBERT, S. Gender in the Labor Market. In: GRUSK, D. *Social Stratification: Class race and Gender in Sociological Perspective*. Bolder: Westview Press, 1994.

RIBEIRO, C. Classe e gênero no Brasil contemporâneo: mobilidade social, casamento e divisão do trabalho doméstico. In: SCALON, M. (Org.). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGT, 2005.

\_\_\_\_\_. A Mobilidade Social das Mulheres: Mercado de Trabalho e Casamento. In: RIBEIRO, C. Estrutura de Classes e Mobilidade Social no Brasil. Bauru-SP: EDUSC, 2007.

\_\_\_\_\_. Desigualdades de Oportunidades e Resultados Educacionais no Brasil. *DADOS- Revista de Ciências Sociais*. Vol. 54, n. 1, 2011, p. 41-87.

\_\_\_\_\_. Quatro décadas de mobilidade social no Brasil. Revista, vol. P. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/dados/v55n3/a03v55n3>. Acesso em março de 2014

SALES, M. (2010). O Processo de Constituição das Aspirações Ocupacionais na Interface Educação/Trabalho. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

SALES, M. O Processo de Constituição da Identidade na Adolescência: trabalho, classe e gênero. Educação/Trabalho. *Revista Psicologia & Sociedade*.V. 26(n. spe.), 2014, p. 161-171.

SANTOS, A.Desigualdade Social e o Conceito de Gênero. *Virtú (UFJF)*, v. 1, 2006, p. 1/3, .

SALVADORI, M. *HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*.São Paulo: Ed. 34, 2003, p. 189-192.

SCALON, C. Um Modelo para o Brasil: Estrutura e Gênero. In: SCALON, M. Mobilidade Social no Brasil. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ, 1999.

SCALON, C; ARAÚJO, C. A Conciliação entre Família e Trabalho. IN: SCALON, C; ARAÚJO, C. Gênero, Família e Trabalho no Brasil. Belo Horizonte: FGT, 2005, p. 63-79.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade: Porto Alegre, 1990.

SEWELL, W; HALLER, A; OHLENDORF, W. The Educational and Early Occupational Status Attainment Process: replication and revision. *American Sociological Review*, Vol. 35, dec, 1970.

SHELTON, B; e AGEER, B. Shotgun Wedding, Unhappy Marriage, No-Fault Divorce? Rethinking the Feminism-Marxism. In: ENGLAND, P. *Theory on Gender: Feminismo n Theory*. New York: Aldine de Gruyter, 1993, p. 25-42.

SOUZA, P; RIBEIRO, C; CARVALHAES, F. Desigualdade de Oportunidades no Brasil: considerações sobre classe, educação e raça. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 25, n. 73, 2010.

WALBY, S. As Figuras Emblemáticas do Emprego Flexível. In: Maruani, M; Hirata, H (Org.). *As Fronteiras da Desigualdade*. São Paulo: Senac são Paulo, 2003, p. 287-298.

WEBER, M. *Economia e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

WEISS, R. Introduction. In: WEISS, R. *Learning from Strangers: The Art and Method of Qualitative Interview Studies*. New York: The Free Press. 1994.

## 7. APENDICE

### 7.1. APÊNDICE A: Roteiro de entrevista/2013-14

Nome:

Idade:

1.1) Qual a sua escolaridade?

Ensino superior incompleto

Ensino médio completo

Ensino médio incompleto

1.2.1) Você está estudando? O que?

1.2.2) Você gostaria de estudar? O que?

Está estudando/ O que...

Não está, mas gostaria (por que não está estudando)/ O que...

Não está e não gostaria/ O que...

1.3) O que te motiva estudar?

1.4) Por que escolheu esse curso?

2.1) Você está trabalhando?

Sim

Não, mas gostaria de está trabalhando

Não e não gostaria de está trabalhando

2.2) Qual foi o seu primeiro trabalho?

Para aqueles que estão trabalhando:

2.3) Com o que trabalha?

2.4) Tipo de vínculo:

Formal

Informal

2.5) Está nesse trabalho há quanto tempo?

2.6) Caso esteja trabalhando, o que você faz?

2.7) O que te motiva trabalhar?

2.8) Qual é o seu rendimento nesse trabalho?

2.9) Qual o tipo de vínculo desse trabalho?

2.8) Como você organiza seus horários?

2.9) Você notou alguma alteração no seu rendimento escolar desde que começou a trabalhar?

(Para aqueles que estão trabalhando)

2.10) Como conseguiu esse trabalho?

(Para aqueles que estão trabalhando)

3.1) Como você espera que esteja sua vida aos 30 anos de idade?

3.2) Em qual série você espera estar aos 30 anos de idade?

3.3) Você espera estar estudando algo aos 30 anos?

3.4) Caso sim, o que?

3.5) Você pretende estar trabalhando aos 30 anos?

3.6) Caso sim, o que estará fazendo?

3.7) Quanto imagina que será seu rendimento (pensando nos dias atuais)?

3.8) Você pretende está em um relacionamento estável?

4.1) O que você faz nos momentos que não está nem estudando nem trabalhando?

4.2) O que você costuma fazer quando está de férias?

5.1) Como você percebe o trabalho dos seus pais (responsáveis)? E do nível de escolaridade deles?

5.1) Quem são as pessoas que você considera que são as mais importantes em sua vida?

5.2) Você tem uma ligação afetiva com essas pessoas?

5.3) O que eles pensam sobre você?

5.4) O que eles dizem sobre você?

5.5) Como você é para eles?

5.6) O que você acha que eles esperam de seu nível de escolaridade daqui a dez anos?

5.7) O que você acha que eles esperam que você seja daqui a 10 anos?

5.8) Sobre o que você conversa com essas pessoas?

5.9) O que vocês fazem juntos?

5.10) Quais locais frequenta?

5.11) Fazem as refeições juntos?

5.12) Seus pais fazem alguma cobrança com relação aos seus estudos?

5.13) Você tem alguma obrigação em casa?

5.14) Seus pais determinam normas para você? Como são construídas as normas da sua família?

5.15) Caso você não cumpra as normas, como será repreendido?



Roteiro de entrevista/ outros significantes – pais:

- 1.1) O que você acha dos estudos do seu filho?
- 1.2) O que você acha de seu filho está trabalhando?
- 1.3) De que partiu a iniciativa para ele trabalhar?
- 1.4) Como você avalia o desenvolvimento dele?
  
- 2.1) Você imagina como seu (sua) filho(a) estará aos 30 anos de idade?
- 2.2) Caso não, por que não pensa nisso?
- 2.2) Caso sim, como você acha que será a vida do(a) seu(sua) filho(a) quando ele estiver com 30 anos?
- 2.3) Em que nível de escolaridade ele(a) estará aos 30 anos?
- 2.4) Com o que ele(a) estará trabalhando aos 30 anos?
- 2.5) Como você deseja que seu(sua) filho(a) esteja aos 30 anos?
- 2.6) Em que escolaridade você deseja que seu(sua) filho(a) esteja aos 30 anos?
- 2.7) Qual trabalho você deseja que seu filho tenha aos 30 anos?
  
- 3.1) Como você participa dos projetos de estudo e de trabalho dele?
- 3.2) Você faz algo para incentivá-lo?
  
- 4.1) Qual a sua escolaridade (mãe)?
- 4.2) Qual a sua ocupação (mãe)?
- 4.3) Quanto você recebe (mãe)?
- 4.4) Qual o seu horário de trabalho (mãe)?
- 4.5) Como você avalia o nível de stress desse trabalho (mãe)?
- 4.6) Você gosta do que faz (mãe)?
  
- OBS: Repetir tudo para o pai
  
- 5.1) Qual a renda da família?
- 5.2) Onde vocês residem?
- 5.3) A família possui automóveis?
- 5.4) Há alguém que ajuda na limpeza da casa (faxineira, empregada doméstica)?

**7. 2. APÊNDICE B: Roteiro de entrevista/2009**

Nome

Data de nascimento:

Residem na casa:

Quem trabalha em sua casa:

Raça/cor:

Religião:

Escolaridade do pai:

Escolaridade da mãe:

Número de cômodos da casa:

Renda familiar:

Endereço:

Tel.:

Local da entrevista:

Data da entrevista:

Roteiro de entrevista / Adolescente:

1) Por que você começou a trabalhar? Quando?

(Para aqueles que trabalham)

2) Você gostaria de está trabalhando? Por que?

(Para aqueles que não estavam trabalhando)

3) Qual nível educacional você pretende atingir? Quais são os seus sonhos profissionais?

4) Seus pais (ou responsáveis) já te inscreveram em cursos além da educação formal? Quais?

5) Seus pais participam das reuniões da sua escola ou vão até ela em alguma ocasião? Caso sim, com qual frequência?

7) Como você percebe a profissão de seus pais (responsável)? Até qual nível de escolaridade seus pais estudaram? O que você considera desse nível?

8) Quais são os adultos que você considera importantes em sua vida?

8.1) O que você acha que eles pensam de você?

8.4) O que você acha que eles esperam que você seja aos 30 anos?

9) O que você faz nos horários que está fora da escola (Trabalho, cursos, lazer, leitura, escrita, esporte, religião, convivência com a família)?

9.1) Sobre o que você conversa com seus pais?

9.2) O que vocês fazem juntos?

9.3) Fazem as refeições juntos?

10) Como seus pais (responsáveis) agem diante dos seus deveres escolares?

10.1) Você tem horário para dormir, para fazer dever de casa, para ficar no computador e para lazer? Caso sim, quem controla esses horários?

10.2) Você tem alguma obrigação em casa?

10.3) No caso de cumprir com alguma obrigação ou no caso de desobediência, como é a reação de seus pais?

10.4) Quando você apresentou alguma dificuldade na escola ou em outra ocasião, qual foi a reação dos seus pais (responsáveis)?

11) Você tem religião? Qual? Participa de quais atividades religiosas? Com qual frequência? Você tem amigos do seu grupo religioso?

12) Você participa de quais grupos além da escola?

13) Desde quando você está trabalhando? Nesse período, sua vida social mudou em alguma coisa? Passou a ter mais contatos sociais ou menos?

(Para aqueles que trabalham)

14) Como você considera seu desempenho escolar? Quais notas você costuma tirar? Você já repetiu série ou disciplina?

15) Desde que começou a trabalhar, algo mudou no seu rendimento escolar? Você passou a estudar menos ou mais? Suas notas mudaram?

(Para aqueles que trabalham)

16) Quais? Como você imagina que estará profissionalmente daqui a cinco anos? E daqui a dez anos?

17) Além da atividade de trabalho que está desempenhando, você já realizou outras atividades laborais? Bicos? Fale sobre essa experiência:

#### Roteiro de entrevista / Pais:

1) O que você acha de seu filho está trabalhando? Como foi que ele começou a trabalhar? De quem partiu a iniciativa? O que há de melhor em ele está trabalhando? E pior?

(Para aqueles que o filho trabalha)

- 3) Qual o seu trabalho? Quantas horas/dia você trabalha?
- 4) Como você percebe seu trabalho?
  - 4.2) Se pudesse mudar, mudaria? Para qual?
- 4) Em quais atividades, além da educação formal, você inseriu seu filho?
- 5) Você já participou das reuniões de pais da sua escola de seu filho? Caso sim, com qual frequência?
  - 7) O que você faz nos horários que não está trabalhando?
- 9) E seu filho, o que faz quando não está na escola (Trabalho, cursos, lazer, leitura, escrita, esporte, religião, convivência com a família)?
- 10) Sobre o que você conversa com seu filho?
  - 10.3) Fazem as refeições juntos?
- 11) O dever de escola de seu filho é controlado? Como?
  - 11.1) Ele tem horário para dormir, para fazer dever de casa, para lazer, para ficar no computador? Ele tem obrigações em casa? Caso sim, quem controla tais obrigações e demais horários?
- 12) Ele já apresentou alguma dificuldade na escola?
- 13) Vocês têm religião? Qual? Participa de quais atividades religiosas? Com qual frequência? Você tem amigos do seu grupo religioso?
- 14) Como você considera o desempenho escolar de seu filho? Quais notas ele costuma tirar? Ele já repetiu série ou disciplina?
- 15) Desde que começou a trabalhar, algo mudou no rendimento escolar dele? Ele passou a estudar menos ou mais? As notas dele mudaram?

(Para aqueles que trabalham)

- 16) Como você imagina que ele estará profissionalmente aos 30 anos?



**Seção 01 – Características do Domicílio: Estrutura**

**1. Existe calçada em frente ao domicílio? (ANOTAR)**

1 ( ) Sim    2 ( ) Não

**2. A rua onde se localiza o domicílio é:**

1 ( ) Asfaltada    2 ( ) Paralelepípedo    3 ( ) Terra/Barro    4 ( ) Cascalho

**3. Este domicílio se localiza em: (ANOTAR)**

1 ( ) Construção isolada (casa térrea/ sobrado fora de condomínio)

2 ( ) Condomínio regularizado de casas e/ou apartamentos

3 ( ) Favelas ou conjuntos não regularizados (invasão)

4 ( ) Casa de cômodos ou cortiço

**4. Este domicílio é do tipo: (ANOTAR)**

1 ( ) Casa    2 ( ) Apartamento    3 ( ) Quarto/Cômodo

**5. Que material predomina nas paredes externas? : (ANOTAR)**

1 ( ) Alvenaria    4 ( ) Taipa não revestida

2 ( ) Madeira aparelhada    5 ( ) Madeira aproveitada

3 ( ) Tijolo sem revestimento    7 ( ) Outro

**6. Que material predomina no piso? : (ANOTAR)**

1 ( ) Madeira aparelhada    5 ( ) Madeira aproveitada

2 ( ) Carpete    6 ( ) Terra

3 ( ) Cerâmica, lajota, ardósia    7 ( ) Outro

4 ( ) Cimento

**7. Que material predomina no teto? : (ANOTAR)**

1 ( ) Telha

2 ( ) Laje de concreto

3 ( ) Madeira aparelhada

4 ( ) Zinco

5 ( ) Madeira aproveitada

7 ( ) Outro

**Pensando agora na quantidade de cômodos da sua casa, considerando apenas os internos...**

**8. Qual o total de cômodos internos, sem considerar cozinha, banheiros e corredores?**

|\_\_\_\_|\_\_\_\_| cômodos internos (salas, quartos)

**9. Existe cozinha dentro do domicílio (como um cômodo separado)?**

1 ( ) Sim    2 ( ) Não

**10. Quantos banheiros existem dentro do domicílio?**

|\_\_\_\_|\_\_\_\_| banheiros internos

**11. Qual é a condição de ocupação do domicílio? (LEIA)**

- 1( ) Alugado  FAÇA P12  
 2( ) Próprio em aquisição  
 3( ) Próprio já pago  
 4( ) Cedido por empregador  
 5( ) Cedido outra forma  
 6( ) Invasão

**(PARA QUEM PAGA ALUGUEL CÓD. 1 NA P11)**

**12. Qual o valor do aluguel pago no último mês? R\$** \_\_\_\_|\_\_\_\_|. \_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|, 00

**(PARA QUEM TEM IMÓVEL PRÓPRIO/ CEDIDO/ INVADIDO (CÓD. 2 A 6 NA P11)**

**13. Se tivesse que pagar aluguel, qual o valor estimado do aluguel desse imóvel? R\$** \_\_\_\_|\_\_\_\_|. \_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|, 00

**(PARA QUEM TEM IMÓVEL PRÓPRIO (CÓD. 2 OU 3 NA P11)**

**13A. Esse é o primeiro imóvel que você ou sua/seu esposa(o) possuíram?**

- 1( ) Sim      2( ) Não

**(PARA QUEM NÃO TEM IMÓVEL (CÓD. 1, 4, 5 ou 6 NA P11)**

**13B. Você ou sua/seu esposa(o) já foram proprietários de algum domicílio/ imóvel?**

- 1( ) Sim  FAÇA P13C      2( ) Não  PULE PARA P.14

**(PARA QUEM TEM IMÓVEL PRÓPRIO (CÓD. 2 OU 3 NA P11)**

**(PARA QUEM NÃO TEM IMÓVEL, MAS JÁ FOI PROPRIETÁRIO (CÓD. 1 NA P13B)**

**13C. Em que ano você ou sua/seu esposa(o) compraram ou começaram a comprar esse seu primeiro imóvel?**

\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_| ANO  PERGUNTE DATA APROXIMADA

**(PARA QUEM TEM IMÓVEL PRÓPRIO (CÓD. 2 OU 3 NA P11)**

**(PARA QUEM NÃO TEM IMÓVEL, MAS JÁ FOI PROPRIETÁRIO (CÓD. 1 NA P13B)**

**13D. Este primeiro imóvel foi presente, foi herdado, foi comprado ou vocês construíram?**

- 1( ) Foi presente      3( ) Foi comprado  
 2( ) Foi herança      4( ) Foi construído

**### PARA TODOS ###**

**14. Existe água canalizada dentro desse domicílio?**

- 1( ) Sim      2( ) Não

**15. Qual a principal forma de abastecimento de água no domicilio?**

- 1( ) Rede geral      4( ) Bica pública  
 2( ) Poço na propriedade      5( ) Carro pipa  
 3( ) Poço fora da propriedade      7( ) Outra forma

16. Qual o principal tipo de escoadouro sanitário existe no domicílio?

- 1( ) Rede coletora de esgoto      5( ) Rio, lago ou mar  
 2( ) Fossa séptica    7( ) Outro  
 3( ) Fossa rudimentar      9( ) Não tem  
 4( ) Vala

17. Qual o principal tipo de iluminação do domicílio?

- 1( ) Elétrica    5( ) Solar  
 2( ) Gerador    7( ) Outro  
 3( ) Lampião      9( ) Não tem  
 4( ) Vela

18. Qual o principal destino do lixo do domicílio?

- 1( ) Coletado  
 2( ) Queimado ou enterrado  
 3( ) Jogado em terreno baldio  
 4( ) Jogado em rio, lagoa, etc  
 5( ) Jogado em caçamba  
 7( ) Outro

(ATENÇÃO ENTREVISTADOR □ ANOTE POR OBSERVAÇÃO)

19. Qual estado de conservação do domicílio? (ANOTAR)

- 1( ) Muito bom      4( ) Ruim  
 2( ) Bom      5( ) Muito ruim  
 3( ) Regular    6( ) Péssimo

20. Neste domicílio trabalha algum(a) empregado(a) doméstico(a)? Quanto(a)s?  
 (preencher com zeros se não houver empregado(a))

|\_\_\_||\_\_\_| Diaristas      |\_\_\_||\_\_\_| Mensalistas

21. Considerando todas as pessoas que moram nesse domicílio (exceto empregado(a)s doméstico(a)s), qual o total mensal dos rendimentos de todas essas pessoas juntas?

R\$ |\_\_\_|\_|\_\_\_|. |\_\_\_|\_|\_\_\_|\_|\_\_\_|, 00      99.999 – NS/ NOP

22. Alguém nesse domicílio possui algum destes bens?

1 – sim

2 - não

|\_\_\_| Uma empresa ou negócio (dono ou sócio) |\_\_\_|      Ações,      aplicações  
 financeiras

|\_\_\_| Automóvel de trabalho (táxi, van, caminhão)    |\_\_\_|      Caderneta      de  
 Poupança

|\_\_\_| Uma segunda casa, casa de campo ou de veraneio      |\_\_\_|      Conta  
 corrente em Banco

|\_\_\_| Um terreno, sítio ou fazenda      |\_\_\_| Alguma propriedade que aluga

|\_\_\_| Animais de criação (não incluir animais domésticos: cães, gatos, etc.)



**23. Características do Domicílio: Inventário de Bens**1 – sim  Quantos

2 - não

TEM QTO?

TEM QTO?

<input type="checkbox"/> Fogão a gás	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Microcomputador	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Televisão em cores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> DVD/ vídeo cassete	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Rádios (exceto do automóvel)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Freezer (isolado ou não)	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Geladeira	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Parabólica ou TV à cabo	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Ventilador	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Computador ligado à internet	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Toca disco/ CD player	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Telefone fixo	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Microondas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Telefone celular	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Máquina de lavar roupa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Banheiros	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Ar condicionado/ aquecedor de ar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Empr. Mensalista	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Automóvel exclusivamente passeio	<input type="checkbox"/>		
<input type="checkbox"/> Batedeira e/ou liquidificador	<input type="checkbox"/>		
<input type="checkbox"/> Moto	<input type="checkbox"/>		

**Seção 02 – Características dos Moradores (Para todos os Moradores EXCETO CHEFE E CONJUGE)**

Condição no domicílio

LISTA A

01. Filho (a) / Enteadado
02. Genro/Nora
03. Neto (a)
04. Pai/Mãe
05. Sogro (a)
06. Avô (ó)
07. Irmão (ã)
08. Outro parente
09. Agregado
10. Doméstica
11. Parentes da Doméstica

**CARACTERÍSTICAS E OPINIÕES DO CHEFE**

Seção 01 – Características do CHEFE: Características Gerais

I

Identificação

[ | | | ] [ 1 ][ 0 | 1 ]

NOME: \_\_\_\_\_

101. Sexo

1( ) Homem 2( ) Mulher

102. Data de Nascimento

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Dia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Mês	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Ano
--------------------------	--------------------------	-----	--------------------------	--------------------------	-----	--------------------------	--------------------------	-----



**### PARA TODOS ###**

**108. Qual a cor da sua pele sua? (ESPONTÂNEA – REGISTRE A MANIFESTAÇÃO DO ENTREVISTADO)**

|\_|\_|\_|\_|

**109. Considerando apenas os termos: branca, preta, parda, amarela e indígena, como o(a) sr(a) classificaria a sua cor ou raça ?**

- 1( ) Branca    4( ) Amarela  
 2( ) Preta    5( ) Indígena  
 3( ) Parda

**110. Há quanto tempo você mora aqui neste município?**

|\_|\_|\_| Anos    |\_|\_|\_| Meses

**111. Você nasceu neste município?**

- 1 ( ) Sim  VÁ P/ P113                  2( ) Não  PROSSIGA

**### PARA QUEM NÃO NASCEU NESTE MUNICÍPIO ###**

**112. E o(a) sr(a) nasceu em outro município deste estado, ou em um município de outro estado?**

- 1( ) Em outro município deste estado  
 2( ) Em município de outro estado. Qual estado?

|\_|\_|\_|

- 3( ) Em outro país (ESPONTÂNEO)

**### PARA TODOS ###**

**113. E foi em área urbana ou rural?**

- 1 ( ) Urbana 2( ) Rural

**114. Até os seus 15 anos de idade morou em área: (LEIA)**

- 1( ) Urbana  
 2( ) Rural  
 3( ) Urbana e Rural

**115. Atualmente você: (LEIA OPÇÕES 1 A 5 – UMA OPÇÃO)**

- 1( ) Está solteiro(a),  FAÇA 116    4( ) Está separado(a), ou  
 2( ) Está casado(a), 5( ) É viúvo(a)?  
 3( ) Está morando junto com o(a) companheiro(a),

**### PARA QUEM ESTÁ SOLTEIRO (CÓD. 1 NA 115) ###**

**116. Você já viveu em união?**

- 1( ) Sim  FAÇA 117                  2( ) Não  PULE PARA 123

**### PARA TODOS QUE VIVEM/ VIVERAM EM UNIÃO (2 A 5 NA 115 OU CÓD 1 NA 116) ###**

**117. Qual a natureza da união? (LEIA)**

- 1( ) Civil e religiosa,                  3( ) Só religioso, ou  
 2( ) Só civil, 4( ) União consensual?

###PARA QUEM ESTÁ UNIDO (CÓD. 2 OU 3 NA 115) ###

118. Mês e ano de início dessa união atual:

|\_\_||\_\_| Mês |\_\_||\_\_| Ano 9999( ) Não lembra

###PARA QUEM ESTÁ UNIDO (CÓD. 2 OU 3 NA 115) ###

119. Esta é/ foi a sua primeira união?

SIM, É/ foi a primeira união  9999 ( ) NÃO, Já teve outra união  9998( )

### PARA QUEM TEVE OUTRA UNIÃO (CÓD. 9998 NA 119 ) ###

### PARA QUEM ESTÁ SEPARADO/ VIÚVO (CÓD. 4 OU 5 NA 115) ###

120. Em que mês e ano iniciou sua primeira união?

Mês e ano de início da primeira união: |\_\_||\_\_| mês |\_\_||\_\_| ano  
9999( ) Não lembra

121. Em que mês e ano terminou sua primeira união?

Mês e ano de término da primeira união: |\_\_||\_\_| mês |\_\_||\_\_| ano  
9999( ) Não lembra

###PARA QUEM ESTÁ CASADO (CÓD. 2 NA 115) ###

122. Vive em companhia do cônjuge?

1( ) Sim 2( ) Não

### PARA TODOS ###

123. Você sabe ler e escrever?

1( ) Sim 2( ) Não

124. Você freqüenta ou já freqüentou estabelecimento de ensino (escola)?  
(ESPONTÂNEA)

1 ( ) Sim, freqüenta  FAÇA 125A

2 ( ) Sim, freqüentou  FAÇA 125B

3( ) Não, nunca freqüentou escola  VÁ PARA 135

###PARA QUEM FREQUËNTA (CÓD. 1 NA 124) ###

125A. Qual curso e série você freqüenta? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO -  
LISTA B

###PARA QUEM FREQUËNTOU (CÓD. 2 NA 124) ###

125B. Qual é o curso mais elevado que freqüentou no qual concluiu pelo menos  
uma série? Qual a série concluída? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO -  
LISTA B (ASSINALE CURSO E SÉRIE (QUE FREQUËNTA OU CONCLUIU  
COM APROVAÇÃO) NO QUADRO)

###PARA QUEM FREQUËNTOU (CÓD. 2 NA 124) ###

126. E o curso/ série/ano foi concluído?

1( ) Sim

2( ) Não

Vamos pensar agora nessa série (DO CURSO QUE FREQUËNTA OU  
FREQUËNTOU).....

ATENÇÃO ENTREVISTADOR  APLICAR P.127 ATÉ P.132  PARA QUEM  
FREQUËNTA OU FREQUËNTOU (COD.1 OU 2 NA 124)

127. Considerando essa série (que está cursando ou já concluída), o estabelecimento de ensino é/ era (LEIA):

- 1( ) Particular      4( ) Público Municipal  
 2( ) Público Federal      5( ) Público s/ especificar  
 3( ) Público Estadual      7( ) Outro (ESPONTÂNEO)

128. Qual o tempo de permanência diária nesse estabelecimento de ensino onde (está cursando ou cursou)?

\_\_\_\_|\_\_\_\_| horas    \_\_\_\_|\_\_\_\_| minutos

129. Qual o turno que freqüenta(va) nesse estabelecimento onde (está cursando ou cursou)?

- 1( ) Manhã    4( ) Manhã e Tarde  
 2( ) Tarde    5( ) Tarde e Noite  
 3( ) Noite    7( ) Outro

130. Em comparação com seus colegas de classe, em termos de notas você está(va) nessa série: (LEIA CÓDIGOS 1 A 5),

- 1( ) Entre os melhores alunos      4( ) Um pouco abaixo da média dos alunos, ou  
 2( ) Um pouco acima da média      5( ) Entre os piores alunos?  
 3( ) Na média dos outros alunos    9( ) Não sabe/Não se lembra

131. Pense no ambiente da escola nessa série que você freqüenta(va). Em que medida você concorda ou discorda com as seguintes afirmativas sobre o ambiente da escola?

CONCORDA/DISCORDA “Totalmente ou em parte?”

1 - CONCORDA TOTALMENTE    3 – DISCORDA EM PARTE

2 – CONCORDA EM PARTE      4 - DISCORDA TOTALMENTE

\_\_\_\_| Os estudantes se relacionam(vam) bem com a maioria dos professores

\_\_\_\_| Durante as aulas há(via muita bagunça/ pouca disciplina

\_\_\_\_| A maioria dos professores está(va) interessada no futuro dos alunos

\_\_\_\_| A escola é (era) suja/ mal conservada

\_\_\_\_| Recebe(ia) ajuda dos professores quando precisa(va)

\_\_\_\_| A maioria dos professores dá(va) boas aulas/ explica(va) bem a matéria

\_\_\_\_| Os professores faltam (vam) muito às aulas

\_\_\_\_| A escola é (era) muito chata/ fica(va) muitas vezes entendiado(a)

132. Você freqüentou pré-escola/ jardim de Infância?

- 1 ( ) Sim      2( ) Não

PARA QUEM CURSOU FUNDAMENTAL OU MÉDIO (CÓD. 01 A 12 NA 125A/B)

133. Aproximadamente, com que freqüência executava tarefas escolares em casa? (exceto para pessoas com nível Superior ou mais) (ESPONTÂNEA)

- 1( ) Diariamente    4( ) De vez em quando  
 2( ) 4 vezes por semana    5( ) Nunca  
 3( ) 2 a 3 vezes por semana

###PARA QUEM FREQUËNTOU (CÓD. 2 NA 124) ###

134. Com que idade você parou de estudar, saiu da escola? (FAVOR INFORMAR, MESMO QUE POR ESTIMATIVA)

|\_\_\_\_| |\_\_\_\_|.Idade - ENTREVISTADOR: Se a idade informada for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_|

### PARA TODOS ###

135. Você já fez, ou está fazendo algum curso (ou aula particular) fora da escola? (CASO SIM) Quais? (ESPONTÂNEA – VÁRIAS OPÇÕES)

01( ) Língua estrangeira

02( ) Computação

03( ) Música, teatro, artes plásticas, dança

04( ) Aula particular ou explicador (exceto de língua estrangeira) para reforço escolar

05( ) Curso técnico/ Profissionalizante

06( ) Esporte

97( ) |\_\_\_\_| |\_\_\_\_| \_\_\_\_\_

97( ) |\_\_\_\_| |\_\_\_\_| \_\_\_\_\_

99( ) Não fez/ nem está fazendo curso

\*\*\* CARTELA 1 \*\*\*

136. Agora vamos falar um pouco da sua vida hoje. Pensando numa escala de 1 a 10, onde 1 representa “levo hoje a pior vida possível” e 10 representa “levo hoje a melhor vida possível”, que nota você daria para a sua vida hoje em dia?

“levo hoje a pior vida possível” “levo hoje a melhor vida possível”

01( ) 02( ) 03( ) 04( ) 05( ) 06( ) 07( ) 08( ) 09( ) 10( )

137. Agora, levando em conta os diversos aspectos da sua vida, você diria que está: (LEIA CÓD. 1 A 7)

1( ) Extremamente feliz 5( ) Um pouco infeliz 8( ) Não sabe

2( ) Muito feliz 6( ) Muito infeliz 9( ) Não opinou

3( ) Um pouco feliz 7( ) Extremamente infeliz

4( ) Nem feliz nem infeliz

Seção 02 – Características do Chefe: Informações sobre os Pais, Irmãos e Amigos  
Identificação [ | | | ] [1][0|2]

201. Até você completar 15 anos com quem viveu a maior parte do tempo? (LEIA DE 01 A 08 – CASO TENHA VIVIDO COM MAIS DE UM, CONSIDERE AQUELE COM QUEM VIVEU MAIS PERTO DOS 15 ANOS)

01( ) Pai e mãe 06( ) Outro homem e outra mulher

02( ) Pai apenas 07( ) Outra mulher apenas

03( ) Mãe apenas 08( ) Outro homem apenas

04( ) Mãe e outro homem 09( ) Pai e outro homem

05( ) Pai e outra mulher 10( ) Mãe e outra mulher 99( ) Criado em abrigo/ orfanato(esp)

**202. Seu pai (biológico) está vivo?**

- 1( ) Sim      3( ) Não conheceu o pai biológico  
 2( ) Não  FAÇA 203 E 203A      8( ) Não sabe se está vivo ou não  
 9( ) Não opinou

**#### PARA QUEM NÃO TEM O PAI VIVO (CÓD.2 NA P.202) ####**

**203. Com que idade ele faleceu?**

|\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_|.Idade    998 – NS      999 - NOP

**#### PARA QUEM NÃO TEM O PAI VIVO (CÓD.2 NA P.202) ####**

**203A. Qual a principal causa de sua morte?**

- 1( ) Doença do coração      4( ) Outras causas  
 2( ) Câncer    8( ) Não sabe  
 3( ) Acidente ou violência    9( ) Não opinou

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:**

FAÇA 204 A 213 SOMENTE PARA QUEM VIVEU COM PAI OU RESPONSÁVEL DO SEXO MASCULINO (CÓDS. 01, 02, 04, 05, 06, 08 OU 09 NA P201) ####

PULE PARA 214 DEMAIS CASOS (VIVEU SÓ COM FIGURA FEMININA OU EM ABRIGO (CÓDS. 03, 07, 10 OU 99 NA P201)

**204. Seu pai, ou outro homem responsável com quem você viveu a maior parte do tempo até completar 15 anos, sabe(ia) ler e escrever?**

- 1( ) Sim      2( ) Não

**205. Seu pai, ou outro homem responsável com quem você viveu a maior parte do tempo até completar 15 anos, freqüenta(ou) escola?**

- 1( ) Sim, freqüenta  FAÇA 206A  
 2( ) Sim, freqüentou  FAÇA 206B  
 3( ) Nunca freqüentou escola  
 8( ) Não sabe

**####PARA QUEM O PAI FREQUËNTA ESCOLA (CÓD. 1 NA 205) ####**

**206A. Qual curso e série ele freqüenta? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B**

**####PARA QUEM O PAI FREQUËNTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 205) ####**

**206B. Qual é o curso mais elevado ele freqüentou no qual concluiu pelo menos uma série? Qual a série concluída? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B (ASSINALE CURSO E SÉRIE (QUE FREQUËNTA OU CONCLUIU COM APROVAÇÃO) NO QUADRO) NO QUADRO)**

**ENTREVISTADOR: Se a série informada for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_|**

**####PARA QUEM O PAI FREQUËNTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 205) ####**

**206C. E o curso/ série/ano foi concluído?**

- 1( ) Sim      2( ) Não

**PARA QUEM VIVEU COM PAI OU RESPONSÁVEL DO SEXO MASCULINO (CÓDS. 01, 02, 04, 05, 06, 08 OU 09 NA P201)**

**207. Quando você tinha em torno de 15 anos, ou estava crescendo, seu pai (ou outro homem responsável) trabalhava?**

- 1( ) Sim  FAÇA 208 EM DIANTE      2( ) Não  
       8( ) Não sabe  
       9( ) Não opinou

**### PARA QUEM O PAI TRABALHAVA (CÓD. 1 NA 207) ###**

**\*\*\* CARTELA 2 \*\*\***

**208. Aqui está uma lista de tipos de trabalho. Em qual desses tipos o seu pai (ou responsável) trabalhava quando você tinha em torno de 15 anos, ou estava crescendo?**

**1 - Trabalha em situação formal**

- 1.01( ) Funcionário público – Nível alto/gerencial  
 1.02( ) Funcionário público – Nível técnico  
 1.03( ) Funcionário público – Nível produção  
 1.04( ) Empregado setor privado – Nível alto/gerencial  
 1.05( ) Empregado setor privado – Nível técnico  
 1.06( ) Empregado setor privado – Nível operação/ produção  
 1.07( ) Setor privado - Estagiário/Trainee  
 1.08( ) Profissional liberal (Advogado, médico, arquiteto, engenheiro, contador, dentista)  
 1.09( ) Autônomo/ Conta própria (representante comercial – vendedor - contador)  
 1.10( ) Micro ou Pequeno Empresário / Comerciante/ Empregador  
 1.11( ) Proprietário/Produtor Rural/ Criador/ Empregador  
 1.12( ) Grandes Proprietários rurais ou industriais/ Empregador  
 1.16( ) Serviço doméstico com carteira assinada  
 2( ) Conta própria em casa sem carteira (confeção, produção de alimentos, manicure, etc.)  
 3( ) Conta própria fora de casa sem carteira (camelô, ambulante, biscate, bico, bóia fria, etc.)  
 4( ) Serviço doméstico sem carteira assinada  
 5( ) Trabalhador não remunerado (trabalha(va) c/ família, por casa, por comida)  
 Entrevistador: Se a ocupação informada for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_\_|

**### PARA QUEM O PAI TRABALHAVA (CÓD. 1 NA 207) ###**

**209. Qual o título (nome) da ocupação ou profissão de seu pai (outro homem responsável) quando você tinha em torno de 15 anos, ou estava crescendo? (FAVOR INFORMAR, MESMO QUE POR ESTIMATIVA)**

|\_\_\_\_\_|\_\_\_\_\_|\_\_\_\_\_|\_\_\_\_\_|\_\_\_\_\_|\_\_\_\_\_|\_\_\_\_\_

**ENTREVISTADOR: Se o nome informado for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_\_|**

**### PARA QUEM O PAI TRABALHAVA (CÓD. 1 NA 207) ###**

**209A). Nesta ocupação ele era: (FAVOR INFORMAR, MESMO QUE POR ESTIMATIVA)**

- 1( ) Empregado no setor público    3( ) Conta Própria    5( ) Não remunerado  
 2( ) Empregado no setor privado    4( ) Empregador    8( ) Não sabe



**ENTREVISTADOR:** Se o informado for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_|

**### PARA QUEM O PAI TRABALHAVA (CÓD. 1 NA 207) ###**

**210. Seu pai (ou responsável homem) supervisionava alguém nesta ocupação?**

- 1( ) Sim  FAÇA 211 EM DIANTE      2( ) Não  
       8( ) Não sabe  
       9( ) Não opinou

**### P/ QUEM O PAI (OU RESPONSÁVEL MASCULINO) SUPERVISIONAVA (CÓD. 1 NA 210) ###**

**211. Aproximadamente quantas pessoas ele supervisionava?**

|\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_|.pessoas      998 - NS      999 - NOP

**### PARA QUEM O PAI TRABALHAVA (CÓD. 1 NA 207) ###**

**212. Ele tinha alguém que o(a) supervisionava?**

- 1( ) Sim      8( ) Não sabe  
 2( ) Não      9( ) Não opinou

**APENAS P/ EMPREGADOS NO SETOR PRIVADO E EMPREGADORES (209A CÓD. 2, 4 OU 5)**

**213. Incluindo ele, aproximadamente quantas pessoas trabalhavam na empresa em que trabalhava? (incluir todas as pessoas trabalhando para essa empresa em todos os lugares do Brasil)**

- 01( ) 1 pessoa      05( ) 50 a 199 pessoas      88( ) Não sabe  
 02( ) 2 a 4 pessoas      06( ) 200 a 999 pessoas  
 03( ) 5 a 9 pessoas      07( ) 1000 ou mais pessoas  
 04( ) 10 a 49 pessoas

**### PARA TODOS ###**

**214. Agora vou fazer algumas perguntas sobre sua mãe. Sua mãe (biológica) está viva?**

- 1( ) Sim      3( ) Não conheceu a mãe biológica  
 2( ) Não  FAÇA 215 E 216      8( ) Não sabe se está viva ou não  
       9( ) Não opinou

**### PARA QUEM NÃO TEM A MÃE VIVA (CÓD. 2 NA 214) ###**

**215. Com que idade ela faleceu?**

|\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_|.Idade      998 - NS      999 - NOP

**### PARA QUEM NÃO TEM A MÃE VIVA (CÓD. 2 NA 214) ###**

**216. Qual a principal causa de sua morte?**

- 1( ) Doença do coração      4( ) Outras causas  
 2( ) Câncer      8( ) Não sabe  
 3( ) Acidente ou violência      9( ) Não opinou

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:**

FAÇA 217 A 226 SOMENTE PARA QUEM VIVEU COM MÃE OU RESPONSÁVEL DO SEXO FEMININO (CÓDS. 01, 03, 04, 05, 06, 07 OU 10 NA P201)

PULE PARA 227 DE MAIS CASOS (VIVEU SÓ COM FIGURA MASCULINA OU EM ABRIGO (CÓDS. 02, 08, 09 OU 99 NA P201))

217. Sua mãe, ou outra mulher responsável com quem você viveu a maior parte do tempo até completar 15 anos, sabe(ia) ler e escrever?

1( ) Sim      2( ) Não

218. Sua mãe, ou outra mulher responsável com quem você viveu a maior parte do tempo até completar 15 anos, freqüenta(ou) escola?

1( ) Sim, freqüenta  FAÇA 219A

2( ) Sim, freqüentou  FAÇA 219B

3( ) Nunca freqüentou escola

8( ) Não sabe

### PARA QUEM A MÃE FREQÜENTA ESCOLA (CÓD. 1 NA 218) ###

219A. Qual curso e série ela freqüenta? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B

### PARA QUEM A MÃE FREQÜENTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 218) ###

219B. Qual é o curso mais elevado ela freqüentou no qual concluiu pelo menos uma série? Qual a série concluída? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B (ASSINALE CURSO E SÉRIE (QUE FREQÜENTA OU CONCLUIU COM APROVAÇÃO) NO QUADRO)

ENTREVISTADOR: Se a série informada for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_|

### PARA QUEM A MÃE FREQÜENTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 218) ###

219C. E o curso/ ano/série foi concluído?

1( ) Sim

2( ) Não

### PARA QUEM VIVEU COM MÃE OU RESPONSÁVEL DO SEXO FEMININO (CÓDS. 1, 3, 4, 5, 6 OU 7 NA P201) ###

220. Quando você tinha em torno de 15 anos, ou estava crescendo, sua mãe (ou outra mulher responsável) trabalhava?

1( ) Sim  FAÇA 221 EM DIANTE      2( ) Não

8( ) Não sabe

9( ) Não opinou

### PARA QUEM A MÃE TRABALHAVA (CÓD. 1 NA 220) ###

221. Qual a ocupação de sua mãe (outra mulher) quando você tinha em torno de 15 anos, ou estava crescendo? (FAVOR INFORMAR, MESMO QUE POR ESTIMATIVA)

|\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_|

ENTREVISTADOR: Se o nome informado for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_|

### PARA QUEM A MÃE TRABALHAVA (CÓD. 1 NA 220) ###

222. Nesta ocupação ela era: (FAVOR INFORMAR, MESMO QUE POR ESTIMATIVA)

- 1( ) Empregada no setor público 3( ) Conta Própria 5( ) Não remunerada  
2( ) Empregada no setor privado 4( ) Empregadora 8( ) Não sabe

### PARA QUEM A MÃE TRABALHAVA (CÓD. 1 NA 220) ###

223. Sua mãe (ou responsável mulher) supervisionava alguém nesta ocupação?

- 1( ) Sim  FAÇA 224 EM DIANTE 2( ) Não  
8( ) Não sabe  
9( ) Não opinou

P/ QUEM A MÃE (OU RESPONSÁVEL FEMININO) SUPERVISIONAVA (CÓD. 1 NA 223)

224. Aproximadamente quantas pessoas ele supervisionava?

|\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_|.pessoas 998 – NS 999 - NOP

### PARA QUEM A MÃE TRABALHAVA (CÓD. 1 NA 220) ###

225. Ela tinha alguém que o(a) supervisionava?

- 1( ) Sim 8( ) Não sabe  
2( ) Não 9( ) Não opinou

APENAS PARA EMPREGADAS NO SETOR PRIVADO E EMPREGADORAS (222 CÓD. 2, 4 OU 5)

226. Incluindo ela, aproximadamente quantas pessoas trabalhavam na empresa em que trabalhava? (incluir todas as pessoas trabalhando para essa empresa em todos os lugares do Brasil)

- 01( ) 1 pessoa 05( ) 50 a 199 pessoas 88( ) Não sabe  
02( ) 2 a 4 pessoas 06( ) 200 a 999 pessoas  
03( ) 5 a 9 pessoas 07( ) 1000 ou mais pessoas  
04( ) 10 a 49 pessoas

ATENÇÃO ENTREVISTADOR:

- FAÇA 227 EM DIANTE PARA TODOS QUE VIVERAM COM ALGUÉM ATÉ COMPLETAR 15 ANOS (CÓD. 01 A 10 NA 201)  
 PULE PARA CHAMADA ANTES DA 231 PARA QUEM FOI CRIADO EM ABRIGO/ORFANATO (CÓD. 99 NA 201)

227. Quando você tinha em torno de 15 anos, ou estava crescendo, seus pais (ou responsáveis, pessoas com quem vivia) eram donos da casa em que vocês viviam?

- 1( ) Sim 2( ) Não 8( ) Não sabe

228. Quando você tinha em torno de 15 anos, ou estava crescendo, seus pais (ou responsáveis, pessoas com quem vivia) possuíam algum destes bens?

ENTREVISTADOR: Caso o entrevistado não saiba, peça uma estimativa: se a resposta for: estimo que sim marque 3 e se for: estimo que não marque 4

- 1 – Sim 3 – Estima que sim  
2 – Não 4 – Estima que não

|\_\_\_\_| Uma empresa ou negócio (dono ou sócio) |\_\_\_\_| Ações, aplicações financeiras

|\_\_\_\_| Alguma propriedade que alugavam |\_\_\_\_| Caderneta de Poupança

Uma segunda casa, casa de campo ou de veraneio  Conta corrente em Banco

Um terreno, sítio ou fazenda  Automóvel de trabalho (táxi, van, caminhão)

Animais de criação  Automóvel de passeio  
(não incluir animais domésticos: cães, gatos, etc.)

**229. Quando você tinha em torno de 15 anos, ou estava crescendo, a casa em que você vivia tinha alguma das características ou bens abaixo? ENTREVISTADOR: Caso o entrevistado não saiba, peça uma estimativa: se a resposta for: estimo que sim marque 3 e se for: estimo que não marque 4**

1 – Sim            3 – Estima que sim

2 – Não            4 – Estima que não

Fogão a gás  Ar condicionado / aquecedor de ar

Televisão  Máquina de lavar roupa

Rádio  Microcomputador

Geladeira  DVD/ vídeo cassete

Ventilador  Freezer (isolado ou não)

Toca disco/ CD player  Parabólica ou TV à cabo

Microondas  Computador ligado à internet

Batedeira/ liquidificador  Telefone fixo

Moto  Telefone celular

**230. Pelo que você se lembra de quando tinha 15 anos, qual a frase que melhor descreveria as condições de vida de sua família naquela época: (LEIA DE 1 A 4 – UMA OPÇÃO)**

1( ) Vivíamos com muita folga,    5( ) Nenhuma das anteriores

2( ) Tínhamos uma situação econômica tranqüila,    6( ) Não me lembro

3( ) Dinheiro era justo, uma fonte de preocupações, ou 9( ) Não Opinou

4( ) A situação era muito difícil?

Agora vou fazer algumas perguntas sobre **TODOS OS SEUS IRMÃOS E IRMÃS**, por favor, considere todos, inclusive os que nasceram vivos mas já morreram, os meio irmãos e irmãs, assim como os adotados.

**231. Quantas irmãs mulheres você tem? (Por favor, considere todas, inclusive as que nasceram vivas mas já morreram, as meio irmã, assim como as adotadas)**

.irmãs mulheres    00 – NENHUMA  VÁ P/ P238 (IRMÃO HOMEM)

(se nenhuma, preencha 00 e passe à questão 238)

**232. Quantas destas irmãs mulheres eram (são) mais velhas do que você (nasceram antes de você)?**

.irmãs mais velhas    00 – NENHUMA  FAÇA 233 E VÁ P/ P236 (CAÇULA)

**233. Alguma de suas irmãs viveu até completar 25 anos? (não conte você nem irmãs com menos de 25 anos)**

1( ) Sim            7( ) Não se aplica/ com menos de 25 anos

2( ) Não            8( ) Não sabe

9( ) Não opinou

234. Sua irmã mulher mais velha (a mais velha de todas) sabe(ia) ler e escrever?

1( ) Sim      2( ) Não      8( ) Não sabe

235. Sua irmã mulher mais velha (a mais velha de todas) freqüenta(ou) escola?

1 ( ) Sim, freqüenta  FAÇA 235A      3( ) Nunca freqüentou escola

2 ( ) Sim, freqüentou  FAÇA 235B      8( ) Não sabe

###PARA QUEM A IRMÃ MAIS VELHA FREQUËNTA ESCOLA (CÓD. 1 NA 235) ###

235A. Qual curso e série ela freqüenta? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B

###PARA QUEM A IRMÃ MAIS VELHA FREQUËNTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 235) ###

235B. Qual é o curso mais elevado ela freqüentou no qual concluiu pelo menos uma série? Qual a série concluída? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B (ASSINALE CURSO E SÉRIE (QUE FREQUËNTA OU CONCLUIU COM APROVAÇÃO) NO QUADRO)

ENTREVISTADOR: Se a série informada for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 | \_\_\_\_\_|

###PARA QUEM A IRMÃ MAIS VELHA FREQUËNTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 235) ###

235C. E o curso foi concluído?

1( ) Sim      2( ) Não

### PARA TODOS ###

236. Sua irmã mulher mais nova (a caçula) sabe(ia) ler e escrever?

1( ) Sim      8( ) Não sabe

2( ) Não      9( ) Não tem irmã caçula  PULE P/ 238

### PARA QUEM TEM IRMÃ MAIS NOVA (A CAÇULA) (CÓD. 1,2 OU 8 NA 236) ###

237. Sua irmã mulher mais nova (a caçula) freqüenta(ou) escola?

1 ( ) Sim, freqüenta  FAÇA 237A      3( ) Nunca freqüentou escola

2 ( ) Sim, freqüentou  FAÇA 237B      8( ) Não sabe

###P/ QUEM A IRMÃ MAIS NOVA (A CAÇULA) FREQUËNTA ESCOLA (CÓD. 1 NA 237) ###

237A. Qual curso e série ela freqüenta? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B

###P/ QUEM A IRMÃ MAIS NOVA (A CAÇULA) FREQUËNTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 237) ###

237B. Qual é o curso mais elevado ela freqüentou no qual concluiu pelo menos uma série? Qual a série concluída? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B (ASSINALE CURSO E SÉRIE (QUE FREQUËNTA OU CONCLUIU COM APROVAÇÃO) NO QUADRO)

**ENTREVISTADOR:** Se a série informada for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_|

**###P/ QUEM A IRMÃ MAIS NOVA (A CAÇULA) FREQUENTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 237) ###**

**237C. E o curso/ano/série foi concluído?**

1( ) Sim      2( ) Não      8( ) Não sabe

**### PARA TODOS ###**

**238. Quantos irmãos homens você tem? (Por favor, considere todos, inclusive os que nasceram vivos mas já morreram, os meio irmãos e irmãs, assim como os adotados)**

|\_\_\_\_| |\_\_\_\_|.irmãos homens      00 – NENHUM  VÁ P/ P245 (AMIGO)

(se nenhum, preencha 00 e passe à questão 245)

**239. Quantos destes irmãos homens eram mais velhos do que você (nasceram antes de você)?**

|\_\_\_\_| |\_\_\_\_|.irmãos mais velhos      00 – NENHUM  FAÇA 240 E VÁ P/ P243

**240. Algum de seus irmãos homens viveu até completar 25 anos? (não conte você, nem irmãos homens com menos de 25 anos)**

1( ) Sim      7( ) Não sabe

2( ) Não      9( ) Não opinou

**241. Seu irmão homem mais velho (o mais velho de todos) sabe(ia) ler e escrever?**

1( ) Sim      2( ) Não      8( ) Não sabe

**242. Seu irmão homem mais velho (o mais velho de todos) frequenta(ou) escola?**

1 ( ) Sim, frequenta  FAÇA 242A      3( ) Nunca frequentou escola

2 ( ) Sim, frequentou  FAÇA 242B      8( ) Não sabe

**###PARA QUEM O IRMÃO MAIS VELHO FREQUENTA ESCOLA (CÓD. 1 NA 242) ###**

**242A. Qual curso e série ele frequenta? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B**

**###PARA QUEM O IRMÃO MAIS VELHO FREQUENTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 242) ###**

**242B. Qual é o curso mais elevado ele frequentou no qual concluiu pelo menos uma série? Qual a série concluída? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B (ASSINALE CURSO E SÉRIE (QUE FREQUENTA OU CONCLUIU COM APROVAÇÃO) NO QUADRO)**

**ENTREVISTADOR:** Se a série informada for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_|

**###PARA QUEM O IRMÃO MAIS VELHO FREQUENTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 242) ###**

**242C. E o curso/ ano/série foi concluído?**

1( ) Sim      2( ) Não      8( ) Não sabe

**### PARA TODOS ###**

243. Seu irmão homem mais novo (o caçula) sabe(ia) ler e escrever?

- 1( ) Sim      8( ) Não sabe  
 2( ) Não      9( ) Não tem irmão caçula  PULE P/ 245

**### PARA QUEM TEM IRMÃO MAIS NOVO (O CAÇULA) (CÓD. 1,2 OU 8 NA 243) ###**

244 Seu irmão homem mais novo (o caçula) freqüenta(ou) escola?

- 1 ( ) Sim, freqüenta  FAÇA 244A      3( ) Nunca freqüentou escola  
 2 ( ) Sim, freqüentou  FAÇA 244B      8( ) Não sabe

**###P/ QUEM IRMÃO MAIS NOVO (O CAÇULA) FREQUËNTA ESCOLA (CÓD. 1 NA 244) ###**

244A. Qual curso e série ele freqüenta? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B

**###P/ QUEM IRMÃO MAIS NOVO (O CAÇULA) FREQUËNTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 244) ###**

244B. Qual é o curso mais elevado ele freqüentou no qual concluiu pelo menos uma série? Qual a série concluída? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B (ASSINALE CURSO E SÉRIE (QUE FREQUËNTA OU CONCLUIU COM APROVAÇÃO) NO QUADRO)

ENTREVISTADOR: Se a série informada for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_|

**###P/ QUEM IRMÃO MAIS NOVO (O CAÇULA) FREQUËNTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 244) ###**

244C. E o curso/ano/série foi concluído?

- 1( ) Sim      2( ) Não      8( ) Não sabe

**### PARA TODOS ###**

245. Algumas pessoas têm bons amigos ou melhores amigos. Amigos realmente próximos. Quem é seu melhor amigo(a) (sem contar sua esposa, marido, irmãos e parentes)? Por favor, me diga o primeiro nome dele(a)

1( ) Tem amigo(a)  FAÇA 246 EM DIANTE

2( ) Não tem amigo

9( ) NÃO OPINOU

(Se 2, ou 9 VÁ PARA SEÇÃO 03)

246. Qual o sexo de (LEIA NOME DO AMIGO(A))?

- 1( ) Homem 2( ) Mulher

247. Qual a idade de (LEIA NOME DO AMIGO(A))?

ENTREVISTADOR: Se for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0

|\_\_\_\_|

|\_\_\_\_| |\_\_\_\_|.Idade

248. Qual a cor ou raça de (LEIA NOME DO AMIGO(A) – LEIA DE 1 A 5)

- 1( ) Branca 4( ) Amarela  
 2( ) Preta 5( ) Indígena  
 3( ) Parda

249. Qual a ocupação de (LEIA NOME DO AMIGO(A))? (FAVOR INFORMAR, MESMO QUE POR ESTIMATIVA)

\_\_\_\_\_

FAÇA P250

- 001( ) Do lar/ dona de casa  
 002( ) Desempregado  
 003( ) Estudante  
 004( ) Aposentado  CASO APOSENTADO: Questionar ocupação antes de se aposentar

### PARA QUEM O AMIGO TEM OCUPAÇÃO ###

250. Nesta ocupação ele(a) é: (LEIA

- 1( ) Empregado.no setor público 5( ) Não remunerado (trab. c/ família/por casa/comida)  
 2( ) Empregado no setor privado 9( ) Não sabe  
 3( ) Conta Própria  
 4( ) Empregador

Seção 03 – Características do CHEFE: Atividade econômica

Identificação [ | | | ] [1] [0]3

301. Você já trabalhou alguma vez em alguma atividade regular, por um período mínimo de 6 meses?

- 1( ) Sim 2( ) Não  VÁ PARA 352

### PARA QUEM JÁ TRABALHOU (CÓD. 1 NA 301) ###

302. Com que idade começou a trabalhar?

\_\_\_\_\_|\_\_\_\_\_|.Idade

### PARA QUEM JÁ TRABALHOU (CÓD. 1 NA 301) ###

302A. Quanto tempo demorou até você conseguir o seu 1º emprego?

- 1( ) Menos de 3 meses  
 2( ) Entre 3 e 6 meses  
 3( ) Mais de 6 meses  
 4( ) Não procurou  
 9( ) Não sabe/ Não opinou

### PARA QUEM JÁ TRABALHOU (CÓD. 1 NA 301) ###

303. Você freqüentava escola quando começou a trabalhar?

- 1( ) Sim  FAÇA 304 2( ) Não  
 7( ) Não sabe  
 9( ) Não opinou

### P/ QUEM FREQUËNTAVA ESCOLA QUANDO COMEÇOU A TRABALHAR ###





- 05( ) Comércio  
 06( ) Transporte  
 07( ) Comunicação  
 06( ) Prestação de Serviços  
 07( ) Atividade social  
 08( ) Administração Pública  
 09( ) Outras atividades (Atividades não compreendidas nos demais ramos, mal definidas ou não declaradas)

### P/ QUEM TRABALHA EM LUGAR DIFERENTE DO PRIMEIRO TRABALHO (CÓD 2 NA 305) ###

309. Nesta primeira ocupação era: (LEIA)

- 1( ) Empregado setor público    4( ) Trabalhador não remunerado  
 2( ) Empregado setor privado com carteira assinada    5( ) Conta própria  
 3( ) Empregado setor privado sem carteira assinada    6( ) Empregador

APENAS PARA QUEM ESTÁ EMPREGADO NO SETOR PRIVADO OU É EMPREGADOR

(309 CÓD. 2, 3, 4 OU 6)

310. Incluindo você, aproximadamente quantas pessoas trabalhavam na empresa de sua primeira ocupação? (incluir todas as pessoas trabalhando para essa empresa em todos os lugares do Brasil)

- 01( ) 1 pessoa    05( ) 50 a 199 pessoas    88( ) Não sabe  
 02( ) 2 a 4 pessoas    06( ) 200 a 999 pessoas  
 03( ) 5 a 9 pessoas    07( ) 1000 ou mais pessoas  
 04( ) 10 a 49 pessoas

### P/ QUEM TRABALHA EM LUGAR DIFERENTE DO PRIMEIRO TRABALHO (CÓD 2 NA 305) ###

311. Você supervisionava alguém nesta primeira ocupação?

- 1( ) Sim  
 2( ) Não  VÁ PARA 313

PARA QUEM SUPERVISIONAVA (311 – CÓD. 1)

312. Aproximadamente quantas pessoas você supervisionava?

|\_\_\_| |\_\_\_| |\_\_\_|, pessoas 998 - NS    999 - NOP

### P/ QUEM TRABALHA EM LUGAR DIFERENTE DO PRIMEIRO TRABALHO (CÓD 2 NA 305) ###

313. Você tinha alguém que o(a) supervisionava?

- 1( ) Sim  
 2( ) Não

### P/ QUEM TRABALHA EM LUGAR DIFERENTE DO PRIMEIRO TRABALHO (CÓD 2 NA 305) ###

314. Quantas horas você trabalhava num dia de semana normal na sua primeira ocupação?

|\_\_\_| |\_\_\_| horas

**### PARA QUEM JÁ TRABALHOU (CÓD. 1 NA 301) ###**

**315. Quanto tempo dura/ durou esse seu primeiro trabalho?**

|\_\_||\_\_| Anos |\_\_||\_\_| Meses

**### PARA QUEM JÁ TRABALHOU (CÓD. 1 NA 301) ###**

**316. Você trabalhou nos últimos 7 dias?**

1( ) Sim  VÁ PARA 321

2( ) Não

**### PARA QUEM NÃO TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS ###**

**317. Embora não tenha trabalhado nos últimos 7 dias, você tem ou tinha algum trabalho?**

1( ) Sim

2( ) Não

**PARA QUEM NÃO TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS**

**318. Por que você não trabalhou nos últimos 7 dias?**

1( ) Doença 3( ) Greve 7( ) Outro

2( ) Férias 4( ) Foi demitido

**PARA QUEM NÃO TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS**

**319. Você trabalhou durante os últimos 12 meses?**

1( ) Sim

2( ) Não  VÁ PARA P.352

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS DOZE MESES**

**320. Em que mês e ano trabalhou pela última vez?**

|\_\_||\_\_| Mes |\_\_||\_\_| Ano

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:  SE NÃO TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS NEM NOS ÚLTIMOS 12 MESES  VÁ PARA P.352**

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**\*\*\*CARTELA 2**

**321. Aqui está uma lista de tipos de trabalho. Em qual desses tipos fica a sua ocupação (nos últimos 7 dias ou nos últimos 12 meses)?**

**1 - Trabalha em situação formal**

1.01( ) Funcionário público – Nível alto/gerencial

1.02( ) Funcionário público – Nível técnico

1.03( ) Funcionário público – Nível produção

1.04( ) Empregado setor privado – Nível alto/gerencial

1.05( ) Empregado setor privado – Nível técnico

1.06( ) Empregado setor privado – Nível operação/ produção

1.07( ) Setor privado - Estagiário/Trainee

1.08( ) Profissional liberal (Advogado, médico, arquiteto, engenheiro, contador, dentista)

1.09( ) Autônomo/ Conta própria (representante comercial – vendedor - contador)

1.10( ) Micro ou Pequeno Empresário / Comerciante/ Empregador

1.11( ) Proprietário/Produtor Rural/ Criador/ Empregador

- 1.12( ) Grandes Proprietários rurais ou industriais/ Empregador  
 1.16( ) Serviço doméstico com carteira assinada  
 2( ) Conta própria em casa sem carteira (confeção, produção de alimentos, manicure, etc.)  
 3( ) Conta própria fora de casa sem carteira (camelô, ambulante, biscate, bico, bóia fria, etc.)  
 4( ) Serviço doméstico sem carteira assinada  
 5( ) Trabalhador não remunerado (trabalha(va) c/ família, por casa, por comida)  
**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**  
 322. Qual o título (nome) da sua ocupação atual (nos últimos 7 dias ou nos últimos 12 meses)?

\_\_\_\_\_

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

323. Qual a atividade principal da empresa, instituição, firma ou pessoa para quem trabalhou nesta ocupação?

- 01( ) Agropecuária, Agricultura, Extração Vegetal e Pesca  
 02( ) Indústria de Transformação  
 03( ) Indústria da Construção  
 04( ) Outras indústrias  
 05( ) Comércio  
 06( ) Transporte  
 07( ) Comunicação  
 06( ) Prestação de Serviços  
 07( ) Atividade social  
 08( ) Administração Pública  
 09( ) Outras atividades (Atividades não compreendidas nos demais ramos, mal definidas ou não declaradas)

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

324. Como você conseguiu este trabalho ou ocupação? (ESPONTÂNEA – CASO NÃO CONSIGA INFORMAR, LEIA AS ALTERNATIVAS)

- 01( ) Consultou empregadores  
 02( ) Fez concurso  
 03( ) Consultou agência de empregos  
 04( ) Consultou sindicato  
 05( ) Colocou ou respondeu a anúncio  
 06( ) Consultou/ indicação de parente  
 07( ) Consultou/ indicação de amigo próximo  
 08( ) Consultou/ indicação de conhecido  
 09( ) Tomou medida para iniciar negócio  
 10( ) Fez treinamento ou re-qualificação  
 97( ) Outra Qual: \_\_\_\_\_

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**325. Você supervisiona(va) alguém nesta ocupação?**

1( ) Sim

2( ) Não  VÁ PARA 327

**PARA QUEM SUPERVISIONAVA**

**326. Aproximadamente quantas pessoas você supervisiona(va)?**

|\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_|, pessoas      NS      999 - NOP

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**327. Você tem alguém que o(a) supervisiona(va)?**

1( ) Sim

2( ) Não

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**328. Quantas horas você trabalha(va) num dia de semana normal exclusivamente nessa ocupação?**

|\_\_\_\_| |\_\_\_\_| horas

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**329. Nesta ocupação você é/era:**

1( ) Empregado setor público  VÁ PARA 333 EM DIANTE

2( ) Empregado setor privado com carteira assinada

3( ) Empregado setor privado sem carteira assinada

4( ) Trabalhador não remunerado  FAÇA 329A E 329B E VÁ PARA 352

5( ) Conta própria  FAÇA 331 E 332 E VÁ PARA 335

6( ) Empregador  FAÇA 330 E VÁ PARA 335

**PARA TRABALHADOR NÃO REMUNERADO (329 CÓD. 4)**

**329A. Este trabalho só se realiza em determinada época do ano?**

1( ) Sim

2( ) Não

**PARA TRABALHADOR NÃO REMUNERADO (329 CÓD. 4)**

**329B. Onde exerce este trabalho?**

1( ) Loja, escritório, galpão, fábrica, estabelecimento, etc      5( ) Via pública, sem local fixo

2( ) Local fixo em via pública      6( ) Transporte de pessoa ou carga

3( ) No próprio domicílio      7( ) Fazenda, sítio, chácara, etc

4( ) Em outros domicílios      8( ) Outros

**APENAS PARA EMPREGADOS NO SETOR PRIVADO E EMPREGADOR (329 - CÓD. 2, 3, OU 6)**

**330. Incluindo você, aproximadamente quantas pessoas trabalha(va)m na empresa dessa sua ocupação? (incluir todas as pessoas trabalhando para essa empresa em todos os lugares do Brasil)**

01( ) 1 pessoa      05( ) 50 a 199 pessoas      99( ) Não sabe

02( ) 2 a 4 pessoas      06( ) 200 a 999 pessoas

- 03( ) 5 a 9 pessoas 07( ) 1000 ou mais pessoas  
 04( ) 10 a 49 pessoas

**APENAS PARA CONTA PRÓPRIA (329 - CÓD. 5)**

**331. Você possui licença, registro ou autorização legal para exercer este tipo de trabalho?**

- 1( ) Sim 2( ) Não

**APENAS PARA CONTA PRÓPRIA (329 - CÓD. 5)**

**332. Você é (era) contribuinte de instituto de previdência (INPS/INSS) neste trabalho?**

- 1( ) Sim  
 2( ) Não

**APENAS PARA EMPREGADO NO SETOR PÚBLICO (329 - CÓD. 1)**

**333. Neste trabalho você é :**

- 1( ) Militar 3( ) CLT  
 2( ) Estatutário (RJU) 4( ) Empregado sem Vinculo

**APENAS PARA EMPREGADO NO SETOR PÚBLICO (329 - CÓD. 1)**

**334. Este trabalho é em que esfera:**

- 1( ) Federal 2( ) Estadual 3( ) Municipal

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**335. É (era) contribuinte de algum fundo de pensão?**

- 1( ) Sim  
 2( ) Não

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**336. É associado a algum sindicato ou associação de classe? (CASO SIM, LEIA DE 1 A 4)**

- 1( ) Sim, ao sindicato de minha categoria profissional  
 2( ) Sim, a um sindicato de outra categoria  
 3( ) Sim, a uma associação de classe de minha categoria profissional  
 4( ) Sim, a uma associação de classe de outra categoria profissional  
 5( ) Não sou (era) filiado  VÁ PARA 339

**PARA QUEM É FILIADO (336 CÓD. 1 A 4)**

**337. Há quanto tempo você é filiado a esse sindicato ou associação?**

|\_\_\_\_||\_\_\_\_| Anos |\_\_\_\_||\_\_\_\_| Meses

**PARA QUEM É FILIADO (336 CÓD. 1 A 4)**

**338. Por que se filiou? (LEIA DE 1 A 3) (escolha apenas a alternativa que considera mais importante)**

- 1( ) Para ter acesso aos serviços prestados pelo sindicato  
 2( ) Para participar da vida sindical (como eleições, assembléias, atividades organizativas)  
 3( ) Porque na época meus companheiros se filiaram

- 7( ) Outra razão  
9( ) Não sabe dizer

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

339. Neste trabalho você tem: (LEIA)

- 1( ) Férias remuneradas    3( ) Ambas  
2( ) Licença Médica        4( ) Nenhuma

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

340. Em que mês recebeu o último rendimento oriundo deste trabalho?

|\_\_||\_\_| Mês

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

341. Qual a forma de recebimento? (LEIA DE 1 A 4)

- 1( ) Diário    4( ) Mensal  
2( ) Semanal    5( ) Outra  
3( ) Quinzenal

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

342. Quanto recebeu de rendimento bruto neste recebimento?

R\$ |\_\_|\_\_|. |\_\_|\_\_|\_\_, 00        99999( ) Recusa/NR

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

343. Quanto recebeu de rendimento líquido neste recebimento?

R\$ |\_\_|\_\_|. |\_\_|\_\_|\_\_, 00        99999( ) Recusa/NR

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:  APLICAR AS PERGUNTAS 344 A 348  PARA QUEM É ASSALARIADO  329 CÓD. 1, 2 OU 3**

344. (se assalariado) Neste último pagamento recebeu junto com ele algum rendimento extra como 13º salário, gratificação de férias, etc?

- 1( ) Sim    2( ) Não  VÁ PARA P346

**PARA QUEM RECEBEU BENEFÍCIOS**

345. Qual o valor desse benefício?

R\$ |\_\_|\_\_|. |\_\_|\_\_|\_\_, 00

346. (se assalariado) Quantos salários recebe por ano?

|\_\_||\_\_| nº de salários

347. (se assalariado) Recebe férias?

- 1( ) Sim  
2( ) Não

**348.(se assalariado) Recebeu no mês referente a esse último pagamento algum benefício como vale transporte, transporte grátis, vale alimentação, refeição, cesta básica, moradia, auxílio moradia, roupa, uniforme, ou qualquer tipo de benefício ou bens subvencionados?**

1( ) Sim  Qual valor?

R\$ |\_\_\_\_|\_\_\_\_|. |\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|, 00

2( ) Não

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**349. Além desse trabalho você tem algum outro?**

1( ) Sim

2( ) Não  VÁ PARA 352

**### PARA QUEM TEM OUTRO TRABALHO (CÓD. 1 NA 349) ###**

**350. Quanto recebeu em todos esses outros trabalhos secundários de rendimentos brutos, nos últimos 30 dias?**

R\$ |\_\_\_\_|\_\_\_\_|. |\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|, 00      99999( ) Recusa/NR

**### PARA QUEM TEM OUTRO TRABALHO (CÓD. 1 NA 349) ###**

**351 Quanto recebeu em todos esses outros trabalhos secundários de rendimentos líquidos, nos últimos 30 dias?**

R\$ |\_\_\_\_|\_\_\_\_|. |\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|, 00      99999( ) Recusa/NR

**### PARA TODOS ###**

**352. Nos últimos 30 dias você recebeu rendimentos provenientes de aposentadoria ou pensão de instituto de previdência pública e/ou de previdência privada?**

1( ) Sim  Qual valor?

R\$ |\_\_\_\_|\_\_\_\_|. |\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|, 00

2( ) Não

**353. E nos últimos 30 dias você recebeu rendimentos provenientes de pensão alimentícia?**

1( ) Sim  Qual valor?

R\$ |\_\_\_\_|\_\_\_\_|. |\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|, 00

2( ) Não

**354. Nos últimos 30 dias você recebeu rendimentos provenientes de dividendos ou venda de ações, rendimentos de poupança, prazo fixo, commodities, etc?**

1( ) Sim  Qual valor?

R\$ |\_\_\_\_|\_\_\_\_|. |\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|, 00

2( ) Não

**355. Nos últimos 30 dias recebeu rendimentos provenientes de aluguel, ou venda de imóveis, maquinaria e veículos?**

1( ) Sim  Qual valor?

R\$ |\_\_\_\_|\_\_\_\_|. |\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|, 00

2( ) Não



**356. Nos últimos 30 dias recebeu rendimentos provenientes de doação, mesada, bens ou presentes enviados por pessoas que não moram nesse domicílio?**

1( ) Sim  Qual valor?

R\$ |\_\_\_\_|\_\_\_\_|. |\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|, 00

2( ) Não

**357. Além dessas, teve rendimentos de alguma outra fonte tais como: abono de permanência, seguro de vida, indenizações, dívidas trabalhistas, jogos e loterias, bolsa família, etc?**

1( ) Sim  Qual valor?

R\$ |\_\_\_\_|\_\_\_\_|. |\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|, 00

2( ) Não

**Seção 04 – Atividade econômica: Procura de Trabalho – Para o chefe**

**Identificação** [ | | | ] [1] [0|4]

**401. Procurou trabalho nos últimos 30 dias? (ESPONTÂNEA)**

1( ) Sim  PULE P/P404 2( ) Não  FAÇA P/P402

**### PARA QUEM NÃO PROCUROU (401 – CÓD. 2) ###**

**402. E nos últimos 12 meses? (ESPONTÂNEA)**

1( ) Sim  VÁ P/ P404 2( ) Não  FAÇA P403

**### PARA QUEM NÃO PROCUROU (402 – CÓD. 2) ###**

**403. Por que não procurou trabalho? (ESPONTÂNEA)**

01( ) Já está empregado

06( ) Inválido

02( ) Estudante

07( ) Está doente

03( ) Afazeres domésticos 08( ) Espera resposta do empregador

04( ) Pensionista/ aposentado 09( ) Não encontra trabalho

05( ) Vive de renda 97( ) Outro

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:  APLICAR AS PERGUNTAS 404 A 411  PARA QUEM PROCUROU EMPREGO NOS ÚLTIMOS 30 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES  401 CÓD. 1 OU 402 CÓD. 1**

**404. Por que motivo? (LEIA)**

1( ) Para substituir o atual  
momento

3( ) Por não estar trabalhando no

2( ) Para ter um trabalho complementar ao atual 7( ) Outra forma

**405. Durante quantas semanas procurou trabalho nos últimos 12 meses?**

|\_\_\_\_||\_\_\_\_| semanas

**406. Qual a principal providência que tomou para conseguir trabalho? (ESPONTÂNEA – CASO NÃO CONSIGA INFORMAR, LEIA AS ALTERNATIVAS)**

01( ) Consultou empregadores

02( ) Fez concurso

03( ) Consultou agência de empregos

04( ) Consultou sindicato

05( ) Colocou ou respondeu a Anúncio

06( ) Consultou/ indicação de parente

- 07( ) Consultou/ indicação de amigo próximo  
 08( ) Consultou/ indicação de conhecido  
 09( ) Tomou medida para iniciar negócio  
 10( ) Fez treinamento ou requalificação  
 97( ) Outra

**407. Procurou trabalho como: (LEIA)**

- 1( ) Empregado  
 2( ) Conta própria  
 3( ) Ambos

**408. Procurou trabalho no setor: (LEIA)**

- 1( ) Privado            3( ) Ambos  
 2( ) Público            4( ) Autônomo/ bico

**409. Procurou trabalho em atividade: (LEIA)**

- 1( ) Agrícola  
 2( ) Não agrícola  
 3( ) Ambas

**410. Conseguiu o trabalho procurado? (ESPONTÂNEA)**

- 1( ) Sim    2( ) Não

**411. Qual o menor valor mensal que aceitaria para trabalhar?**

R\$ |\_\_|\_\_|. |\_\_|\_\_|\_\_|, 00

**Seção 01 – Características do CÔNJUGE: Características Gerais**

Identificação [ | | | ] [ 1 ][ 0 ][ 1 ]

NOME: \_\_\_\_\_

**101. Sexo**

- 1( ) Homem 2( ) Mulher

**102. Data de Nascimento**

|\_\_||\_\_| Dia    |\_\_||\_\_| Mês    |\_\_||\_\_| Ano

**103. Idade (Anos Completos)    |\_\_||\_\_| Anos**

**104. Qual sua religião ou igreja? (ESPONTÂNEA)**

- 01( ) Católica Apostólica Romana    12( ) Adventista  
 02( ) Batista 13( ) Testemunha de Jeová  
 03( ) Metodista    14( ) Judaica  
 04( ) Presbiteriana 15( ) Espírita/ Kardecista  
 05( ) Universal do Reino de Deus 16( ) Afro-Brasileiras (Umbanda, Candomblé, etc)  
 06( ) Assembléia de Deus 17( ) Orientais (Budismo, Islamismo, etc)  
 07( ) Deus é Amor 97( ) Outra (especifique)  
 08( ) Evangelho Quadrangular|\_\_|\_\_|\_\_\_\_\_  
 09( ) Igreja Internacional da Graça  
 10( ) Renascer em Cristo 98( ) É religioso mas não segue nenhuma/ Agnóstico



**###PARA QUEM NÃO NASCEU NESTE MUNICÍPIO###**

**112. E o(a) sr(a) nasceu em outro município deste estado, ou em um município de outro estado?**

1( ) Em outro município deste estado

2( ) Em município de outro estado. Qual estado?

|\_|\_|\_|\_|

3( ) Em outro país (ESPONTÂNEO)

**###PARA TODOS###**

**113. E foi em área urbana ou rural?**

1( ) Urbana 2( ) Rural

**114. Até os seus 15 anos de idade morou em área: (LEIA)**

1( ) Urbana

2( ) Rural

3( ) Urbana e Rural

**115. Atualmente você: (LEIA OPÇÕES 1 A 5 – UMA OPÇÃO)**

1( ) Está solteiro(a),  FAÇA 116 4( ) Está separado(a), ou

2( ) Está casado(a), 5( ) É viúvo(a)?

3( ) Está morando junto com o(a) companheiro(a),

**### PARA QUEM ESTÁ SOLTEIRO (CÓD. 1 NA 115) ###**

**116. Você já viveu em união?**

1( ) Sim  FAÇA 117 2( ) Não  PULE PARA 123

**###PARA TODOS QUE VIVEM/ VIVERAM EM UNIÃO (2 A 5 NA 115 OU CÓD 1 NA 116) ###**

**117. Qual a natureza da união? (LEIA)**

1( ) Civil e religiosa, 3( ) Só religioso, ou

2( ) Só civil, 4( ) União consensual?

**###PARA QUEM ESTÁ UNIDO (CÓD. 2 OU 3 NA 115) ###**

**118. Mês e ano de início dessa união atual:**

|\_|\_|||\_|\_| Mês |\_|\_|||\_|\_| Ano 9999( ) Não lembra

**###PARA QUEM ESTÁ UNIDO (CÓD. 2 OU 3 NA 115) ###**

**119. Esta é/ foi a sua primeira união?**

SIM, É/ foi a primeira união  9999 ( ) NÃO, Já teve outra união  9998( )

**### PARA QUEM TEVE OUTRA UNIÃO (CÓD. 9998 NA 119) ###**

**### PARA QUEM ESTÁ SEPARADO/ VIÚVO (CÓD. 4 OU 5 NA 115) ###**

**120. Em que mês e ano iniciou sua primeira união?**

Mês e ano de início da primeira união: |\_|\_|\_|\_|\_| mês |\_|\_|\_|\_|\_| ano

9999( ) Não lembra

**121. Em que mês e ano terminou sua primeira união?**

Mês e ano de término da primeira união: |\_|\_|\_|\_|\_| mês |\_|\_|\_|\_|\_| ano

9999( ) Não lembra

**###PARA QUEM ESTÁ CASADO (CÓD. 2 NA 115) ###**

122. Vive em companhia do cônjuge?

- 1( ) Sim    2( ) Não

**### PARA TODOS ###**

123. Você sabe ler e escrever?

- 1( ) Sim    2( ) Não

124. Você freqüenta ou já freqüentou estabelecimento de ensino (escola)?  
(ESPONTÂNEA)1 ( ) Sim, freqüenta  FAÇA 125A2 ( ) Sim, freqüentou  FAÇA 125B3( ) Não, nunca freqüentou escola  VÁ PARA 135**###PARA QUEM FREQUËNTA (CÓD. 1 NA 124) ###**125A. Qual curso e série você freqüenta? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO -  
LISTA B**###PARA QUEM FREQUËNTOU (CÓD. 2 NA 124) ###**125B. Qual é o curso mais elevado que freqüentou no qual concluiu pelo menos  
uma série? Qual a série concluída? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO -  
LISTA B (ASSINALE CURSO E SÉRIE (QUE FREQUËNTA OU CONCLUIU  
COM APROVAÇÃO) NO QUADRO)**###PARA QUEM FREQUËNTOU (CÓD. 2 NA 124) ###**

126. E o curso/ série/ano foi concluído?

1( ) Sim

2( ) Não

Vamos pensar agora nessa série (DO CURSO QUE FREQUËNTA OU  
FREQUËNTOU).....ATENÇÃO ENTREVISTADOR  APLICAR P.127 ATÉ P.132  PARA QUEM  
FREQUËNTA OU FREQUËNTOU (COD.1 OU 2 NA 124)127. Considerando essa série (que está cursando ou já concluída), o  
estabelecimento de ensino é/ era (LEIA):

1( ) Particular    4( ) Público Municipal

2( ) Publico Federal    5( ) Público s/ especificar

3( ) Público Estadual    7( ) Outro (ESPONTÂNEO)

128. Qual o tempo de permanência diária nesse estabelecimento de ensino onde  
(está cursando ou cursou)?

|\_|\_|\_| horas    |\_|\_|\_| minutos

129. Qual o turno que freqüenta(va) nesse estabelecimento onde (está cursando ou  
cursou)?

1( ) Manhã    4( ) Manhã e Tarde

2( ) Tarde    5( ) Tarde e Noite

3( ) Noite    7( ) Outro

130. Em comparação com seus colegas de classe, em termos de notas você está(va) nessa série: (LEIA CÓDIGOS 1 A 5),

- 1( ) Entre os melhores alunos      4( ) Um pouco abaixo da média dos alunos, ou  
 2( ) Um pouco acima da média      5( ) Entre os piores alunos?  
 3( ) Na média dos outros alunos    9( ) Não sabe/Não se lembra

131. Pense no ambiente da escola nessa série que você frequenta(va). Em que medida você concorda ou discorda com as seguintes afirmativas sobre o ambiente da escola?

CONCORDA/DISCORDA “Totalmente ou em parte?”

1 - CONCORDA TOTALMENTE    3 – DISCORDA EM PARTE

2 – CONCORDA EM PARTE      4 - DISCORDA TOTALMENTE

Os estudantes se relacionam(vam) bem com a maioria dos professores

Durante as aulas há(via muita bagunça/ pouca disciplina

A maioria dos professores está(va) interessada no futuro dos alunos

A escola é (era) suja/ mal conservada

Recebe(ia) ajuda dos professores quando precisa(va)

A maioria dos professores dá(va) boas aulas/ explica(va) bem a matéria

Os professores faltam (vam) muito às aulas

A escola é (era) muito chata/ fica(va) muitas vezes entendiado(a)

132. Você frequentou pré-escola/ jardim de Infância?

- 1 ( ) Sim      2( ) Não

PARA QUEM CURSOU FUNDAMENTAL OU MÉDIO (CÓD. 01 A 12 NA 125A/B)

133. Aproximadamente, com que frequência executava tarefas escolares em casa? (exceto para pessoas com nível Superior ou mais) (ESPONTÂNEA)

1( ) Diariamente      4( ) De vez em quando

2( ) 4 vezes por semana      5( ) Nunca

3( ) 2 a 3 vezes por semana

###PARA QUEM FREQUËNTOU (CÓD. 2 NA 124) ###

134. Com que idade você parou de estudar, saiu da escola? (FAVOR INFORMAR, MESMO QUE POR ESTIMATIVA)

|  | Idade - ENTREVISTADOR: Se a idade informada for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0  |

### PARA TODOS ###

135. Você já fez, ou está fazendo algum curso (ou aula particular) fora da escola? (CASO SIM) Quais? (ESPONTÂNEA – VÁRIAS OPCÖES)

01( ) Língua estrangeira

02( ) Computação

03( ) Música, teatro, artes plásticas, dança

04( ) Aula particular ou explicador (exceto de língua estrangeira) para reforço escolar

05( ) Curso técnico/ Profissionalizante

06( ) Esporte

97( )  |  | \_\_\_\_\_

97( )  |  | \_\_\_\_\_

99( ) Não fez/ nem está fazendo curso

\*\*\* CARTELA 1 \*\*\*

136. Agora vamos falar um pouco da sua vida hoje. Pensando numa escala de 1 a 10, onde 1 representa “levo hoje a pior vida possível” e 10 representa “levo hoje a melhor vida possível”, que nota você daria para a sua vida hoje em dia?

“levo hoje a pior vida possível” “levo hoje a melhor vida possível”

01( ) 02( ) 03( ) 04( ) 05( ) 06( ) 07( ) 08( ) 09( ) 10( )

137. Agora, levando em conta os diversos aspectos da sua vida, você diria que está:  
(LEIA CÓD. 1 A 7)

1( ) Extremamente feliz 5( ) Um pouco infeliz 8( ) Não sabe

2( ) Muito feliz 6( ) Muito infeliz 9( ) Não opinou

3( ) Um pouco feliz 7( ) Extremamente infeliz

4( ) Nem feliz nem infeliz

**Seção 02 – Características do CÔNJUGE: Informações sobre os Pais, Irmãos e Amigos**

**Identificação** [ | | | ] [1][0|2]

201. Até você completar 15 anos com quem viveu a maior parte do tempo? (LEIA DE 01 A 08 – CASO TENHA VIVIDO COM MAIS DE UM, CONSIDERE AQUELE COM QUEM VIVEU MAIS PERTO DOS 15 ANOS)

01( ) Pai e mãe 06( ) Outro homem e outra mulher

02( ) Pai apenas 07( ) Outra mulher apenas

03( ) Mãe apenas 08( ) Outro homem apenas

04( ) Mãe e outro homem 09( ) Pai e outro homem

05( ) Pai e outra mulher 10( ) Mãe e outra mulher 99( ) Criado em abrigo/orfanato(esp)

202. Seu pai (biológico) está vivo?

1( ) Sim 3( ) Não conheceu o pai biológico

2( ) Não  FAÇA 203 E 203A 8( ) Não sabe se está vivo ou não

9( ) Não opinou

##### PARA QUEM NÃO TEM O PAI VIVO (CÓD.2 NA P.202) ###

203. Com que idade ele faleceu?

|\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_|.Idade 998 – NS 999 - NOP

##### PARA QUEM NÃO TEM O PAI VIVO (CÓD.2 NA P.202) ###

203A. Qual a principal causa de sua morte?

1( ) Doença do coração 4( ) Outras causas

2( ) Câncer 8( ) Não sabe

3( ) Acidente ou violência 9( ) Não opinou

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:**

FAÇA 204 A 213 SOMENTE PARA QUEM VIVEU COM PAI OU RESPONSÁVEL DO SEXO MASCULINO (CÓDS. 01, 02, 04, 05, 06, 08 OU 09 NA P201) ###

PULE PARA 214 DEMAIS CASOS (VIVEU SÓ COM FIGURA FEMININA OU EM ABRIGO (CÓDS. 03, 07, 10 OU 99 NA P201)

204. Seu pai, ou outro homem responsável com quem você viveu a maior parte do tempo até completar 15 anos, sabe(ia) ler e escrever?

1( ) Sim      2( ) Não

205. Seu pai, ou outro homem responsável com quem você viveu a maior parte do tempo até completar 15 anos, freqüenta(ou) escola?

1( ) Sim, freqüenta  FAÇA 206A

2( ) Sim, freqüentou  FAÇA 206B

3( ) Nunca freqüentou escola

8( ) Não sabe

###PARA QUEM O PAI FREQUËNTA ESCOLA (CÓD. 1 NA 205) ###

206A. Qual curso e série ele freqüenta? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B

###PARA QUEM O PAI FREQUËNTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 205) ###

206B. Qual é o curso mais elevado ele freqüentou no qual concluiu pelo menos uma série? Qual a série concluída? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B (ASSINALE CURSO E SÉRIE (QUE FREQUËNTA OU CONCLUIU COM APROVAÇÃO) NO QUADRO) NO QUADRO)

ENTREVISTADOR: Se a série informada for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_\_|

###PARA QUEM O PAI FREQUËNTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 205) ###

206C. E o curso/ série/ano foi concluído?

1( ) Sim      2( ) Não

PARA QUEM VIVEU COM PAI OU RESPONSÁVEL DO SEXO MASCULINO (CÓDS. 01, 02, 04, 05, 06, 08 OU 09 NA P201)

207. Quando você tinha em torno de 15 anos, ou estava crescendo, seu pai (ou outro homem responsável) trabalhava?

1( ) Sim  FAÇA 208 EM DIANTE      2( ) Não

8( ) Não sabe

9( ) Não opinou

### PARA QUEM O PAI TRABALHAVA (CÓD. 1 NA 207) ###

\*\*\* CARTELA 2 \*\*\*

208. Aqui está uma lista de tipos de trabalho. Em qual desses tipos o seu pai (ou responsável) trabalhava quando você tinha em torno de 15 anos, ou estava crescendo?

1 - Trabalha em situação formal

1.01( ) Funcionário público – Nível alto/gerencial

1.02( ) Funcionário público – Nível técnico

1.03( ) Funcionário público – Nível produção

1.04( ) Empregado setor privado – Nível alto/gerencial

1.05( ) Empregado setor privado – Nível técnico

1.06( ) Empregado setor privado – Nível operação/ produção

1.07( ) Setor privado - Estagiário/Trainee



1.08( ) Profissional liberal (Advogado, médico, arquiteto, engenheiro, contador, dentista)

1.09( ) Autônomo/ Conta própria (representante comercial – vendedor - contador)

1.10( ) Micro ou Pequeno Empresário / Comerciante/ Empregador

1.11( ) Proprietário/Produtor Rural/ Criador/ Empregador

1.12( ) Grandes Proprietários rurais ou industriais/ Empregador

1.16( ) Serviço doméstico com carteira assinada

2( ) Conta própria em casa sem carteira (confeção, produção de alimentos, manicure, etc.)

3( ) Conta própria fora de casa sem carteira (camelô, ambulante, biscate, bico, bóia fria, etc.)

4( ) Serviço doméstico sem carteira assinada

5( ) Trabalhador não remunerado (trabalha(va) c/ família, por casa, por comida)

Entrevistador: Se a ocupação informada for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_|

### PARA QUEM O PAI TRABALHAVA (CÓD. 1 NA 207) ###

209. Qual o título (nome) da ocupação ou profissão de seu pai (outro homem responsável) quando você tinha em torno de 15 anos, ou estava crescendo? (FAVOR INFORMAR, MESMO QUE POR ESTIMATIVA)

|\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_| \_\_\_\_\_

ENTREVISTADOR: Se o nome informado for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_|

### PARA QUEM O PAI TRABALHAVA (CÓD. 1 NA 207) ###

209A). Nesta ocupação ele era: (FAVOR INFORMAR, MESMO QUE POR ESTIMATIVA)

1( ) Empregado no setor público 3( ) Conta Própria 5( ) Não remunerado

2( ) Empregado no setor privado 4( ) Empregador 8( ) Não sabe

ENTREVISTADOR: Se o informado for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_|

### PARA QUEM O PAI TRABALHAVA (CÓD. 1 NA 207) ###

210. Seu pai (ou responsável homem) supervisionava alguém nesta ocupação?

1( ) Sim  FAÇA 211 EM DIANTE 2( ) Não

8( ) Não sabe

9( ) Não opinou

### P/ QUEM O PAI (OU RESPONSÁVEL MASCULINO) SUPERVISIONAVA (CÓD. 1 NA 210) ###

211. Aproximadamente quantas pessoas ele supervisionava?

|\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_|,pessoas 998 - NS 999 - NOP

### PARA QUEM O PAI TRABALHAVA (CÓD. 1 NA 207) ###

212. Ele tinha alguém que o(a) supervisionava?

1( ) Sim 8( ) Não sabe

2( ) Não 9( ) Não opinou

**APENAS P/ EMPREGADOS NO SETOR PRIVADO E EMPREGADORES (209A Cód. 2, 4 OU 5)**

**213. Incluindo ele, aproximadamente quantas pessoas trabalhavam na empresa em que trabalhava? (incluir todas as pessoas trabalhando para essa empresa em todos os lugares do Brasil)**

- 01( ) 1 pessoa      05( ) 50 a 199 pessoas      88( ) Não sabe  
 02( ) 2 a 4 pessoas    06( ) 200 a 999 pessoas  
 03( ) 5 a 9 pessoas    07( ) 1000 ou mais pessoas  
 04( ) 10 a 49 pessoas

**### PARA TODOS ###**

**214. Agora vou fazer algumas perguntas sobre sua mãe. Sua mãe (biológica) está viva?**

- 1( ) Sim      3( ) Não conheceu a mãe biológica  
 2( ) Não  FAÇA 215 E 216      8( ) Não sabe se está viva ou não  
 9( ) Não opinou

**### PARA QUEM NÃO TEM A MÃE VIVA (CÓD. 2 NA 214) ###**

**215. Com que idade ela faleceu?**

|\_\_\_| |\_\_\_| |\_\_\_|.Idade    998 – NS      999 - NOP

**### PARA QUEM NÃO TEM A MÃE VIVA (CÓD. 2 NA 214) ###**

**216. Qual a principal causa de sua morte?**

- 1( ) Doença do coração    4( ) Outras causas  
 2( ) Câncer    8( ) Não sabe  
 3( ) Acidente ou violência    9( ) Não opinou

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:**

FAÇA 217 A 226 SOMENTE PARA QUEM VIVEU COM MÃE OU RESPONSÁVEL DO SEXO FEMININO (CÓDS. 01, 03, 04, 05, 06, 07 OU 10 NA P201)

PULE PARA 227 DE MAIS CASOS (VIVEU SÓ COM FIGURA MASCULINA OU EM ABRIGO (CÓDS. 02, 08, 09 OU 99 NA P201)

**217. Sua mãe, ou outra mulher responsável com quem você viveu a maior parte do tempo até completar 15 anos, sabe(ia) ler e escrever?**

- 1( ) Sim      2( ) Não

**218. Sua mãe, ou outra mulher responsável com quem você viveu a maior parte do tempo até completar 15 anos, freqüenta(ou) escola?**

- 1( ) Sim, freqüenta  FAÇA 219A  
 2( ) Sim, freqüentou  FAÇA 219B  
 3( ) Nunca freqüentou escola  
 8( ) Não sabe

**###PARA QUEM A MÃE FREQUËNTA ESCOLA (CÓD. 1 NA 218) ###**

**219A. Qual curso e série ela freqüenta? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B**

**###PARA QUEM A MÃE FREQUËNTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 218) ###**

**219B. Qual é o curso mais elevado ela frequentou no qual concluiu pelo menos uma série? Qual a série concluída? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B (ASSINALE CURSO E SÉRIE (QUE FREQUENTA OU CONCLUIU COM APROVAÇÃO) NO QUADRO)**

**ENTREVISTADOR:** Se a série informada for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_|

**### PARA QUEM A MÃE FREQUENTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 218) ###**

**219C. E o curso/ ano/série foi concluído?**

1( ) Sim

2( ) Não

**### PARA QUEM VIVEU COM MÃE OU RESPONSÁVEL DO SEXO FEMININO (CÓDS. 1, 3, 4, 5, 6 OU 7 NA P201) ###**

**220. Quando você tinha em torno de 15 anos, ou estava crescendo, sua mãe (ou outra mulher responsável) trabalhava?**

1( ) Sim  FAÇA 221 EM DIANTE      2( ) Não

8( ) Não sabe

9( ) Não opinou

**### PARA QUEM A MÃE TRABALHAVA (CÓD. 1 NA 220) ###**

**221. Qual a ocupação de sua mãe (outra mulher) quando você tinha em torno de 15 anos, ou estava crescendo? (FAVOR INFORMAR, MESMO QUE POR ESTIMATIVA)**

|\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_| \_\_\_\_\_

**ENTREVISTADOR:** Se o nome informado for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_|

**### PARA QUEM A MÃE TRABALHAVA (CÓD. 1 NA 220) ###**

**222. Nesta ocupação ela era: (FAVOR INFORMAR, MESMO QUE POR ESTIMATIVA)**

1( ) Empregada no setor público    3( ) Conta Própria    5( ) Não remunerada

2( ) Empregada no setor privado    4( ) Empregadora    8( ) Não sabe

**### PARA QUEM A MÃE TRABALHAVA (CÓD. 1 NA 220) ###**

**223. Sua mãe (ou responsável mulher) supervisionava alguém nesta ocupação?**

1( ) Sim  FAÇA 224 EM DIANTE      2( ) Não

8( ) Não sabe

9( ) Não opinou

**P/ QUEM A MÃE (OU RESPONSÁVEL FEMININO) SUPERVISIONAVA (CÓD. 1 NA 223)**

**224. Aproximadamente quantas pessoas ele supervisionava?**

|\_\_\_\_| |\_\_\_\_| |\_\_\_\_|, pessoas      998 – NS      999 - NOP

**### PARA QUEM A MÃE TRABALHAVA (CÓD. 1 NA 220) ###**

**225. Ela tinha alguém que o(a) supervisionava?**

1( ) Sim      8( ) Não sabe

2( ) Não      9( ) Não opinou

**APENAS PARA EMPREGADAS NO SETOR PRIVADO E EMPREGADORAS  
(222 CÓD. 2, 4 OU 5)**

**226. Incluindo ela, aproximadamente quantas pessoas trabalhavam na empresa em que trabalhava? (incluir todas as pessoas trabalhando para essa empresa em todos os lugares do Brasil)**

- 01( ) 1 pessoa      05( ) 50 a 199 pessoas      88( ) Não sabe  
 02( ) 2 a 4 pessoas    06( ) 200 a 999 pessoas  
 03( ) 5 a 9 pessoas    07( ) 1000 ou mais pessoas  
 04( ) 10 a 49 pessoas

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:**

- FAÇA 227 EM DIANTE PARA TODOS QUE VIVERAM COM ALGUÉM ATÉ COMPLETAR 15 ANOS (CÓD. 01 A 10 NA 201)  
 PULE PARA CHAMADA ANTES DA 231 PARA QUEM FOI CRIADO EM ABRIGO/ORFANATO (CÓD. 99 NA 201)

**227. Quando você tinha em torno de 15 anos, ou estava crescendo, seus pais (ou responsáveis, pessoas com quem vivia) eram donos da casa em que vocês viviam?**

- 1( ) Sim      2( ) Não      8( ) Não sabe

**228. Quando você tinha em torno de 15 anos, ou estava crescendo, seus pais (ou responsáveis, pessoas com quem vivia) possuíam algum destes bens?**

**ENTREVISTADOR: Caso o entrevistado não saiba, peça uma estimativa: se a resposta for: estimo que sim marque 3 e se for: estimo que não marque 4**

- 1 – Sim            3 – Estima que sim  
 2 – Não            4 – Estima que não

Uma empresa ou negócio (dono ou sócio)     Ações, aplicações financeiras

Alguma propriedade que alugavam     Caderneta de Poupança

Uma segunda casa, casa de campo ou de veraneio     Conta corrente em Banco

Um terreno, sítio ou fazenda     Automóvel de trabalho (táxi, van, caminhão)

Animais de criação     Automóvel de passeio  
 (não incluir animais domésticos: cães, gatos, etc.)

**229. Quando você tinha em torno de 15 anos, ou estava crescendo, a casa em que você vivia tinha alguma das características ou bens abaixo? ENTREVISTADOR: Caso o entrevistado não saiba, peça uma estimativa: se a resposta for: estimo que sim marque 3 e se for: estimo que não marque 4**

- 1 – Sim            3 – Estima que sim  
 2 – Não            4 – Estima que não

Fogão a gás     Ar condicionado    / aquecedor de ar

Televisão     Máquina de lavar roupa

Rádio     Microcomputador

Geladeira     DVD/ vídeo cassete

Ventilador     Freezer (isolado ou não)

Toca disco/ CD player     Parabólica ou TV à cabo

Microondas     Computador ligado à internet

Batedeira/ liquidificador     Telefone fixo

Moto     Telefone celular

230. Pelo que você se lembra de quando tinha 15 anos, qual a frase que melhor descreveria as condições de vida de sua família naquela época: (LEIA DE 1 A 4 – UMA OPÇÃO)

- 1( ) Vivíamos com muita folga,    5( ) Nenhuma das anteriores  
 2( ) Tínhamos uma situação econômica tranqüila,    6( ) Não me lembro  
 3( ) Dinheiro era justo, uma fonte de preocupações, ou9( ) Não Opinou  
 4( ) A situação era muito difícil?

Agora vou fazer algumas perguntas sobre **TODOS OS SEUS IRMÃOS E IRMÃS**, por favor, considere todos, inclusive os que nasceram vivos mas já morreram, os meio irmãos e irmãs, assim como os adotados.

231. Quantas irmãs mulheres você tem? (Por favor, considere todas, inclusive as que nasceram vivas mas já morreram, as meio irmã, assim como as adotadas)

|\_\_| |\_\_|.irmãs mulheres    00 – NENHUMA □ VÁ P/ P238 (IRMÃO HOMEM)

(se nenhuma, preencha 00 e passe à questão 238)

232. Quantas destas irmãs mulheres eram (são) mais velhas do que você (nasceram antes de você)?

|\_\_| |\_\_|.irmãs mais velhas    00 – NENHUMA □ FAÇA 233 E VÁ P/ P236 (CAÇULA)

233. Alguma de suas irmãs viveu até completar 25 anos? (não conte você nem irmãs com menos de 25 anos)

- 1( ) Sim    7( ) Não se aplica/ com menos de 25 anos  
 2( ) Não    8( ) Não sabe  
 9( ) Não opinou

234. Sua irmã mulher mais velha (a mais velha de todas) sabe(ia) ler e escrever?

- 1( ) Sim    2( ) Não    8( ) Não sabe

235. Sua irmã mulher mais velha (a mais velha de todas) freqüenta(ou) escola?

- 1 ( ) Sim, freqüenta □ FAÇA 235A    3( ) Nunca freqüentou escola  
 2 ( ) Sim, freqüentou □ FAÇA 235B    8( ) Não sabe

###PARA QUEM A IRMÃ MAIS VELHA FREQUËNTA ESCOLA (CÓD. 1 NA 235) ###

235A. Qual curso e série ela freqüenta? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B

###PARA QUEM A IRMÃ MAIS VELHA FREQUËNTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 235) ###

235B. Qual é o curso mais elevado ela freqüentou no qual concluiu pelo menos uma série? Qual a série concluída? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B (ASSINALE CURSO E SÉRIE (QUE FREQUËNTA OU CONCLUIU COM APROVAÇÃO) NO QUADRO)

**ENTREVISTADOR:** Se a série informada for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_|

**###PARA QUEM A IRMÃ MAIS VELHA FREQUËNTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 235) ###**

**235C. E o curso foi concluído?**

1( ) Sim      2( ) Não

**### PARA TODOS ###**

**236. Sua irmã mulher mais nova (a caçula) sabe(ia) ler e escrever?**

1( ) Sim      8( ) Não sabe

2( ) Não      9( ) Não tem irmã caçula □ PULE P/ 238

**### PARA QUEM TEM IRMÃ MAIS NOVA (A CAÇULA) (CÓD. 1,2 OU 8 NA 236) ###**

**237. Sua irmã mulher mais nova (a caçula) frequênta(ou) escola?**

1 ( ) Sim, frequênta □ FAÇA 237A      3( ) Nunca frequêntou escola

2 ( ) Sim, frequêntou □ FAÇA 237B      8( ) Não sabe

**###P/ QUEM A IRMÃ MAIS NOVA (A CAÇULA) FREQUËNTA ESCOLA (CÓD. 1 NA 237) ###**

**237A. Qual curso e série ela frequênta? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B**

**###P/ QUEM A IRMÃ MAIS NOVA (A CAÇULA) FREQUËNTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 237) ###**

**237B. Qual é o curso mais elevado ela frequêntou no qual concluiu pelo menos uma série? Qual a série concluída? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B (ASSINALE CURSO E SÉRIE (QUE FREQUËNTA OU CONCLUIU COM APROVAÇÃO) NO QUADRO)**

**ENTREVISTADOR:** Se a série informada for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_|

**###P/ QUEM A IRMÃ MAIS NOVA (A CAÇULA) FREQUËNTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 237) ###**

**237C. E o curso/ano/série foi concluído?**

1( ) Sim      2( ) Não      8( ) Não sabe

**### PARA TODOS ###**

**238. Quantos irmãos homens você tem? (Por favor, considere todos, inclusive os que nasceram vivos mas já morreram, os meio irmãos e irmãs, assim como os adotados)**

|\_\_\_\_| |\_\_\_\_|.irmãos homens      00 – NENHUM □ VÁ P/ P245 (AMIGO)

(se nenhum, preencha 00 e passe à questão 245)

**239. Quantos destes irmãos homens eram mais velhos do que você (nasceram antes de você)?**

|\_\_\_\_| |\_\_\_\_|.irmãos mais velhos      00 – NENHUM □ FAÇA 240 E VÁ P/ P243

**240. Algum de seus irmãos homens viveu até completar 25 anos? (não conte você, nem irmãos homens com menos de 25 anos)**

- 1( ) Sim      7( ) Não sabe  
2( ) Não      9( ) Não opinou

**241. Seu irmão homem mais velho (o mais velho de todos) sabe(ia) ler e escrever?**

- 1( ) Sim      2( ) Não      8( ) Não sabe

**242. Seu irmão homem mais velho (o mais velho de todos) freqüenta(ou) escola?**

- 1 ( ) Sim, freqüenta  FAÇA 242A      3( ) Nunca freqüentou escola  
2 ( ) Sim, freqüentou  FAÇA 242B      8( ) Não sabe

**###PARA QUEM O IRMÃO MAIS VELHO FREQÜENTA ESCOLA (CÓD. 1 NA 242) ###**

**242A. Qual curso e série ele freqüenta? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B**

**###PARA QUEM O IRMÃO MAIS VELHO FREQÜENTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 242) ###**

**242B. Qual é o curso mais elevado ele freqüentou no qual concluiu pelo menos uma série? Qual a série concluída? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B (ASSINALE CURSO E SÉRIE (QUE FREQÜENTA OU CONCLUIU COM APROVAÇÃO) NO QUADRO)**

**ENTREVISTADOR: Se a série informada for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_\_|**

**###PARA QUEM O IRMÃO MAIS VELHO FREQÜENTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 242) ###**

**242C. E o curso/ ano/série foi concluído?**

- 1( ) Sim      2( ) Não      8( ) Não sabe

**### PARA TODOS ###**

**243. Seu irmão homem mais novo (o caçula) sabe(ia) ler e escrever?**

- 1( ) Sim      8( ) Não sabe  
2( ) Não      9( ) Não tem irmão caçula  PULE P/ 245

**### PARA QUEM TEM IRMÃO MAIS NOVO (O CAÇULA) (CÓD. 1,2 OU 8 NA 243) ###**

**244 Seu irmão homem mais novo (o caçula) freqüenta(ou) escola?**

- 1 ( ) Sim, freqüenta  FAÇA 244A      3( ) Nunca freqüentou escola  
2 ( ) Sim, freqüentou  FAÇA 244B      8( ) Não sabe

**###P/ QUEM IRMÃO MAIS NOVO (O CAÇULA) FREQÜENTA ESCOLA (CÓD. 1 NA 244) ###**

**244A. Qual curso e série ele freqüenta? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B**

**###P/ QUEM IRMÃO MAIS NOVO (O CAÇULA) FREQÜENTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 244) ###**

**244B. Qual é o curso mais elevado ele freqüentou no qual concluiu pelo menos uma série? Qual a série concluída? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B (ASSINALE CURSO E SÉRIE (QUE FREQUENTA OU CONCLUIU COM APROVAÇÃO) NO QUADRO)**

**ENTREVISTADOR: Se a série informada for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_|**

**###P/ QUEM IRMÃO MAIS NOVO (O CAÇULA) FREQUENTOU ESCOLA (CÓD. 2 NA 244) ###**

**244C. E o curso/ano/série foi concluído?**

1( ) Sim      2( ) Não      8( ) Não sabe

**### PARA TODOS ###**

**245. Algumas pessoas têm bons amigos ou melhores amigos. Amigos realmente próximos. Quem é seu melhor amigo(a) (sem contar sua esposa, marido, irmãos e parentes)? Por favor, me diga o primeiro nome dele(a)**

1( ) Tem amigo(a)  FAÇA 246 EM DIANTE

2( ) Não tem amigo

9( ) NÃO OPINOU

(Se 2, ou 9 VÁ PARA SEÇÃO 03)

**246. Qual o sexo de (LEIA NOME DO AMIGO(A))?**

1( ) Homem 2( ) Mulher

**247. Qual a idade de (LEIA NOME DO AMIGO(A))?**

**ENTREVISTADOR: Se for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_| |\_\_\_\_|.Idade**

**248. Qual a cor ou raça de (LEIA NOME DO AMIGO(A) – LEIA DE 1 A 5)**

1( ) Branca 4( ) Amarela

2( ) Preta 5( ) Indígena

3( ) Parda

**249. Qual a ocupação de (LEIA NOME DO AMIGO(A))? (FAVOR INFORMAR, MESMO QUE POR ESTIMATIVA)**

\_\_\_\_\_

FAÇA P250

001( ) Do lar/ dona de casa

002( ) Desempregado

003( ) Estudante

004( ) Aposentado  CASO APOSENTADO: Questionar ocupação antes de se aposentar

**### PARA QUEM O AMIGO TEM OCUPAÇÃO ###**

**250. Nesta ocupação ele(a) é: (LEIA**

1( ) Empregado.no setor público 5( ) Não remunerado (trab. c/ família/por casa/comida)

2( ) Empregado no setor privado 9( ) Não sabe

3( ) Conta Própria

4( ) Empregador



**Seção 03 – Características do CÔNJUGE: Atividade econômica**

Identificação [ | | | ] [1] [0]3

**301. Você já trabalhou alguma vez em alguma atividade regular, por um período mínimo de 6 meses?**1( ) Sim 2( ) Não  VÁ PARA 352

### PARA QUEM JÁ TRABALHOU (CÓD. 1 NA 301) ###

**302. Com que idade começou a trabalhar?**

|\_\_\_\_| |\_\_\_\_|.Idade

### PARA QUEM JÁ TRABALHOU (CÓD. 1 NA 301) ###

**302A. Quanto tempo demorou até você conseguir o seu 1º emprego?**

- 1( ) Menos de 3 meses  
 2( ) Entre 3 e 6 meses  
 3( ) Mais de 6 meses  
 4( ) Não procurou  
 9( ) Não sabe/ Não opinou

### PARA QUEM JÁ TRABALHOU (CÓD. 1 NA 301) ###

**303. Você freqüentava escola quando começou a trabalhar?**

- 1( ) Sim  FAÇA 304 2( ) Não  
 7( ) Não sabe  
 9( ) Não opinou

### P/ QUEM FREQUËNTAVA ESCOLA QUANDO COMEÇOU A TRABALHAR ###

**304. Antes de começar nesse seu primeiro trabalho, qual o curso e série havia concluído? MOSTRAR CARTELA INSTRUÇÃO - LISTA B (ASSINALE CURSO E SÉRIE NO QUADRO)****ENTREVISTADOR: Se a série informada for estimativa, registre 1 aqui, caso contrário registre 0 |\_\_\_\_|**

### PARA QUEM JÁ TRABALHOU (CÓD. 1 NA 301) ###

**305. Este primeiro trabalho é o seu trabalho atual?**1( ) Sim  VÁ PARA 315 2( ) Não  CONTINUE

### P/ QUEM TRABALHA EM LUGAR DIFERENTE DO PRIMEIRO TRABALHO (CÓD 2 NA 305) ###

\*\*\* CARTELA 2 \*\*\*

**306. Aqui está uma lista de tipos de trabalho. Em qual desses tipos foi a sua primeira ocupação?**

- 1 - Trabalha em situação formal  
 1.01( ) Funcionário público – Nível alto/gerencial  
 1.02( ) Funcionário público – Nível técnico  
 1.03( ) Funcionário público – Nível produção  
 1.04( ) Empregado setor privado – Nível alto/gerencial  
 1.05( ) Empregado setor privado – Nível técnico  
 1.06( ) Empregado setor privado – Nível operação/ produção  
 1.07( ) Setor privado - Estagiário/Trainee

- 1.08( ) Profissional liberal (Advogado, médico, arquiteto, engenheiro, contador, dentista)
- 1.09( ) Autônomo/ Conta própria (representante comercial – vendedor - contador)
- 1.10( ) Micro ou Pequeno Empresário / Comerciante/ Empregador
- 1.11( ) Proprietário/Produtor Rural/ Criador/ Empregador
- 1.12( ) Grandes Proprietários rurais ou industriais/ Empregador
- 1.16( ) Serviço doméstico com carteira assinada
- 2( ) Conta própria em casa sem carteira (confeção, produção de alimentos, manicure, etc.)
- 3( ) Conta própria fora de casa sem carteira (camelô, ambulante, biscate, bico, bóia fria, etc.)
- 4( ) Serviço doméstico sem carteira assinada
- 5( ) Trabalhador não remunerado (trabalha(va) c/ família, por casa, por comida)

**### PARA QUEM TRABALHA EM LUGAR DIFERENTE DO PRIMEIRO TRABALHO (CÓD 2 NA 305) ###**

**307. Qual o título (nome) da sua primeira ocupação?**

_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------

**### P/ QUEM TRABALHA EM LUGAR DIFERENTE DO PRIMEIRO TRABALHO (CÓD 2 NA 305) ###**

**308. Qual a atividade principal da empresa instituição, firma ou pessoa para quem trabalhou nesta primeira ocupação?**

- 01( ) Agropecuária, Agricultura, Extração Vegetal e Pesca
- 02( ) Indústria de Transformação
- 03( ) Indústria da Construção
- 04( ) Outras indústrias
- 05( ) Comércio
- 06( ) Transporte
- 07( ) Comunicação
- 06( ) Prestação de Serviços
- 07( ) Atividade social
- 08( ) Administração Pública
- 09( ) Outras atividades (Atividades não compreendidas nos demais ramos, mal definidas ou não declaradas)

**### P/ QUEM TRABALHA EM LUGAR DIFERENTE DO PRIMEIRO TRABALHO (CÓD 2 NA 305) ###**

**309. Nesta primeira ocupação era: (LEIA)**

- 1( ) Empregado setor público      4( ) Trabalhador não remunerado
- 2( ) Empregado setor privado com carteira assinada      5( ) Conta própria
- 3( ) Empregado setor privado sem carteira assinada      6( ) Empregador
- APENAS PARA QUEM ESTÁ EMPREGADO NO SETOR PRIVADO OU É EMPREGADOR**
- (309 CÓD. 2, 3, 4 OU 6)**

**310. Incluindo você, aproximadamente quantas pessoas trabalhavam na empresa de sua primeira ocupação? (incluir todas as pessoas trabalhando para essa empresa em todos os lugares do Brasil)**

- 01( ) 1 pessoa      05( ) 50 a 199 pessoas      88( ) Não sabe  
 02( ) 2 a 4 pessoas    06( ) 200 a 999 pessoas  
 03( ) 5 a 9 pessoas    07( ) 1000 ou mais pessoas  
 04( ) 10 a 49 pessoas

**### P/ QUEM TRABALHA EM LUGAR DIFERENTE DO PRIMEIRO TRABALHO (CÓD 2 NA 305) ###**

**311. Você supervisionava alguém nesta primeira ocupação?**

- 1( ) Sim  
 2( ) Não  VÁ PARA 313

**PARA QUEM SUPERVISIONAVA (311 – CÓD. 1)**

**312. Aproximadamente quantas pessoas você supervisionava?**

|\_\_\_| |\_\_\_| |\_\_\_|, pessoas 998 - NS      999 - NOP

**### P/ QUEM TRABALHA EM LUGAR DIFERENTE DO PRIMEIRO TRABALHO (CÓD 2 NA 305) ###**

**313. Você tinha alguém que o(a) supervisionava?**

- 1( ) Sim  
 2( ) Não

**### P/ QUEM TRABALHA EM LUGAR DIFERENTE DO PRIMEIRO TRABALHO (CÓD 2 NA 305) ###**

**314. Quantas horas você trabalhava num dia de semana normal na sua primeira ocupação?**

|\_\_\_| |\_\_\_| horas

**### PARA QUEM JÁ TRABALHOU (CÓD. 1 NA 301) ###**

**315. Quanto tempo dura/ durou esse seu primeiro trabalho?**

|\_\_\_||\_\_\_| Anos    |\_\_\_||\_\_\_| Meses

**### PARA QUEM JÁ TRABALHOU (CÓD. 1 NA 301) ###**

**316. Você trabalhou nos últimos 7 dias?**

- 1( ) Sim  VÁ PARA 321  
 2( ) Não

**### PARA QUEM NÃO TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS ###**

**317. Embora não tenha trabalhado nos últimos 7 dias, você tem ou tinha algum trabalho?**

- 1( ) Sim  
 2( ) Não

**PARA QUEM NÃO TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS**

**318. Por que você não trabalhou nos últimos 7 dias?**

- 1( ) Doença    3( ) Greve    7( ) Outro  
 2( ) Férias    4( ) Foi demitido



- 01( ) Agropecuária, Agricultura, Extração Vegetal e Pesca  
 02( ) Indústria de Transformação  
 03( ) Indústria da Construção  
 04( ) Outras indústrias  
 05( ) Comércio  
 06( ) Transporte  
 07( ) Comunicação  
 06( ) Prestação de Serviços  
 07( ) Atividade social  
 08( ) Administração Pública  
 09( ) Outras atividades (Atividades não compreendidas nos demais ramos, mal definidas ou não declaradas)

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**324. Como você conseguiu este trabalho ou ocupação? (ESPONTÂNEA – CASO NÃO CONSIGA INFORMAR, LEIA AS ALTERNATIVAS)**

- 01( ) Consultou empregadores  
 02( ) Fez concurso  
 03( ) Consultou agência de empregos  
 04( ) Consultou sindicato  
 05( ) Colocou ou respondeu a anúncio  
 06( ) Consultou/ indicação de parente  
 07( ) Consultou/ indicação de amigo próximo  
 08( ) Consultou/ indicação de conhecido  
 09( ) Tomou medida para iniciar negócio  
 10( ) Fez treinamento ou re-qualificação  
 97( ) Outra Qual: |\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_\_

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**325. Você supervisiona(va) alguém nesta ocupação?**

- 1( ) Sim  
 2( ) Não  VÁ PARA 327

**PARA QUEM SUPERVISIONAVA**

**326. Aproximadamente quantas pessoas você supervisiona(va)?**

|\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|.pessoas      NS      999 - NOP

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**327. Você tem alguém que o(a) supervisiona(va)?**

- 1( ) Sim  
 2( ) Não

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**328. Quantas horas você trabalha(va) num dia de semana normal exclusivamente nessa ocupação? |\_\_\_\_|\_\_\_\_| horas**

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**329. Nesta ocupação você é/era:**

- 1( ) Empregado setor público  VÁ PARA 333 EM DIANTE  
 2( ) Empregado setor privado com carteira assinada  
 3( ) Empregado setor privado sem carteira assinada  
 4( ) Trabalhador não remunerado  FAÇA 329A E 329B E VÁ PARA 352  
 5( ) Conta própria  FAÇA 331 E 332 E VÁ PARA 335  
 6( ) Empregador  FAÇA 330 E VÁ PARA 335

**PARA TRABALHADOR NÃO REMUNERADO (329 CÓD. 4)**

**329A. Este trabalho só se realiza em determinada época do ano?**

- 1( ) Sim  
 2( ) Não

**PARA TRABALHADOR NÃO REMUNERADO (329 CÓD. 4)**

**329B. Onde exerce este trabalho?**

- 1( ) Loja, escritório, galpão, fábrica, estabelecimento, etc      5( ) Via pública, sem local fixo  
 2( ) Local fixo em via pública      6( ) Transporte de pessoa ou carga  
 3( ) No próprio domicílio      7( ) Fazenda, sítio, chácara, etc  
 4( ) Em outros domicílios      8( ) Outros

**APENAS PARA EMPREGADOS NO SETOR PRIVADO E EMPREGADOR (329 - CÓD. 2, 3, OU 6)**

**330. Incluindo você, aproximadamente quantas pessoas trabalha(va)m na empresa dessa sua ocupação? (incluir todas as pessoas trabalhando para essa empresa em todos os lugares do Brasil)**

- 01( ) 1 pessoa      05( ) 50 a 199 pessoas      99( ) Não sabe  
 02( ) 2 a 4 pessoas      06( ) 200 a 999 pessoas  
 03( ) 5 a 9 pessoas      07( ) 1000 ou mais pessoas  
 04( ) 10 a 49 pessoas

**APENAS PARA CONTA PRÓPRIA (329 - CÓD. 5)**

**331. Você possui licença, registro ou autorização legal para exercer este tipo de trabalho?**

- 1( ) Sim      2( ) Não

**APENAS PARA CONTA PRÓPRIA (329 - CÓD. 5)**

**332. Você é (era) contribuinte de instituto de previdência (INPS/INSS) neste trabalho?**

- 1( ) Sim  
 2( ) Não

**APENAS PARA EMPREGADO NO SETOR PÚBLICO (329 - CÓD. 1)**

**333. Neste trabalho você é :**

- 1( ) Militar      3( ) CLT  
 2( ) Estatutário (RJU)      4( ) Empregado sem Vinculo

**APENAS PARA EMPREGADO NO SETOR PÚBLICO (329 - CÓD. 1)**

**334. Este trabalho é em que esfera:**

- 1( ) Federal 2( ) Estadual 3( ) Municipal

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**335. É (era) contribuinte de algum fundo de pensão?**

1( ) Sim

2( ) Não

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**336. É associado a algum sindicato ou associação de classe? (CASO SIM, LEIA DE 1 A 4)**

1( ) Sim, ao sindicato de minha categoria profissional

2( ) Sim, a um sindicato de outra categoria

3( ) Sim, a uma associação de classe de minha categoria profissional

4( ) Sim, a uma associação de classe de outra categoria profissional

5( ) Não sou (era) filiado  VÁ PARA 339

**PARA QUEM É FILIADO (336 CÓD. 1 A 4)**

**337. Há quanto tempo você é filiado a esse sindicato ou associação?**

|\_\_\_||\_\_\_| Anos |\_\_\_||\_\_\_| Meses

**PARA QUEM É FILIADO (336 CÓD. 1 A 4)**

**338. Por que se filiou? (LEIA DE 1 A 3) (escolha apenas a alternativa que considera mais importante)**

1( ) Para ter acesso aos serviços prestados pelo sindicato

2( ) Para participar da vida sindical (como eleições, assembléias, atividades organizativas)

3( ) Porque na época meus companheiros se filiaram

7( ) Outra razão

9( ) Não sabe dizer

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**339. Neste trabalho você tem: (LEIA)**

1( ) Férias remuneradas 3( ) Ambas

2( ) Licença Médica 4( ) Nenhuma

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**340. Em que mês recebeu o último rendimento oriundo deste trabalho?**

|\_\_\_||\_\_\_| Mês

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**341. Qual a forma de recebimento? (LEIA DE 1 A 4)**

1( ) Diário 3( ) Quinzenal 4( ) Mensal

2( ) Semanal 5( ) Outra

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**342. Quanto recebeu de rendimento bruto neste recebimento?**

R\$ |\_\_|\_|\_|. |\_\_|\_|\_|\_|\_|, 00      99999( ) Recusa/NR

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**343. Quanto recebeu de rendimento líquido neste recebimento?**

R\$ |\_\_|\_|\_|. |\_\_|\_|\_|\_|\_|, 00      99999( ) Recusa/NR

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:  APLICAR AS PERGUNTAS 344 A 348  PARA QUEM É ASSALARIADO  329 CÓD. 1, 2 OU 3**

**344. (se assalariado) Neste último pagamento recebeu junto com ele algum rendimento extra como 13º salário, gratificação de férias, etc?**

1( ) Sim      2( ) Não  VÁ PARA P346

**PARA QUEM RECEBEU BENEFÍCIOS**

**345. Qual o valor desse benefício?**

R\$ |\_\_|\_|\_|. |\_\_|\_|\_|\_|\_|, 00

**346.(se assalariado) Quantos salários recebe por ano?**

|\_\_||\_\_| nº de salários

**347. (se assalariado) Recebe férias?**

1( ) Sim

2( ) Não

**348.(se assalariado) Recebeu no mês referente a esse último pagamento algum benefício como vale transporte, transporte grátis, vale alimentação, refeição, cesta básica, moradia, auxílio moradia, roupa, uniforme, ou qualquer tipo de benefício ou bens subvencionados?**

1( ) Sim  Qual valor?

R\$ |\_\_|\_|\_|. |\_\_|\_|\_|\_|\_|, 00

2( ) Não

**PARA QUEM TRABALHOU NOS ÚLTIMOS 7 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES**

**349. Além desse trabalho você tem algum outro?**

1( ) Sim

2( ) Não  VÁ PARA 352

**### PARA QUEM TEM OUTRO TRABALHO (CÓD. 1 NA 349) ###**

**350. Quanto recebeu em todos esses outros trabalhos secundários de rendimentos brutos, nos últimos 30 dias?**

R\$ |\_\_|\_|\_|. |\_\_|\_|\_|\_|\_|, 00      99999( ) Recusa/NR



**### PARA QUEM TEM OUTRO TRABALHO (CÓD. 1 NA 349) ###**

**351 Quanto recebeu em todos esses outros trabalhos secundários de rendimentos líquidos, nos últimos 30 dias?**

R\$ |\_\_\_\_|\_\_\_\_|. |\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|, 00      99999( ) Recusa/NR

**### PARA TODOS ###**

**352. Nos últimos 30 dias você recebeu rendimentos provenientes de aposentadoria ou pensão de instituto de previdência pública e/ou de previdência privada?**

1( ) Sim  Qual valor?

R\$ |\_\_\_\_|\_\_\_\_|. |\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|, 00

2( ) Não

**353. E nos últimos 30 dias você recebeu rendimentos provenientes de pensão alimentícia?**

1( ) Sim  Qual valor?

R\$ |\_\_\_\_|\_\_\_\_|. |\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|, 00

2( ) Não

**354. Nos últimos 30 dias você recebeu rendimentos provenientes de dividendos ou venda de ações, rendimentos de poupança, prazo fixo, commodities, etc?**

1( ) Sim  Qual valor?

R\$ |\_\_\_\_|\_\_\_\_|. |\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|, 00

2( ) Não

**355. Nos últimos 30 dias recebeu rendimentos provenientes de aluguel, ou venda de imóveis, maquinaria e veículos?**

1( ) Sim  Qual valor?

R\$ |\_\_\_\_|\_\_\_\_|. |\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|, 00

2( ) Não

**356. Nos últimos 30 dias recebeu rendimentos provenientes de doação, mesada, bens ou presentes enviados por pessoas que não moram nesse domicílio?**

1( ) Sim  Qual valor?

R\$ |\_\_\_\_|\_\_\_\_|. |\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|, 00

2( ) Não

**357. Além dessas, teve rendimentos de alguma outra fonte tais como: abono de permanência, seguro de vida, indenizações, dívidas trabalhistas, jogos e loterias, bolsa família, etc?**

1( ) Sim  Qual valor?

R\$ |\_\_\_\_|\_\_\_\_|. |\_\_\_\_|\_\_\_\_|\_\_\_\_|, 00

2( ) Não

**Seção 04 – Atividade econômica: Procura de Trabalho – Para o CÔNJUGE**

**Identificação** [ | | | ] [1] [0|4]

**401. Procurou trabalho nos últimos 30 dias? (ESPONTÂNEA)**

1( ) Sim  PULE P/P404    2( ) Não  FAÇA P/P402

### PARA QUEM NÃO PROCUROU (401 – CÓD. 2) ###

402. E nos últimos 12 meses? (ESPONTÂNEA)

1( ) Sim  VÁ P/ P404      2( ) Não  FAÇA P403

### PARA QUEM NÃO PROCUROU (402 – CÓD. 2) ###

403. Por que não procurou trabalho? (ESPONTÂNEA)

01( ) Já está empregado

06( ) Inválido

02( ) Estudante

07( ) Está doente

03( ) Afazeres domésticos    08( ) Espera resposta do empregador

04( ) Pensionista/ aposentado    09( ) Não encontra trabalho

05( ) Vive de renda      97( ) Outro

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:**  APLICAR AS PERGUNTAS 404 A 411  PARA QUEM PROCUROU EMPREGO NOS ÚLTIMOS 30 DIAS OU NOS ÚLTIMOS 12 MESES  401 CÓD. 1 OU 402 CÓD. 1

404. Por que motivo? (LEIA)

1( ) Para substituir o atual momento

3( ) Por não estar trabalhando no momento

2( ) Para ter um trabalho complementar ao atual

7( ) Outra forma

405. Durante quantas semanas procurou trabalho nos últimos 12 meses?

|\_\_\_\_||\_\_\_\_| semanas

406. Qual a principal providência que tomou para conseguir trabalho? (ESPONTÂNEA – CASO NÃO CONSIGA INFORMAR, LEIA AS ALTERNATIVAS)

01( ) Consultou empregadores

02( ) Fez concurso

03( ) Consultou agência de empregos

04( ) Consultou sindicato

05( ) Colocou ou respondeu a Anúncio

06( ) Consultou/ indicação de parente

07( ) Consultou/ indicação de amigo próximo

08( ) Consultou/ indicação de conhecido

09( ) Tomou medida para iniciar negócio

10( ) Fez treinamento ou requalificação

97( ) Outra

407. Procurou trabalho como: (LEIA)

1( ) Empregado

2( ) Conta própria

3( ) Ambos

408. Procurou trabalho no setor: (LEIA)

1( ) Privado

3( ) Ambos

2( ) Público

4( ) Autônomo/ bico

**409. Procurou trabalho em atividade: (LEIA)**

1( ) Agrícola

2( ) Não agrícola

3( ) Ambas

**410. Conseguiu o trabalho procurado? (ESPONTÂNEA)**

1( ) Sim    2( ) Não

**411. Qual o menor valor mensal que aceitaria para trabalhar?**

R\$ |\_\_|\_|\_|. |\_\_|\_|\_|\_|, 00